

GLAUBER SOARES JUNIOR

**NAS TRAMAS DO TEAR TECEM-SE HISTÓRIAS – O ARTESANATO
TÊXTIL DE RESENDE COSTA, MINAS GERAIS: TRABALHO, VIDA
COTIDIANA E GÊNERO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Angelita Alves de Carvalho

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

S676n
2022 Soares Junior, Glauber, 1996-
Nas tramas do tear tecem-se histórias – o artesanato têxtil de Resende Costa, Minas Gerais: trabalho, vida cotidiana e gênero / Glauber Soares Junior. – Viçosa, MG, 2022.
1 dissertação eletrônica (215 f.): il. (algumas color.).

Inclui apêndices.

Orientador: Angelita Alves de Carvalho.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Economia Doméstica, 2022.

Inclui bibliografia.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2022.047>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Artesanato - Aspectos econômicos - Resende Costa (MG). 2. Trabalhos em tecido - Resende Costa (MG). 3. Tecelagem - Resende Costa (MG). 4. Mulheres - Emprego - Resende Costa (MG). I. Carvalho, Angelita Alves de. II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Doméstica. Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica. III. Título.

CDD 22. ed. 745.5098151


GLAUBER SOARES JUNIOR

**NAS TRAMAS DO TEAR TECEM-SE HISTÓRIAS – O ARTESANATO
TÊXTIL DE RESENDE COSTA, MINAS GERAIS: TRABALHO, VIDA
COTIDIANA E GÊNERO**

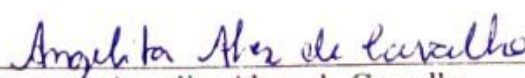
Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 24 de janeiro de 2021.

Assentimento:



Glauber Soares Junior
Autor



Angelita Alves de Carvalho
Orientadora

AGRADECIMENTOS

Para que esta dissertação – que é a materialização de todo o processo vivenciado durante o mestrado – fosse desenvolvida, contei com o apoio de poucas pessoas, mas que foram incríveis e fizeram toda a diferença.

Agradeço em primeiro lugar à minha querida orientadora, Dra. Angelita Alves de Carvalho, que foi durante todo esse processo uma grande parceira – incentivando, corrigindo, exigindo, criticando e elogiando. Uma parceria que já nos rendeu frutos e que renderá ainda mais. Agradeço pela delicadeza, pelo carinho e atenção que lhe foi peculiar no decorrer desses meses de orientação. Agradeço por ter apontado caminhos que foram trilhados para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 –, pois sem o financiamento não seria possível desenvolver essa pesquisa.

Agradeço às professoras Cristiane Natalício de Souza (PPGED/UFV), Débora Pinguello Morgado (UFJF) e Mariana Morais Pompermayer (UFMG) pela participação nas bancas de defesa de projeto e de defesa de dissertação e pelas grandes contribuições para o melhoramento desta pesquisa.

Agradeço ao querido ex-professor, parceiro de pesquisas e grande amigo Fabiano Eloy Atílio Batista, que me ensinou a dar os primeiros passos na vida acadêmica, sendo, desde então, meu mestre e espelho. Obrigado pelos conselhos, pelas trocas, pela ajuda e principalmente pela amizade. Sem você, eu não teria conseguido ingressar no mestrado com a mesma facilidade.

Agradeço ao meu parceiro Matheus Nicolau, pois sem sua ajuda – tanto emocional quanto financeira – a continuidade no programa seria insustentável. Obrigado pela parceria e por não ter desistido de mim durante esse período tão desafiador, que me exigiu grande direcionamento de tempo, e que foi por vezes estressante.

Agradeço imensamente à Janete Helena, antiga auxiliar administrativa da Secretaria de Turismo, Artesanato e Cultura de Resende Costa, que, desde a graduação e ainda mais durante o mestrado, me propiciou uma maior aproximação com o campo da pesquisa, facilitando meu acesso aos moradores que foram entrevistados. Agradeço por ter compartilhado todo o seu conhecimento sobre a tecelagem local e pela amizade construída. Assim, agradeço também a todos os moradores de Resende Costa pela confiança e por dividirem comigo suas vivências. Espero que essa pesquisa lhes seja cara de alguma forma.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica – especialmente aos que tive o privilégio de ser aluno – pelo acolhimento e por adaptarem suas disciplinas aos diferentes projetos realizados no programa, fornecendo fontes bibliográficas e auxiliando na construção dos caminhos que foram tramados.

Por fim, agradeço àqueles que foram minha base durante toda existência: meus pais Betânia e Glauber Joaquim, meus avós Maria José e Geraldo, minha irmã Thainá, meu tio Glauco, e aos demais familiares e amigos que sempre entenderam e apoiaram minhas escolhas e trajetórias.

“Em todas as épocas e culturas, o tear teve e tem um significado simbólico. A urdidura, formada pelos fios esticados verticalmente sobre o tear, representam os elementos imutáveis da vida e uma ligação com a Fonte; por sua vez, os fios da trama, que passam horizontalmente entre os fios da urdidura num movimento de vai e vem, representam o que é variável e contingente, o caminho construído por aquele que tece e por aquele que vive” (Giliane Ingratta Góes).

RESUMO

SOARES JUNIOR, Glauber, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, janeiro de 2022. **Nas Tramas do Tear Tecem-se Histórias – O Artesanato Têxtil de Resende Costa, Minas Gerais: Trabalho, Vida Cotidiana e Gênero.** Orientadora: Angelita Alves de Carvalho.

Investiga-se o trabalho artesanal no cotidiano das mulheres, especificamente o caso da tecelagem artesanal produzida nos domicílios do município de Resende Costa, Minas Gerais. Sabe-se que o trabalho artesanal têxtil sempre esteve presente na vida de muitas mulheres. No passado, fazia parte das incumbências domésticas, ao passo em que era uma das únicas formas de desempenhar uma profissão. Atualmente, trata-se de uma oportunidade empregatícia, especialmente em comunidades cujo setor do artesanato é importante na economia. Tem-se o objetivo de analisar a dinâmica cotidiana do trabalho domiciliar no mercado de Resende Costa, MG, que tem na tecelagem sua principal fonte de renda. Especificamente, buscou-se: refletir acerca da importância do trabalho artesanal no cotidiano das mulheres em um contexto histórico e atual, descrevendo o papel de entidades de economia solidária no auxílio às mulheres artesãs que trabalham em casa; analisar as diferentes ocupações e o perfil dos trabalhadores inseridos no setor de artesanato têxtil em Resende Costa, destacando a participação feminina nesse contexto; e compreender e comparar as vivências e percepções acerca do trabalho com artesanato têxtil nas perspectivas femininas e masculinas dos artesãos do município de Resende Costa, considerando os impactos sociais e econômicos deste. Metodologicamente, realizou-se um levantamento bibliográfico constituindo o arcabouço que sustenta teoricamente a pesquisa. Em conjunto, foram analisados dados quantitativos do Censo Demográfico de 2010. Ainda, concebeu-se um estudo de caso de natureza qualitativa do tipo descritivo-exploratório no campo pesquisado, em que foram aplicados questionários e realizadas entrevistas em profundidade com 40 pessoas – sendo 20 homens e 20 mulheres – que trabalham ou já se ocuparam com a tecelagem têxtil. A amostragem foi selecionada com base na metodologia da ‘bola de neve’, e os dados investigados por meio de uma análise de redes temáticas. Os resultados indicam que as mulheres seguem sendo a maioria na execução da tecelagem, mas os homens também desempenham essa atividade. Destaca-se que as vivências em relação a esse trabalho são distintas entre os gêneros, quando as mulheres se tornam tecelãs ainda na infância e se profissionalizam na vida adulta, desempenhando essa função por toda vida, enquanto os

homens se ocupam de maneira momentânea ou trabalham com a tecelagem para complementar suas rendas. Ressalta-se que as mulheres tecem em seus domicílios, possuindo uma rotina de trabalho intensa e extensa, pois precisam desempenhar também as atividades domésticas. Em termos de salários, no geral, os homens adquirem maiores remunerações quando comparados com as mulheres e isso é justificado pelos artesãos, pois, em suas concepções, as mulheres possuem menos tempo que os homens para desempenhar a prática, já que estas precisam também executar as tarefas domésticas e de cuidado. A tecelagem artesanal de Resende Costa é caracterizada por ser um ofício realizado de maneira precarizada, na medida em que o trabalho é realizado em suma de maneira informal, em que os tecelões não possuem direitos estabelecidos na ‘Consolidação das Leis Trabalhistas’ – CLT – por ser uma atividade realizada sem carteira de trabalho assinada. As entidades de economia social são entendidas como mecanismos de auxiliar no trabalho dos artesãos, fomentando a renda destes e empoderando os seus trabalhos. Apesar da existência de uma associação voltada para os artesãos, a mesma não é fundamentada com bases na solidariedade, não auxiliando na manutenção e sustentabilidade do trabalho dos tecelões.

Palavras-chave: Artesanato têxtil. Resende Costa. Tecelagem. Trabalho feminino.

ABSTRACT

SOARES JUNIOR, Glauber, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, January 2021. **Stories woven on looms - Textile crafts from Resende Costa, Minas Gerais: work, daily life and gender.** Advisor: Angelita Alves de Carvalho.

Craft work in the daily life of women is investigated, specifically the case of handicraft weaving produced in the municipality of Resende Costa, Minas Gerais. It is known that textile handicraft work has always been present in women's lives. In the past, it was part of household chores, while it was one of the only ways to exercise a profession. Today, it is an employment opportunity, especially in communities where the handicraft sector is important in the economy. The objective is to analyze the daily dynamics of home-based work in the market of Resende Costa, MG, which has weaving as its main source of income. Specifically, we sought to: reflect on the importance of artisan work in the daily lives of women in a historical and current context, describing the role of solidarity economy entities in assisting women artisans working at home; analyze the different occupations and the profile of workers inserted in the textile handicraft sector in Resende Costa, highlighting female participation in this context; and understand and compare the experiences and perceptions about working with textile handicraft from the female and male perspective of artisans in the municipality of Resende Costa, considering the social and economic impacts of this. Methodologically, a bibliographic study was carried out, which constitutes the framework that theoretically supports the research. In conjunction, quantitative data from the 2010 Demographic Census were analyzed. Even so, a qualitative case study of a descriptive-exploratory type was conceived in the investigated area, in which questionnaires were applied and in-depth interviews were conducted with 40 people -20 men and 20 women- who work or have worked with textile weaving. The sample was selected according to the "snowball" methodology and the data were investigated through thematic network analysis. The results indicate that women continue to be in the majority in the execution of weaving, but men also carry out this activity. It is worth noting that the experiences in relation to this work are different between genders, when women become weavers in childhood and become professional in adulthood, performing this role for life, while men are momentarily occupied or work with weaving to supplement their income. It should be noted that women weave at home, having an intense and extensive work routine, since they also need to perform domestic activities. As for salaries, in general, men earn higher salaries compared to women and this is justified by the

artisans because, in their conceptions, women have less time than men to carry out the practice, since they also need to perform domestic and care tasks. Craft weaving in Resende Costa is characterized as a trade performed in a precarious manner, to the extent that the work is done informally, in which the weavers do not have rights established in the "Consolidation of Labor Laws" - CLT - because it is an activity performed without a signed work card. Social economy entities are understood as mechanisms to support the work of artisans, promoting their income and empowering their work. Despite the existence of an association of artisans, it is not supportive and does not help the maintenance and sustainability of the weavers' work.

Keywords: Textile Handicrafts. Resende Costa. Weaving. Women's work.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Utensílios para realização dos processos da tecelagem	105
Figura 2 - Antigo tapete produzido em Resende Costa (1980)	108
Figura 3 - Antigos artefatos confeccionados no município	109
Figura 4 - Tapete produzido na cidade com padronagem mais detalhada.....	109
Figura 5 - Tapetes produzidos em Resende Costa atualmente	114
Figura 6 - Antigos repassos de uma tecelã	116
Figura 7 - Teares das tecelãs entrevistadas.....	117
Figura 8 - Modificação no local da teia no tear	118
Figura 9 - Retalhos enrolados	154
Figura 10 - Pilha de tapetes tecidos em um dia	156
Figura 11 - Chica tecendo.....	158
Figura 12 - Colchas produzidas na cidade.....	161
Figura 13 - Tapetinhos xadrez	162
Figura 14 - Tapetes beira-cama	162

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual de trabalhadores segundo ocupação ligada ao artesanato por sexo, Resende Costa (MG), 2010	65
Gráfico 2 – Percentual de trabalhadores em ocupação ligada ao artesanato e outras atividades de acordo com sexo e grupos de idade, Resende Costa (MG), 2010	66
Gráfico 3 – Percentual de trabalhadores em ocupação ligada ao artesanato e outras atividades de acordo as formas de regulamentação da ocupação, Resende Costa (MG), 2010	71
Gráfico 4 – Percentual de trabalhadores em ocupação ligada ao artesanato e outras atividades de acordo com tipo de composição familiar, Resende Costa (MG), 2010.....	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Percentual de trabalhadores em ocupação ligada ao artesanato e outras atividades de acordo com sexo, raça/cor e nível de instrução, Resende Costa (MG), 2010	69
Tabela 2 – Indicadores de condições de trabalho segundo sexo em Resende Costa (MG), 2010	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Passos para análise dos dados.....	90
Quadro 2 – Perfil socioeconômico e demográfico das entrevistadas, Resende Costa, MG, 2021	92
Quadro 3 – Perfil socioeconômico e demográfico dos entrevistados, Resende Costa, MG, 2021	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ASARC** – Associação de Artesãos de Resende Costa
- ASSETURC** – Associação Empresarial e Turística de Resende Costa
- CAGED** – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEP** – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
- CLT** – Consolidação das Leis do Trabalho
- CNPJ** – Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
- COD** – Classificação de Ocupações para Pesquisas Domiciliares
- COVID** – *Corona Virus Disease*
- FIEMG** – Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- INSS** – Instituto Nacional de Seguridade Social
- MEI** – Microempreendedor individual
- MG** – Minas Gerais
- ONG IRIS** – Organização Não-Governamental Instituto Rio Santo Antônio
- PEA** – População economicamente ativa
- PNAD** – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
- SEBRAE** – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- SENAI** – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- SETAC** – Secretaria de Turismo, Artesanato e Cultura
- SPSS** – *Statistical Package for the Social Sciences*
- TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso
- TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UFV** – Universidade Federal de Viçosa

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
1.1 Justificativa.....	20
1.2 Problema de pesquisa	23
1.3 Objetivos.....	24
1.4 Hipóteses	24
1.5 Organização da dissertação	25
1.6 Referências	26
2. O ARTESANATO DOMÉSTICO NO COTIDIANO DA MULHER: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA	30
2.1 Introdução.....	30
2.2 Procedimentos metodológicos.....	31
2.3 Apontamentos acerca da categoria trabalho	32
2.4 O trabalho para a mulher	37
2.5 A mulher e o trabalho artesanal	40
2.6 O cotidiano e o trabalho artesanal	46
2.7 Cooperativas e Associações: um mecanismo de fomentação de renda.....	49
2.8 Considerações finais	53
2.9 Referências	55
3. TECELAGEM ‘RESENDECOSTENSE’: O QUE O CENSO DEMOGRÁFICO NOS REVELA?	61
3.1 Introdução.....	61
3.2 Procedimentos metodológicos.....	62
3.3 O artesanato de Resende Costa segundo o censo demográfico de 2010	64
3.4 Considerações finais	75
3.5 Referências	76
4. AS VIVÊNCIAS DO TRABALHO ARTESANAL EM RESENDE COSTA (MG): UMA ANÁLISE DO COTIDIANO A PARTIR DE PERSPECTIVAS FEMININAS E MASCULINAS	81
4.1 Tessituras iniciais	81
4.2 Procedimentos metodológicos.....	84
4.2.1 <i>População e amostra</i>	84
4.2.2 <i>Técnica de coleta de dados</i>	86

4.2.2.1 <i>Recrutamento e entrevistas: experiências, dificuldades e adequações com bases no campo</i>	87
4.2.3 <i>Método de análise de dados</i>	89
4.3 <i>As vivências do trabalho artesanal em Resende Costa, Minas Gerais: descrição dos entrevistados</i>	90
4.3.1 <i>As trajetórias dos entrevistados em resumo</i>	94
4.3.2 <i>Vivências do trabalho têxtil: perspectiva histórica</i>	102
4.3.3 <i>Vivências do trabalho têxtil: perspectiva atual</i>	112
4.3.4 <i>As importâncias da tecelagem no município</i>	120
4.3.5 <i>Trajetoórias para inser�o/início no trabalho têxtil</i>	138
4.3.6 <i>Aspectos do trabalho: rela�es entre vida cotidiana, remunera�o e gênero</i>	153
4.3.7 <i>Aspectos da articula�o entre o trabalho têxtil e a vida doméstica e familiar</i>	170
4.3.8 <i>Percep�es acerca do coletivo e da participa�o em entidade de classe e cooperativas</i>	184
4.4 <i>Amarra�es finais</i>	190
4.5 <i>Referências</i>	193
5. CONSIDERA�ES FINAIS	205
APÊNDICES	210
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO	211
APÊNDICE B – ROTEIRO PARA EXECU�O DAS ENTREVISTAS – MULHERES	212
APÊNDICE C – ROTEIRO PARA EXECU�O DAS ENTREVISTAS – HOMENS	214

1. INTRODUÇÃO

O termo artesanato¹, na contemporaneidade, vem sendo utilizado para definir o que é feito à mão (LIND 2020). Na atualidade, o artesanato está enquadrado entre a tradição – na medida em que são reproduzidas técnicas centenárias e milenares – e a modernidade – com a inclusão de novas tecnologias, modificando principalmente a maneira de aquisição da matéria-prima que, agora, geralmente é comprada da indústria – estando ainda bastante presente na sociedade contemporânea. Keller (2011) e Souza (2018) ponderam que na atualidade os ofícios artesanais possuem tanto importâncias intangíveis e simbólicas quanto econômicas e mercantis, na medida em que tais práticas passam por adaptações ocasionadas pela implementação de políticas neoliberais, quando os objetos começam a ser produzidos em grandes quantidades, havendo uma simplificação na maneira como são produzidos.

Em um contexto histórico, a mulher, por muito tempo, foi designada de maneira restrita para cuidar da casa e das atividades domésticas de maneira não remunerada, e os trabalhos manuais faziam parte dessas incumbências (ALGRANTI, 1997; SILVA, 2015). Nessa perspectiva, o artesanato têxtil – sendo esse tipo de artesanato aquele em que se utiliza de fibras de diferentes origens para a criação de objetos decorativos ou práticos – muitas vezes, como no caso específico desta pesquisa, é ainda uma atividade feminina, sendo uma construção social na medida em que fazia parte das incumbências domésticas. Nos dias atuais, as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pela manutenção do artesanato têxtil (SILVA, 2015), porém, os homens, mesmo que em menor número, também se ocupam dessa função, essencialmente em comunidades artesanais, quando a atividade é assimilada como rentável e como uma profissão (CAVALCANTE, 2017).

O trabalho artesanal têxtil é historicamente ligado às mulheres, sendo a manutenção de atividades artesanais um atributo cultural associado à figura feminina em muitos povos e comunidades (BARROSO; FROTA, 2010; BARBOSA; D'ÁVILA, 2014; SILVA, 2015). Assim, tecer tornou-se uma atividade habitual feminina, incorporada ao que Mendonça (1959) intitula como *modus vivendi* – ou meio de viver – feminino. No Brasil, nos séculos XIX e XX, para mulheres de classe média, o artesanato têxtil era tido como uma atividade para exercer a feminilidade, possuindo um caráter disciplinador, tendo em vista que era propagado pela igreja – as mulheres eram consideradas pelo patriarcado mais receptível ao ímpeto, sendo

¹ De acordo com o SEBRAE (2010, p. 17), “a partir do conceito proposto pelo Conselho Mundial do Artesanato, define-se como artesanato toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade”.

assim, acreditava-se que, para não cair em tentação, elas precisavam estar sempre com as mãos ocupadas. Dessa forma, originou-se a tradição de que os pensamentos pecaminosos femininos seriam contidos através da feitura do artesanato, especialmente o da agulha. Em contrapartida, algumas mulheres de classes mais pobres viam no artesanato como uma maneira de adquirir renda (CARVALHO, 2008; SILVA, 2015). Na conjuntura atual, essa realidade se modificou, ainda que de maneira lenta, e muitas mulheres possuem outras opções de vida para além da privada, e conseqüentemente, mais opções de trabalho – ainda que o mercado de trabalho seja em suma constituído por relações assimétricas quanto ao gênero² (LIPOVETSKY, 2000; FERNANDEZ, 2018). Contudo, em comunidades específicas – essencialmente nas que têm o setor do artesanato como importante na economia, como o caso da cidade de Resende Costa (MG), uma pequena cidade localizada no Campo das Vertentes, interior do Estado de Minas Gerais – a manutenção dessa práxis por parte das mulheres pode ou não ser uma escolha. A realização desta pesquisa parte desse pressuposto.

Destaca-se que a manutenção do espaço privado ainda é uma constante no cotidiano da mulher. Os afazeres artesanais, que por um longo período da história foram designados como atividades essencialmente femininas, especialmente por seu caráter disciplinador como apontado por Silva (2015), ainda continuam sendo executados, principalmente, por mulheres. Todavia, na atualidade, o artesanato é correspondido como uma atividade fundamentalmente remunerada. Nesse contexto, muitas artesãs enfrentam situações problemáticas na manutenção desta atividade e, conseqüentemente, na aquisição de suas rendas. Uma destas situações é que a mulher, quando trabalha em seu domicílio, precisa lidar, para além da execução do artesanato, com a manutenção do lar e com o cuidado dos membros familiares, dificultando a articulação com trabalho remunerado, dentro do mesmo ambiente (GUPPY; SAKUMOTO; WILKES, 2019; LIND, 2020).

Uma maneira de resilir a este problema é destacada através da participação em entidades de economia solidária. Nesse aspecto, pesquisadores contemporâneos têm destacado os benefícios e desafios enfrentados por entidades de economia solidária, em especial as associações/cooperativas artesanais. Dessa forma, são evidenciados, principalmente, os impactos de tais empreendimentos no cotidiano da mulher – que ainda é a principal responsável pela manutenção de práxis manuais. Assim, as ações coletivas passam por ressignificações, apresentando novas formas sociais de fazer artesanato (AKILANDEESWARI; PITCHAI, 2018; SHAH; PATEL, 2018; SPAHIJA, 2019). É nessa

² Como evidenciado por Teixeira (2017), ao estudar os avanços e as permanências das mulheres no mundo do trabalho entre os anos de 2004 e 2013.

perspectiva que as entidades de economia solidária surgem como um auxílio para estas mulheres na manutenção de suas atividades remuneradas. Nesse aspecto, evidencia-se que muitas destas organizações estão apoiando a participação econômica das mulheres e contribuindo para promover a autonomia do trabalho feminino, auxiliando o processo de trabalho, desde a aquisição de matéria prima até a venda do que é produzido.

A partir do contexto apresentado, a motivação inicial para desenvolver esta pesquisa parte inicialmente do meu prévio conhecimento relacionado à temática escolhida. Este trabalho será uma continuação do que foi concebido em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em Design de Moda, realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Campus Muriaé, entre os anos de 2017 e 2019. Em meu TCC intitulado 'Histórias tecidas em tear: a tradição tecelã da cidade mineira Resende Costa' utilizei como objeto de pesquisa a tecelagem artesanal realizada na cidade de Resende Costa, interior de Minas Gerais, com foco na questão da produção têxtil. Nesse estudo, tive como propósito principal dar visibilidade à produção do artesanato têxtil, concebido de maneira manual na cidade em questão através de sua adequação, como matéria-prima a projetos de design de moda contemporâneos. Escolhi trabalhar com esta temática na graduação pois cresci na cidade de Barbacena (cidade próxima de Resende Costa), e desde criança tive contato com o artesanato 'resendecostense', por intermédio de minha avó, que sempre adquiria as famosas colchas de retalho de Resende Costa. Nessa perspectiva, trabalhar com esta temática, essencialmente, é a materialização de memórias afetivas que remetem à minha infância.

Em minha estadia na cidade, pude conversar, mesmo que de maneira informal, com pessoas ligadas às políticas públicas³ e sobretudo com algumas artesãs, que são as guardiãs dessa tradição. Através deste contato, identifiquei novos recortes de pesquisa, entendendo que o ofício no município é desenvolvido principalmente por mulheres. Por meio dessas conversas, identifiquei que muitas das artesãs estão insatisfeitas com a valorização de seu trabalho, uma vez que o artesanato na cidade é comercializado por valores simbólicos. O problema nessa questão é intensificado, pois muitos dos lojistas da cidade 'contratam' – geralmente sem regulamentação – a mão de obra de artesãs e, neste contexto, a artesã é a pessoa que menos lucra com o seu trabalho.

Numa perspectiva contemporânea que analisa a importância do artesanato têxtil em âmbito social e econômico no cotidiano feminino, a presente dissertação foi pautada através

³ Pessoas ligadas à agenda cultural do local. Tratando-se do antigo secretário da Secretaria de Turismo, Artesanato e Cultura (SETAC) e da antiga assistente administrativa da mesma instituição.

de uma análise da importância socioeconômica do artesanato têxtil para mulheres artesãs, utilizando como contexto específico o caso da comunidade de Resende Costa, Minas Gerais, apresentando os contrastes existentes entre as vivências com a manutenção dessa atividade a partir das perspectivas de mulheres e homens. Em tal contexto, encontra-se na atualidade uma produção massificada, desenvolvida, sobretudo, no âmago da divisão social do trabalho – um trabalho dividido por etapas – e pela terceirização.

1.1 Justificativa

Com o objetivo de compreender os impactos sociais e econômicos do artesanato têxtil doméstico⁴ no município de Resende Costa, discutindo sobre as perspectivas femininas e masculinas no que tange a manutenção dessa atividade em seus cotidianos, realizou-se uma varredura teórica para mapear diferentes autores que contribuíram para a análise dos impactos gerados pelo ofício artesanal na vida dessas pessoas. As abordagens teóricas foram agrupadas entre autores que possuem concordância em suas concepções e que se complementam entre si. Entre os pesquisadores que discutem as relações sociais propiciadas pelo artesanato doméstico no cotidiano feminino, são destacadas duas perspectivas explicativas distintas, as quais serão apresentadas a seguir: a primeira analisa a produção artesanal doméstica no cotidiano da mulher em uma perspectiva social e econômica; a segunda possui enfoque no artesanato enquanto um ofício de tradição sociocultural na vida das mulheres, gerando subjetividades, sendo um mecanismo de formação de identidade cultural e de coletividades, detentor de importâncias simbólicas.

A primeira corrente teórica, aqui intitulada como ‘a produção artesanal doméstica no cotidiano da mulher em uma perspectiva social e econômica’, foi baseada nas perspectivas de Akilandeewari e Pitchai (2018), Shah e Patel (2018), Black, Miller e Leslie (2019), Guppy, Sakumoto e Wilkes (2019), Spahija (2019), Lind (2020) e Nizamani, Ram e Latif, (2020). Destaca-se que no cotidiano das mulheres o ofício artesanal possui uma dupla importância: trata-se de um trabalho doméstico, mas também de uma forma de adquirir sua renda. Os autores de tal corrente destacam que na manutenção da indústria artesanal doméstica as mulheres são as que mais estão envolvidas, sendo designadas a exercer atividades deste tipo

⁴ Denomina-se de trabalho manual ou “artesanato doméstico”, de acordo com o SEBRAE (2010, p. 13-42), um “tipo de trabalho que exige destreza e habilidade, porém utilizam moldes e padrões predefinidos, resultando em produtos de estética pouco elaborada. Não são resultantes de processo criativo efetivo. É muitas vezes, uma ocupação secundária”. Ademais, neste trabalho, chama-se de artesanato doméstico o trabalho manual que é produzido no domicílio.

desde muito jovens. A revolução de gênero em que a partir dos movimentos feministas, tem-se o questionamento dos espaços domésticos, do espaço dos afetos, das relações – tem sido citada como a mudança social mais significativa do século XX. O envolvimento das mulheres com mais instituições públicas aumentou, o que alimentou essa revolução. Mudanças estão ocorrendo, entretanto, as mulheres continuam a fazer o ‘grosso’ do trabalho doméstico. Trata-se de uma tarefa ainda desequilibrada na sua distribuição por gênero.

Segundo os autores supracitados, cada vez mais, a precariedade atinge muitas áreas empregatícias – acarretando do desenvolvimento de subempregos –, essencialmente quando o trabalho é realizado de maneira informal, incluindo as indústrias criativas – negócios baseados no capital social, intelectual, cultural e na criatividade. Embora o trabalho criativo esteja associado à liberdade, autonomia e autoexpressão, existe um reconhecimento de que é frequentemente mal pago e precário, principalmente no que concerne ao trabalho artesanal realizado por mulheres e em seus próprios domicílios.

O empoderamento⁵ do trabalho feminino no artesanato pode ser auxiliado pela criação/participação de/em cooperativas, que são uma poderosa força econômica e social, presente na maioria dos países do mundo e dos setores da economia. Muitas cooperativas estão apoiando a participação econômica das mulheres. Nesse sentido, o princípio da 'cooperação' é tão antigo quanto a civilização humana. Entidades de economia solidária trabalham com o valor da ajuda mútua e do bem-estar daqueles que a integram (AKILANDEESWARI; PITCHAI, 2018).

O fazer artesanal possuía um papel central na vida da mulher abastada, de ser uma atividade para ocupar o tempo, não sendo um ofício que gerava remuneração. Nas últimas décadas muitas artesãs sustentam a si e as suas famílias através do artesanato têxtil. Destaca-se para mais que, através do artesanato, cria-se um tipo de experiência comunitária ou compartilhada. Através da entrada na economia de mercado – sistema em que a economia é controlada por agentes econômicos de iniciativa privada – foi possível ampliar a difusão da produção e do comércio artesanal (AKILANDEESWARI; PITCHAI, 2018; SHAH; PATEL, 2018; BLACK; MILLER; LESLIE, 2019; GUPPY; SAKUMOTO; WILKES, 2019; SPAHIJA, 2019; LIND, 2020; NIZAMANI; RAM; LATIF, 2020).

⁵ A partir de uma perspectiva feminista, Sardenberg (2006, p. 2) salienta que os agentes do empoderamento podem ser vários, sendo um processo que exige ação coletiva, e que empoderar tem por objetivos “[...] (1) questionar a ideologia patriarcal; (2) transformar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação de gênero, as desigualdades sociais; e (3) criar as condições para que as mulheres pobres possam ter acesso – e controle sobre – recursos materiais e informacionais”.

A segunda corrente teórica baseia-se nas pesquisas de Yang *et al.* (2018), Elisondo e Vargas (2019), Gustafsson (2019), Maidment *et al.* (2019) e Yuliat e Hartayik (2019), buscando compreender o artesanato como um ofício de tradição sociocultural no cotidiano das mulheres. O artesanato, no ponto de vistas dos autores supracitados, é um resultado materializado de uma cultura local, sendo uma identidade cultural, mas também um bem econômico criativo local. O fazer artesanal é apresentado como um ‘estilo de vida’, tendo um papel de coesão e equalização de uma determinada localidade. A produção artesanal está entrelaçada com a vida cotidiana, sendo o artesanato um componente central da produção contemporânea, da vida social e da identidade pessoal/familiar. O artesanato tradicional é parte integrante da simbologia de qualquer nação que reflita a cultura e a tradição de uma determinada região, sendo pautado como uma expressão de identidade cultural, já que pelo meio de suas especificidades – tanto do produto, quanto de quem o faz – será possível identificar o lugar de onde é originado. O fazer artesanal é visto como uma maneira de criatividade pessoal e social infundindo valores culturais de autoexpressão, possuindo ‘noções simbólicas’ associadas a uma localidade. Os artesãos interpretaram o conceito de lugar de forma simbólica.

Analisando o contexto específico da comunidade artesanal da cidade de Resende Costa, e diante das duas correntes teóricas expostas, a presente proposta de pesquisa visa contribuir com a primeira ‘produção artesanal doméstica no cotidiano da mulher em uma perspectiva social e econômica’, não significando a exclusão da segunda corrente. Para além da contribuição em uma corrente teórica, a realização do presente projeto se justifica pois existem poucas pesquisas que analisam a importância socioeconômica da tecelagem da região com enfoque na questão do gênero, culminando na escolha de Resende Costa como território onde se identifica a prática do ofício artesanal, que na sociedade capitalista tem sua tradição reinventada, mas que mantém técnicas de tecer – em relação às batidas do tear – similares às do período colonial⁶. De tal maneira, a escolha por pesquisar o local foi estimulada pela presença marcante de mulheres que possuem a atividade como fonte de renda. Essas mulheres podem ser consideradas guardiãs de uma tradição, (re)afirmando historicamente a importância social da mulher tecelã/artesã⁷ e a importância da mulher para a economia local, já que a

⁶ Importante destacar que essas técnicas dizem respeito à maneira de manusear os teares. A maneira de adquirir a matéria-prima se modificou. No passado, a cadeia produtiva artesanal no município se iniciava através do plantio das fibras, passando pela fiação, beneficiamento e por fim a tecelagem. Atualmente, a matéria-prima básica para o artesanato é industrializada, sendo o retalho de malha de indústrias de moda da região o principal material utilizado.

⁷ De acordo com o SEBRAE (2010, p. 17), o artesão “é aquele detentor de conhecimento técnico sobre os materiais, as ferramentas e os processos de sua especialidade”.

atividade é uma das principais fontes de renda das famílias do município, sendo também uma das mais relevantes atrações turísticas da região. Ainda, tem-se também no contexto da cidade uma presença frequente de homens executando o ofício da tecelagem de forma naturalizada e a presença feminina no comércio, denotando a complexidade da cadeia produtiva local.

1.2 Problema de pesquisa

Com suporte na corrente teórica que analisa a produção artesanal doméstica no cotidiano da mulher em uma perspectiva social e econômica, o problema desta pesquisa terá como contextualização o desenvolvimento do fazer artesanal/manual como uma atividade cotidianamente feminina e domiciliar. A mulher, em uma trama histórica, foi designada socialmente para a manutenção do espaço privado. A tecelagem, assim como boa parte do artesanato têxtil produzido no estado de Minas Gerais, é um ofício majoritariamente até na atualidade realizado pelas mulheres (CASTRO, 2015) e, em muitos casos, ainda no domicílio da artesã. O interesse pela pesquisa foi reforçado pela presença de homens tecendo com naturalidade no local.

O objeto de pesquisa é o trabalho com artesanato têxtil, e os sujeitos desta pesquisa são essencialmente mulheres tecelãs⁸ cujo trabalho remunerado é realizado no domicílio e homens que trabalham ou já se ocuparam enquanto tecelões, moradores do município de Resende Costa, em que será possível comparar as perspectivas/vivências femininas e masculinas quanto à manutenção do artesanato têxtil no local. Dessa forma, nesse contexto do artesanato no cotidiano principalmente das mulheres do município supramencionado, buscase investigar: como se dá a relação da mulher com o artesanato têxtil historicamente e nos dias atuais? Quais as características das ocupações com artesanato têxtil em Resende Costa e qual a importância da participação de homens e mulheres para esta atividade na cidade? Tendo o entendimento de que as mulheres iniciaram a produção considerada como principal fonte de renda do município de Resende Costa, a inserção do homem na tecelagem altera as condições do trabalho feminino? Quais as perspectivas femininas e masculinas em relação à manutenção do trabalho artesanal? Como as artesãs veem a participação em entidades de economia solidária para a sustentabilidade de sua atividade têxtil?

⁸ Mulheres que possuem como trabalho o artesanato e que produzem os mesmos em seus domicílios. É sabido que a cadeia artesanal no município estudado é ampla envolvendo um grande número de pessoas. Existem na cidade muitos comerciantes do artesanato local, como estudado por Souza (2018). Contudo, a presente pesquisa teve como intuito a análise das vivências de artesãs que trabalham tecendo em seus domicílios.

1.3 Objetivos

A partir das perguntas estipuladas, o objetivo geral da dissertação foi analisar, em uma perspectiva de gênero, a dinâmica cotidiana do trabalho domiciliar no mercado de Resende Costa, MG, que tem na tecelagem sua principal fonte de renda. Em relação aos objetivos específicos, destaca-se que os mesmos foram:

- Refletir acerca da importância do trabalho artesanal no cotidiano das mulheres em um contexto histórico e atual, descrevendo o papel de entidades de economia solidária no auxílio às mulheres artesãs que trabalham em casa;
- Analisar as diferentes ocupações e o perfil dos trabalhadores inseridos no setor de artesanato têxtil em Resende Costa, destacando a participação feminina nesse contexto;
- Compreender e comparar as vivências e percepções acerca do trabalho com artesanato têxtil nas perspectivas femininas e masculinas dos artesãos do município de Resende Costa, considerando os impactos sociais e econômicos deste.

1.4 Hipóteses

Como resultado da varredura teórica realizada alicerçada ao contexto social e econômico no campo do artesanato doméstico no cotidiano feminino, dentro do contexto específico da comunidade artesanal de Resende Costa, formularam-se três hipóteses, passíveis de reiteração total ou parcial. A formulação das hipóteses pretende contribuir com outras pesquisas que contemplem esta temática, proporcionando com isso uma comparação dos resultados alcançados através desta dissertação, estabelecendo um diálogo com a comunidade científica. As hipóteses levantadas através das referências são:

H1 – O artesanato faz parte do cotidiano da mulher desde o passado e continua sendo um ofício feminino. As mulheres seguem tendo a responsabilidade de cuidar da casa e dos dependentes, e veem na atividade artesanal uma maneira de conseguir adquirir renda.

H2 – As mulheres são maioria nas ocupações relativas ao setor de artesanato têxtil e, apesar disso, encontra-se desigualdade salarial para trabalhadoras do setor artesanal em relação aos homens.

H3 – As percepções sobre o trabalho têxtil são diferentes nos pontos de vista femininos e masculinos. Para as mulheres do município de Resende Costa, trata-se de uma tradição familiar aprendida ainda na infância. Para os homens, desempenhar a tecelagem é uma maneira de adquirir renda e, especialmente, de auxiliar as parceiras na manutenção da práxis.

1.5 Organização da dissertação

A presente dissertação está estruturada no formato de artigos. Nesse sentido, para além desta introdução, a pesquisa foi dividida em três capítulos. O primeiro desses capítulos, intitulado “o artesanato doméstico no cotidiano da mulher: uma análise bibliográfica”, foi construído através de referências bibliográficas, cuja finalidade foi a de constituir o arcabouço teórico desta pesquisa. Assim, evidenciam-se, em um contexto histórico e atual, os desafios enfrentados pelas mulheres na manutenção de atividades artesanais, indagando se na atualidade a inserção de artesãs em entidades de economia solidária pode ser uma maneira de resistir as problemáticas enfrentadas no desenvolvimento de suas atividades remuneradas.

O segundo, “tecelagem ‘resendecostense’: o que o censo demográfico nos revela?” foi desenvolvido com o intuito de caracterizar, a partir da análise de microdados do Censo Demográfico de 2010 – analisados através do software estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS –, as ocupações relativas ao setor têxtil na comunidade de Resende Costa, visando entender a importância social e econômica da manutenção do ofício para os moradores da cidade, bem como destacar as diferenças de gênero nessa atividade, evidenciando o papel da figura feminina na manutenção da práxis.

Por fim, o capítulo 3, denominado “as vivências do trabalho artesanal em Resende Costa (MG): uma análise do cotidiano a partir de perspectivas femininas e masculinas”, apresenta as análises dos dados coletados a partir do campo da presente pesquisa. Nesse sentido, foi realizado um estudo de caso com coleta de dados a partir da aplicação de questionários com a finalidade de se caracterizar demograficamente a população, e realizadas entrevistas em profundidade compostas por perguntas semiestruturadas⁹ com mulheres e homens que desempenham ou já desempenharam o artesanato têxtil no município de Resende Costa. A finalidade dessas entrevistas foi de compreender as distintas perspectivas/vivências de mulheres e homens na produção do artesanato têxtil.

⁹ Em decorrência do isolamento social causado pela pandemia de Covid-19, o campo da pesquisa foi realizado de maneira *on-line*. Nessa circunstância, os questionários e as entrevistas foram aplicados por meio de ligações telefônicas e videoconferências.

1.6 Referências

AKILANDEESWARI, S. V.; PITCHAI, Dr. C. Cooperatives and the SDGs: Focus on gender equity and women's empowerment on handicraft industry. **GJRA: GLOBAL JOURNAL FOR RESEARCH ANALYSIS**, [S.l.], v. 7, n. 12, p. 3-5, dez. 2018. Disponível em: <<https://www.worldwidejournals.com/global-journal-for-research-analysis-GJRA/article/cooperatives-and-the-sdgs-focus-on-gender-equityand-womens-empowerment-on-handicraft-industry/OTg4OA==/?is=1&b1=1&k=1>>. Acesso em: 15 mai. 2020.

ALGRANTI, L. M. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, L. M, de. **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das letras, 1997 p.83 a 154.

ALMEIDA, H. B. de. Família e relações de parentesco: contribuições antropológicas. In: CARVALHO, J. S. (org.). **Direitos Humanos e Educação para a Democracia**. [S.l.]: Vozes, 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/4236920/Fam%C3%ADlia_e_rela%C3%A7%C3%B5es_de_e_parentesco_contribui%C3%A7%C3%B5es_antropol%C3%B3gicas>. Acesso em: 18 set. 2020.

BARBOSA, V. L.; D'ÁVILA, M. I. Mulheres e Artesanato: um ofício feminino no povoado do Bichinho/Prados-MG. **Revista Ártemis**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 141-152, 31 jul. 2014. Portal de Periódicos UFPB. <http://dx.doi.org/10.15668/1807-8214/artemis.v17n1p141-152>. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/18122/11137>>. Acesso em: 15 out. 2020.

BARROSO, H. C; FROTA, M. H. P. de. A trama do trabalho artesanal para mulheres cearenses: desvendando códigos de gênero. Fazendo gênero: Diásporas, diversidades, deslocamentos, 9, 2010, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278297991_ARQUIVO_fazendogenero.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2021.

BLACK, S.; MILLER, C. F.; LESLIE, D. Gender, Precarity and Hybrid Forms of Work Identity in The Virtual Domestic Arts and Crafts Industry in Canada and the US. *Gender, Place & Culture*, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 272-292, fev. 2019. **Informa UK Limited**. <http://dx.doi.org/10.1080/0966369x.2018.1552924>. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0966369X.2018.1552924?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

CASTRO, A. M. **Fios, Tramas, Repassos e Inventabilidade**: a formação de tecelãs em Resende Costa/MG. 2015. 230 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Educação, UNISINOS, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3686>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

CAVALCANTE, V. P. **Artesanato têxtil e design**: um estudo sobre alterações na forma do objeto artesanal têxtil brasileiro. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em:

<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100133/tde-14042017-184632/publico/VanessaPeixotoCavalcante.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

ELISONDO, R. C.; VARGAS, A. Women's Everyday Creative Activities: a qualitative study. **Creativity. Theories – Research - Applications**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 91-111, 1 jun. 2019. Walter de Gruyter GmbH. <http://dx.doi.org/10.1515/ctra-2019-0006>. Disponível em: <<https://content.sciendo.com/view/journals/ctra/6/1/article-p91.xml?language=en>>. Acesso em: 06 jun. 2020.

FERNANDEZ, B. P. M. Economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros. *Brazilian Journal Of Political Economy*, [S.l.], v. 38, n. 3, p. 559-583, set. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-35172018-2815>. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572018000300559&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 27 set. 2020.

GUPPY, N; SAKUMOTO, L; WILKES, R. Social Change and the Gendered Division of Household Labor in Canada. **Canadian Review Of Sociology/revue Canadienne de Sociologie**, [S.l.], v. 56, n. 2, p. 178-203, mai. 2019. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/cars.12242>. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/cars.12242>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

GUSTAFSSON, A. Invisible Craftsmanship: Lulesámi Women's Production of Handicraft and Well-Being at Home. **The Journal of Modern Craft**, Londres, v. 12, n. 2, p. 109-121, 22 jul. 2019. DOI <https://doi.org/10.1080/17496772.2019.1620428>. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17496772.2019.1620428?journalCode=rfmc20>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

IBGE. **Resende Costa**. [S. l.: s. n.], 2017. 1 p. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/resende-costa/historico>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

KELLER, P. F. Trabalho e economia do artesanato no capitalismo contemporâneo. In: 29ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA – GT 034: ETNOGRAFIAS DO CAPITALISMO, 29., 2014, Natal. **Anais [...]**. Natal: UFRN, 2014. p. 1-20. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1400624044_ARQUIVO_KELLER-Paper-ABA-GT34.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2020.

LIND, M. F. Handspinning Tradition in the United States: traditionalization and revival. **The Journal Of American Folklore**, [S.l.], v. 133, n. 528, p. 142, 2020. University of Illinois Press. <http://dx.doi.org/10.5406/jamerfolk.133.528.0142>. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.5406/jamerfolk.133.528.0142>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

LIPOVETSKY, G. La Mujer y la Actividad Profesional. In: TEJEIRO, J. B. **Dimensiones Económicas y Sociales de la Familia**. Madrid: Fundación Argénina-Visor, 2000. p. 269-277.

NIZAMANI, B.; RAM, M.; LATIF, D. Handicrafts as feminine culture: a case study from district Tando Allahyar Sindh Pakistan. **GSJ: Global Scientific Journal**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 414-429, fev. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/331398981_Sindh_Handicrafts_and_Socio>

Economic Status of Women A Case Study from District Tando Allahyar Sindh Pakistan>. Acesso em: 03 jun. 2020.

MENDONÇA, M. L. P. de. Algumas considerações sobre rendas e rendeiras do Nordeste. **Boletim de Antropologia**, v. 3, 1959.

SEBRAE. **Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato**. Brasília: SEBRAE, 2010. 64 p.

SHAH, A.; PATEL, R. **Cooperative Initiative: A Ray of Hope for Rural Handicraft Artisans of Surendranagar District of Gujarat**, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/330441793_Cooperative_Initiative_A_Ray_of_Hope_for_Rural_Handicraft_Artisans_of_Surendranagar_District_of_Gujarat>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SILVA, M. A. da. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. **Educar em Revista**, [S.l.], n. 55, p. 247-260, mar. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.36810>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/jPjKVMtsYxWtXznnXM9tT4D/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 08 dez. 2020.

SOUZA, C. N. de. **Artesanato de Tradição do Tear em Resende Costa, MG: trabalho, produção e comércio**. 2018. 266 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, PUC Minas, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_SouzaCN_1.pdf. Acesso em: 15 mai. 2020.

SPAHIJA, M. S. Women's Craft: Craftswomen in Albania in the Twentieth Century. **Anglisticum Journal (ijllis)**, [S.l.], v. 8, n. 7, p. 67-74, jul. 2019. Disponível em: <<http://www.anglisticum.org.mk/index.php/IJLLIS/article/view/1943/2370>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

TEIXEIRA, M. O. **Um olhar da economia feminista para as mulheres: os avanços e as permanências das mulheres no mundo do trabalho entre 2004 e 2013**. 2017. 228 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330990/1/Teixeira_MarilaneOliveira_D.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2021.

YANG, Y. *et al.* Preservation of Cultural Heritage Embodied in Traditional Crafts in the Developing Countries. A Case Study of Pakistani Handicraft Industry. **Sustainability**, [S.l.], v. 10, n. 5, p. 1336, 25 abr. 2018. **MDPI AG**. <http://dx.doi.org/10.3390/su10051336>. Disponível em: <<https://ideas.repec.org/a/gam/jsusta/v10y2018i5p1336-d143229.html>>. Acesso em: 14 mai. 2020.

YULIATI, D; HARTATIK, E. S. The Empowerment of Kudus Embroidery Creative Industries for Strengthening the Cultural Identity of Kudus Regency, Central Java, Indonesia. **Pertanika: Journal of Social Sciences & Humanities**, Malásia, v. 3, n. 27, p. 1999-2015, 13 jul. 2019. Disponível em:

<[http://www.pertanika.upm.edu.my/Pertanika%20PAPERS/JSSH%20Vol.%2027%20\(3\)%20Sep.%202019/38%20JSSH-3000-2018.pdf](http://www.pertanika.upm.edu.my/Pertanika%20PAPERS/JSSH%20Vol.%2027%20(3)%20Sep.%202019/38%20JSSH-3000-2018.pdf)>. Acesso em: 09 mai. 2020.

2. O ARTESANATO DOMÉSTICO NO COTIDIANO DA MULHER: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA¹⁰

2.1 Introdução

Compreende-se que o artesanato é uma das formas mais antigas de organização do trabalho, estando presente na vida cotidiana das mulheres há muito tempo. Quando a atividade é realizada no domicílio da artesã existe uma articulação dificultosa, na medida em que os espaços de trabalho e de descanso se confundem. Isso ocorre, em suma, pois as mulheres precisam conciliar a manutenção do espaço doméstico, o cuidado, e em alguns casos o estudo, com a execução de suas atividades remuneradas. Conforme Biroli (2018), o trabalho doméstico e de cuidado são atividades não remuneradas, sendo compreendidas como funções que não contribuem para o progresso pessoal e intelectual das mulheres. Ainda, há de se destacar que, em muitos dos casos, o trabalho artesanal remunerado é realizado dentro do próprio domicílio¹¹, sendo essa uma das características da informalidade do setor artesanal. Segundo Giddens (1991), a descentralização do local de trabalho é uma das características do trabalho informal geral. Nesse sentido, aponta-se a inserção de artesãs em entidades de economia solidária como uma maneira de resilir a essas problemáticas e de empoderar tal trabalho. Em tal direcionamento, esse artigo foi desenvolvido com intuito de refletir acerca da importância do trabalho artesanal no cotidiano das mulheres em um contexto histórico e atual, descrevendo o papel de entidades de economia solidária no auxílio às mulheres artesãs que trabalham em casa.

O marco teórico deste artigo se constitui principalmente dos conceitos apresentados por autores que fundamentam seus estudos em torno da categoria trabalho (ALBORNOZ, 1988; GIDDENS, 1991; ANTUNES, 2009; SEMEGHINI, 2009). Além disso, utilizou-se também de autores pertencentes a uma corrente teórica que analisa a produção artesanal doméstica no cotidiano da mulher em uma perspectiva social e econômica (AKILANDEESWARI; PITCHAI, 2018; SHAH; PATEL, 2018; BLACK; MILLER; LESLIE, 2019; GUPPY; SAKUMOTO; WILKES, 2019; SPAHIJA, 2019; LIND, 2020;

¹⁰ Artigo publicado no periódico *Research, Society and Development*, ISSN: 2525-3409. Referência: SOARES JUNIOR, G.; CARVALHO, A. A. de. O Artesanato Doméstico no Cotidiano da Mulher. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 4, p. e45710414277, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i4.14277. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14277>>.

¹¹ Há de se destacar que existem ocupações formais que permitem o trabalho em casa, como o *home-office*, principalmente no contexto atual pandêmico em que muitas pessoas precisaram trabalhar de maneira remota, não sendo esse o tipo de trabalho abordado nessa pesquisa.

NIZAMANI; RAM; LATIF; 2020). Ademais, foram utilizadas referências que auxiliam na compreensão do contexto histórico relativo ao trabalho feminino, essencialmente com o artesanato, e que apontam as possibilidades de potencialização de seus trabalhos por meio da inserção de artesãs em entidades de economia solidária (FIGUEIREDO, 2004; SINGER, 2008; MORAIS *et al.*, 2011; MATOS; BORELLI, 2012; PINSKY, 2012; PERROT, 2013; BARBOSA; D'ÁVILA, 2014; POSSATTI; DEWES, 2014; SILVA, 2015; SERENO; KELLER, 2017; PEREIRA, 2019).

Nesse aspecto, em termos de estrutura, para além desta introdução, do tópico específico que apresenta a metodologia da pesquisa e das considerações finais, este artigo é iniciado com a apresentação de apontamentos acerca da categoria trabalho e da dualidade existente na inserção do contingente feminino no campo do trabalho. Na sequência, apresenta-se a questão de os trabalhos domésticos ainda serem realizados, principalmente, pelas mulheres. Sequencialmente, apresenta-se o artesanato enquanto um trabalho realizado em âmbito doméstico, evidenciando os desafios enfrentados pelas mulheres ao realizarem esse trabalho em seus lares. Em continuidade, relata-se o que se entende por cotidiano nesta pesquisa, tramando discussões sobre o cotidiano no trabalho artesanal. Por fim, entendendo que na manutenção do trabalho artesanal doméstico as mulheres enfrentam situações dificultosas, são apresentadas as formas da participação de artesãs em entidades de economia solidária, expondo as possíveis contribuições que estas instituições trazem para o trabalho dessas mulheres.

2.2 Procedimentos metodológicos

Este artigo se classifica enquanto sua abordagem como sendo qualitativo, em que, segundo Fonseca (2002), pesquisas desta natureza são desenvolvidas com o foco na interpretação de um objeto de estudo. Nesse sentido, tem-se uma grande preocupação quanto ao contexto do objeto estudado, assim, a contiguidade de quem executa a pesquisa com o objeto estudado é maior. Ademais, através das pesquisas qualitativas, consegue-se alcançar um intervalo maior em relação ao tempo estudado, conseguindo também analisar uma maior quantidade de fontes de dados. Nesse artigo, as fontes pesquisadas foram exclusivamente bibliográficas. A partir do exposto, e como elucidado por Vieira e Tibola (2006), entende-se que o estudo qualitativo se fundamenta por meio de análises qualitativas, não sendo utilizados de dispositivos estatísticos para realização da análise dos dados coletados.

No tocante ao delineamento do estudo, trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória, na medida em que se tem uma maior familiaridade com o objeto estudado e também o intuito de descrever um determinado fenômeno (TONETTO; BRUST-RENCK; STEIN, 2014). Através da pesquisa descritiva, tem-se o estudo de variáveis de um fenômeno específico sem que haja manipulação das mesmas. A pesquisa “[...] descritiva constata e avalia essas relações à medida que essas variáveis se manifestam espontaneamente em fatos, situações e nas condições que já existem” [...] (KÖCHE, 2011, p. 124). A assimilação com o método exploratório permite que seja possível “[...] descrever ou caracterizar a natureza das variáveis que se quer conhecer” (KÖCHE, 2011, p. 126).

Para atingir os objetivos elaborados, este estudo foi realizado por meio de um levantamento bibliográfico. A escolha pela pesquisa bibliográfica se deu pelo fato de que segundo Gil (2008, p. 50), “[...] em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários”. Ainda de acordo com o mesmo autor, as pesquisas bibliográficas são fundamentas por meio de dados e referências teóricas que já existem. Nesse sentido, se utiliza de fontes já publicadas – e conseqüentemente validadas por uma avaliação por pares – como livros e artigos científicos – sendo estes os dois meios de aquisição dos dados desta pesquisa – que já foram tratados analiticamente.

Através da pesquisa por meio de fontes bibliográficas, pode-se conhecer e interpretar as principais conceituações que explicam um fenômeno específico, sendo essa uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de pesquisas científicas (KÖCHE, 2011). Como elucidado pelo autor citado, entre outras questões, o estudo bibliográfico permite que seja construído um arcabouço teórico que explique um problema de pesquisa auxiliando na formulação de hipóteses.

2.3 Apontamentos acerca da categoria trabalho

A palavra *trabalho* foi e é utilizada de maneiras distintas ao longo da história, sendo, por conseguinte, uma construção histórica. Albornoz (1988) busca evidenciar o processo em que o homem começa a entender a importância do trabalho – da ação trabalho – na sociedade, processo este em que se tem evidenciado que o trabalho transforma a natureza e a sociedade, constituindo, por consequência, elementos que permitem fundamentar a sua conceituação e representação. Assim, a autora estabelece reflexões no tocante aos efeitos que o trabalho influi nas sociedades industriais, possibilitando que sejam assimiladas as distinções entre as categorias trabalho – uma ação transformadora, mas que em muitas instâncias torna-se difícil,

ainda que necessária –, labor – o trabalho do homem para sobrevivência – e emprego – apresentado pela autora como o trabalho institucionalizado.

Ao tramar discussões em torno do trabalho, é importante retornar em Marx (2011) que entende o trabalho como intermediário entre as transformações que se realizam na relação homem-natureza. Nesse sentido, o trabalho do homem transforma a natureza em produto, na medida em que a natureza possibilita essas modificações. O trabalho é, então, uma ação consciente do homem na natureza, sendo efetivado para a produção de artigos feitos para sanar necessidades humanas, onde a natureza é manuseada para a produção de objetos úteis aos homens.

Ao tencionar sobre a categoria trabalho, Albornoz (1988) evidencia a existência de diferentes tipos de trabalhos que geram distintos efeitos na esfera social. Nessa perspectiva, são apresentados pela autora dois tipos de trabalho, sendo eles o intelectual¹² e o físico, que acarretam em transformações na sociedade, sendo o segundo um trabalho que no ponto de vista da autora é delegado para classes servis, onde os servos realizam atividades que lhes são direcionadas, sendo ambas as formas detentoras de grande importância, como a autora sugere:

Todo trabalho supõe tendência para um fim e esforço. Para alguns trabalhos, este esforço será preponderantemente físico; para outros, preponderantemente intelectual. Contudo, parece míope e interesseira esta classificação que divide trabalho intelectual e trabalho corporal. A maioria dos esforços intelectuais se faz acompanhar de esforço corporal; uso minhas mãos e os músculos do braço enquanto datilografo estas páginas, que vou pensando. E o pedreiro usa sua inteligência ao empilhar com equilíbrio os tijolos sobre o cimento ainda não solidificado (ALBORNOZ, 1988, p. 11).

Antunes (2009) auxilia para que se possa compreender o que ele intitula como os sentidos do trabalho. O autor reflete acerca de sentidos – ideologias, discursos, hegemonias e reproduções – do trabalho a partir do processo capitalista de reprodução. Nesse sentido, são explanadas as transformações que ocorrem no mundo contemporâneo, destacando-se os seus princípios, os significados e as consequências. Em linhas gerais, tem-se realçado que a precarização do trabalho, bem como a elevação do número de desemprego, são frutos da lógica do sistema de produção de mercadorias, fundamentado em concorrências e na alta

¹² Segundo Albornoz (1988, p. 11) “no dicionário filosófico você poderá encontrar que o homem trabalha quando põe em atividade suas forças espirituais ou corporais, tendo em mira um fim sério que deve ser realizado ou alcançado. Assim, mesmo que não se produza nada imediatamente visível com o esforço do estudo, o trabalho de ordem intelectual corresponde àquela definição tanto quanto o trabalho corporal, embora seja este que leve a um resultado exteriormente perceptível, um produto concreto ou uma mudança de estado ou situação”.

produtividade. O autor destaca que na sociedade do trabalho abstrato¹³ – uma sociedade de risco como conceituado por Beck (2010) – o trabalho passa a ser descentralizado. Antunes aborda aspectos relativos à jornada de trabalho – algo importante no que tange à sociabilidade na contemporaneidade – focando na questão da ontologia do trabalho¹⁴, fundamentando suas argumentações essencialmente no pensamento de György Lukács.

Semeghini (2009) também se respalda nos estudos de György Lukács e sua abordagem do ser social, ilustrando que se trata de uma grande colaboração para uma reflexão filosófica no que tange à categoria trabalho, entendendo-a como um componente essencial que explica o homem e o processo social fundamentado pela ontologia.

É importante situar, conforme salienta Semeghini (2009), que ao trazer reflexões acerca do trabalho apoiado em Lukács, identificam-se três momentos fundamentais para que se possa compreender o ser social: o trabalho em seu caráter fundante do ser social; o trabalho e seu papel significativo na relação entre teleologia e causalidade¹⁵; e a questão da consciência que surge do processo de sociabilidade propiciada pelo trabalho, como um produto das relações estabelecidas pela práxis social. Nas teses centrais de Lukács, o trabalho é tido como a categoria mais importante em relação ao ser social, pois está centrada nas relações da vida em sociedade. Fundamentando com o enfoque na ontologia do ser social, o filósofo sustenta uma orientação que auxilia na compreensão da relação homem-natureza e as inúmeras formas existentes de sociabilidade, doravante do processo evolutivo sócio-histórico da sociedade (SEMEGHINI, 2009).

A abordagem de Lukács em relação ao trabalho faz com que a entendamos como atividade essencialmente humana. Lukács evidencia os relevantes aportes de Georg Hegel e Aristóteles para a questão da ontologia do ser social, contudo, para ele, a compreensão do

¹³ Através de uma perspectiva marxista e citando Marx (2011), De Castro (2018) compreende que “enquanto o trabalho útil-concreto é qualitativo e cria valores de uso necessários aos seres humanos para satisfazer socialmente as suas necessidades físicas e espirituais, o trabalho abstrato é pura e simplesmente, quantitativo, a substância e a grandeza do valor e produz mais-valia (valor excedente) para o capital”.

¹⁴ Segundo Antunes (2009, p. 22) “partindo dessas determinações ontológicas fundamentais, os indivíduos devem reproduzir sua existência por meio de funções primárias de mediações, estabelecidas entre eles e no intercâmbio e interação com a natureza, dadas pela ontologia singularmente humana do trabalho, pelo qual a autoprodução e a reprodução societal se desenvolvem”.

¹⁵ Teoria de Lukács (2018, p. 13-14) que faz compreender que “[...] enquanto, para ser preciso, a causalidade é um princípio de automovimento autoposto que preserva este seu caráter mesmo quando uma série causal tem seu ponto de partida em um ato de consciência, a teleologia, por sua essência, é uma categoria posta: todo processo teleológico implica uma posição de finalidade e com isso uma consciência que põe fins. Pôr não significa, por isso, nessa conexão, nenhuma elevar-à-consciência, como com outras categorias, sobretudo com a causalidade; ao contrário, a consciência inicia, com o ato de pôr um processo real, justamente o teleológico. O pôr tem, aqui, portanto, um inexorável caráter ontológico. A visão teleológica da natureza e da história significa, portanto, não simplesmente sua adequabilidade ao propósito, seu ser dirigido a uma finalidade, mas também que sua existência, seu movimento, seu processo, como um todo tanto quanto nos detalhes, tem de ter um artífice consciente [...]”.

trabalho como uma categoria humana e concreta foi realizado apenas por Karl Marx – que contribuiu grandemente para a compreensão do pensamento na fundamentação da práxis social. Então, para o autor, o homem só pode ser compreendido com base em sua ação, de sua atividade real e concreta – principalmente o trabalho. Lukács parte então da metodologia de Marx para buscar o seu entendimento acerca do ser social em seu caráter complexo, buscando no trabalho as formas de sociabilidade existentes. Então faz-se possível compreender o homem enquanto indivíduo e enquanto coletividade por meio do trabalho, diferenciando-o da natureza, fazendo-o o responsável pelo seu destino (SEMEGHINI, 2009).

Lukács, em respeito à essência do trabalho, se sustenta nas teorias de Marx para elucidar o que ele diz se tratar do surgimento central da ontologia do trabalho. Para o autor, o trabalho exprime a mudança do ser biológico para o ser social, tendo o seu meio na categoria teleológica – a capacidade de idealizar o projeto antes de colocá-lo em prática. O trabalho é uma categoria intermediária que propicia ontologicamente o avanço do que ele chama de formas pré-humanas para o ser social. O trabalho está no núcleo do processo de humanização do homem. Por intermédio do trabalho, o ser social cria as suas condições de reprodução (ANTUNES, 2009).

A subjetividade nesse processo é um importante elemento que constitui o mundo humano, sendo um componente social e não natural. As ações humanas cotidianas causais são atos orientados pela teleologia. A teleologia – própria do trabalho – faz entender que o universo tem uma finalidade – que seria a ordenação do Universo. É o que dá sentido ao ser atribuído pelo ser humano. Nesse sentido, o fim seria concebido como causa e como princípio. O homem é então orientado pela racionalidade. O trabalho seria o resultado que o ser social idealiza em sua mente (ANTUNES, 2009; SEMEGHINI, 2009).

Queiroz e Souza (2020) também fundamentam suas argumentações acerca da categoria trabalho nas teorias de Lukács e de Marx. Por essa ótica, o trabalho é compreendido como uma relação social que modifica a vida do homem e o lugar em que ele vive. Trazendo a perspectiva de David Harvey, os autores elucidam que o trabalho assegura ao homem a sobrevivência e sua evolução, transfigurando a natureza primitiva em construída. Dessa forma, o trabalho integra a sociedade, sendo também um motor que possibilita a reprodução e acumulação do sistema capitalista, sendo um elemento essencial para as transformações e desenvolvimentos que ocorrem na sociedade. As relações de trabalho evoluem e se modificam a depender do modo de produção que está em vigência. Contudo, desde a escravidão, a exploração da grande massa – dos trabalhadores – que produz valor é uma constante (QUEIROZ; SOUZA, 2020).

Antunes (2009) ao abordar o trabalho na modernidade, aponta que os componentes que constituem a crise estrutural do capital modificam de maneira acentuada os âmbitos socioeconômicos, políticos e ideológicos, impactando fortemente a classe que vive do trabalho. O modo de produção se transforma, passando a buscar por formas de acumulação flexibilizadas. O trabalho fundamentado no taylorismo e no fordismo – padrões que começaram a ser comprometidos no final de 1960 – era estruturado de forma homogênea e vertical. Na indústria massificada, a ação dos trabalhadores passa a ser mecanizada e repetitiva. O capitalismo se reorganiza – opondo-se ao poder que emerge das lutas de classe, buscando continuar detendo de um poder hegemônico – na medida em que passa a explorar a inteligência dos trabalhadores, com o pensamento de que assim esses seriam polivalentes e mais qualificados. Nesse período foram desenvolvidas tecnologias eletrônicas, sendo implantado o toyotismo, sendo um modelo caracterizado pela flexibilização da produção e na precarização dos direitos trabalhistas e das próprias condições de trabalho.

Percebe-se que o mundo do trabalho passa por transformações significativas, pois, entre outras questões, se torna em suma desregulamentado; os trabalhadores industriais perdem os seus direitos gradativamente; a força de trabalho humana se vê em condições precarizadas; o sindicalismo de classe é desmantelado; e a classe trabalhadora é fragmentada. O sistema toyotista reconfigura a exploração da mão de obra trabalhista, de maneira mais intensificada – mais-valia, termo conceituado por Marx em seu livro *O Capital* (1984), significando o trabalho que não é remunerado. Para Marx são dois os tipos de mais-valia, sendo eles: a absoluta em que o proprietário de uma fábrica eleva as horas de trabalho sem aumentar a remuneração, por exemplo; e a relativa, em que são feitos investimentos em tecnologias que diminuem o tempo de produção, concomitantemente elevando a produtividade do trabalhador, que não é remunerado pela elevação do contingente de produção. Nesse sentido, tem-se uma elevação nas horas extras trabalhadas; as empresas cada vez mais optam pela terceirização; passa-se a contratar pessoas por determinados períodos de tempo – trabalho temporário –, entre outras questões. A reestruturação da produção capitalista tem as suas bases em projetos neoliberais, assim, a sociedade ocidental passa a desenvolver técnicas que remetem ao toyotismo (ANTUNES, 2009).

Então, com a reorganização capitalista apoiada em ideais neoliberais, o sistema de dominação com a privatização do Estado, a desregulamentação de direitos garantidos ao trabalhador, a indústria se desenvolve através da precarização, da flexibilização e do trabalho terceirizado (ANTUNES, 2009; PEDROSO, 2015; SOUZA, 2018). Assim, Souza (2009, p. 52) entende que “as condições de exploração degradante e predatória do trabalhador pioraram

com as tecnologias na medida em que as empresas buscavam enxugar o processo produtivo e o seu quadro de funcionários, elevando ainda mais o número dos desempregados no país”.

Antunes (2009) utiliza-se da conceituação ‘classe-que-vive-do-trabalho’, expandindo em uma visão contemporânea o conceito de classe trabalhadora desenvolvido por Marx. Nesse sentido, o núcleo do trabalho seriam os trabalhadores produtivos – os que estão diretamente alocados nas linhas produtivas; o que produz de maneira direta a mais-valia – compreendendo também os trabalhadores improdutivos. A categoria classe trabalhadora, para Antunes (2009), engloba todos os que vendem a sua força de trabalho em troca de um salário.

Compreender o trabalho como uma categoria analítica é de suma importância para a assimilação do trabalho feminino na sociedade, questão que será abordada no tópico seguinte.

2.4 O trabalho para a mulher

Quando se fala em divisão sexual e social do trabalho, no decorrer da história – especialmente da sociedade capitalista –, as mulheres foram socialmente designadas para a manutenção do trabalho doméstico e reprodutivo e tudo o que estava relacionado aos cuidados do lar e da família (BADINTER, 1985; FRIEDAN, 2020; ENGELS, 2020). Engels (2020) acentua que a primeira maneira da divisão do trabalho por gênero foi a que colocou a mulher na função exclusiva de procriação e do cuidado de seus filhos, ocasionando uma primeira forma de opressão partindo do sexo masculino para o feminino. Nesse sentido, conforme Badinter (1985), a mulher precisava abrir mão de si mesma para cuidar dos filhos e da família, mesmo que necessitasse enfrentar dores e sofrimentos.

Friedan (2020) tenciona discussões em torno da falta da participação das mulheres na esfera pública, apresentando a existência de uma “mística” feminina que reduz a mulher à manutenção da casa. Nessa continuidade, faz-se relevante pontuar que o ideário da mulher dona de casa foi socialmente construído. A mulher, no decorrer da história, é ensinada a se portar como tal exercendo sua feminilidade. Esse ensinamento viria por meio da violência, como evidencia Federici (2019), e de maneira mais delgada como elucidado por Carvalho (2008), por meio de revistas e manuais produzidos para a mulher que funcionavam como material educativo que visavam à construção de uma boa dona de casa, preparando-as para o casamento; ensinando-as o artesanato, que era propagado como algo disciplinador, na medida em que a Igreja pregava que as mulheres deveriam sempre se manter com as mãos ocupadas para que não houvesse tempo para o surgimento de pensamentos profanos. Canclini (2008)

diz que através do ensinamento de técnicas manuais pregava-se que a felicidade feminina seria resultante de uma vida subordinada a uma devoção ao lar.

Para Federici (2019; 2021), a exploração do corpo feminino é intrínseca da lógica do sistema capitalista desde seus períodos iniciais. A autora elucida que a transição do sistema feudalista para o capitalista foi impiedosa com as mulheres, já que elas sofreram um processo degradante socialmente, que é entendido como essencial para a acumulação do capital, ainda visto nos dias atuais, designando a mulher para trabalhar em casa sem nenhum tipo de remuneração. No ponto de vista da autora, a caça às bruxas – perseguição de mulheres que descumpriam regras estipuladas pelo Estado pela Igreja, retirando delas toda sua autonomia – teria sido o grande causador da exclusão da participação de mulheres em várias instâncias da vida, como a participação na esfera pública, sendo esse um mecanismo importante para o alicerçamento do modelo acumulativo no início do sistema capitalista.

Antunes (2009) aborda a dualidade presente na inserção do contingente feminino no campo do trabalho. Nesse sentido, a entrada no mercado trabalhista significou para as mulheres uma emancipação parcial. Em contrapartida, o sistema capitalista introduz a força desse trabalho pautado na divisão sociossexual do trabalho, em que as mulheres trabalham, mas de maneira mais intensa, precária e explorada. Assim, o autor exemplifica essa questão, apresentando um caso específico que ocorreu no país Bangladesh na década de 1990, em que algumas grandes empresas de departamento exploravam o trabalho feminino na produção de vestuário, tendo em vista que as mulheres chegavam a trabalhar 60 horas semanalmente, possuindo como remuneração menos de 30 dólares por mês.

Em relação às distinções existentes entre os trabalhos realizados por gênero, destaca-se que os homens predominam o espaço de concepção do capital intensivo, e as mulheres em áreas que requerem menor qualificação, rotineiras e manuais de trabalho intensivo – o autor ainda apresenta outros recortes desta situação, quando diz que estes trabalhos, muitas vezes, são designados também para imigrantes e negros. Evidencia-se que a participação feminina na esfera do trabalho segue em elevação, contudo, a absorção dessa mão de obra é majoritariamente direcionada para o trabalho *part time* – em jornada parcial –, sem regulamentação, com desníveis salariais significativos em comparação por gênero, de forma terceirizada, muitas das vezes em situações precarizadas, e possuindo jornadas de trabalho mais elevadas. Outro apontamento importante elucidado pelo autor diz respeito aos salários pagos para homens e mulheres: mesmo desempenhando uma mesma função, os salários femininos tendem a ser inferiores quando comparados com os masculinos. Os direitos e condições de trabalho também são menos frequentes para as mulheres (ANTUNES, 2009).

Para Aguiar *et al.* (2020), o trabalho fora da casa passa a ser cada vez mais constante no cotidiano feminino, contudo muitas disparidades insistem em permanecer quando se faz uma comparação em relação aos homens. A jornada tramada pelas mulheres para saírem do lugar exclusivo do trabalho reprodutivo¹⁶ foi difícil, na medida em que a opressão sofrida pelo sexo feminino deixou sequelas que ainda são observadas na atualidade. A mulher avança, mas no geral, ainda não consegue igualdade em relação ao homem, no mercado de trabalho formal e principalmente no doméstico. Nessas disparidades, o salário pago às mulheres na maioria das vezes é inferior ao pago aos homens, mesmo desempenhando uma mesma função e possuindo o mesmo grau de qualificação. Importante salientar que movimentos sociais – essencialmente o feminista – propiciaram que mudanças ocorressem garantindo às mulheres melhores condições e geração de empregos (PROBST, 2013; AGUIAR *et al.*, 2020; SANTOS; DESTRO, 2020).

Ainda de acordo com Antunes (2009), a temática do trabalho pela ótica do gênero é acrescida com a problemática de classe. Assim, a mulher que trabalha, de maneira generalizada, precisa associar o trabalho produtivo com o dito reprodutivo – o trabalho de cuidado, de ser a responsável pela manutenção do espaço doméstico. Nessa articulação entre mundo do trabalho e do espaço doméstico, a mulher passa por uma dupla exploração pelo capitalismo na medida em que, além de ser parte da mão de obra industrial, a mesma, ao cuidar do trabalho doméstico, cria condições essenciais para a realização do trabalho de seus maridos e filhos, sendo essa considerada uma ação indispensável para o funcionamento do metabolismo social do capital.

Através do que fora exposto, compreende-se que, especialmente em relação ao gênero – mas também no tocante da classe –, nas atuações nos mundos do trabalho e da casa – da produção e reprodução – tem-se a fixação de “[...] uma construção social sexuada, onde os homens e as mulheres que trabalham são, desde a família e a escola, diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho [...]” (ANTUNES, 2009, p. 109). Nesse processo, o sistema capitalista usurpa da desigualdade estabelecida pela divisão sexual do trabalho. Ainda conforme elucidado pelo autor supracitado, a luta das mulheres para se livrar da enclausurada função reprodutiva é uma forma de resilir quanto às formas históricas e sociais da divisão estabelecida por gênero. Assim,

¹⁶ Melo e Castilho (2009) chamam de trabalho reprodutivo a realização de atividades de reprodução social sem remuneração.

[...] nesse domínio, a luta feminista emancipatória é pré-capitalista, encontra vigência sob o domínio do capital; será também pós-capitalista, pois o fim da sociedade de classes não significa direta e imediatamente o fim da opressão de gênero. Claro que o fim das formas de opressão de classe, se geradoras de uma forma societal autenticamente livre, autodeterminada e emancipada, possibilitará o aparecimento de condições histórico-sociais nunca anteriormente vistas, capazes de oferecer condicionantes sociais igualitários que permitam a verdadeira existência de subjetividades diferenciadas, livres e autônomas. Aqui, as diferenças de gênero tornam-se completamente distintas e autênticas, capazes por isso de possibilitar relações entre homens e mulheres verdadeiramente desprovidas das formas de opressão existentes nas mais distintas formas de sociedade de classes (ANTUNES, 2009, p. 110).

Para Fernandez (2018), essa hegemonia e privilégio de características comportamentais – razão, objetividade, vontade de poder, criações sociais sexuadas –, que em tradição são tidas como masculinas, na cultura da sociedade moderna ocidental, impele, no ponto de vista feminista, uma injustificável concepção que atribui às mulheres características ditas como femininas – a emoção, flexibilidade e subjetividade –, sendo estes elementos inferiorizados e marginalizados. Dessa forma, “[...] neste processo, que é a um tempo violento em suas consequências, porém sutil em seus meandros, as mulheres foram paulatinamente subjugadas e a sua capacidade de ação, cerceada” (FERNANDEZ, 2018, p. 562). Nessa lógica, para a mesma autora, tem-se destacado a importância da economia feminista que no campo social e econômico tem como objetivo indicar os efeitos da dissimetria – em termos de desiguais oportunidades de trabalho e na diferença de remuneração para pessoas que possuem uma mesma qualificação e desempenham uma mesma atividade – entre o homem e a mulher.

Ao estabelecer discussões em relação à divisão sexual do trabalho, na sociedade capitalista, a mulher foi construída como a essencial responsável pelo trabalho privado/reprodutivo e o homem pelo público. No trabalho privado, o fazer manual/artesanal era inicialmente compreendido como atividade doméstica. Essa temática será abordada a seguir.

2.5 A mulher e o trabalho artesanal

Antes de tudo, precisa-se destacar que as mulheres sempre trabalharam. No desenvolvimento da sociedade capitalista, como estuda Federici (2019; 2021), as mulheres passaram a ser destinadas para a manutenção de atividades domésticas sem possuir remuneração, estruturando um ditame próprio do capitalismo patriarcal, que ainda é vivenciado, apesar de se ajustar, na medida em que as mulheres resistem a essa ‘obrigação’.

Nesse contexto do desenvolvimento capitalista, os espaços construídos socialmente a partir de uma divisão por gênero fizeram com que o campo doméstico fosse feminino e o público masculino.

Conforme Biroli (2018), as atividades domésticas são consideradas como parte do repertório feminino, e as mulheres mais pobres – e sobretudo negras – vivem em função de sua manutenção. A construção social moderna da ‘mulher que cuida da casa’ atribui a ela características ditas naturais como a delicadeza e aos homens caracterizações como a razão. Nesse aspecto, a mulher foi levada a acreditar que o seu mundo seria a sua casa (FRIEDAN, 2020). Essas representações são produzidas pela sociedade e reproduzidas através da educação e da manutenção dessa dita tradição em meio às novas gerações. Apesar de muito importante, o trabalho feminino era invisível (PERROT, 2013). Por muito tempo as mulheres foram excluídas de cargos que lhes assegurassem reconhecimento social. As ocupações femininas foram continuamente aquelas ligadas ao domicílio, como: a culinária, a tecelagem, a costura, fiação e produção de renda, ou seja, desempenhavam papéis que foram tradicionalmente designados à figura feminina. Para as mulheres mais pobres não existia outra escolha: precisavam se sustentar para subsistir (FIGUEIREDO, 2004).

No que tange ao trabalho com o artesanato têxtil, em um contexto histórico, desde a chegada do ofício tecelão ao Brasil no século XVIII, mulheres de todas as etnias, escravas e livres, pertencentes a classes sociais diferentes, passaram a deter do trabalho de fiar e tecer, não só para si mesmas, ou para vestir suas famílias – as produções eram também direcionadas para a população da província. Esse fato fez com que as mesmas contribuíssem para a manutenção de seus lares e ajudou na geração de riquezas para a província. Na Inglaterra, a abrangência feminina com a produção têxtil rapidamente foi introduzida ao mercado capitalista, colocando as mulheres para trabalhar em fábricas têxteis. O mesmo ocorreu em outras localidades, como no Brasil. Nas mais variadas fábricas têxteis dispostas no Brasil no século XIX, com destaque para as de Minas Gerais, a mão de obra feminina era constante (GONÇALVES; LIMA, 2012).

Nos últimos anos do século XIX, o Brasil passou por um processo de modernização, ocasionando transformações socioeconômicas, em que foi desenvolvido um novo perfil de população, principalmente com a participação da mulher no campo do trabalho. Com a industrialização, a mão de obra feminina foi absolvida por indústrias, principalmente de setores oriundos do espaço doméstico, como a fiação e a tecelagem. As mulheres foram alocadas ao espaço público, contudo, eram empregadas por motivos como: os valores pagos eram menores em relação ao homem; eram consideradas delicadas para o manuseio de

determinados objetos; eram vistas como submissas, dentre outras questões atribuídas ao gênero feminino. As atividades desenvolvidas por mulheres começaram a ser desvalorizadas, tanto em relação à remuneração quanto ao prestígio social. Os salários eram baixos, a rotina árdua, e muitas mulheres possuíam uma elevada carga de trabalho, chegando a trabalhar até 14 horas por dia. Contudo, até meados da década de 1960, as mulheres eram destinadas à manutenção doméstica, essa tarefa sendo-lhes atribuída como a prioridade de suas vidas (MATOS; BORELLI, 2012).

Alves e Cunha (2009) utilizam como fonte de análise o livro de regras de costura da SINGER¹⁷, sendo essa uma fonte histórica documental que auxilia no entendimento acerca da questão da mulher e do trabalho que elas realizam em esfera privada no ambiente doméstico, suscitando uma discussão que permeia aspectos da família e da divisão do trabalho entre os gêneros. Através dessa fonte é elucidado que as modificações que ocorreram na sociedade e consequentemente no interior das famílias – na medida em que, na sociedade moderna, as famílias passam a ser predominantemente conjugais e nucleares, ou seja, compostas por pai, mãe e filho – a configuração dessa família passa a ser caracterizada pela hierarquia de gênero, ocasionando na divisão de tarefas entre homens e mulheres.

Nessa perspectiva, a figura feminina foi relegada para a função de manter o espaço privado, possuindo como atribuições as tarefas que eram voltadas para a família – como a costura, o bordado, a tecelagem, entre outras questões –, enquanto o homem possuía o encargo de ser o provedor, quem gerenciava o espaço público. A casa, para muitas mulheres, poderia representar também o seu local de trabalho. Conforme citado pelos autores, em lares chefiados por mulheres, a costura, por exemplo, que era uma atividade ensinada às mulheres desde quando eram crianças, poderia ser a única atividade remunerada que mantinha toda a família. Dessa forma, o trabalho remunerado feito em casa foi e é uma realidade para mulheres mais pobres. O cotidiano feminino nesse contexto é demarcado por uma dupla – ou até tripla – jornada de trabalho, ao associarem o trabalho doméstico com funções remuneradas (ALVES; CUNHA, 2009).

A mulher, com o passar dos tempos, começou a ocupar o espaço público, e a participação em pequenos negócios comerciais como quitandas e vendas começou a ser uma constata. Outra constante foi o trabalho como ambulante nas ruas na comercialização de flores, entre outras coisas. As mulheres começaram, então, a buscar por alternativas para aquisição de suas rendas. Nesse aspecto, o trabalho domiciliar era uma possibilidade, mas

¹⁷ Grande empresa estadunidense que comercializa máquinas de costura.

agora possuindo remuneração. A remuneração advinda do trabalho domiciliar era baixa, mas possibilitava que a mulher conciliasse os trabalhos remunerados com a manutenção do espaço e com o cuidado de seus dependentes (MATOS; BORELLI, 2012). Apesar de desvalorizado, o trabalho no domicílio era muito importante:

Mesmo pouco visível (nas sombras), um número expressivo de mulheres trabalhava dessa maneira, particularmente nos chamados trabalhos “de agulha”. A qualificação da mão de obra era feita através do processo de socialização e da educação, ou seja, as mulheres utilizavam no trabalho habilidades apreendidas com outras mulheres ao longo de suas vidas. Destreza, rapidez, repetição e precisão eram elementos importantes para a execução de bordados e rendas, costura, tricô, crochê [...]. Muitas dessas ocupações eram passadas de geração a geração (MATOS; BORELLI, 2012, p. 64).

A partir do século XX, com a aceleração do desenvolvimento econômico e com o processo de industrialização e urbanização, muito se modificou no Brasil e novas oportunidades de trabalho surgiram. Nesse aspecto, o trabalho possibilitou que muitas mulheres rompessem com a ideia de que só poderiam trabalhar em âmbito doméstico. A mulher “[...] já não é mais a pobre coitada do imaginário de décadas atrás. Tudo isso contribuiu para a emancipação feminina que se intensificaria nas décadas seguintes” (PINSKY, 2012, p. 245).

A revolução de gênero foi considerada a mudança social mais importante do século XX. As organizações, a educação e os sistemas políticos tornaram-se cada vez mais importantes na vida moderna, enquanto o poder relativo da família está em declínio – um domínio privado patriarcal onde, historicamente, os homens governavam. A participação das mulheres em mais instituições públicas aumentou o que promoveu uma revolução de gênero. Nesse aspecto, quando casados, os parceiros precisam cada vez mais encontrar um equilíbrio entre os salários fixos e responsabilidades familiares, que é a mudança fundamental. O fato de ambas as partes precisarem de um trabalho seguro e significativo teve um grande impacto sobre como a vida familiar deveria ser organizada. Mudanças estão ocorrendo, mas as mulheres ainda são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico. Essa tarefa ainda é desigualmente distribuída por sexo (BIROLI, 2018; GUPPY; SAKUMOTO; WILKES, 2019).

Dentro desse contexto que analisa o trabalho doméstico, os fazeres manuais, assim como a prática do artesanato têxtil, por um longo período, foram atividades executadas em âmbito doméstico. Historicamente, as mulheres foram as responsáveis pela manutenção do espaço privado, sendo estas as responsáveis pelo feitiço de artigos artesanais têxteis. Numa

conjuntura atual, Guppy, Sakumoto e Wilkes (2019), elucidam que a atividade doméstica ainda é realizada primordialmente por mulheres. Black, Miller e Leslie (2019), reforçam essa afirmativa ao ilustrarem que o trabalho artesanal têxtil ainda é determinado através da divisão de gênero e produzido na esfera doméstica. Nesse aspecto, as mulheres artesãs enfrentam muitos problemas em várias questões, seja para fomentar sua renda ou para conseguir sustentar e manter os seus locais de trabalho – que, em muitos dos casos, é a própria casa. Trabalhar em casa apresenta desafios singulares na vida de mulheres artesãs. Ao mesmo tempo em que fabricam o seu artesanato, ou seja, sua fonte de renda, as mesmas precisam ocupar-se dos cuidados com a casa, filhos e dependentes. Nesse aspecto, o trabalho em casa, para muitas mulheres, é uma questão de necessidade (BLACK; MILLER; LESLIE, 2019).

Conforme apontado por Barbosa e D'Ávila (2014), o tema relacionado à mulher artesã se correlaciona com o estudo do artesanato e do gênero. Nesse sentido, as autoras destacam que o artesanato faz parte da cultura material de uma determinada localidade, estando presente em todos os lugares e fazendo parte da cultura de todos os países do mundo, cada qual com suas especificidades. O fazer artesanal se correlaciona e ajuda a contar a história da própria humanidade, pois desde os períodos mais remotos se encontram vestígios da presença de objetos feitos a mão. Dessa forma, entende-se que o artesanato se tornou uma alternativa para que se pudesse adquirir renda. O artesanato possui diversas importâncias, das quais em:

Um cotidiano vivido com habilidade pode representar o êxito das táticas de resistência tão necessário para superar regimes opressivos e desiguais. É, ainda, reconhecido como um ofício feminino, uma abordagem que está relacionada à questão da divisão sexual do trabalho decorrente das relações sociais entre os sexos estabelecidas historicamente. Movimenta a economia gerando empregos diretos e indiretos, incrementa o turismo e o comércio. Finalmente, pode agregar aspectos como desenvolvimento cognitivo, psicológico, político e econômico, tão determinantes para o 'empoderamento' individual e coletivo [...] (BARBOSA; D'ÁVILA, 2014, p. 150).

Nas pesquisas de Silva (2015), que investiga o trabalho feminino a partir das histórias de vida de mulheres artesãs, é percebido que os relatos acerca da maneira como se aprende o ofício artesanal são parecidos nas falas das mulheres entrevistadas, e delineiam o percurso de vida das mesmas. Nesse contexto, grande parte das mulheres participantes de tal pesquisa relatou que os conhecimentos referentes às técnicas artesanais são advindos da família e assimilados durante a infância, dentro do espaço doméstico, relacionado a tradições e relações familiares, tendo a figura feminina a responsabilidade pela manutenção dessa atividade. Assim, o artesanato para essas mulheres é importante por viabilizar o trabalho feminino.

Importante situar que, no artesanato têxtil enquanto um trabalho na sociedade contemporânea, existem relações entre o trabalho tradicional com o informal e com o sistema da economia formal – uma vez que os produtores de artesanato, no geral, revendem seus produtos para lojistas e vendedores. Assim, têm-se relacionados o trabalho realizado em domicílio de maneira informal com o sistema capitalista formal. Nessa circunstância, a ação do mercado consumidor se volta para o processo de tornar o produto artesanal em mercadoria (KELLER, 2011; 2014). O artesanato passa então por transformações, seja na maneira de produzir, na aquisição de matéria-prima, na produção manufaturada, nos modos de comercialização – que o integram ao sistema capitalista, mas em muitos em casos, não perdem sua característica tradicional –, no tipo de padronagem, desenhos, entre outras questões. Entretanto, como elucidado por Keller (2011), em comunidades em que há presença de artesanato tradicional, a precariedade tanto de condições trabalhistas quanto de modo de viver ainda permanecem, e os artesãos seguem trabalhando de maneira informal, não possuindo acesso a direitos sociais. Para o autor:

O trabalho artesanal é um fenômeno sociocultural e econômico presente na sociedade contemporânea. Uma atividade produtiva de valor social, cultural econômico exercida em geral de forma informal por grupos de produção espalhados por todo o Brasil e pela América Latina, grupos marcados por relações de família e de vizinhança, formados, em sua grande parte, por mulheres de baixa renda. [...] As principais mudanças do artesanato na sociedade contemporânea estão ligadas aos processos de mercadorização do produto artesanal e internacionalização da venda de artesanato. [...] A produção artesanal no mundo contemporâneo está imersa em relações de produção, de comercialização e de consumo capitalistas (KELLER, 2014, p. 3-4).

Nas últimas décadas vem-se destacando que os trabalhos relativos a economias criativas, como a indústria do artesanato, em muitos casos apresentam níveis de precariedade. Salienta-se também que o trabalho com artesanato ainda é definido majoritariamente pela divisão de gênero. As mulheres ainda são as mais ligadas na atividade, e ao trabalharem nos domicílios enfrentam situações difíceis, uma vez que precisam ocupar-se da realização dos afazeres domésticos, do cuidado com os filhos e demais dependentes, para além de produzir sua fonte de renda dentro do mesmo ambiente (BLACK; MILLER; LESLIE, 2019).

Ao entender o artesanato têxtil como atividade essencialmente feminina realizada no espaço doméstico, faz-se importante pontuar acerca do trabalho artesanal na vida cotidiana, entendendo que na realização de uma mesma atividade existem motivações e finalidades distintas. Essa circunstância será abordada na seção seguinte.

2.6 O cotidiano e o trabalho artesanal¹⁸

É importante salientar que o objetivo aqui não é o de se debruçar sobre a categoria ‘cotidiano’, mas faz-se importante situar qual o entendimento que se tem acerca da mesma. A compreensão a respeito do que se entende por cotidiano é complexa e vai muito além das definições atribuídas pelo senso comum. O cotidiano vem sendo estudado por muitos autores em diferentes óticas teóricas. Nessa pesquisa, optou-se por ter como base a conceituação fundamentada por Lave (1988). A autora interpreta o cotidiano com complexidade e versatilidade, considerando que ele se manifesta em diferentes contextos, por diferentes grupos, de maneira dinâmica e consciente. Por essa lente, tem-se o entendimento de que na aparência as pessoas possuem formas semelhantes de ações, contudo, toda prática é individual, ao passo que estará correlacionada com a individualidade deste e também com sua relação com suas redes sociais, com o meio e com si mesmo.

Silva e Bifano (2014, n.p.), ao se apropriarem da conceituação de Lave (1988), compreendem que o cotidiano é “dinâmico, contextual, situado e individual”. Assim, pode-se entender que ações cotidianas são similares apenas na aparência. Nessa perspectiva, o fazer artesanal pode ser entendido como um ofício cotidiano para as pessoas que o executam como forma de trabalho. Analisar o cotidiano de indivíduos que trabalham com o artesanato faz com que seja possível entender as dinâmicas e particularidades da atividade. A maneira como as atividades artesanais são organizadas possuem caracterizações – e vivências – distintas e estas irão variar dependendo do contexto a qual está inserido (SILVA; BIFANO, 2014).

Nessa continuidade, Lave (1988) elucida que o universo cotidiano é formado por ações de pessoas em ciclos rotineiros de atividades, feitas no dia, na semana, e assim sucessivamente. Como aponta Bifano (1999) citada por Silva e Bifano (2014), esses ciclos ordinários, ou atividades tidas como habituais e que exigem certa rotina, podem ser entendidos pelos indivíduos como ações repetitivas e praticamente iguais. Por mais que uma determinada atividade seja compreendida como idêntica, será sempre diferente dependendo de quem a faz e a situação a qual está inserida. As atividades são diferentes, e gerarão experiências distintas, pois o indivíduo está agindo.

A compreensão de que as atividades realizadas no cotidiano são meros ofícios rotineiros pode ser discutida pois quando se observa de modo central a realização de uma atividade, assimila-se que é realizada por “improvisações complexas”. A definição de uma

¹⁸ A presente seção foi redigida após a publicação deste artigo.

atividade como rotineira impele nos indivíduos a sensação de que suas práticas são semelhantes e repetitivas. Uma atividade, mesmo assimilada como igual, sempre será distinta a depender do contexto, pois “[...] esse desdobramento da atividade cotidianamente é um processo aberto e a sua reprodução no tempo, uma produção” (BIFANO, 2015, p. 188). Assim, entende-se que:

A pessoa agindo é, na verdade, um fenômeno de alcances múltiplos que produz campos de ação que, por sua vez, suportam a geração de tipos particulares de experiência. A própria atividade que se desenrola naquele determinado momento ajuda a reproduzir o campo da atividade que a rodeia; a ação e a reprodução da atividade no ambiente são duas partes do mesmo processo. A atividade cotidiana é sempre o produto e a reflexão de relações múltiplas – de valores e crenças, de pessoas umas com as outras e das condições de produção e reprodução da atividade no tempo (BIFANO, 2015, p. 189).

Ao citar Lave (1991 [1988]), Bifano (2015) complementa que uma atividade é realizada de maneira distinta a depender da ocasião. Então, ao analisar uma atividade cotidiana em uma situação específica, podem-se encontrar resultados variados, na medida em que eles são formados pela atividade, podendo ser executada de maneira semelhante, modificada e transformada, a partir dos modos de interatividade entre a pessoa, o ambiente e o produto. Assim, um indivíduo ou núcleo familiar “[...] se estrutura e estrutura seus processos decisórios a partir das prioridades elencadas pelo grupo [...]” (BIFANO, 2015, p. 190).

Ainda, Lave (2015) auxilia na compreensão de que na prática social todas as atividades estão localizadas nas relações interpessoais, entre contextos e práticas. Nesse sentido, entende-se que a aprendizagem está circundada por práticas culturais complexas que se alteram ao longo do processo histórico. Dessa maneira, tem-se a ideia de que os artefatos são produzidos com intermédio das relações que se sucedem, sendo então produção cultural. Ademais, a aprendizagem é realizada pelos aprendizes que aprendem o que já estão fazendo. Os aprendizes e a aprendizagem são então situados. O processo da aprendizagem na prática é construído por “[...] participantes em movimento através e lidando com, e por entre os contextos dos quais eles participam, contextos que funcionam para influenciar, cindir e conectar, ou ao contrário para moldar, na sua vida cotidiana” (LAVE, 2015, p. 42).

Em relação à prática do trabalho artesanal, como observado por Silva (2014), o artesanato é uma das mais antigas maneiras de organização do trabalho, sendo, desde os primórdios de sua iniciação, compreendido como uma atividade humana realizada através da transformação da natureza em objetos carregados de simbologias atreladas a questões sociais

decorrentes do cotidiano individual de cada artesão. Por meio das modificações ocasionadas na sociedade em decorrência dos avanços tecnológicos – podendo-se acrescer a isso o surgimento e consolidação de políticas neoliberais, como salienta Souza (2018; 2021) –, a maneira de produção artesanal também é modificada, contudo, segue sendo uma atividade que gera sociabilidade, sendo também uma atividade – nos mais diversos segmentos – que gera oportunidade de trabalho e que fomenta a renda de muitas famílias.

Como essa pesquisa é desenvolvida com foco na produção do artesanato têxtil por mulheres de uma localidade definida, apoia-se em Anabor (2020), que através de uma pesquisa empírica com artesãs de uma localidade específica analisa o cotidiano dessas mulheres, observando que, por conta das diversas instâncias que permeiam a vida, a rotina destas se faz continuamente repetitiva. No contexto do artesanato desenvolvido na sociedade contemporânea, o trabalho é realizado, em suma, de forma terceirizada na informalidade. Dessa forma, a responsabilidade pela manutenção de suas atividades e de suas vidas é designada de forma exclusiva às artesãs – como elucida Beck em relação ao campo do trabalho de forma geral na sociedade moderna ou, como conceituado pelo autor, na sociedade de risco (1986). As artesãs são então, na maioria das vezes, as únicas responsáveis por suas vidas e precisam trabalhar por longas jornadas, necessitando desempenhar a manutenção das atividades atreladas à família – atividades domésticas e de cuidado – e da atividade remunerada.

As mulheres artesãs desempenham de forma cotidiana atividades que demonstram de forma clara essa divisão sexual do trabalho, pois nas ocupações artesanais – especialmente nas têxteis – a presença feminina é historicamente constante. Ademais, no espaço doméstico, elas seguem sendo as principais responsáveis pela manutenção das atividades diárias e do cuidado dos filhos (BARBOSA; D'ÁVILA, 2014).

Essa questão da divisão sexual do trabalho – que no percurso histórico, através da forma como a sociedade capitalista se organiza, fez com que as mulheres fossem destinadas ao trabalho reprodutivo no espaço privado, ao passo que aos homens eram destinados ao espaço público – é relevante para a discussão na medida em que essa continuidade das mulheres seguirem sendo maioria no desenvolvimento das atividades do lar gera impactos na maneira como as mulheres organizam suas rotinas (ANABOR, 2020). Assim, como argumentam Barbosa e D'ávila (2014), a divisão sexual do trabalho é constituída por aspectos históricos, que ainda persistem, definidos por uma relação hierarquizada entre homens e mulheres, refletindo em como estes vivem e vivenciam seus trabalhos.

Ainda segundo Anabor (2020), as controvérsias que marcam a esfera do trabalho no capitalismo foram observadas através das entrevistas realizadas pela autora. Assim, o trabalho informal, que é entendido como autônomo pelas artesãs, na realidade funciona de forma contrária, pois a organização do tempo das artesãs é estabelecida pelo trabalho, cessando em muitos dos casos a liberdade dessas trabalhadoras. Dessa forma, o trabalho está presente até mesmo nos horários destinados ao descanso, sendo a feitura artesanal têxtil muitas vezes entendida como uma prática de lazer, não havendo uma clara delimitação entre o que é trabalho e o que não é.

Então, o cotidiano das mulheres artesãs é entendido como sobrecarregado por precisarem manter as instâncias supracitadas. Sendo assim, as artesãs precisam ter criatividade para que todas as atividades sejam realizadas. Essa sobrecarga de ocupações é muitas vezes assimilada por essas mulheres como algo natural, aprendida e vivenciada ainda na infância – tanto em relação ao artesanato quanto na execução das atividades domésticas. Na infância, as filhas auxiliam suas mães na realização das tarefas domésticas, sendo ensinadas a serem “boas donas de casa” (BARBOSA; D’ÁVILA, 2014).

Nessa circunstância, como apontam Akilandeewari e Pitchai (2018), a carga de trabalho de uma artesã que trabalha no próprio domicílio é muito elevada, e muitas mulheres chegam a trabalhar até 16 horas por dia. Uma maneira de contornar essas problemáticas seria a inserção de artesãs em entidades de economia solidária, conjuntura que será tencionada no tópico posterior.

2.7 Cooperativas e Associações: um mecanismo de fomentação de renda

No contexto contemporâneo do trabalho relativo a ofícios artesanais no cotidiano da mulher, a inserção de artesãs têxteis – essencialmente em comunidades que produzem um artesanato com bases tradicionais – em associações e/ou cooperativas vem sendo destacada por muitos autores. Dentro de um contexto mais geral acerca do cooperativismo, o sistema resulta em uma economia solidária, possuindo tamanha importância, pois não apenas auxilia na geração de renda, mas, principalmente, insere e integra as pessoas participantes no mercado consumidor. Singer (2008) afere a economia solidária essa importância, pois, segundo ele, a mesma não se limita ao campo econômico, mas também atua na geração de sociabilidade, gerando por consequência uma melhoria na qualidade de vida dos membros que contribuem entre si. As formas de economia solidária e organização social, segundo Possatti e

Dewes (2014), são produzidas e reproduzidas na configuração de cooperação e assistência mútua, gerando uma economia baseada na união.

Nas últimas duas décadas esses experimentos relacionados à economia solidária adquiriram conhecimentos inovadores aplicados nos campos da produção, sociedade e meio ambiente. Muitas experiências foram fortalecidas, e essa nova forma de produção e de sociabilidade surgiu entre seus membros. Os membros de cooperativas se engajam na participação democrática direta na vida cotidiana, promovendo uma nova maneira de socialização e de produção. Em todo o mundo, é crucial buscar a sobrevivência e buscar novas formas de experiência e educação coletivas. Homens e mulheres ‘simples’ estão formando uma nova interação social baseada nas formas objetivas de produção e geração de renda e na disseminação de novos valores culturais, sociais e ambientais (MORAIS *et al.*, 2011).

O cooperativismo, no Brasil, ainda é uma prática relativamente recente. Entretanto, alguns pesquisadores vêm destacando a importância da temática supracitada no contexto do artesanato. Sereno e Keller (2017) e Pereira (2019), desenvolveram seus trabalhos guiados por essa ótica teórica, apresentando os benefícios e as barreiras que a ação cooperada enfrenta na economia do artesanato, especificando que tal sistema possui grande importância no que diz respeito à geração e melhoria de renda e qualidade de vida de comunidades, singularmente das mulheres, em uma circunstância socioeconômica hegemônica do país, que possui como marca o fato de ser desigual, em especial, no que concerne ao gênero. Muitas cooperativas artesanais surgem através da correlação existente entre a sociedade civil organizada e o poder público, como uma possibilidade de geração de emprego e renda, desenvolvendo ações que incluem de maneira direta artesãs no mercado de trabalho.

Conforme já mensurado, numa perspectiva contemporânea acerca do trabalho artesanal, alguns pesquisadores analisam esse fenômeno com foco na economia solidária, evidenciando os impactos gerados na vida de artesãs que participam de associações ou cooperativas. Nesse aspecto, Akilandeswari e Pitchai (2018) e Shah e Patel (2018) elencam que muitas vezes o fazer artesanal está associado à economia solidária, gerando ingerências sociais e econômicas, especialmente no cotidiano de mulheres artesãs – na medida em que o trabalho dessas é potencializado. Através da participação em entidades de economia solidária, muitas mulheres elevam suas rendas e são capazes de sustentar economicamente suas famílias. Nesse aspecto de aferição de renda para mulheres artesãs, destaca-se que órgãos governamentais são importantes na geração de políticas públicas que possibilitam o desenvolvimento e manutenção destes espaços.

De acordo com Shah e Patel (2018), o princípio da cooperação é tão antigo quanto a civilização humana. Entidades de economia solidária são elucidadas como uma das melhores formas de organização empresarial, especialmente para a parte mais frágil da sociedade, pois se baseia no princípio de cooperação e não na concorrência. Tais entidades trabalham com o valor da ajuda mútua e do bem-estar de quem a integra. O artesanato, em especial o têxtil, também está presente na sociedade desde os primórdios da existência humana e tornou-se uma parte inseparável do estilo de vida do homem. Entretanto, o fazer artesanal tem mudado de acordo com o passar do tempo, sendo executado por motivações distintas, principalmente para serem comercializados (SHAH; PATEL, 2018).

Nos sistemas industriais o trabalho remunerado realizado dentro do domicílio é um dos que possuem menos regulamentações. Muitas das mulheres que se encontram neste tipo de trabalho possuem motivos específicos para permanecer no mesmo, sendo geralmente por necessidade, pelo artesanato ser um ofício de tradição sociocultural, por ser a atividade que sabem e que aprenderam a executar, entre outras questões. As entidades de economia solidária surgem para auxiliar essas mulheres na produção, manutenção e aquisição de renda através de seus trabalhos. Nesse aspecto, evidencia-se que cooperativas, por exemplo, precisam seguir um conjunto de valores e princípios para apoiar a natureza social, sendo focadas nas pessoas e em suas atividades. Nesse sentido, ONGs – Organizações não Governamentais – devem cumprir um papel de ajudar trabalhadoras domésticas a formarem cooperativas. Tais cooperativas precisam auxiliar no fornecimento de matéria-prima, garantindo pagamentos adequados e providenciando crédito e apoio no desenvolvimento do projeto. Instituições governamentais ou organizações voluntárias de assistência social devem se apresentar para reduzir a exploração de mulheres neste tipo de trabalho (AKILANDEESWARI; PITCHAI, 2018).

Na sociedade contemporânea, o artesanato tradicional muitas vezes é submetido a processos que o modificam em consequência da industrialização, da globalização e do advento de novas tecnologias, que modificam a maneira em que o mesmo é produzido. Nesse contexto, muitos artesãos deixam a sua ocupação tradicional para se adaptarem ao novo cenário¹⁹. Os artesãos por si só não são fortes o suficiente para lutar nesse mercado competitivo, onde produtos substitutos e mais baratos feitos com máquinas estão facilmente disponíveis e grandes empresas e investidores estrangeiros prenderam todo o mercado. Nessas circunstâncias, as iniciativas com cunho social podem ser mecanismos que auxiliam esses

¹⁹ Cenário em que o artesanato se insere no sistema capitalista, sendo muitas vezes produzido de maneira manufaturada. Assim, o artesanato na contemporaneidade está inserido entre o tradicional e o moderno.

artesãos, protegendo seus interesses econômicos e a manutenção do artesanato tradicional. Essas iniciativas podem auxiliar na produtividade e na comercialização dos produtos artesanais e, além disso, podem proteger seus membros contra a exploração de seus trabalhos. Nesse sentido, poder-se-á desenvolver nos membros inseridos autoconfiança, cooperação e respeito mútuo mas, para tal, precisam ser gerenciadas com eficiência. Precisa haver descentralização do poder e da democracia na tomada de decisões (SHAH; PATEL, 2018).

Além dos impactos já citados, entidades de economia solidária podem desempenhar um papel pedagógico, em que cursos e treinamentos podem ser ofertados aos membros, apresentando projetos e inovações mais recentes compatíveis com os mercados contemporâneos, aliadas à tradicionalidade do fazer artesanal. Portanto, pode haver equilíbrio entre dois extremos – práticas convencionais e avanços tecnológicos. Assim, a originalidade e a configuração visual do artesanato podem ser preservadas e sustentadas sem comprometer as demandas dos mercados contemporâneos. Além disso, as cooperativas de mulheres podem oferecer uma boa plataforma para as artesãs envolvidas em práticas manuais, para que as produções dessas mulheres sejam canalizadas de maneira lucrativa e motivacional. Nessa perspectiva, as cooperativas seriam locais que poderiam agir como mecanismos formadores e potencializadores do trabalho de suas associadas (SHAH; PATEL, 2018).

O artesanato na contemporaneidade enfrenta duas questões que o excluem: primeiro porque é constituído como um ofício que não se enquadrou na produção massificada contemporânea, por ser um trabalho manual produzido de maneira unitária. Segundo pois, no percurso histórico, o fazer manual fora uma tarefa principalmente feminina – como apontado no decorrer da pesquisa, profissões ditas femininas foram socialmente desvalorizadas em um contexto histórico – usado como forma de mantê-las atreladas ao espaço doméstico. Nesse aspecto, a mulher que trabalha com o artesanato precisa lidar diariamente com questões ideológicas que naturalizam sua prática como uma função feminina, ideologia essa que reproduz papéis sociais, segregando por gênero e mantendo situações de desigualdade. É nesse contexto que o empoderamento do trabalho feminino representa uma forma de ascender socialmente, ao possibilitar que mulheres entendam a relevância de suas aptidões, viabilizando comportamentos para produção, criação e gestão – termos que qualificam o empoderamento e que estão presentes no desenvolvimento de técnicas artesanais (CARVALHO, 2008; BARBOSA; D'ÁVILA, 2014; LIND, 2020).

Ressalta-se que o empoderamento do trabalho feminino no artesanato é fortificado através dos conceitos de cooperativismo, entendendo que tal processo pode ser auxiliado pela criação/manutenção de cooperativas/associações, que são uma poderosa força econômica e

social, presente na maioria dos países do mundo e na maioria dos setores da economia. Muitas cooperativas estão apoiando a participação econômica das mulheres, surgindo com intuito de promover a autonomia do trabalho feminino. O modelo cooperativo é adequado para promover a participação econômica das mulheres de três maneiras principais: aumentando o acesso ao emprego e ao trabalho; possibilitando a democracia, aumentando a experiência de liderança e de gestão; e dando voz igual nos processos de tomada de decisão (AKILANDEESWARI; PITCHAI, 2018).

2.8 Considerações finais

Através das referências consultadas, compreende-se que o trabalho é uma categoria exclusivamente humana. O trabalho artesanal, em uma perspectiva ontológica, é detentor de signos e sentidos distintos para determinados grupos de artesãos – especialmente quando se trata do trabalho feminino, na medida em que é transmitido através de gerações, sendo uma atividade aprendida ainda na infância, e podendo ser compreendido como uma ação estabelecida com a finalidade de se rememorar o passado –, tendo essas significações influenciadas pela temporalidade e espaço inserido. Por outro lado, o trabalho artesanal também é compreendido enquanto categoria emprego, na medida em que possui importâncias socioeconômicas em relação à sua potencialidade de geração de renda para muitas pessoas em diversas comunidades do país, essencialmente para as mulheres, que no decorrer histórico foram as principais responsáveis pela manutenção de atividades artesanais. Ainda, é importante ressaltar que, ao tramar análises em torno das vivências cotidianas na práxis artesanal, compreende-se que a manutenção dessa atividade se dá por motivações e finalidades distintas. Nesse sentido, ainda que esteja sendo realizada uma mesma atividade, tal prática será individual e contextual, a partir da ação humana.

No sentido elencado no parágrafo anterior, é sabido que o artesanato está presente no cotidiano da mulher há muito tempo. A mulher, nas bases do capitalismo, foi atribuída à manutenção do trabalho dito reprodutivo no espaço privado, sendo essa uma atividade que era restritamente relegada à figura feminina. Se no passado trabalhar com artesanato era uma das únicas possibilidades de emprego para as mulheres, na atualidade, existem outras opções empregatícias, mas muitas mulheres continuam praticando ocupações ligadas ao setor artesanal, podendo se tratar ou não de uma escolha. Deve-se ainda salientar duas questões importantes: a primeira em relação ao artesanato como uma prática pedagógica que fazia parte dos ensinamentos das atribuições que uma mulher abastada precisava ter para ser considerada

boa para o casamento – nessa perspectiva, o artesanato era concebido por mulheres para que elas estivessem com as mãos sempre ocupadas e também para adornar a casa, numa ação conceituada por Carvalho (2008) como centrífuga em que a feminilidade da mulher, através do artesanato, era espalhada para todos os cantos da casa; a segunda diz respeito ao artesanato já enquanto profissão, assimilado por mulheres de classes inferiores, como uma forma de adquirir renda.

Num contexto atual, muitas mulheres veem no artesanato uma maneira de adquirir suas rendas. Esse fato pode estar associado a questões ligadas à divisão social e sexual do trabalho, na medida em que a força de trabalho feminina foi inserida no mundo em condições diferentes da masculina. Assim, de maneira geral, as mulheres foram e são alocadas em profissões feminilizadas; recebem salários inferiores aos dos homens mesmo quando exercem uma mesma função; possuem dupla e até tripla jornada de trabalho, já que ainda são as principais responsáveis pela manutenção do espaço privado; são majoritariamente alocadas a subempregos e representam boa parcela da população desempregada no Brasil. Nesse aspecto, como pontua Saffioti (2013) que características de gênero e raciais – grupos vulneráveis e minoritários – são marcas sociais que segregam e demarcam posições na sociedade, sendo tais grupos compreendidos como mão de obra disponível e barata para o trabalho.

Nessa ótica, o trabalho com artesanato pode ser assimilado como uma oportunidade de contornar os obstáculos citados, tornando-se uma opção viável que garante o sustento de muitas famílias. Por outro lado, em comunidades específicas, atividades artesanais são práticas ensinadas para as mulheres desde a infância, tornando-se um trabalho em que elas passam a ter amplo domínio. Por esse ângulo, o artesanato seria compreendido como uma possibilidade de emprego para as mulheres por elas dominarem as técnicas. Em um terceiro ponto de vista, o artesanato pode ser escolhido como uma profissão por mulheres por ser uma atividade que pode ser realizada em casa, onde os tempos para produção são escolhidos por elas. Contudo, o trabalho artesanal em suma é caracterizado pela informalidade, e quando realizado dentro do próprio domicílio, possui pouca ou nenhuma garantia no que diz respeito aos direitos trabalhistas. Dessa forma, ao trabalharem em seus lares – e também quando trabalham fora – as mulheres possuem uma carga de trabalho muito elevada, pois ainda são as principais responsáveis pela manutenção da casa e do cuidado, tornando difícil a conciliação com o trabalho remunerado.

Percebendo que, na manutenção do trabalho artesanal no contexto doméstico, as mulheres enfrentam essas situações difíceis, alguns autores elucidam que a inserção de artesãs

em entidades de economia solidária pode ser uma forma de auxiliar o trabalho das mesmas, gerando melhoria na aquisição de suas rendas, possibilitando a articulação de uma rede de sociabilidade e, principalmente, gerando o empoderamento do trabalho da mulher artesã.

Por fim, no que concerne a trabalhos futuros, acredita-se que seja interessante que sejam estabelecidas pesquisas de campo que tramem análises específicas acerca de cooperativas artesanais, especialmente em comunidades artesanais, para que seja possível gerar contribuições empíricas para a corrente teórica que estuda o artesanato por essa ótica, destacando como o trabalho cooperado impacta a própria técnica do artesanato e a ação de quem o faz.

2.9 Referências

AGUIAR, J. A. R. de. *et al.* A mulher no mercado de trabalho. **Monumenta - Revista Científica Multidisciplinar UNIBF**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 22-34, 2020. Even3.

<http://dx.doi.org/10.29327/221823.1.1-3>. Disponível em:

<<https://revistaunibf.emnuvens.com.br/monumenta/article/view/4/3>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

AKILANDEESWARI, S. V.; PITCHAI, Dr. C. Cooperatives and the SDGs: Focus on gender equity and women's empowerment on handicraft industry. **GJRA: GLOBAL JOURNAL FOR RESEARCH ANALYSIS**, [S.l.], v. 7, n. 12, p. 3-5, dez. 2018. Disponível em:

<<https://www.worldwidejournals.com/global-journal-for-research-analysis-GJRA/article/cooperatives-and-the-sdgs-focus-on-gender-equityand-womens-empowerment-on-handicraft-industry/OTg4OA==/?is=1&b1=1&k=1>>. Acesso em: 15 mai. 2020.

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ALVES, A. E. S.; CUNHA, T. R. A. “Livro de costura Singer”: Fonte documental para os estudos sobre trabalho e gênero. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 9, n. 33e, p. 293–304, 2012. DOI: 10.20396/rho.v9i33e.8639542. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639542>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

ANABOR, S. **Não sei se consigo separar quem sou do que faço**: um estudo sobre trabalho artesanal não assalariado no capitalismo e saúde de artesãs da região metropolitana de Porto Alegre. 2020. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Política Social e Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em:

<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/220876/001119956.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

BADINTER, E. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, V. L.; D'ÁVILA, M. I. Mulheres e Artesanato: um ofício feminino no povoado do Bichinho/Prados-MG. **Revista Ártemis**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 141-152, 31 jul. 2014. Portal de Periódicos UFPB. <http://dx.doi.org/10.15668/1807-8214/artemis.v17n1p141-152>. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/18122/11137>>. Acesso em: 15 out. 2020.

BIFANO, A. C. S. Uso cotidiano de produtos no âmbito doméstico: interface empresa e economia familiar. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v. 26, n. 1, p. 174-204, jan. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3703/1970>>. Acesso em: 23 mai. 2021.

BIROLI, F. **Gênero e Desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BLACK, S.; MILLER, C. F.; LESLIE, D. Gender, Precarity and Hybrid Forms of Work Identity in The Virtual Domestic Arts and Crafts Industry in Canada and the US. *Gender, Place & Culture*, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 272-292, fev. 2019. **Informa UK Limited**. <http://dx.doi.org/10.1080/0966369x.2018.1552924>. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0966369X.2018.1552924?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008.

CARVALHO, V. C. de. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920**. São Paulo: Edusp, 2008.

DE CASTRO, E. L. O debate sobre o trabalho concreto e o trabalho abstrato na produção teórica do Serviço Social. **Serviço Social em Debate**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://revista.uemg.br/index.php/serv-soc-debate/article/view/3706>>. Acesso em: 26 jan. 2022.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Lafonte, 2020.

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2019. 460 p.

FEDERICI, S. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021. 207 p.

FERNANDEZ, B. P. M. Economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros. **Brazilian Journal of Political Economy**, [S.l.], v. 38, n. 3, p. 559-583, set. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-35172018-2815>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572018000300559&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 27 set. 2020.

FIGUEIREDO, L. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, M. Del. (Org.); BASSANEZI, C. (coord. de textos). 7. ed. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. 678 p.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRIEDAN, B. **Mística Feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Rio de Janeiro: Editora UNESP, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p

GONÇALVES, I. A.; LIMA, J. S. d. Formar, moralizar e disciplinar: relações entre padrões e operárias no cotidiano de fábricas têxteis de Minas Gerais. **História Unisinos**, [S.l.], v. 16, n. 2, p.232-243, 31 ago. 2012. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. Ver em: <<http://dx.doi.org/10.4013/htu.2012.162.06>>. Acesso em: 07 dez. 2020.

GUPPY, N; SAKUMOTO, L; WILKES, R. Social Change and the Gendered Division of Household Labor in Canada. **Canadian Review Of Sociology/revue Canadienne de Sociologie**, [S.l.], v. 56, n. 2, p. 178-203, mai. 2019. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/cars.12242>. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/cars.12242>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

KELLER, P. F. Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios. **Sociedade e Cultura**, v. 14, n. 1, p. DOI: 10.5216/sec.v14i1.15646, 15 set. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/15646>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

KELLER, P. F. Trabalho e economia do artesanato no capitalismo contemporâneo. In: 29ª Reunião brasileira de antropologia – GT 034: Etnografias do capitalismo, 29., 2014, Natal. **Anais [...]**. Natal: UFRN, 2014. p. 1-20. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1400624044_ARQUIVO_KELLER-Paper-ABA-GT34.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2020.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. Petrópolis. Vozes, 2011.

LAVE, J. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, [S.l.], v. 21, n. 44, p. 37-47, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832015000200003>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/FVKz5RJSyg8YWrV7HpxQnQ/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

LAVE, J. **Cognition in practice: mind, mathematics and culture in everyday life**. Nova Iorque: Cambridge University Press. 1988.

LIND, M. F. Handspinning Tradition in the United States: traditionalization and revival. **The Journal Of American Folklore**, [S.l.], v. 133, n. 528, p. 142, 2020. University of Illinois Press. <http://dx.doi.org/10.5406/jamerfolk.133.528.0142>. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.5406/jamerfolk.133.528.0142>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

LUKÁCS, G. O trabalho. In: LUKÁCS, G. **Para a ontologia do ser social**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018. p. 7-87. Traduzido por Sergio Lessa e revisado por Mariana Andrade. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lukacs/ano/mes/Ontologia-Volume-14.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2022.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política; livro primeiro - o processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MATOS, M. I; BORELLI, A. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. 555 p.

MELO, H. P. de; CASTILHO, M. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz?. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 135-158, abr. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rec/a/n6MkFMkdcWNq4JfhfzW7DQh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

MORAIS, E. E. de. *et al.* Propriedades coletivas, cooperativismo e economia solidária no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, [S.l.], n. 105, p. 67-88, mar. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-66282011000100005>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n105/05.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

PEDROSO, M. N. C. **O trabalho e suas transformações: um olhar sobre o Brasil no século XX**. Bauru, São Paulo: Canal 6, 2015.

PEREIRA, B. N. N. **(Re)Pensando o Papel da Mulher no Mercado de Trabalho: uma análise do sistema cooperativo enquanto instrumento emancipatório para as mulheres artesãs no Brasil**. 2019. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, UFPE, Recife, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/37349>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013, 191 p.

PINSKY, C. B. Imagens e Representações I – a era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. 555 p.

POSSATTI, D. M.; DEWES, F. Cooperação, Economia Solidária e Sociabilidades: estudo de caso na 20ª feira estadual do cooperativismo de Santa Maria (FEICOOOP). : estudo de caso na 20ª Feira Estadual do Cooperativismo de Santa Maria (FEICOOOP). In: IX Congresso Sociedades Rurales Latinoamericanas, 9. 2014, Ciudad de México. **Anais [...]**. Ciudad de México: ALASRU, 2014. p. 416-434. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Daniele%20Possatti.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2020.

PROBST, E. R.; RAMOS, P. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação, p. 1-8, 2013. Disponível em: <https://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo_jan_gen_a_evolucao_da_mulher_no_mercado_de_trabalho.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2020.

QUEIROZ, F. A; SOUZA, L. N. de. A evolução do conceito de trabalho e sua relação com o desenvolvimento econômico. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, [S.l.], p. 146, 11 mai. 2020. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Edicoes UESB. <http://dx.doi.org/10.22481/ccsa.v17i29.6647>. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/citationstylelanguage/get/harvard-cite-them-right?submissionId=6647&publicationId=3172>>. Acesso em: 02 out. 2020.

SAFFIOTI, H. **A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.

SANTOS, É. P.; DESTRO, C. R. F. A evolução da mulher através do tempo. In: etic - Encontro de Iniciação Científica, 16., 2020, Presidente Prudente. **Anais [...]**. [S.l.]: Universitário Antonio Eufrásio de Toledo, 2020. v. 16, p. 1-16. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/8774>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

SERENO, L. F.; KELLER, P. F. Artesãs e cooperativas: a construção social do interesse na ação cooperada na economia do artesanato no maranhão. **Cadernos de Campo**, Araraquara, v. 1, n. 22, p. 11-32, jul. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10287>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

SHAH, A.; PATEL, R. **Cooperative Initiative: A Ray of Hope for Rural Handicraft Artisans of Surendranagar District of Gujarat**, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/330441793_Cooperative_Initiative_A_Ray_of_Hope_for_Rural_Handicraft_Artisans_of_Surendranagar_District_of_Gujarat>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SILVA, F. L. A. **Trabalho artesanal e suas inter-relações com o universo doméstico: estudos de caso em viçosa, MG**. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/6530/1/texto%20completo.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2021.

SILVA, M. A. da. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. **Educ. rev.** Curitiba, n. 55, p. 247-260, mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602015000100247&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.36810>.

SILVA, F. L. A.; BIFANO, A. C. S. Trabalho artesanal enquanto atividade cotidiana em uma marcenaria: reflexões a partir do olhar de Jean Lave. In: BIFANO, A. C. S.; SILVA, F. L. A. (org.). **Incursões teórica sobre o estudo do cotidiano**. Viçosa: UFV, 2014. n.p. (Cadernos UNIEDHS).

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

SOUZA, C. N. de. **Artesanato de Tradição do Tear em Resende Costa, MG: trabalho, produção e comércio**. 2018. 266 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, PUC Minas, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_SouzaCN_1.pdf. Acesso em: 15 mai. 2020.

SOUZA, C. N. de. Reinvenção da Flexibilização do Trabalho na Fronteira entre Tradição e Modernidade. **Revista Direitos, Trabalho e Política Social**, [S.l.], v. 12, n. 7, p. 267-287, jun. 2021. Disponível em:

<<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/10735>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

TONETTO, L. M; BRUST-RENCK, P. G; STEIN, L. M. Perspectivas metodológicas na pesquisa sobre o comportamento do consumidor. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.l.], v. 34, n. 1, p. 180-195, mar. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932014000100013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n1/v34n1a13.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2020.

VIEIRA, V. A; TIBOLA, F. Pesquisa qualitativa em marketing e suas variações: trilhas para pesquisas futuras. **Revista de Administração Contemporânea**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 9-33, jun. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1415-65552005000200002>. Disponível em: <https://rac.anpad.org.br/index.php/rac/article/view/375/374>. Acesso em: 30 jan. 2021.

3. TECELAGEM ‘RESENDECOSTENSE’: O QUE O CENSO DEMOGRÁFICO NOS REVELA?

3.1 Introdução

Segundo Baccarini (2018), nas últimas duas décadas, através do advento da economia criativa, o setor artesanal no Brasil se desenvolveu. Nesse aspecto, a atividade artesanal movimentou R\$ 50 bilhões anualmente no país, sendo a fonte de renda de mais de 10 milhões de pessoas. No Estado de Minas Gerais, o artesanato gera cerca de 300 mil postos de trabalho, movimentando mais de R\$ 2,2 bilhões anualmente (AGÊNCIA MINAS GERAIS, 2016).

A importância do setor artesanal é bastante evidenciada no município de Resende Costa, Minas Gerais – cidade localizada no campo das vertentes do Estado mineiro. Na cidade, é comum se ouvir dizer que em cada casa se encontra ao menos um tear. Resende Costa é conhecida por ser a cidade dos tecelões, e a história do local se confunde com a história da produção artesanal têxtil da região. Nesse aspecto, muitos moradores do local se ocupam com o artesanato têxtil em suas casas. Os produtos manufaturados pela utilização do tear manual se tornaram uma marca da cidade, tornando-a referência nesse tipo de produção. Nas últimas décadas a fabricação doméstica têxtil se expandiu, tornando-se a principal atividade econômica do município, gerando empregos diretos – artesãos – e indiretos – vendedores, donos de pousadas, entre outros (CASTRO, 2015; SOUZA, 2018).

É importante destacar que o artesanato têxtil no município está localizado entre a tradição e a modernidade. De modo geral, a produção artesanal na contemporaneidade, associada ao sistema capitalista, torna a cadeia artesanal mais hermética: refere-se a um ofício que ainda é realizado de maneira manual, mas que atinge o status de manufatura, pois o movimento turístico que o comércio do artesanato tradicional propicia é grande, fazendo com que a demanda pelas produções locais seja significativa (SOUZA, 2018; PREFEITURA MUNICIPAL DE RESENDE COSTA, 2019).

Faz-se relevante apontar que em um percurso histórico a manutenção do espaço privado foi tradicionalmente relegada à mulher. Nessa circunstância, os afazeres manuais e artesanais, especialmente os têxteis, faziam parte dessas incumbências. Na contemporaneidade, são as mulheres majoritariamente que continuam detendo a responsabilidade de manter a organização e execução das atividades do espaço privado. O artesanato têxtil, que há muito tempo vem sendo, principalmente, produzido pelas mulheres, continua sendo concebido principalmente pela figura feminina. Atualmente, os afazeres

artesanais têxteis se moldam como uma profissão, como uma fonte de renda. O artesanato como profissão é caracterizado pela informalidade do setor. Nesse contexto, as mulheres artesãs, ao tentarem conciliar a manutenção do espaço doméstico com a realização do ofício remunerado, enfrentam problemáticas particulares, possuindo grande carga de trabalho, baixos rendimentos e pouca valorização (CARVALHO, 2008; KELLER, 2014).

Dessa forma, pergunta-se: qual o perfil do trabalhador do setor têxtil no município de Resende Costa? Quais as características do trabalho envolvendo as ocupações do setor têxtil no município de acordo com sexo? Qual a importância das ocupações femininas do setor têxtil do município? As condições salariais femininas e masculinas são equitativas?

A partir das perguntas elencadas, este artigo foi desenvolvido com objetivo geral de compreender as diferentes ocupações e o perfil dos trabalhadores que se relacionam com o setor do artesanato têxtil em Resende Costa, destacando a participação feminina na manutenção dessa práxis. Têm-se como objetivos específicos: compreender as características do trabalho relacionado às ocupações do setor artesanal segundo sexo; apresentar a importância da ocupação feminina para o desenvolvimento do setor, destacando os desafios enfrentados pelas mulheres e a falta de valorização no que diz respeito à remuneração adquirida com o trabalho.

3.2 Procedimentos metodológicos

Para atingir os objetivos elencados, inicialmente foi realizada uma varredura teórica através de referências bibliográficas e análises documentais, possibilitando deter de uma visão macro acerca da temática.

Sequencialmente foram analisados dados do Censo Demográfico de 2010, a partir do *software 'Statistical Packages for the Social Sciences'* – SPSS – em que foram feitos gráficos e tabelas por meio da análise de estatísticas descritivas em frequências e por referências cruzadas. Assim, tentou-se mapear as ocupações relacionadas ao setor artesanal no município de Resende Costa, visando conseguir medir a importância da manutenção dessa práxis para a economia da cidade, bem como enfatizar a participação feminina nesse processo. A escolha pela utilização de dados do Censo Demográfico se deu pelo fato de que a base é a principal fonte de informação sobre a vida da população de cada região e município do país. Para mais, o Censo Demográfico é a única base de dados de referência no que tange à conjuntura de vida da população a nível municipal (IBGE, 2012). Destaca-se que o Censo Demográfico é a base de dados mais recente (2010) que permite uma análise da temática estudada.

Em relação às variáveis disponíveis no Censo Demográfico²⁰ relativas ao mercado de trabalho para conseguir caracterizar demograficamente os artesãos locais, destaca-se que foram utilizadas: o tipo de ocupação; horas trabalhadas; regulamentação do trabalho; contribuição para instituto de previdência oficial; grandes grupos de trabalho (ou subgrupos); sexo; raça/cor; renda; nível de instrução; e tipo de composição familiar.

Em relação aos tipos de ocupações, foram identificadas na Classificação de Ocupações para Pesquisas Domiciliares – COD – (IBGE, 2010) as seguintes ligadas ao artesanato têxtil: 2651 – Artistas plásticos²¹; 7318 – Artesãos de tecidos, couros e outros materiais semelhantes; 8152 – Operadores de teares e outras máquinas de tecelagem; e 8154 – Operadores de máquinas de branqueamento, tingimento e limpeza de tecidos. Acredita-se que tais ocupações sejam limitadas e que muitos outros trabalhadores podem estar inseridos no setor e não terem sido captados nestas ocupações, uma vez que podem não revelar a identidade do trabalho do setor e, desta forma, acredita-se que as ocupações captadas possam estar subestimadas.

Precisa-se salientar que as ocupações analisadas referem-se às que possuem relação direta com o setor artesanal têxtil, e que foram mapeadas nos dados do Censo Demográfico de 2010. Desataca-se que uma das limitações encontradas na base de dados citada diz respeito à falta de clareza em relação a alguns códigos de ocupação, que se encontram nomeadas, dentre outras formas, como “outras atividades” e na amalgamação de atividades distintas em uma única categoria. Aponta-se também que outras referências (G1 ZONA DA MATA, 2014) que apresentam dados sobre a situação do artesanato em Resende Costa, produzidos por associações do município, indicam a presença do trabalho artesanal para grande parte dos moradores do município, destacando a participação de lojistas e vendedores.

As variáveis “lojistas” e “vendedores” estão presentes nos dados do Censo Demográfico, possuindo representatividade no que tange ao número de pessoas envolvidas, mas não foram analisadas por não serem evidenciados os tipos de produtos comercializados e por este estudo ter como foco a análise dos dados relativos a pessoas que trabalham diretamente na produção do artesanato têxtil. Diante essa limitação, acredita-se que tal grupo de ocupações sejam aquelas que mais diretamente estejam relacionadas ao ofício do artesanato têxtil. Então, a partir dos microdados do Censo Demográfico, foram identificadas

²⁰ Precisa-se evidenciar que uma variável importante para o desenvolvimento deste trabalho seria referente ao número de horas dedicadas aos afazeres domésticos, contudo, a mesma não está disponível no Censo Demográfico.

²¹ “Em princípio, todo artista deve ser, antes de tudo, um artesão para conseguir dominar o ‘saber fazer’ de sua área de atuação, ou simplesmente não conseguirá realizar a contento seus projetos e sua pretensão criativa. Tem em seu trabalho uma coerência temática e filosófica, cristalizados em uma série de compromissos consigo mesmo, dentre estes o de buscar sempre ir além do conhecido. Tem um compromisso com o seu tempo, de exteriorizar sua visão específica do mundo que o cerca” (SEBRAE, 2010, p. 17).

as ocupações ligadas a tal setor, e caracterizados demograficamente os trabalhadores ligados a essas ocupações. Tais dados serão apresentados na seção seguinte.

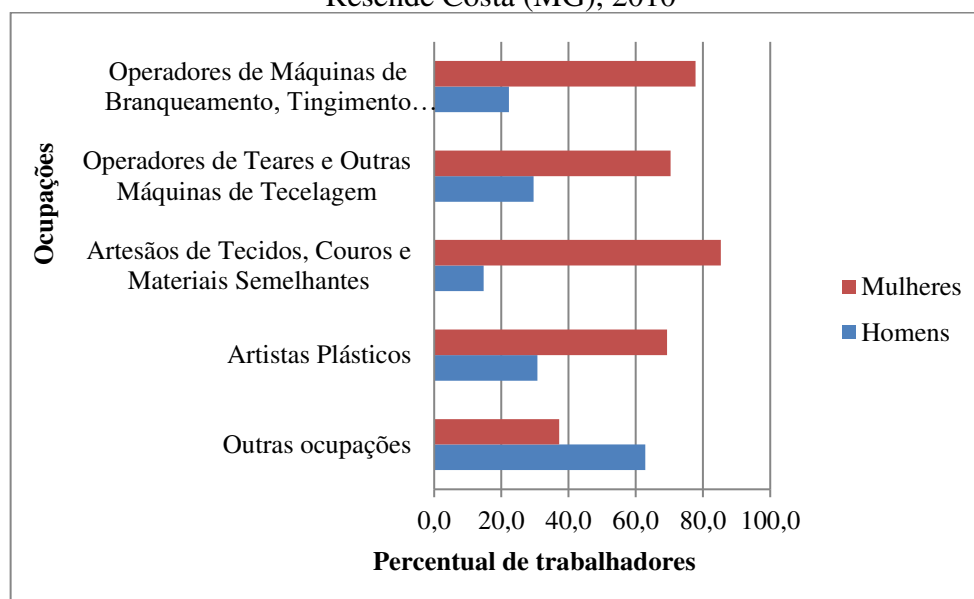
3.3 O artesanato de Resende Costa segundo o censo demográfico de 2010

Ao analisar as ocupações desempenhadas no município de Resende Costa, destaca-se que boa parcela da população trabalha com artesanato têxtil. Precisa-se elucidar que no tocante ao número de habitantes do município, segundo dados do Censo Demográfico de 2010, neste ano a população era de 10.913 pessoas, sendo 5.540 mulheres e 5.373 homens – estima-se que em 2020, esse número tenha se elevado para 11.540. Da população economicamente ativa²² – PEA – da cidade, composta por 5,361 pessoas, pelo menos 1,305 pessoas trabalhavam diretamente com alguma atividade relacionado ao setor têxtil. Nesse sentido, foram mapeadas a distribuição por sexo dos envolvidos em quatro ocupações que possuem relação com o setor supracitado (Gráfico 1), sendo estas: Operadores de Máquinas de Branqueamento, Tingimento e Limpeza de Tecidos; Operadores de Teares e Outras Máquinas de Tecelagem; Artesãos de Tecidos, Couros e Materiais Semelhantes e Artistas Plásticos.

De acordo com os dados apresentados no Gráfico 1, em todas as ocupações relacionadas com o setor artesanal que foram mapeadas, nota-se que o percentual da população feminina era maioria na manutenção das atividades, enquanto os homens representavam a maioria no total das outras ocupações. No geral, o percentual de mulheres que ocupavam estes trabalhos era de 63%, enquanto o número de homens correspondia por 37%, ao passo que para as demais profissões essa distribuição era de 24% e 76%, respectivamente. Na ocupação ‘artesãos de tecidos, couros e materiais semelhantes’, a força de trabalho feminino passava dos 80%, enquanto a dos homens não chegava a 20%. Esses dados seguem uma tendência nacional no que concerne ao sexo das pessoas que trabalham com artesanato no Brasil (SEBRAE, 2017). A realidade do país também é notada na cidade estudada, em que as mulheres são a maioria. Na média nacional, 77% dos artesãos são mulheres. Nesse contexto, através desses dados, pode-se constatar a manutenção de atividades domésticas, que foi socialmente atribuída às mulheres, ainda continua sendo essencialmente feminina, como vinha sendo elucidado por Algranti (1997) e Carvalho (2008).

²² De acordo com definição estabelecida pelo IBGE, a população economicamente ativa “compreende o potencial de mão de obra com que pode contar o setor produtivo”.

Gráfico 1 – Percentual de trabalhadores segundo ocupação ligada ao artesanato por sexo, Resende Costa (MG), 2010



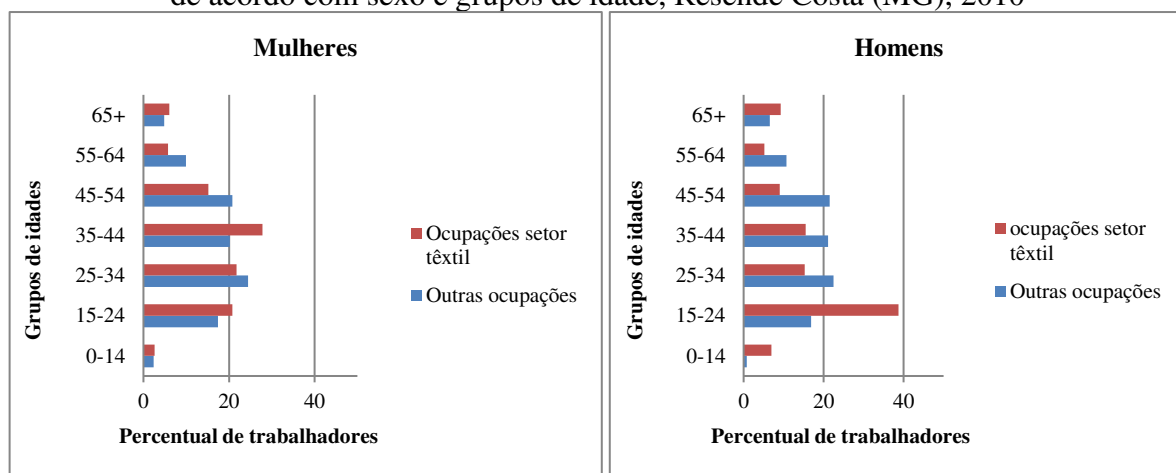
Fonte: Censo Demográfico – IBGE (2010)

O ofício do tecelão se correlaciona com a vida dos moradores há muito tempo. A manutenção dos saberes tradicionais se deve à passagem desses conhecimentos dos idosos para seus familiares, em especial de mulheres idosas para suas filhas e netas – demarcando a feminização do ofício. É a partir dos repasses orais e de reprodução que o ofício se mantém. E é assim também que são encontrados os teares e equipamentos relacionados à tecelagem mais antigos da cidade (SANTOS; SILVA, 1997).

Então, esse ofício de tradição familiar é desenvolvido por diferentes grupos de idade. Para compreender a importância do artesanato para as diversas gerações – em um sentido etário –, fez-se uma análise da distribuição dos trabalhadores do setor segundo grupos de idade, como pode ser constatado no Gráfico 2. Nesse aspecto, nota-se que, entre as mulheres, os grupos com idade entre 25 e 34 e 35 e 44 eram os mais atuantes na manutenção da atividade artesanal; enquanto que entre os homens, os de idade entre 15 e 24 eram os que mais se ocupam nessas funções. Isso vai ao encontro dos dados apresentados pelo IBGE (2018, 2019) em seus documentos de síntese de indicadores sociais, que expõe que as mulheres de meia-idade entre 25 e 49 anos, em relação aos homens, estão majoritariamente desocupadas, alocadas em serviços informais, e continuam recebendo salários inferiores. Importante também destacar a inserção de homens jovens nas ocupações ligadas ao artesanato no local. Isso pode ser resultante da baixa oferta de trabalhos formais para esse grupo de idade, sendo o artesanato têxtil uma atividade que insere essas pessoas ao mundo do trabalho, sendo então um campo de passagem. Essa questão vai ao encontro com os dados do IBGE (2019) no que

diz respeito ao desemprego enfrentado por pessoas dessa faixa-etária. No Brasil, do número total de desempregados, 32% são jovens. Outra questão relevante a ser destacada é a relação do trabalho com a baixa escolaridade – Tabela 1 – como explanam Ferro, Lopes e Pontilli (2013). Para esses autores, a inserção de jovens precocemente no mercado de trabalho pode afastar os mesmos da escola. Na medida em que esses jovens estudam menos, menores são as chances de se conseguir um trabalho formal.

Gráfico 2 – Percentual de trabalhadores em ocupação ligada ao artesanato e outras atividades de acordo com sexo e grupos de idade, Resende Costa (MG), 2010



Fonte: Censo Demográfico – IBGE (2010)

Estabelecendo uma comparação com estudo produzido pelo SEBRAE (2017), que caracteriza demograficamente o artesão brasileiro, a média de idade do trabalhador do setor é, no geral, mais elevada do que a encontrada em Resende Costa, variando de 50 a 64 anos, seguida da faixa etária entre 40 e 49 anos. Segundo os dados da pesquisa citada, 80% das pessoas que trabalham com artesanato no país tinham mais de 40 anos de idade.

Em relação à raça/cor da população de Resende Costa, segundo dados do Censo Demográfico de 2010 – Tabela 1 – os habitantes do município, em sua maioria, se autodeclararam brancos (65%), seguidos daqueles que se autodeclararam negros (34%) e somente 1% eram amarelos e 1% não declararam. No que se refere à raça/cor das pessoas ligadas às ocupações elencadas nesse estudo, como pode ser constatado na Tabela 1, a população branca é predominante em todas as profissões, e seguindo a tendência da população como um todo, essas representavam a maioria nas profissões ligadas ao artesanato têxtil. Entre essas, destaca-se a ocupação artesãos de tecidos, couros e outros materiais semelhantes, em que o predomínio de brancos é bastante visível tanto para homens quanto para mulheres. Por outro lado, na categoria artistas plásticos, as mulheres negras

apresentavam uma sobrerrepresentação (são 47%, enquanto que na população como um todo são 34%). A interpretação desses dados faz com que seja possível entender que a população da cidade de Resende Costa majoritariamente se autodeclara branca, sendo essa realidade também percebida nas ocupações ligadas ao setor artesanal, com algumas exceções no caso das mulheres negras.

A esse ponto, é importante destacar, como identificado por Morgado (2021) que os trabalhos manuais de linha, de tecelagem, de bordado, crochê, entre outros, eram destinados às mulheres brancas em manuais e revistas do século XIX e XX. São trabalhos muitas vezes de origem europeia, portuguesa ou francesa. Em muitos casos exigiam concentração, tempo para dedicação e concentração em sua realização. Em contrapartida, a produção artesanal das mulheres negras no Brasil possuía relação com o reaproveitamento de materiais, como um exemplo é o fuxico que era produzido a partir de retalhos – e a execução de trabalhos em que fosse possível trabalhar e ao mesmo tempo conversar, porque essas atividades eram feitas em conjunto e de forma colaborativa. Além disso, eram tidos como exóticos pelos brancos. Sendo uma característica que pode ter relação com a categoria artistas plásticos.

Relevante trazer discussões no que tange à relação de raça, gênero e trabalho. Nessa relação, a mulher ainda passa por variados tipos de discriminação, sendo a mulher negra a base da pirâmide social, recebendo os menores salários, estando alocadas majoritariamente em subempregos, sofrendo também com o desemprego (PETRINI, 2005; ITABORAÍ, 2017). As desigualdades no mundo do trabalho por gênero e raça/cor, como apontado por Maia *et al.* (2017), refletem nas diferenças salariais – realidade também percebida no município estudado, como pode ser constatado na Tabela 2 –, assim, homens e principalmente mulheres pretas são os que possuem as menores remunerações nos setores em que atuam. Chahad (1986), citado por Maia *et al.* (2017), destaca que o nível de escolaridade é um fator essencial para as diferenças salariais no Brasil. Outros fatores também são determinantes para essas diferenças como a idade, a área da atividade, a região do país, e gênero. Pinto (2006), já discutia sobre a elevação do envolvimento de mulheres negras no mercado de trabalho, contudo, destacando a existência de uma dualidade nessa inserção: as mulheres negras são as que recebem os menores salários e as mais alocadas em subempregos. Essas mulheres sofrem discriminação, dificultando uma introdução igualitária no campo do trabalho. Essa discriminação fica ainda mais evidente quando a autora elucida que, mesmo detendo do mesmo nível de escolaridade, as mulheres brancas possuem os maiores salários.

No tocante ao nível de instrução da população ‘resendecostense’, os dados do Censo Demográfico (2010) mostram que, no geral, os habitantes do município possuíam baixa

escolaridade, em que apenas 4% possuíam ensino superior completo, 14% concluíram o ensino médio ou possuíam ensino superior incompleto, 12% tinham fundamental completo ou médio incompleto. A grande maioria (69%) das pessoas detinham de ensino fundamental incompleto. Seguindo a tendência de baixa escolaridade da população como um todo, nas ocupações ligadas ao setor artesanal, essa também era uma realidade generalizada. Como apontado pelos dados da Tabela 1, em relação às mulheres, em cada uma das quatro ocupações, esse padrão de baixa escolaridade se repetia.

Como apresentado por Diniz (2017) no ano de 2017 – apoiada em dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, CAGED –, o número de vagas de trabalho para pessoas com grau de escolaridade baixo – ensino fundamental incompleto – diminuiu no Brasil. Nesse sentido, as pessoas com menor escolaridade enfrentam maiores dificuldades para conseguir um emprego formal, então quanto menor a escolaridade, mais elevada a possibilidade de permanecer desempregado. Nessa perspectiva, o artesanato é uma opção de trabalho para essas pessoas.

O artesanato, como evidenciado por Keller (2014), é o meio de subsistência de muitas famílias, gerando remuneração para muitas pessoas que possuem baixa renda e baixa escolaridade, ainda que seja um trabalho que exige habilidades específicas – fazeres manuais, como conceituado por Sennett (2009), é fruto da ‘mão inteligente’, em que se evidencia a associação entre desenvolvimento e produção no fazer artesanal. Nesse sentido, o artesanato se caracteriza como uma atividade que requer habilidades próprias, através do fazer manual-criativo, abrangendo as mãos e o cérebro de quem o executa.

Tabela 1 - Percentual de trabalhadores em ocupação ligada ao artesanato e outras atividades de acordo com sexo, raça/cor e nível de instrução, Resende Costa (MG), 2010

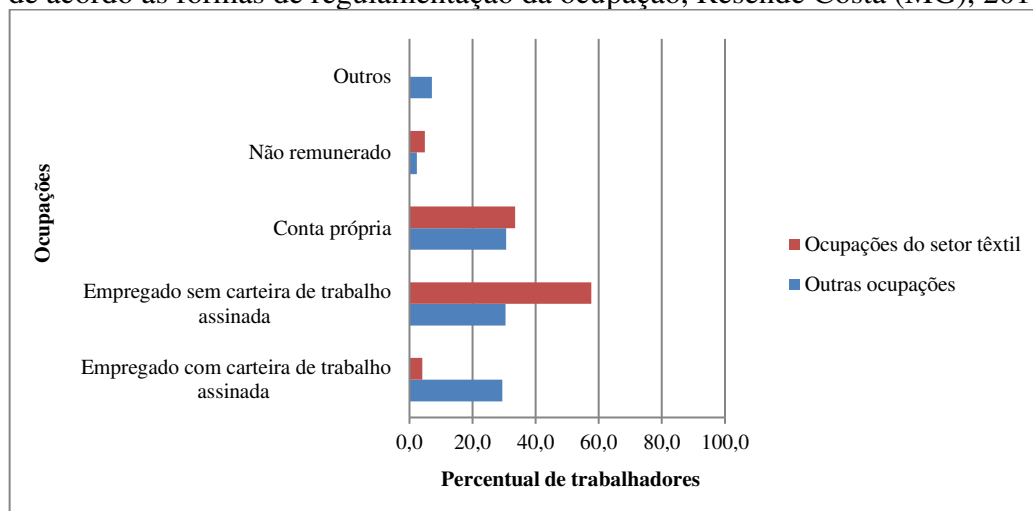
Ocupações	Raça/cor				Nível de instrução				
	Branca	Preta e Parda	Amarela	Total	Ensino fundamental incompleto	Fundamental completo e médio incompleto	Médio completo e superior incompleto	Superior completo e mais	Total
	Homens								
Artistas Plásticos	74,3	34,2	0	100	41,4	24,6	33,9	0	100
Artesãos de tecidos, couros e outros materiais semelhantes	100	0	0	100	33,3	0	66,7	0	100
Operadores de teares e outras máquinas de tecelagem	76,9	23,1	0	100	41,6	33,8	19,5	5,2	100
Operadores de máquinas de branqueamento, tingimento e limpeza de tecidos	75	25	0	100	100	0	0	0	100
Outros	72,6	32,3	1,1	100	66,2	12,8	16,9	4,1	100
Ocupações	Mulheres								
Artistas Plásticos	63,1	46,5	0	100	68,5	14,9	15,1	0,6	100
Artesãos de tecidos, couros e outros materiais semelhantes	89,7	10,3	0	100	41,4	39,1	19,5	0	100
Operadores de teares e outras máquinas de tecelagem	79,2	17,5	3,3	100	47,8	27,2	22,8	2,2	100
Operadores de máquinas de branqueamento, tingimento e limpeza de tecidos	60,7	39,3	0	100	100	0	0	0	100
Outros	72,6	36,8	0,3	100	49,6	10,5	28,4	11,5	100

Fonte: Censo Demográfico – IBGE (2010)

Uma característica bastante recorrente no trabalho artesanal é a informalidade. O estudo do SEBRAE (2017) aponta que três em cada cinco artesãos brasileiros não possuem um emprego regulamentado. A baixa regulação do trabalho artesanal está associada ao fato de a grande maioria dos profissionais que possuem ocupações ligadas ao setor trabalharem em casa. Em tal estudo evidencia-se que três em cada quatro artesãos trabalham na própria residência. Essa característica também é observada em Resende Costa, em que a maioria dos trabalhadores do setor são empregados sem carteira assinada – Gráfico 3. Isso pode ser um indicativo de que na cidade o artesanato têxtil comercializado nas lojas locais é terceirizado. A terceirização – a subcontratação de mão de obra para a realização de trabalhos específicos – é uma característica de muitas atividades empregatícias na sociedade contemporânea.

No que diz respeito ao trabalho na sociedade moderna, Giddens (1991) e Beck (2010), em suas teses, elucidam que a sociedade passa a ser, como conceituado por Beck (2010), uma sociedade de risco, sendo esse um conceito que indica uma etapa da evolução social na modernidade, nos quais os riscos socioeconômicos, políticos e individuais possuem a tendência de evadir-se do domínio institucional, passando quase que de maneira exclusiva para o indivíduo/trabalhador. Assim, foram muitas as consequências sociais causadas – incertezas, inseguranças, instabilidades – pela globalização dos riscos e pelas transformações na estrutura da esfera do trabalho. Nesse novo contexto, a disseminação da informalidade, da flexibilização e da falta de regulamentação do mercado trabalhista ocasiona a falta de direitos, a pouca – ou nenhuma – participação do Estado nesse âmbito e a alta do desemprego, sendo essas algumas dessas consequências sociais da modernidade no mundo do trabalho (GIDDENS, 1991; BECK, 2010).

Gráfico 3 – Percentual de trabalhadores em ocupação ligada ao artesanato e outras atividades de acordo as formas de regulamentação da ocupação, Resende Costa (MG), 2010



Fonte: Censo Demográfico – IBGE (2010)

Nesse contexto, faz-se importante evidenciar que as modificações que atingem o campo do trabalho geram efeitos diretos na vida das mulheres e de suas famílias. Assim, são as mulheres que estão inseridas majoritariamente em subempregos flexíveis e informais – muitas vezes realizado dentro da própria casa. A desvalorização do trabalho feminino entrelaçado à sua baixa remuneração salarial caracteriza a feminização do mercado de trabalho informal. Um mercado que explora a mão de obra feminina (MEDEIROS, 2017). Assim, conforme dados do IBGE (2019), as mulheres com idade entre 25 e 49 anos, no país, no geral e no que tange à remuneração salarial, em 2018, recebiam em média salários 20,5% menores comparados com os salários pagos aos dos homens.

Jansen (2020) analisa em suas pesquisas a relação da mulher com a economia no século XXI. Segundo a autora, se por um lado houve uma significativa elevação da integração da mulher no campo do trabalho (em decorrência do melhoramento em termos de qualificação), por outro, em termos estruturais, a inclusão da mulher no mercado de trabalho se manteve bastante limitada (principalmente a ocupações tidas como femininas), havendo ainda grandes dissimilaridades em questões de remuneração. Outra problemática diz respeito à dupla jornada de trabalho que a mulher, em geral, enfrenta.

Destaca-se ainda que, como apontado pelos dados apresentados na Tabela 2, assim como boa parte dos trabalhadores de outras ocupações, os artesãos da cidade não eram contribuintes de institutos de previdência, principalmente os homens – mas sendo uma realidade também entre as mulheres – tratando-se de um reflexo da informalidade do trabalho como um todo no município de Resende Costa. Para mais, é importante evidenciar, quanto ao

quantitativo de trabalhos que os habitantes da cidade possuíam – também segundo dados do Censo Demográfico de 2010 –: no geral, 95,4% das pessoas possuíam apenas um trabalho. Essa tendência também é observada nas ocupações do setor artesanal analisadas. Assim, 100% artesãos de tecidos, couros e outros materiais semelhantes, 100% dos operadores de máquinas de branqueamento, tingimento e limpeza de tecidos, 98% dos artistas plásticos, e 89,3% dos operadores de teares e outras máquinas de tecelagem possuíam apenas um trabalho, cada qual teria única ocupação.

Tabela 2 - Indicadores de condições de trabalho segundo sexo em Resende Costa (MG), 2010

Ocupações	Rendimento médio mensal em reais	Média de horas trabalhadas na semana	Percentual de trabalhadores que contribuíam para a previdência privada
Artistas Plásticos	321	35	21,4
Artesãos de Tecidos, Couros e Materiais Semelhantes	269	29	20,8
Operadores de Teares e Outras Máquinas de Tecelagem	302	36	15,8
Operadores de Máquinas de Branqueamento, Tingimento e Limpeza de Tecidos	118	29	0,0
Outras	665	37	25,5
Ocupações	Homens		
Artistas Plásticos	546	37	21,7
Artesãos de Tecidos, Couros e Materiais Semelhantes	677	37	0,0
Operadores de Teares e Outras Máquinas de Tecelagem	391	39	7,4
Operadores de Máquinas de Branqueamento, Tingimento e Limpeza de Tecidos	75	9	0,0
Outras	879	44	26,9

Fonte: Censo Demográfico – IBGE (2010)

Como pode ser analisado nos dados da Tabela 2, mesmo desempenhando a mesma atividade – atividades que foram socialmente atribuídas às mulheres no decorrer do tempo – as artesãs do município catalogadas nessa pesquisa possuíam como remuneração quase a metade da remuneração obtida por um homem. No que diz respeito à remuneração, o rendimento médio mensal das quatro ocupações ligadas ao artesanato era de R\$422,25 para homens e R\$252,50 para as mulheres, enquanto nas demais profissões esse número era de R\$879,00 para os homens e R\$665,00 para as mulheres. Nesse aspecto, a remuneração paga nas demais ocupações se aproxima mais e ultrapassa o salário mínimo de 2010, que era de R\$

510,00. Através desses dados fica implícita a vulnerabilidade do setor no município. Importante evidenciar que pode haver na cidade pessoas que trabalham com artesanato, especialmente comerciantes, cujas remunerações podem ser maiores do que as apresentadas, como salienta Souza (2018) em suas pesquisas sobre o local.

Souza (2018), ao analisar as configurações do trabalho com artesanato têxtil no município de Resende Costa, elucida que da produção à comercialização do artesanato feito pelo tear no município supracitado, existe uma considerável variedade de atores envolvidos, que se encontram em distintas posições. Os resultados apresentados pela autora sugerem que, na contemporaneidade, o artesanato é uma fonte importante de lucratividade, especialmente para os lojistas e comerciantes. Nessa perspectiva, a autora evidencia as diferenças em termos de estabilidade, condições de trabalho e remunerações adquiridas pelos artesãos – como fica evidente através dos dados do Censo de 2010 – e pelos empresários ou microempresários, entretanto, destaca-se a certa aproximação entre os tecelões e comerciantes, na medida em que existem pessoas que tecem e que comercializam seus produtos, apontando que o artesão pode alcançar a posição de empresário. No geral, as ocupações diretamente ligadas à produção do artesanato têxtil no local são menos valorizadas, recebendo as menores remunerações, como fica evidente através dos dados aqui apresentados e analisados.

Na cidade de Resende Costa, como destacado também nos dados da Tabela 2, as mulheres, no geral, dedicam menos tempo que os homens na execução do trabalho remunerado, com exceção em relação às operadoras de máquinas de branqueamento, tingimento e limpeza de tecidos. Isso pode ser um indicativo de que as mulheres, ao trabalharem em seus domicílios, possuem uma dupla e até tripla jornada de trabalho. É também um indício de que as demais profissões do município possuem maior regulamentação do que as ligadas ao setor artesanal. Ademais, justamente pela falta de regulação do trabalho artesanal, as mulheres podem exercer tal trabalho fora dos horários de um expediente comum – uma vez que poderão executar o artesanato em casa.

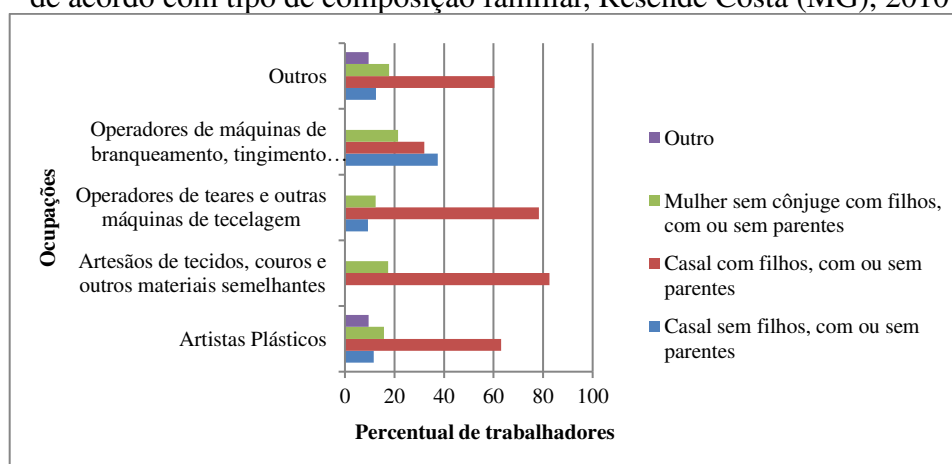
O trabalho artesanal têxtil realizado em seus domicílios acarreta em desafios particulares para as mulheres, pois, além de produzirem suas fontes de renda, as mesmas ainda precisam lidar com o cuidado da casa e dos filhos (BLACK; MILLER; LESLIE, 2019). Dessa maneira, segundo Akilandeewari e Pitchai (2018), a ocupação doméstica no cotidiano da mulher artesã faz com que a mesma tenha uma carga de trabalho muito elevada. Entre os cuidados com a casa e filhos e o ofício artesanal, muitas mulheres

chegam a trabalhar até 16 horas por dia. Mesmo com tamanha carga trabalhista, muitos são os relatos de desvalorização, tanto em âmbito econômico, quanto em âmbito familiar.

Em vista disso, o trabalho feminino informal possui algumas características: as jornadas de trabalho são parciais; quando o trabalho é formal, os contratos são concebidos por tempo pré-estabelecido; muitas vezes os trabalhos são realizados nos domicílios das mulheres, entre outras questões. Assim, as mulheres são sujeitadas a circunstâncias precárias e com mínima segurança, definida por remuneração salarial baixa, pelo exercício de mais de uma atividade de maneira simultânea e, principalmente, pela ausência de direitos. Ademais, com a falta de regulamentação e de direitos trabalhistas, a informalidade no campo do trabalho avança, promovendo – especialmente para as mulheres – uma elevação no expediente de trabalho – que passa a ser incorporada na vida doméstica e existir de maneira constante – e numa interatividade entre o espaço doméstico e o trabalho remunerado. Então, a mulher entra progressivamente no mercado de trabalho, contudo, essa inclusão, em suma é caracteristicamente precária e reforça um cenário histórico de desvalorização e de discriminação da mulher na sociedade (NEVES; PEDROSA, 2007).

Entendendo o perfil do trabalhador nas ocupações analisadas, e sabendo que a maioria em tais ocupações eram mulheres, para caracterizar de maneira mais geral a artesã da localidade, buscou-se, por fim compreender a qual tipo de composição familiar pertencia (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Percentual de trabalhadores em ocupação ligada ao artesanato e outras atividades de acordo com tipo de composição familiar, Resende Costa (MG), 2010



Fonte: Censo Demográfico – IBGE (2010)

Deve-se então destacar que a maioria dos domicílios da cidade eram constituídos por casais com filhos, sendo essa uma realidade generalizada em todas as ocupações, inclusive as

ligadas ao setor artesanal como se nota no Gráfico 4. Em relação aos dados apresentados no mesmo, o maior realce para essa questão está elucidado entre os operadores de teares e outras máquinas de tecelagem, cujas 78,3% das famílias são correspondentes por casais com filhos.

3.4 Considerações finais

No que diz respeito à divisão sexual do trabalho, ao longo da história, sobretudo no desenvolvimento da sociedade capitalista, a mulher é a partir de uma construção social a essencial responsável pela manutenção do espaço doméstico. Se na sociedade pré-moderna as mulheres de classe média eram as responsáveis pela manutenção do espaço privado e o artesanato era uma das únicas opções de trabalho possível – podendo-se destacar que as mulheres mais pobres viam no artesanato têxtil uma maneira de adquirir renda –, na contemporaneidade as mulheres continuam tendo a responsabilidade por cuidar da casa e dos dependentes, e veem na atividade artesanal uma forma de possuir um emprego. Como elucidado por Soares Junior e Batista (2020), nessa circunstância, a mulher ‘resendecostense’ é designada desde muito jovem para a manutenção da atividade têxtil. Na cidade, as mulheres mais velhas tecem por um longo período de tempo, sendo esse o trabalho que desenvolveram durante toda a vida. A atividade na cidade é então marcada pela passagem dos conhecimentos através das gerações.

Através dos dados do Censo Demográfico de 2010, consegue-se compreender as características do setor artesanal na cidade de Resende Costa. Nesse aspecto, identifica-se que se trata de um ofício realizado principalmente pelas mulheres de meia-idade – entre 25 e 44 anos; majoritariamente brancas – devendo-se destacar a sobrerrepresentação de mulheres negras na ocupação ‘artistas plásticos’; residiam com o cônjuge e tinham filhos; não possuíam carteira de trabalho assinada; não eram contribuintes de institutos de previdência; possuíam a remuneração média mensal de R\$252,50; e detinham de nível de instrução o ensino fundamental.

Destaca-se ainda a desigualdade entre os gêneros no que diz respeito aos rendimentos recebidos. Mesmo se tratando de uma atividade histórica, social e culturalmente tida como feminina, as mulheres possuíam rendimentos muito inferiores – quase a metade – que os homens no trabalho artesanal realizado na cidade. Contudo, em diversos aspectos, essas ocupações pareciam mais vulneráveis do que a média das demais ocupações do município,

com baixo rendimento e com poucas garantias de direitos trabalhistas, na medida em que eram em grande número desenvolvidas em casa e de maneira informal.

Por fim, faz-se essencial elucidar as limitações encontradas na análise de dados quantitativos do Censo Demográfico. O trabalho com o artesanato têxtil em Resende Costa, através do que vem sendo veiculado nas mídias²³ abrange um número muito grande de pessoas, parecendo ser maior do que os encontrados através do Censo Demográfico de 2010. Isso se deve ao fato de que as categorias encontradas no Censo, em certa medida, não abarcam todas as ocupações que são encontradas na cidade no que diz respeito ao setor têxtil. Outra situação dificultosa encontrada na análise de tais dados se trata da concentração de categorias que poderiam ser analisadas de forma separada, como o exemplo da ocupação ‘artesãos tecidos, couros e materiais semelhantes’, na medida em que é interessante para a presente pesquisa apenas a análise de artesãos de tecidos. Por fim, uma variável relevante para a pesquisa seria a do tempo gasto para a manutenção do espaço doméstico em relação ao gênero, contudo, este dado não é apresentado pelo Censo Demográfico, podendo ser uma temática de interesse para pesquisas futuras, especialmente as de natureza qualitativa.

3.5 Referências

AGÊNCIA MINAS GERAIS. **Artesanato mineiro chama atenção pela importância cultural e força econômica**. SEGOV - Secretaria de Estado de Governo de Minas Gerais, Belo Horizonte, 16, ago. 2016. Disponível em:

<<http://static.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/artesanato-mineiro-chama-atencao-pela-importancia-cultural-e-forca-economica>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

AKILANDEESWARI, S. V.; PITCHAI, Dr. C. Cooperatives and the SDGs: Focus on gender equity and women's empowerment on handicraft industry. **GJRA: GLOBAL JOURNAL FOR RESEARCH ANALYSIS**, [S.l.], v. 7, n. 12, p. 3-5, dez. 2018. Disponível em:

<<https://www.worldwidejournals.com/global-journal-for-research-analysis-GJRA/article/cooperatives-and-the-sdgs-focus-on-gender-equityand-womens-empowerment-on-handicraft-industry/OTg4OA==/?is=1&b1=1&k=1>>. Acesso em: 15 mai. 2020.

ALGRANTI, L. M. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, L. M, de. **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das letras, 1997 p.83 a 154.

²³ Em 2014, o telejornal ‘Bom dia MG’ – exibido pela emissora ‘Rede Globo’ – concebeu uma reportagem relatando a importância do artesanato têxtil de Resende Costa para a economia local. (fonte: <http://g1.globo.com/minas-gerais/videos/t/todos-os-videos/v/artesanato-textil-movimenta-economia-de-resendecosta-em-minas/3495499/>).

BACCARINI, M. **Mercado de artesanato movimentou R\$50 bilhões por ano no Brasil**. G1 – Pequenas Empresas & Grandes Negócios, São Paulo, 25, mar. 2018. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/pme/pequenas-empresas-grandes-negocios/noticia/2018/03/mercado-de-artesanato-movimentou-r-50-bilhoes-por-ano-no-brasil.html>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

BATISTA, F. E. A.; JUNIOR, G. S. Tramas de minas: o artesanato como atrativo turístico e gerador de emprego e renda. **RAEI: Revista americana de empreendedorismo e inovação**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 107-115, nov. 2020. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/raei/article/view/3254#:~:text=O%20turismo%2C%20na%20atualidade%2C%20vem,trade%20tur%C3%ADstico%2C%20em%20especial%20de>>. Acesso em: 20 set. 2020.

BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34; 2010. 368 p.

BLACK, S.; MILLER, C. F.; LESLIE, D. Gender, Precarity and Hybrid Forms of Work Identity in The Virtual Domestic Arts and Crafts Industry in Canada and the US. *Gender, Place & Culture*, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 272-292, fev. 2019. **Informa UK Limited**. <http://dx.doi.org/10.1080/0966369x.2018.1552924>. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0966369X.2018.1552924?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

CARVALHO, V. C. de. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920**. São Paulo: Edusp, 2008.

CASTRO, A. M. **Fios, tramas, repassos e inventabilidade: a formação de tecelãs em Resende Costa/MG**. 2015. 230 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Educação, UNISINOS, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3686>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

DINIZ, M. Trabalhador com menor escolaridade tem mais dificuldade para conseguir emprego. **Agência Brasil**. Brasília, jul. 2017. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-07/trabalhador-com-menor-escolaridade-tem-mais-dificuldade-para-conseguir>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

FERRO, F. C.; LOPES, J. L.; PONTILLI, R. M. Baixo nível de escolaridade x Pobreza x Emprego doméstico: no Brasil, a correlação entre estes dois fatores é direta? uma análise estatística. In: EPCT - VIII ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 8., 2013, Campo Mourão. **Anais [...]**. [S.l.]: FECILCAM, 2013. p. 1-13. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CSA/ECONOMICAS/03-ferrotrabalhocompleto.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2020.

G1 ZONA DA MATA - MG Artesanato é tradição e fonte de renda em Resende Costa, MG. **G1 Zona da Mata**. [S.l.], [n.p.]. 25 jun. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2014/06/artesanato-e-tradicao-e-fonte-de-renda-em-resende-costa-mg.html>>. Acesso em: 10 set. 2020.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Rio de Janeiro: Editora UNESP, 1991.

IBGE. **Classificação de Ocupações para Pesquisas Domiciliares - COD**, 2010. IBGE, 2010. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/metodologia/anexos/anexo_7_ocupacao_cod.pdf>. Acesso em: 06 out. 2020.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Trabalho e Rendimento: Resultados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/1075/cd_2010_trabalho_rendimento_a_mostra.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

IBGE. **Resende Costa**. [S. l.: s. n.], 2017. 1 p. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/resende-costa/historico>>. Acesso em: 06 out. 2020.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira - 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. 149 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2020.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira - 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. 134 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2020.

ITABORAÍ, N. R. Mudanças nas Famílias Brasileiras (1976-2012): Uma Perspectiva de Classe e Gênero. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: **Garamond**, 2017. Disponível em: <<http://ceres.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2016/05/Mudan%C3%A7as-nas-fam%C3%ADlias-no-Brasil-1976-2012-uma-perspectiva-de-classe-e-g%C3%AAnero-Nathalie-Reis-Itabora%C3%AD.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2020.

JANSEN, M. Mulheres economistas: reflexões sobre os avanços e limites no século XXI. **COFECON: Conselho Federal de Economia**, [S.l.], n.p, mar. 2020. Disponível em: <https://www.cofecon.org.br/2020/03/08/artigo-mulheres-e-a-economia/>. Acesso em: 27 set. 2020.

KELLER, P. F. Trabalho e economia do artesanato no capitalismo contemporâneo. In: 29ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., 2014, Natal. **Anais [...]**. Natal: UFRN, 2014. p. 1-20. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1400624044_ARQUIVO_KELLER-Paper-ABA-GT34.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.

MAIA, K. *et al.* Discriminação salarial por gênero e cor no Brasil: uma herança secular. **Espacios**, [S.l.], v. 38, n. 31, p. 1-22, fev. 2017. Disponível em: <<https://www.revistaespacios.com/a17v38n31/a17v38n31p16.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

MEDEIROS, P. B. de. A FEMINIZAÇÃO DO MERCADO INFORMAL: inserção precarizada e desigual. In: VIII JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 8, 2017, Maranhão. **Anais [...]**. [S.l.]: UFMA, 2017. [n.p.]. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/afeminizacaodomercadoinforma.linsercaoprecarizadaedesigual.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2020.

MORGADO, D. P. **Domesticidade e consumo: experiências modernizantes nas enciclopédias femininas da Abril Cultural (1967-1973)**. 2021. 277 f. Tese (Doutorado) –

Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/6403/1_TESE_D_bora_Pinguello_Morgado_16363795172693_6403.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2022.

NEVES, M. A. de; PEDROSA, C. M. GÊNERO, FLEXIBILIDADE E PRECARIZAÇÃO: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 11-34, abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v22n1/v22n1a02.pdf>. Acesso em: 07 out. 2020. PREFEITURA MUNICIPAL DE RESENDE COSTA. **ICMS CULTURAL**: Dossiê de registro de bem cultural imaterial. Resende Costa, 2019.

PETRINI, J. C. Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia. **Memorandum**: Memória e História em Psicologia, Ribeirão Preto, ed. 8, p. 20-37, 8 abr. 2005. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/artigo02.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2020.

PINTO, G. Situação das mulheres negras no mercado do trabalho: uma análise dos indicadores sociais. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP), **Anais [...]**. 2006. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1486/1451>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RESENDE COSTA. **ICMS CULTURAL**: Dossiê de registro de bem cultural imaterial. Resende Costa: 2019.

SANTOS, M. C. L. e SILVA, G. M. **Tear**: Artesanato de Resende Costa. São João del Rei: Editora Funrei, 1996.

SEBRAE. **Artesanato e a Cultura Brasileira**: a importância da valorização. 2014. Disponível em: <<https://respostas.sebrae.com.br/artesanato-e-a-cultura-brasileira-a-importancia-da-valorizacao/#:~:text=O%20artesanato%20brasileiro%20%C3%A9%20conhecido%20em%20todo%20o%20mundo%20por%20sua%20criatividade.&text=Saber%20identificar%20e%20estimular%20a,para%20o%20artesanato%20em%20si>>. Acesso em: 13 set. 2020.

SEBRAE. **Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato**. Brasília: SEBRAE, 2010. 64 p.

SENNETT, R. **O artífice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOARES JUNIOR, G.; BATISTA, F. E. A. A Manutenção de Saberes Artesanais por Mulheres Idosas: o caso da tecelagem manual da cidade mineira de Resende Costa. **Longeviver**, São Paulo, v. 2, n. 6, p. 6-14, jun. 2020. Disponível em: <<https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/826/884>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

SOUZA, C. N. de. **Artesanato de Tradição do Tear em Resende Costa, MG**: trabalho, produção e comércio. 2018. 266 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, PUC Minas, Belo Horizonte, 2018. Disponível em:

http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_SouzaCN_1.pdf. Acesso em: 15 mai. 2020.

4. AS VIVÊNCIAS DO TRABALHO ARTESANAL EM RESENDE COSTA (MG): UMA ANÁLISE DO COTIDIANO A PARTIR DE PERSPECTIVAS FEMININAS E MASCULINAS

4.1 Tessituras iniciais

Sabe-se que o artesanato está presente na vida das pessoas desde períodos mais remotos. No cotidiano da mulher, é uma herança histórica de construção sociocultural, ensinado ainda na infância, e que continua, até na atualidade, em muitas comunidades, sendo um ofício feminino realizado principalmente no âmbito doméstico. É importante salientar que muitos ofícios realizados pelas mulheres ao longo da história não apareciam em estatísticas uma vez que eram considerados invisíveis – e ainda são. Mas, historicamente, as mulheres que sempre trabalharam tinham as suas funções desvalorizadas pelo capitalismo, “[...] que passa a valorizar as atividades que geram mais-valia e que são executadas em espaços públicos, menosprezando-se o espaço doméstico” (SILVA, 2015, p. 250). Nesse sentido, a divisão sexual do trabalho é demarcada pelas diferenças construídas – que segregam a mulher como responsável pelo lar – entre os gêneros.

Silva (2015) elucida que o conceito de divisão sexual do trabalho, a partir dos estudos feministas, é um importante sustentáculo teórico por propiciar que sejam discutidas as “trajetórias de gênero e de trabalho feminino”. Assim, é importante destacar que as vivências distintas entre os gêneros são parte de um processo de construções sociais. “[...] Estas relações possuem uma base material, que é o trabalho, e que se revela através da divisão social do trabalho entre os sexos, denominada de divisão sexual do trabalho” (SILVA, 2015, p. 251).

O artesanato têxtil investigado por essa ótica teórica é apresentado como uma atividade histórica, social e culturalmente de natureza feminina – não intrínseca à mulher, mas uma atividade que lhe foi atribuída – que possui significados subjetivos e vivências diferentes para mulheres de idades distintas (GUSTAFSSON, 2019; YANG *et al.*, 2018; MAIDMENT, 2019).

Nessa continuidade, é também relevante situar o que se entende por cotidiano nessa pesquisa. Norteia-se esse entendimento com bases no pensamento de Lave (1988)²⁴, que compreende o cotidiano como um fenômeno complexo e versátil, pois ocorre de maneira dinâmica e consciente dentro de contextos e grupos distintos. Ilusoriamente, tem-se a

²⁴ Conforme fora supramencionado anteriormente nas páginas 40-44.

percepção de que os indivíduos possuem ações iguais na execução de uma atividade – aqui, o artesanato têxtil. Contudo, cada ação será individual, pois está associada à individualidade do sujeito e de sua relação com si próprio, suas redes sociais e com o meio vivenciado.

Em Resende Costa, pequeno município localizado na Zona da Mata do Estado de Minas Gerais, tem-se, há muito tempo, a forte tradição de se tecer manualmente. A tecelagem manual faz parte da vida de muitas famílias, fomentando a renda de inúmeros habitantes e da própria cidade, já que, em decorrência disso, tem-se uma grande circulação turística – especialmente para a compra de mercadorias. A tecelagem e a existência da cidade se correlacionam. Desde o início do desenvolvimento dessa práxis, ainda no período colonial do país, as mulheres foram as principais responsáveis por sua manutenção, tendo em vista que historicamente o artesanato era tido como uma atividade doméstica realizada especificamente por mulheres, como salienta Carvalho (2008). Atualmente a tecelagem na cidade continua sendo amplamente desenvolvida dentro dos espaços domésticos e com base nos dados do Censo Demográfico de 2010, apresentado no capítulo 2, ainda é principalmente executada pelas mulheres, embora não se restrinja apenas a elas.

Importante destacar que o contexto atual da tecelagem ‘resendecostense’ é outro, como aponta Souza (2019; 2021). No passado, todo o processo produtivo era realizado em casa e manualmente, desde o plantio do algodão, passando pela fiação, tintura, tecelagem e finalizando no acabamento ou amarração. Assim, a produção era pequena e mais complexa. Hoje, com o grande número de lojas que comercializam o artesanato na cidade, os donos desses empreendimentos terceirizam suas produções contratando de maneira informal a mão de obra dos tecelões. Nisso, o artesanato ganha o status de manufatura, passa a ser simplificado e produzido em grande escala. A matéria-prima dos artefatos passa a ser retalhos e linhas, que são comprados na indústria. As dinâmicas no município em meio a essa atividade são distintas: algumas pessoas preferem tecer para si mesmas, enquanto outras optam por tecer para os donos das lojas. Quem tece para si precisa arcar com todo o custo da matéria-prima. No outro lado, quem tece para um lojista recebe a matéria-prima – as teias – e precisa “apenas” tecer.

À vista disso, pergunta-se: quais as perspectivas femininas e masculinas em relação à manutenção do trabalho artesanal? Como as artesãs veem a participação em entidades de economia solidária para a sustentabilidade de sua atividade têxtil? Assim, a hipótese central é a de que as percepções sobre o trabalho têxtil são diferentes nos pontos de vista femininos e masculinos. Para as mulheres do município de Resende Costa, trata-se de uma tradição

familiar aprendida ainda na infância. Para os homens, desempenhar a tecelagem é uma maneira de adquirir renda e, especialmente, de auxiliar as parceiras na manutenção da práxis.

A partir dessas elucidações, tem-se o objetivo de compreender e comparar as vivências e percepções acerca do trabalho com artesanato têxtil nas perspectivas femininas e masculinas entre os artesãos do município de Resende Costa, considerando os diferentes impactos sociais e econômicos desta atividade no cotidiano de artesãs e artesãos. Especificamente, tiveram-se os seguintes objetivos específicos:

- Analisar as diferentes vivências em relação ao trabalho com o artesanato têxtil em uma perspectiva histórica e atual;
- Compreender as percepções de artesãos têxteis domésticos acerca do trabalho com a tecelagem em termos de produção e administração;
- Analisar as articulações existentes entre o trabalho com o artesanato têxtil e a vida doméstica e familiar;
- Analisar as percepções acerca da participação em entidades de economia solidária pelos artesãos de Resende Costa.

Para tal, foram entrevistadas 40 pessoas – 20 homens e 20 mulheres –, sendo, entre essas, sete casais, cinco mulheres casadas ou que possuem união estável, sete mulheres solteiras, divorciadas ou viúvas, três homens casados ou com união estável e dez homens solteiros. Tinha-se a pretensão de entrevistar apenas casais, contudo, com a dificuldade no recrutamento dos participantes – melhor detalhado na seção da metodologia –, abriu-se espaço para novos perfis e esses auxiliaram na construção de discussões mais aprofundadas em relação às vivências com a tecelagem no município estudado.

O artigo foi construído em sete seções distintas, sendo estas: ‘Vivências do trabalho têxtil: perspectiva histórica’ e ‘Vivências do trabalho têxtil: perspectiva e atual’ em que se investiga como se davam os processos de execução da tecelagem, buscando assimilar as mudanças que ocorreram com o passar do tempo; ‘Importâncias da tecelagem no município’, discutindo-se as importâncias e simbologias atribuídas pelos artesãos ao seu trabalho e o entendimento acerca de sua valorização, e a percepção dos tecelões em relação ao futuro da tecelagem local; ‘Trajetórias para inserção/início no trabalho têxtil’, em que se reflete acerca das trajetórias dos entrevistados para a inserção no trabalho têxtil, apresentando-se também as motivações de alguns dos homens entrevistados na escolha por não desenvolver a atividade e

também os estímulos que fizeram outros migrarem para outras profissões; em ‘Aspectos do trabalho: relações entre vida cotidiana, remuneração e gênero’, compreendem-se os aspectos do trabalho com a tecelagem têxtil quando executada no domicílio do artesão, buscando-se analisar as rotinas que permeiam o trabalho. Assimila-se também se o artesanato têxtil segue sendo uma atividade realizada essencialmente por mulheres ou se há uma crescente na participação masculina no desenvolvimento da práxis, e se a remuneração adquirida é a mesma na comparação entre os gêneros na localidade pesquisada e entre o grupo entrevistado. Na seção ‘Aspectos da articulação do trabalho têxtil com a vida doméstica e familiar’ são apresentadas as dinâmicas vivenciadas no espaço doméstico no que tange à divisão do trabalho doméstico, estabelecendo uma comparação entre mulheres e homens na execução dessas atividades. Ademais, compreende-se também como se dá a articulação entre o trabalho nas atividades domésticas e no trabalho têxtil para as mulheres tecelãs. Por fim, no bloco ‘Percepções acerca do coletivo e da participação em entidade de classe e cooperativas’, as percepções dos artesãos em relação à participação em entidades de economia social são analisadas, buscando compreender se e como essas auxiliam na execução de seus trabalhos.

Na construção desses blocos, que apresentam os resultados da pesquisa de campo, pautou-se principalmente em um referencial teórico baseado em diversos autores (BARROSO; FROTA, 2010; SANTOS *et al.*, 2010; SALGADO; FRANCISCATTI, 2011; MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014; KELLER, 2014; CASTRO, 2015; IRIAS; FARIAS, 2016; CASTILHO *et al.*, 2017; SOUZA, 2019; MAIDMENT *et al.*, 2019; GRANJEIRO; SILVA JUNIOR, 2019; LIND, 2020) que trazem em seus trabalhos diversos olhares de como as mulheres vivenciam o trabalho artesanal e como os homens participam da atividade, evidenciando a questão da divisão sexual do trabalho. Ao final, tem-se a conclusão deste capítulo.

4.2 Procedimentos metodológicos

4.2.1 População e amostra

O trabalho de campo foi conduzido no município de Resende Costa, localizado no Campo das Vertentes de Minas Gerais. Em decorrência do isolamento social causado pela pandemia de Covid-19, todo o contato com os participantes foi realizado de forma *on-line*. Dessa forma, o universo empírico foi constituído por 40 pessoas, 20 mulheres e 20 homens,

com média de idade de aproximadamente 40 anos para as mulheres e 33 anos para os homens, tendo o mais jovem entrevistado 21 anos e a mais velha 65 anos – na medida em que, de acordo com os dados do Censo Demográfico de 2010, os artesãos da cidade, especialmente as mulheres, estão concentrados principalmente na faixa de idade de 25 a 44 anos, e a maior parte das entrevistadas concentra-se nessa média.

A partir da varredura teórica e da análise documental – essencialmente o Dossiê de Registro dos saberes da tecelagem de Resende Costa (2019) –, foram identificados sujeitos-chaves para a realização das primeiras conversas – trata-se do antigo Secretário de ‘Turismo, Artesanato e Cultura’ (SETAC) e a antiga assistente administrativa dessa secretaria. A pesquisa foi apresentada para os membros da SETAC citados, que se disponibilizaram a auxiliar no levantamento dos dados necessários bem como na identificação dos sujeitos que compuseram a pesquisa.

Como técnica de amostragem, fez-se a opção pela utilização da amostragem intencional não-probabilística, a “bola de neve”, utilizando cadeias de referências. Tal técnica é comumente utilizada em pesquisas sociais. Os participantes previamente selecionados, inicialmente de forma intencional (essa escolha das artesãs entrevistadas foi realizada a partir da indicação de membros da SETAC e por meio da experiência do pesquisador central desta pesquisa), indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que sejam atingidos os objetivos formulados (GOODMAN, 1961; VINUTO, 2014). Quanto à execução da técnica citada, evidencia-se que:

[...] para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador [...] (VINUTO, 2014, p. 203).

Ao final, aponta-se para a possibilidade da ocorrência de viés pela própria técnica para a construção da amostragem. Como destacado por Dewes (2013), isso se deve ao fato de que as pessoas tendem a se relacionar com indivíduos semelhantes, ademais, algumas pessoas dispõem de muitas relações e outras não.

Após entender a escolha do campo e a metodologia para a seleção da amostragem da pesquisa, na seção seguinte detalha-se o desenho metodológico da pesquisa, tais quais: a técnica de coleta de dados, a experiência do recrutamento e do campo da pesquisa e o método de análise dos dados coletados.

4.2.2 Técnica de coleta de dados

Para atingir os objetivos elencados, bem como verificar as hipóteses elaboradas, foi realizado um desenho de pesquisa do tipo descritivo-exploratório, com finalidade de realizar uma descrição das características e das configurações sociais e econômicas assumidas pelas artesãs domésticas do município de Resende Costa. Dessa maneira, devido aos objetivos elencados e através do contato com as protagonistas do ofício na região, essa pesquisa teve como classificação, no que concerne a abordagem adotada, a natureza qualitativa – devido a esse método de pesquisa explorar as “peculiaridades e as descrições subjetivas de uma dada realidade, considerando, fundamentalmente, a experiência pessoal dos entrevistados ou observados” (BARROS; ROSA; RIBEIRO, 2017, p. 94).

Após a formalização das bases conceituais, o trabalho foi organizado em forma de estudo de caso da produção tradicional objeto deste estudo, onde foi realizada a pesquisa de campo, possibilitando a geração de uma visão micro do objeto pesquisado. Para Babbie (2001), ao realizar um estudo de caso, o pesquisador procura descrever da forma mais abrangente possível a comunidade estudada e tenta determinar as inter-relações lógicas dos seus vários componentes.

A escolha pela utilização de tal método se deu pelo fato de que muitos autores de manuais de pesquisa científica (LAVILLE; DIONE, 1999; BECKER, 2007) atribuem ao estudo de caso a factibilidade da produção de pesquisas mais aprofundadas, possibilitando a concepção de análises de situações muito específicas e complexas. Além disso, boa parte dos autores das pesquisas utilizadas na construção deste projeto utiliza tal metodologia para coletar os dados primários dos estudos.

O campo da pesquisa foi construído na cidade de Resende Costa no primeiro semestre de 2021. As entrevistas foram realizadas entre os meses de março e abril do ano supracitado, após aprovação do projeto de pesquisa – nº do processo: 42335921.0.0000.5153 – pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP – da Universidade Federal de Viçosa. Não houve estadia em campo, uma vez que os dados foram coletados por meio de

plataformas digitais, a partir da aplicação de questionários e da realização de entrevistas em profundidade.

As entrevistas foram realizadas por meio de telefonemas e videoconferências, sendo pautadas em um roteiro composto por perguntas semiestruturadas. As entrevistas semiestruturadas foram fundamentadas em torno da temática do trabalho artesanal, partindo de um roteiro composto por questões abertas, composto por perguntas consideradas fundamentais acerca do tema. Ademais, através dessa metodologia, puderam ser elucidadas informações relevantes de forma autônoma partindo do entrevistado, na medida em que as respostas não foram fundamentadas por meio de alternativas padrões (ALENCAR; GOMES, 2001; MANZINI, 1990/1991).

O roteiro base para explorar e produzir as perguntas para alcançar os objetivos apresentados foi adaptado de dissertações e teses (FONSECA, 2010; CASTRO, 2015. SOUZA, 2018; OLIVEIRA, 2019), cuja temática é relacionada às atividades artesanais, cooperativismo e cotidiano feminino. A escolha por estabelecer essas adaptações se deve ao fato de que tais roteiros já possuem validação científica, por já terem passado por uma banca de avaliação. Os roteiros e o questionário podem ser analisados nos APÊNDICES A, B e C.

As entrevistas foram realizadas pelo próprio autor após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – pelos entrevistados e pela explicação de que as entrevistas seriam gravadas. Antes de efetuar as entrevistas, os participantes responderam um questionário que permitiu caracterizar demográfica e socioeconomicamente a amostragem selecionada, sendo uma etapa que objetivou estabelecer o perfil dos entrevistados. Da mesma forma, as transcrições também foram realizadas pelo autor, sendo transcritas sem a correção de erros de concordância e gramaticais, entendendo que isso possibilita que as falas retratem com o máximo de fidedignidade possível o que foi dito pelos participantes.

4.2.2.1 Recrutamento e entrevistas: experiências, dificuldades e adequações com bases no campo

Em relação ao recrutamento dos entrevistados – resultante em uma amostragem não-representativa e não-probabilística – precisou ser realizado – assim como as próprias entrevistas – de maneira *on-line* com base nas técnicas elencadas na seção anterior, e isso acarretou em obstáculos específicos como a falta de confiança do entrevistado em conceder entrevista, sobretudo em relação aos homens. Serão expostas no decorrer deste tópico as

principais situações dificultosas vivenciadas na construção dessa pesquisa, na medida em que essas questões influenciaram na realização da mesma.

A primeira dessas dificuldades diz respeito à não-aceitação de conceder entrevista de muitos dos indivíduos abordados. Foram enviadas mensagens a mais de 100 moradores da cidade de Resende Costa. Esses contatos advieram por meio das indicações dos próprios moradores e foram realizados por meio de mensagens por telefone. Desse número, apenas 40 aceitaram participar da entrevista. Muitos sequer responderam a primeira tentativa de contato. Nessa mesma perspectiva, a intenção inicial seria a de formar entrevistas apenas com casais, contudo, muitas das mulheres que aceitaram conceder entrevistas eram solteiras, divorciadas ou viúvas. Ademais, alguns dos parceiros das mulheres unidas também não aceitaram participar da pesquisa. Acredita-se que um grande dificultador para esse aspecto foi o fato da não-realização das entrevistas pessoalmente, em que se consegue estabelecer vínculos de confiança de modo mais facilitado. Contudo, com essa dificuldade, surgiram também novos ganhos, já que, ao abrir espaço para pessoas com outros perfis – em termos de estado civil e idade –, os dados levantados se tornaram mais diversos, o que permitiu que fossem compreendidas outras dinâmicas de vida com o artesanato têxtil, como poderá ser constatado nas análises sequenciais.

Aponta-se ainda a dificuldade vivenciada de se encontrarem homens casados que têm a tecelagem como ocupação principal. Quando entrevistadas, algumas pessoas diziam que muitos homens mantinham família por meio da tecelagem manual, entretanto, quando se solicitava que fossem repassados contatos de indivíduos com esse perfil, os entrevistados diziam não possuir. Com esse entendimento, foram entrevistados homens que já teceram em algum momento de suas vidas, mas que, por motivações específicas e oportunidades, mudaram de profissão.

Outra questão diz respeito à falta de contato face a face que a pesquisa presencial possibilita, associada à capacidade de se fazer observação participante e anotações acerca do ambiente da pesquisa, questões não-oportunizadas na entrevista *on-line*. Essa dificuldade pode ter ocasionado, em alguns casos, falta de detalhamento maior de informações recebidas, embora boa parte das entrevistas tenha tido duração média de 30 minutos, dispondo de grandes especificações quanto às vivências dos entrevistados. Ainda em relação ao tempo das entrevistas, destaca-se que tanto a de menor duração (12 minutos) quanto a de maior duração (1h10 minutos) foram realizadas com homens. Esse tempo não inclui a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos entrevistados.

Grande parte das entrevistas foi produtiva, contudo, algumas resultaram em respostas pontuais e mais curtas. Essas entrevistas menos produtivas também foram analisadas, pois se tratavam de entrevistas, sobretudo, com homens mais velhos e casados que nunca trabalharam com a tecelagem. Nessa ótica, esse perfil de entrevistado também foi interessante para a pesquisa, ao passo que proporcionou compreender tanto a motivação para a escolha de outras profissões e também conhecer diferentes dinâmicas conjugais, especialmente em relação à divisão do trabalho (remunerado e não remunerado) no âmbito doméstico.

Mesmo que se tenha encontrado dificuldades, ao realizar essas entrevistas de maneira remota foram constatadas também questões benéficas. Alguns processos da pesquisa foram acelerados, como a etapa de recrutamento dos participantes. Ainda, as entrevistas propriamente ditas foram realizadas em um período reduzido de tempo, ao passo em que se pode realizar um número maior de conversas por dia, diferentemente do que aconteceria presencialmente. Todo o processo de realização do campo foi finalizado em um curto período de tempo – do dia 25 de março de 2021, logo após a aprovação da pesquisa pelo CEP – UFV, até o dia 24 de abril de 2021. Nesse sentido, conseguiu-se realizar mais de duas entrevistas diariamente.

4.2.3 Método de análise de dados

Os dados coletados em campo foram analisados por meio da análise de conteúdo como proposto por Attride-Stirling (2001), cuja técnica se denomina ‘redes temáticas’. Tal técnica foi executada a partir de seis passos fundamentais, apresentados e especificados no Quadro 1. Com base em tal método, no momento da análise de dados foram considerados: o significado das palavras, o contexto na qual uma sentença foi apresentada, as relações de concordância demonstrada pelas participantes, a precisão das respostas, o quadro geral e os objetivos da pesquisa. Nessa sequência, a análise dos resultados da pesquisa de campo foi iniciada pela transcrição da gravação e do que foi registrado em anotações.

Quadro 1 - Passos para análise dos dados

Método	Operação
Codificação dos dados	Categorização dos dados coletados.
Identificação dos temas pela codificação	Destacar as partes correspondentes às perguntas, fazendo marcações em comentários que poderão ser utilizados.
Construção de redes temáticas	Observar tendências e padrões potenciais e opiniões frequentes.
Descrição e exploração das redes temáticas	Descrição dos padrões e opiniões frequentes.
Sumarização dos temas	Verificação dos temas e padrões. Revisão de todas as respostas e criação de um sumário com a descrição.
Interpretação dos padrões obtidos	Análise detalhada do material.

Fonte: ATTRIDE-STIRLING (2001, p. 390-394).

4.3 As vivências do trabalho artesanal em Resende Costa, Minas Gerais: descrição dos entrevistados

No decorrer do campo da pesquisa, foram entrevistadas 20 mulheres (Quadro 2), com média de idade aproximada de 40 anos, tendo a mais jovem 25 anos e a mais velha 65 anos, que possuem como ocupação a tecelagem manual e que realizam esta prática no próprio domicílio. Os 20 homens entrevistados tinham idade média aproximada de 33 anos, tendo o mais jovem 21 anos e o mais velho 65 (Quadro 3), que tecem ou que já teceram em algum momento de suas vidas. Importante apontar que, visando garantir o sigilo dos dados dos entrevistados, os nomes adotados na pesquisa são fictícios. Para as mulheres, tais nomes fictícios foram retirados do livro ‘Tecelagem manual no Triângulo Mineiro: uma abordagem tecnológica’, organizado pela Fundação Nacional Pró-Memória no ano de 1984. No livro, é narrada a história da tecelagem manual mineira, em que são apresentadas padronagens têxteis, chamadas de repassos, utilizadas para a criação dos desenhos no tear. Essas padronagens recebem nomes, geralmente de quem as inventou ou de algum objeto aleatório que remete ao desenho criado e que é nomeado pela criadora. Nesse sentido, os nomes fictícios foram extraídos dessas padronagens, sendo utilizados como uma maneira de homenagear as mulheres que as criaram. Os nomes adotados para os homens também são fictícios e fazem referência a algum logradouro da cidade de Resende Costa, sendo escolhidos aleatoriamente. Essa escolha foi efetuada pois se acredita que, dessa forma, faz-se uma homenagem e maior aproximação ao município pesquisado.

Dos 40 entrevistados, 14 pessoas formam sete casais constituídos por homens e mulheres. O intuito seria o de entrevistar um número maior de casais, tendo em vista que foram entrevistadas doze mulheres casadas ou com união estável, contudo, muitos de seus

parceiros não aceitaram participar da pesquisa. Dos homens que compõem esses casais, três nunca teceram, entretanto, as entrevistas foram analisadas, na medida em que seria interessante para essa pesquisa entender os motivos que os levaram a optar pela não-execução dessas práxis. Apenas cinco dos homens entrevistados mantêm-se tendo como atividade principal a tecelagem. Os outros doze homens entrevistados já tiveram a tecelagem como atividade principal, no entanto dispuseram da oportunidade de mudar de profissão, sendo que boa parte continua tecendo, no entanto, somente para adquirir renda extra.

Quadro 2 - Perfil socioeconômico e demográfico das entrevistadas, Resende Costa, MG, 2021

Entrevistadas	Idade	Escolaridade	Raça/cor	Estado civil	Renda média mensal	Participa ou participou de associação	Tempo de trabalho
Rosa	37	Ensino médio incompleto	Branca	Casada	Entre R\$ 400,00 e R\$ 800,00	Não	20 anos
Sol	34	Ensino médio incompleto	Branca	Casada	Mais de R\$ 1000,00	Sim	23 anos
Cândida	62	Ensino fundamental completo	Branca	Casada	Mais de R\$ 1000,00	Sim	53 anos
Sambrozinha	50	Ensino fundamental completo	Branca	Divorciada	Mais de R\$ 1000,00	Não	40 anos
Flor	33	Ensino fundamental completo	Branca	Solteira	Entre R\$ 100,00 e R\$ 400,00	Não	18 anos
Maria	40	Ensino médio completo	Negra	Solteira	Mais de R\$ 1000,00	Não	28 anos
Iraci	45	Ensino fundamental incompleto	Negra	Solteira	Entre R\$ 400,00 e R\$ 800,00	Não	31 anos
Mara	36	Ensino médio incompleto	Branca	Divorciada	Entre R\$ 400,00 e R\$ 800,00	Não	09 anos
Dama	42	Ensino fundamental incompleto	Negra	Solteira	Entre R\$ 400,00 e R\$ 800,00	Não	18 anos
Marafunda	29	Ensino fundamental completo	Negra	Casada	Entre R\$ 100,00 e R\$ 400,00	Não	10 anos
Chica	27	Ensino fundamental completo	Negra	União estável	Entre R\$ 400,00 e R\$ 800,00	Não	15 anos
Justina	39	Ensino médio completo	Negra	Casada	Entre R\$ 800,00 e R\$ 1000,00	Não	25 anos
Estrelinha	47	Ensino médio completo	Branca	Viúva	Entre R\$ 400,00 e R\$ 800,00	Não	34 anos
Adelaide	25	Ensino médio completo	Negra	União estável	Mais de R\$ 1000,00	Não	14 anos
Maru	40	Ensino fundamental incompleto	Negra	Casada	Entre R\$ 800,00 e R\$ 1000,00	Não	12 anos
Rosinha	37	Ensino fundamental completo	Negra	Casada	Entre R\$ 800,00 e R\$ 1000,00	Não	27 anos
Joana	32	Ensino médio completo	Branca	Divorciada	Entre R\$ 400,00 e R\$ 800,00	Não	20 anos
Melindrosa	65	Ensino fundamental incompleto	Negra	Casada	Entre R\$ 800,00 e R\$ 1000,00	Sim	58 anos
Ambrosia	38	Ensino médio completo	Branca	Casada	Mais de R\$ 1000,00	Não	24 anos
Marulina	47	Ensino fundamental completo	Negra	Casada	Entre R\$ 400,00 e R\$ 800,00	Não	30 anos

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Quadro 3 - Perfil socioeconômico e demográfico dos entrevistados, Resende Costa, MG, 2021

Entrevistados	Idade	Escolaridade	Raça/cor	Estado civil	Renda média mensal	Participa ou participou de associação	Trabalha ou trabalhou com tecelagem	Trabalho atual
Aderson	25 anos	Ensino superior completo	Branco	Solteiro	Mais de R\$ 1000,00	Não	Sim	Auxiliar administrativo
Agenor	26 anos	Ensino médio completo	Negro	Solteiro	Entre R\$ 800,00 e R\$ 1000,00	Não	Sim	Tecelão
Gervásio	26 anos	Ensino superior completo	Negro	União estável	Mais de R\$ 1000,00	Não	Sim	Auxiliar de farmácia
Vicente	41 anos	Ensino médio completo	Negro	Casado	Mais de R\$ 1000,00	Não	Sim	Motorista
Tiago	23 anos	Ensino médio completo	Negro	Solteiro	Mais de R\$ 1000,00	Não	Sim	Tecelão
Valdemar	26 anos	Ensino superior incompleto	Branco	Solteiro	Mais de R\$ 1000,00	Não	Sim	Tecelão
Pérsio	34 anos	Ensino superior completo	Branco	Solteiro	Mais de R\$ 1000,00	Não	Sim	Secretário escolar
Rafael	37 anos	Ensino médio completo	Negro	Casado	Mais de R\$ 1000,00	Não	Sim	Superviso Operacional
Saturino	21 anos	Ensino médio completo	Negro	Solteiro	Mais de R\$ 1000,00	Não	Sim	Técnico em informática
Aristides	32 anos	Ensino médio completo	Branco	Solteiro	Entre R\$ 800,00 e R\$ 1000,00	Não	Sim	Tecelão
Ocacyr	38 anos	Ensino médio completo	Branco	Casado	Mais de R\$ 1000,00	Não	Não	Marceneiro
Nelson	26 anos	Ensino médio completo	Branco	Solteiro	Mais de R\$ 1000,00	Não	Sim	Conselheiro tutelar
Osório	64 anos	Ensino fundamental incompleto	Negro	Casado	Mais de R\$ 1000,00	Não	Não	Pedreiro
Ezio	34 anos	Ensino médio completo	Negro	Casado	Mais de R\$ 1000,00	Não	Sim	Padeiro
Deodoro	39 anos	Ensino médio completo	Negro	Solteiro	Mais de R\$ 1000,00	Não	Sim	Técnico em enfermagem
Marcos	36 anos	Ensino médio completo	Branco	Casado	Entre R\$ 800,00 e R\$ 1000,00	Não	Sim	Tecelão
Abeilard	45 anos	Ensino fundamental completo	Branco	Casado	Mais de R\$ 1000,00	Não	Não	Balconista
Jacinto	30 anos	Ensino médio completo	Negro	Casado	Mais de R\$ 1000,00	Não	Sim	Funcionário público
Nicolau	27 anos	Ensino superior completo	Branco	Solteiro	R\$ 0,0	Não	Sim	Desempregado
Humberto	26 anos	Ensino médio completo	Negro	União estável	Mais de R\$ 1000,00	Não	Sim	Balconista

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Em linhas gerais, tentou-se entrevistar os artesãos com base no perfil encontrado nos dados do Censo Demográfico de 2010 analisados no capítulo 2. Nesse sentido, em termos de perfil socioeconômico e demográfico – conforme os dados dos Quadros 2 e 3 – pode-se assimilar que a maioria das pessoas que possuem o artesanato têxtil como ocupação principal são mulheres que possuem média de idade aproximada de 40 anos – concentrando-se principalmente na faixa de 25 a 44 anos; em relação à raça/cor, pouco mais da metade se autodeclararam negras; que no geral possuem ensino fundamental incompleto ou ensino fundamental completo; em suma são casadas ou possuem união estável; no trabalho possuem como renda um salário em torno de R\$400,00 a R\$1000,00; e que, no geral, não participam de entidades de economia social.

Em relação aos homens entrevistados, percebe-se que a maioria já trabalhou com a tecelagem, mas na atualidade poucos seguem na profissão, enquanto a maioria migrou para outras ocupações ou tece para complementar a renda. É importante salientar que foram entrevistados homens que pararam de tecer – ou que tecem, mas não como uma ocupação principal e sim como maneira de adquirir renda extra – pois boa parte desses já teceu durante suas vidas e até por longos períodos, e isso será discutido de maneira mais esmiuçada no decorrer do artigo. No geral, possuem idade média aproximada de 33 anos – concentrando-se na faixa de idade entre 25 e 44 anos –; pouco mais da metade se autodeclararam negros; a maioria possui ensino médio incompleto ou completo; em relação ao estado civil, a amostragem se divide entre casados ou que possuem união estável ou são solteiros; em relação à remuneração, recebem salários superiores a R\$1000,00; no geral, também não participam de entidades de economia social.

4.3.1 As trajetórias dos entrevistados em resumo

Essa seção foi construída com a finalidade de apresentar de maneira resumida a história de vida de cada participante e dos casais – em relação ao trabalho com a tecelagem –, pois entende-se que esse resumo auxiliará na contextualização e interpretação das dinâmicas descritas nos blocos temáticos seguintes. Ademais, a apresentação resumida dos perfis entrevistados ajuda a esclarecer algumas especificidades dos sujeitos entrevistados bem como o motivo dessas entrevistas serem analisadas. Tendo isso elucidado, optou-se por iniciar essas explicações apresentando os casais. Na sequência, descreve-se as mulheres casadas, solteiras, divorciadas ou viúvas; os homens casados e os solteiros:

Sol (34 anos) e Ocacyr (38 anos) – ambos são naturais do município de Resende Costa, local onde se casaram. Ele concluiu o ensino médio e ela não conseguiu finalizar, pois interrompeu os estudos quando engravidou de seu primeiro filho. Ela vem de uma família de tecelãs e por conta da baixa escolaridade – que, para ela, limita muito as possibilidades de emprego na cidade – seguiu os passos de sua mãe – com quem aprendeu o ofício ainda na infância, aos 11 anos de idade – e se tornou tecelã por profissão. Ele também cresceu em um ambiente cercado pelo artesanato e, em seu ponto de vista, a tecelagem é muito importante na cidade, pois gera muitos empregos e sustenta muitas famílias. Três de suas irmãs possuem lojas voltadas para a comercialização de artefatos têxteis produzidos na cidade. Contudo, ele nunca quis aprender o ofício, pois, em sua percepção, a tecelagem é um dom que requer muita paciência – que o mesmo diz não ter. Ele é marceneiro e trabalha em uma oficina junto de seu cunhado. Ela tece em casa, junto de sua mãe e de um sobrinho. Sol é uma das poucas entrevistadas que tece por conta própria e por isso possui MEI – Microempreendedor individual. É uma tecelã comerciante.

Marafunda (29 anos) e Ezio (34 anos) – ambos são de Resende Costa e casados há mais de 10 anos. Ele possui ensino médio completo, enquanto ela abandonou os estudos após concluir o ensino fundamental, pois foi mãe jovem e precisava cuidar do filho. Ele vem de uma família ligada ao artesanato. Sua mãe trabalhava com novelo, enrolava linhas e retalho, mas nunca teceu. Ele aprendeu a tecer olhando sua irmã trabalhar. Trabalhou como tecelão, mas nunca teve a atividade como principal. Tecia para complementar a renda e porque, em seu ponto de vista, o trabalho com a tecelagem é fácil para conseguir renda na cidade. Hoje não tece mais, pois teve a oportunidade de ser padeiro e, em sua percepção, é um trabalho que oferece maior garantia, pois possui carteira de trabalho assinada. Em contrapartida, o ofício de tecer não está presente na família de Marafunda, uma das poucas entrevistadas a relatar tal questão. Ela começou a tecer pois queria acrescentar renda extra para a família, sendo atualmente tecelã terceirizada. Como seu marido trabalha fora de casa, ela viu na tecelagem uma possibilidade profissional em seu domicílio, pois em seu entendimento não poderia trabalhar fora de casa por conta de seus filhos.

Chica (27 anos) e Jacinto (30 anos) – O casal também é natural da cidade de Resende Costa, e ambos vêm de famílias em que a tecelagem é desenvolvida por muitas pessoas de várias gerações. Ele concluiu o ensino médio. Ela precisou parar de estudar quando concluiu o ensino fundamental, pois foi mãe jovem. Ela aprendeu a tecer com sua mãe, tece desde os 12 anos de idade e nunca teve a oportunidade de trabalhar com outra coisa. A tecelagem sempre

foi sua única fonte de renda e ela tece em seu domicílio. Ele aprendeu a tecer com seu irmão e não se lembra de quando exatamente foi. Jacinto sempre teceu, já tendo inclusive a atividade como ocupação principal. Em 2021, ele teve a oportunidade de se tornar funcionário público e considera que, por mais que não receba a mesma remuneração de quando tecia, o trabalho atual é a melhor opção por ter carteira de trabalho assinada e os benefícios que a cercam. Ainda hoje, ele tece nos momentos de folga para complementar a renda.

Justina (39 anos) e Osório (64 anos) – ambos são naturais da zona rural de Resende Costa. Ela conseguiu finalizar o ensino médio, ainda que enfrentando dificuldades, pois precisou trabalhar desde muito jovem. Ele, por trabalhar na roça desde muito novo, não conseguiu concluir o ensino fundamental. Ela trabalhava na roça e começou a ganhar dinheiro enrolando retalho e fazendo tricô. Aos 14 anos aprendeu a tecer com sua irmã. Ela casou-se cedo e foi morar na zona urbana com seu marido. Dos 15 aos 22 anos trabalhou como empregada doméstica, mas nunca deixou de tecer. Ao engravidar de seu segundo filho, deixou o antigo emprego e viu na tecelagem uma maneira de trabalhar em casa, cuidar dos filhos e ter uma remuneração. Desde então, tem a tecelagem como sua profissão. Ele aprendeu a tecer com sua esposa, mas nunca a exerceu como atividade remunerativa. Ele trabalha como pedreiro há mais de 35 anos, mas diz que quando se aposentar irá ajudar a esposa na tecelagem para possuir uma renda extra.

Adelaida (25 anos) e Humberto (26 anos) – ela é natural de Resende Costa, possui ensino médio completo e aprendeu a tecer com sua mãe aos 11 anos de idade, e tornou-se uma tecelã comerciante. Desde então, nunca trabalhou com outra atividade. Atualmente, a remuneração dela é toda destinada para as despesas da família. Ele é natural da região de São João Del Rei e concluiu o ensino médio. Aprendeu a tecer com uma tia e viu na tecelagem a oportunidade de ter um primeiro emprego. Mudou-se para Resende Costa por conta de sua companheira, mas nunca teceu no município. Trabalha desde o ano de 2015 como balconista de uma loja em São João Del Rei, portanto, viaja todos os dias úteis a trabalho. O casal está construindo uma casa, assim, a remuneração de Humberto é completamente designada para a construção.

Ambrosia (38 anos) e Rafael (37 anos) – o casal é natural de Resende Costa e ambos possuíam como nível de escolaridade o ensino médio completo. Ela diz ter aprendido a tecer com amigos, embora também visse sua irmã mais velha tecer. Aprendeu o ofício aos 14 anos e desde então nunca deixou de tecer, e sempre trabalhou em seu domicílio. Ele aprendeu a tecer aos 12 anos de idade, vendo seus familiares desenvolvendo a atividade. Começou a trabalhar

com tecelagem aos 16 anos e tecia em uma loja de artesanato. Seguiu nessa profissão por 12 anos. Quando teve a oportunidade de desempenhar outra profissão, optou por segui-la. Atualmente trabalha como supervisor operacional e atribuiu a escolha de mudar de profissão ao fato de possuir carteira assinada e maior remuneração.

Marulina (47 anos) e Abeilard (45 anos) – os dois são naturais da cidade de Resende Costa e possuem como escolaridade o ensino fundamental completo. Ela vem de uma família em que a tecelagem está presente por várias gerações. Aprendeu a tecer com sua mãe e sempre trabalhou como tecelã – embora não veja a tecelagem como profissão, na medida em que quando questionada sobre sua ocupação se disse ‘do lar’ por trabalhar em casa. Ele reconhece a importância da tecelagem para os moradores da cidade, porém nunca aprendeu a tecer, pois disse que nunca gostou e teve paciência para essa profissão. Começou a trabalhar aos 14 anos e trabalhou por algum tempo em uma oficina mecânica. Atualmente é balconista de uma loja.

Rosa (37 anos) – Nasceu em Resende Costa. Casou-se muito jovem e viu na tecelagem uma maneira de adquirir renda sem precisar sair de casa. Embora tenha aprendido o ofício com sua mãe e muitas pessoas de sua família também teçam, a mesma não atribui à sua família o fato de ser uma tecelã profissional. Rosa casou e teve filho quando era jovem e, como precisava cuidar de seu filho, precisou trabalhar em seu domicílio para não ter de pagar uma babá. Ela diz que gostaria de ter a oportunidade de trabalhar fora, mas que nunca tentou por não ter conseguido concluir o ensino médio, algo considerado um empecilho na busca de outras oportunidades. Rosa é casada. Seu marido nunca teceu e atualmente está desempregado. Ele não quis participar da pesquisa.

Cândida (62 anos) – ela é natural de Resende Costa. No momento do recrutamento dos participantes, muitos a recomendaram dizendo se tratar de uma das mais antigas tecelãs do município. Enquanto nível de escolaridade, possui ensino fundamental completo. Cândida tece desde os nove anos de idade e diz que a tecelagem está em sua família há muitas gerações. Desde sua tataravó até os seus filhos. Todos viveram e vivem em meio ao ofício. Ela ainda tece, mas de maneira reduzida, pois disse sentir dores nas costas quando fica muito tempo no tear. Ela é casada. Seu marido, hoje aposentado, sempre trabalhou como pedreiro e nunca aprendeu a tecer. O mesmo optou por não conceder entrevista se não fosse pessoalmente.

Flor (33 anos) – é natural e vive na zona rural de Resende Costa. Possui ensino fundamental completo. De todas as entrevistadas, é a única que ainda estuda, visando concluir

o ensino médio. Quando perguntada sobre sua profissão, a mesma disse ser dona de casa, mas disse que também tece em seu domicílio. Aprendeu a tecer com sua mãe quando era adolescente. Começou enrolando retalho, mas logo se tornou tecelã e nunca trabalhou em outra profissão. É casada e possui duas filhas, uma de sete anos e outra de nove meses. Seu marido, que nunca teceu, optou por não ser entrevistado.

Maru (40 anos) – proveniente da cidade, possui ensino fundamental completo e é casada. Aprendeu a tecer com pessoas de sua família, mas atribui a continuidade na profissão como uma necessidade. Relata não gostar de executar a função, mas que precisou fazê-la quando teve filhos pequenos, então, para cuidar dos mesmos, optou por trabalhar em casa. Já trabalhou como empregada doméstica e como atendente de supermercado, e diz que gostaria de trabalhar fora novamente se tivesse oportunidade. Seu marido também teceu por muitos anos mas, por opção, atualmente trabalha como carvoeiro. O mesmo não se sentiu à vontade em conceder entrevista.

Rosinha (37 anos) – nativa da localidade, possui ensino fundamental completo e é casada. A tecelagem está presente em sua família por muitas gerações. Aprendeu o ofício com suas irmãs mais velhas – que aprenderam com sua mãe. Diz que adora tecer e por isso nunca desempenhou outra função. Para ela, trabalhar em casa garante um grande conforto. O marido de Rosinha nunca teceu e também não quis participar da pesquisa.

Melindrosa (65 anos) – procedente da zona rural de Resende Costa, não conseguiu concluir o ensino fundamental, por trabalhar desde muito jovem. Tece desde os sete anos de idade e aprendeu o ofício com sua avó e sua mãe. Já trabalhou na lavoura e também foi fiandeira. Começou a tecer em um período em que tudo era feito manualmente: desde o plantio da fibra, passando pela fiação, tingimento, tecelagem e amarração. Ensinou os filhos a tecer. Sua filha também trabalha como tecelã. Melindrosa é casada e seu marido nunca desempenhou a função. Ele trabalhou a vida toda como pedreiro e optou por não ser entrevistado.

Sambrozinha (50 anos) – natural de Resende Costa, ela diz ter nascido no tear – em um sentido figurado. Por ter se casado muito jovem, parou de estudar quando concluiu o ensino fundamental. Aprendeu a tecer com sua avó e desempenha o ofício desde os 10 anos de idade. Para ela, o município vive e se desenvolveu por conta da tecelagem. Atualmente, é divorciada.

Maria (40 anos) – ela nasceu e foi criada em São Paulo, onde finalizou o ensino médio. Sua mãe é natural de Resende Costa. Enquanto moravam em São Paulo, sua mãe ia até o

município quinzenalmente comprar colchas para revender. Quando os pais se separaram, sua mãe, seu irmão e ela regressaram para Resende Costa. Nesse período, quando tinha 16 anos de idade, aprendeu a tecer e desde então nunca parou – embora também tenha produzido bolos de pote durante um período para complementar sua renda. Em relação a seu estado civil, ela se declarou solteira.

Iraci (45 anos) – nasceu e criou-se em Resende Costa. Por trabalhar desde muito jovem, não concluiu o ensino fundamental. Em sua família, muitas mulheres tecem, então aprendeu a atividade com sua mãe quando tinha 14 anos de idade. Iraci diz que trabalha com tecelagem porque não estudou e, assim, a única coisa que conseguiria fazer na cidade no âmbito profissional seria tecer. Durante 10 anos trabalhou aos finais de semana em um salão de cabeleireiro, mas sempre teve na tecelagem sua ocupação principal. Para ela a tecelagem é seu “ganha-pão”. A mesma se diz solteira.

Mara (36 anos) – também de Resende Costa, possui ensino médio completo e é divorciada. Destaca que aprendeu a tecer com uma amiga e que trabalha com a atividade por não ter muitas opções empregatícias na cidade. Já trabalhou como assistente de farmácia, mas, quando engravidou, voltou a tecer e desde então não parou. Para ela, tecer também é uma terapia.

Dama (42 anos) – natural do município de São João Del Rei, mudou-se para Resende Costa em 1998, pois seus pais que possuem família na cidade regressaram para a mesma. Dama é solteira e não teve a oportunidade de concluir o ensino fundamental. Relata que aprendeu a tecer olhando alguns familiares desempenharem a função. Para ela, a baixa escolaridade seria um empecilho na busca por outras ocupações, contudo, diz gostar de tecer, pois isso permite que fique em casa e tenha controle do domicílio e de seus filhos enquanto trabalha.

Estrelinha (47 anos) – oriunda do município pesquisado, possui ensino médio completo e é viúva. Quando questionada sobre sua profissão, disse ser ‘do lar’, mas que ganha seu dinheiro tecendo. Disse que aprendeu a tecer com sua mãe e avó e que nunca desempenhou outra profissão por ter uma deficiência – paralisia no braço, mas que não a impossibilita de tecer. Para ela, trabalhar em casa a possibilita cuidar de sua família.

Joana (32 anos) – natural de Resende Costa, possui ensino médio completo e é divorciada. Relatou que aprendeu a tecer aos 12 anos vendo sua avó. Já trabalhou como atendente de loja, mas, depois de ser mãe, voltou para o tear. Diz gostar de trabalhar com a tecelagem por fazer seus próprios horários e poder ao mesmo tempo cuidar de sua casa. Joana

possui duas filhas, uma de 7 anos e outra de 12. Ademais, está grávida há cinco meses e por isso tem diminuído o ritmo e tecido menos. Para ela, trabalhar fora teria a vantagem de ter licença maternidade. Mantém a si e a seus filhos com o dinheiro da tecelagem e também recebe pensão alimentícia do pai das crianças.

Aderson (25 anos) – natural de Resende Costa, possui ensino superior completo na área de administração e é solteiro. Aprendeu a tecer aos 14 anos vendo sua mãe trabalhar e viu na tecelagem uma oportunidade de ter o seu primeiro emprego. Teceu durante todo o período de seus estudos, mas logo quando formou – há oito meses – deixou de ser tecelão e começou a trabalhar como assistente administrativo.

Agenor (26 anos) – nascido no município, possui ensino médio completo e é solteiro. Diz ter aprendido a tecer na adolescência com pessoas de sua família – via avó, mãe e tia tecerem – e que, nessa fase, quase todos os habitantes da cidade já pegaram em um tear. Em sua percepção, na juventude muitos estudam, buscam por outros empregos, mas ele decidiu continuar nessa área. Trabalha como tecelão em seu domicílio e possui MEI.

Gervásio (26 anos) – natural de São Paulo, mudou-se para Resende Costa aos cinco anos de idade, pois seus pais eram provenientes do município. Reside atualmente na cidade de Belo Horizonte, local onde se graduou e também obteve o título de mestre em química. Trabalha atualmente como auxiliar de farmácia. Vive em união estável. Disse que aprendeu a tecer pois, quando tinha 12 anos de idade, seus pais impuseram que os filhos precisavam aprender a trabalhar, e viu na profissão a oportunidade de ter seu primeiro emprego. No início, picava, emendava e fazia novelos com retalhos, mas logo migrou para a tecelagem. Aprendeu a tecer vendo seu pai desempenhar a função. Abandonou o ofício quando foi estudar fora, mas relata que, quando precisa de uma determinada renda, volta para a cidade e ainda tece.

Vicente (41 anos) – natural de Resende Costa, possui ensino médio completo e é casado. Aprendeu a tecer com sua mãe e disse que, na cidade, a tecelagem é o que tem para fazer. Teceu por mais de 20 anos e disse que ainda tece quando tem folgas, mas que não é mais a sua atividade principal, e sim uma maneira de complementar o seu salário. Para ele, a tecelagem perdeu força na cidade e a competitividade aumentou, por isso, optou por mudar de profissão. Atualmente é motorista. Sua esposa é tecelã, mas não gosta de executar a função. Ela preferiu não participar da pesquisa.

Tiago (23 anos) – nascido na cidade, possui ensino médio completo e é solteiro. Aprendeu a tecer vendo sua mãe, pois disse que ela tece desde quando ele nasceu. Já trabalhou como servente de pedreiro e quando ficou desempregado viu na tecelagem a

oportunidade de voltar ao mercado de trabalho. Atua como tecelão e acredita que para sua idade possui boa remuneração, o que ajuda nas despesas da família.

Valdemar (26 anos) – proveniente do município, tem a tecelagem como um ofício de família e aprendeu a tecer com sua mãe. Atualmente é universitário, e tecer é a sua fonte de renda e o que custeia todas as despesas de seu curso. Não vê a tecelagem como uma profissão, mas sim como um mecanismo que irá garantir com que seus objetivos sejam alcançados. Tece em casa em um tear manual e também em uma oficina em um tear elétrico – o único entrevistado a manusear tal equipamento. Declarou-se solteiro.

Pérsio (34 anos) – natural da zona rural de Resende Costa, possui ensino superior completo e é solteiro. Aprendeu a tecer na infância, pois membros de sua família teciam. Começou a trabalhar como tecelão quando se mudou para a zona urbana. Teve a tecelagem como ocupação principal no período que estudava. Após concluir sua graduação, passou em um concurso público na cidade e atua como secretário escolar. A tecelagem foi uma oportunidade de ter seu primeiro emprego.

Saturino (21 anos) – mais jovem a ser entrevistado, é natural de João Monlevade e mudou-se para Resende Costa pois sua família é da cidade. Possui ensino médio completo e se declara solteiro. Aprendeu a tecer com um vizinho aos 12 anos e trabalhou para o mesmo em sua adolescência. Assim como outros entrevistados, viu na tecelagem a oportunidade de ter uma primeira remuneração. Enquanto tecia, formou-se como técnico de informática, atividade na qual se dedica atualmente.

Aristides (32 anos) – natural de Resende Costa, possui ensino médio completo e é solteiro. Apesar de dizer que quase todos de seu núcleo familiar trabalham tecendo, aprendeu a tecer aos 12 anos com a esposa de seu primeiro patrão. Para ele, tecer é o que tem para fazer na cidade. Em sua percepção, quem não trabalha com a tecelagem ocupa-se como pedreiro, atendente de supermercados ou de lojas de artesanato. Aristides trabalha como tecelão pois para ele é a melhor opção por poder fazer seus próprios horários.

Nelson (26 anos) – oriundo da localidade, possui ensino médio completo e se declara solteiro. A tecelagem foi seu primeiro emprego. Aprendeu o ofício vendo sua mãe e tecia em seu domicílio. Até o início desse ano, ainda atuava como tecelão, mas foi aprovado em um concurso público e atualmente trabalha como conselheiro tutelar. Mudou de profissão por ser um emprego fixo e possuir carteira de trabalho assinada.

Deodoro (39 anos) – nascido na cidade, possui ensino médio completo e se declara solteiro. Aprendeu a tecer com sua avó que, segundo ele, foi uma das pioneiras na tecelagem

do local. Teve a tecelagem como atividade principal durante toda sua adolescência e também enquanto frequentava um curso técnico. Hoje atua principalmente como técnico em enfermagem, mas ainda tece para complementar sua renda.

Marcos (36 anos) – natural de Resende Costa, possui ensino médio completo e é casado. Em sua percepção, quase todos os moradores da cidade nascem em meio ao tear. Para ele, esse é o primeiro emprego de boa parcela da população. Alguns mudam de profissão e outros se mantêm na mesma, como é o seu caso. Aprendeu a tecer vendo seus familiares executando o ofício. Trabalhava em um galpão, mas, por conta da pandemia, passou a tecer em casa. As dinâmicas de Marcos são opostas a todos os outros entrevistados: enquanto ele trabalha em casa tecendo, sua esposa trabalha fora como atendente de uma loja.

Nicolau (27 anos) – natural do município, é graduado em artes e solteiro. Reside atualmente em Juiz de Fora, cidade onde realizou seu ensino superior. Aprendeu a tecer com sua mãe – que tem uma loja de artesanato – e teceu durante sua adolescência e início da fase adulta para ela. Vê a tecelagem como um ofício importante para muitas pessoas da localidade, sobretudo como o primeiro emprego de muitos habitantes.

4.3.2 Vivências do trabalho têxtil: perspectiva histórica

A partir das entrevistas realizadas, tece-se este e o bloco seguinte com o intuito de compreender como se dão os processos de execução da tecelagem, buscando assimilar as mudanças que ocorreram com o passar do tempo, as importâncias atribuídas pelos artesãos ao seu trabalho e o entendimento acerca da valorização desse, e a percepção dos tecelões em relação ao futuro da tecelagem local.

Antes de adentrar na discussão propriamente estabelecida, faz-se fundamental trazer para a construção do texto conceitos básicos em relação à tecelagem, para que essas discussões, principalmente em relação ao contexto histórico-evolutivo do ofício na cidade estudada, sejam compreendidas. Nesse sentido, para a fabricação de tecidos são necessários que sejam feitos processos específicos. Tecidos feitos manualmente por meio de fibras naturais passam por fases como cultivo, separação e limpeza, fiação, tingimento e tecelagem (SENAI, 2015). É importante destacar que, na atualidade, esse tipo de produção manual de fibras para a concepção de tecidos encontra-se em diminuição e Resende Costa é um exemplo de certa descontinuidade. Atualmente, para se realizar a tecelagem, a matéria-prima principal é o retalho que é adquirido industrializado.

Nessa elucidação sobre os conceitos básicos, tem-se o significado de tecer. Tecer, de acordo com o dicionário Ximenes (2001, p. 830), é conceituado como “o entrelaçar regular de fios; confeccionar com fios; urdir; trançar; exercer o ofício de tecelão”. Segundo Chantaignier (2010), a palavra advém do latim *texere*. Udale (2011) evidencia que tecelagem é o tramado feito no tear por fios de urdume – fios paralelos ao sentido do comprimento do tecido – e da trama – alocados no sentido da largura do tecido.

Na atualidade, para a execução do ofício da tecelagem existem artifícios diferentes que partem e que foram originados do tear manual. Os teares empregados na tecelagem plana dividem-se em gerações que passam por um processo evolutivo através do advento e do emprego de novas tecnologias. Nesse sentido, a primeira geração de teares é constituída pelos teares mais antigos e tradicionais. Estes teares são compostos por lançadeiras, possuem velocidade reduzida e todas as operações são realizadas manualmente (FIEMG, 2014). Em Resende Costa, grande parte dos teares faz parte dessa geração, sendo essencialmente ‘teares de pente-liço’²⁵ e ‘tear de pedal’²⁶ (Imagem 1 – E). Como evidencia Lobo, Limeira e Marques (2014), é importante relatar que com os adventos tecnológicos, provenientes a partir da Revolução Industrial, os maquinários passam a ser aperfeiçoados. Assim, começam a ser produzidos teares mecanizados, cujos movimentos funcionam por meio de motores elétricos ou motores a vapor. No município estudado já existem grandes comerciantes que possuem teares deste tipo.

No que diz respeito ao processo de produção de fios – a fiação –, assim como a tecelagem, vem sendo produzida desde antigas civilizações, desenvolvendo-se manualmente por meio da utilização de dois utensílios, o fuso e a roca, que complementam a roda de fiar (Imagem 1 – B) (MACEDO, 2003). Antes de ser fiado, o algodão passava por outros processos como o descaroçamento através da utilização de um artefato nomeado descaroçador (Imagem 1 – A). Na sequência, era batido e cardado. O processo de cardagem era sucedido para retirar impurezas e desembaraçar fibras, sendo realizado através da utilização de um par de cardas (Imagem 1 – C). Essas cardas em seu aspecto tradicional eram compostas por um cabo de madeira, um pedaço de tecido – couro – e várias pontas de aço, assemelhando-se a uma escova ou pente (FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA, 1984).

²⁵ “Possibilita a elaboração de tecidos, tapeçarias, tapetes, sendo o tipo mais comum de tear encontrado entre nós. Em vários tamanhos, a dimensão das peças nele executadas fica limitada pela largura do seu pente. Assim, teares mais largos (pentes mais largos), permitem a execução de peças maiores” (KLIPPEL).

²⁶ “Pode ter de dois até 24 pedais, sendo os mais comuns os de quatro ou seis pedais. Possibilita a produção de peças artísticas, tapetes, tecidos para vestuário, com grande qualidade devido aos maiores recursos de operação apresentados. Executa todas as técnicas possíveis do tear de pente-liço” (KLIPPEL).

Depois dos fios serem produzidos, passava-se pelo processo de urdimento em um utensílio chamado urdideira, comumente vertical (Imagem 1 – D), sendo este o método para a produção das teias, em que os fios do urdume fazem base para a tecelagem dos fios da trama. Depois de urdida, a teia é levada para o tear, onde começa o processo da tecelagem propriamente dita (BAPTISTA, 2004).

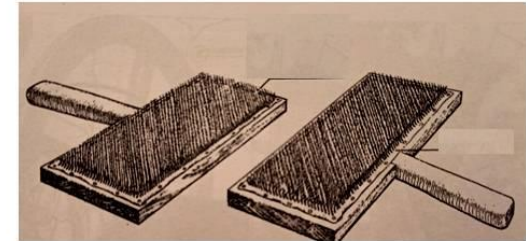
Figura 1 - Utensílios para realização dos processos da tecelagem



A – Descaroçador de algodão



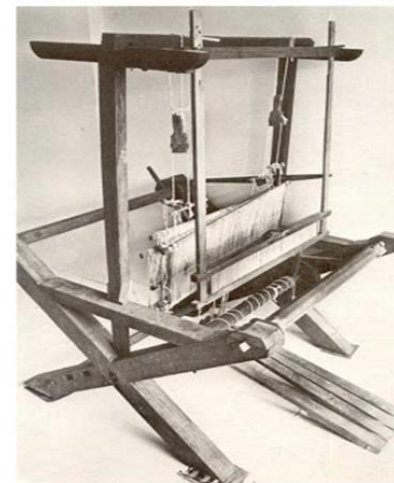
B – Roda de fiar



C – Cardas



D – Urdideira vertical



E – Tear de pente-liço de pedal

Fontes: Acervo do Museu de Artes e Ofícios, Belo Horizonte; Fundação Nacional Pró-Memória (1984); Acervo pessoal.

Em termos de historicidade, sabe-se que os tecidos estão presentes na humanidade desde a pré-história, permeando a evolução humana. A produção foi iniciada como uma forma do homem se proteger contra as intempéries climáticas. Os vestígios primários quanto à existência de artefatos têxteis foram descobertos na Europa Setentrional e na Península Ibérica e possuem aproximadamente dez mil anos, fazendo parte do período histórico da Idade do Bronze. Nas sociedades modernas, os tecidos complementam boa parte dos ambientes, estando presente na vida dos indivíduos a partir do momento que se nasce até a morte. Os tecidos são então criações essenciais dos primeiros humanos, na medida em que deles surgem artefatos importantes como o vestuário e itens que facilitam a vida cotidiana (PEZZOLO, 2009; RODRIGUES, 2009; KVAVADZE *et al.*, 2009; CHATAIGNIER, 2010).

Em relação ao Brasil, têm-se indicações da presença de têxteis antes do período colonial, pois existe um entendimento de que os indígenas conheciam o algodão, plantavam-no, colhiam, fiavam e teciam tecidos de maneira rudimentar através de suas fibras, produzindo redes e cobertores. Entretanto, considera-se que o ofício de tecer difundiu-se no país após a chegada dos portugueses. Isso se deve ao entendimento de que foram eles que trouxeram para o país os primeiros teares de pedais, assim como os primeiros tecelões destes teares e também utensílios essenciais para a reprodução da técnica, podendo-se citar aparelhos como o descaroçador e a roda de fiar. A tecelagem se espalhou com grande velocidade em todo país, sendo amplamente desenvolvida na região que hoje se compreende por Minas Gerais. Por intermédio dos dossiês produzidos por viajantes que percorreram o país nos séculos XVIII e XIX – especialmente John Mawe, Spix e Martius e Saint-Hilaire – existe a indicação de que, em Minas Gerais, a fiação e a tecelagem eram de grande importância, uma vez que na localidade havia grande produção de algodão e de produtos têxteis nesse período. A tecelagem se desenvolveu tão amplamente no país, chegando a atrapalhar as comercializações dos colonizadores. Assim, a então rainha D. Maria I emitiu um alvará proibindo a atividade de tecer, exigindo que os teares fossem destruídos. Mesmo com essa resistência, o ofício seguiu sendo desenvolvido de maneira clandestina (MACEDO, 2003; SILVA, 2015).

Proferindo sobre a tecelagem artesanal, em muitos municípios do Estado mineiro ainda se encontram antigos teares de madeira, e com mais dificuldade uma antiga roda de fiar. A existência desses maquinários indica que pessoas seguem tecendo à mão na região (FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA, 1984; SILVA, 2015). Nessa percepção, até na atualidade, em Minas Gerais tem-se uma grande tradição de produção artesanal, sendo essa

uma herança cultural proveniente essencialmente das mulheres indígenas, negras, escravas e portuguesas (CASTRO; EGGERT, 2015).

Um dos municípios onde se destaca esse tipo de produção é Resende Costa. A tradição de tecer na localidade acompanha a história do próprio local. A tecelagem surge na localidade por meio dos portugueses no século XVIII – no Povoado dos Pintos –, quando chegaram ao local, senhores de engenho, escravos e teares, sendo uma atividade que se disseminou entre as mulheres da região. As vestimentas dos que ali estavam eram produzidas nesses teares, principalmente a dos escravos, que teciam para si pois, ao contrário, não teriam o que vestir (CASTRO, 2015; SOUZA, 2018).

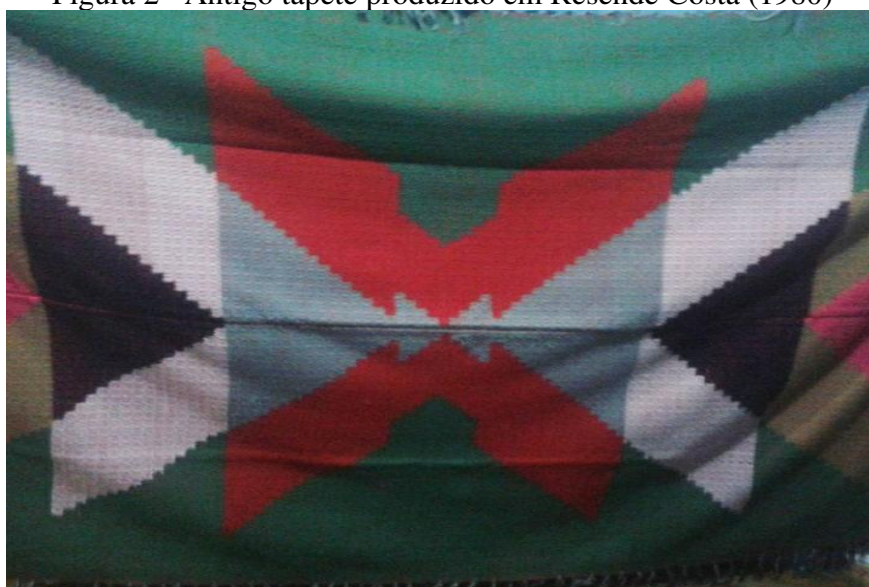
No sentido do parágrafo anterior, a cidade de Resende Costa possui marcos históricos peculiares. Em 1749, foi construída a ‘Capela de Nossa Senhora da Penha e França’, e ao seu redor foram construídas as primeiras casas que pertenciam às primeiras famílias que chegaram ao local, criando-se assim o ‘Arraial da Laje’. Entre os anos de 1788 e 1789, José de Resende Costa (pai e filho), aliaram-se ao movimento da Inconfidência Mineira. Por esse fato, eles são considerados os grandes heróis da história da localidade. 122 anos depois, no ano de 1911, o ‘Arraial da Laje’ se tornou município, chamando-se então ‘Vila Resende Costa’. Em 1923, quando o município conquista sua emancipação, passa-se a ser chamado de ‘Resende Costa’, em homenagem aos seus heróis locais (SANTOS; SILVA, 1997; RESENDE, 2016).

Em termos de história da tecelagem local, é importante traçar uma linha explanando as principais marcas históricas do artesanato no local. No final do Século XVIII, no então povoado de Pintos, as mulheres das primeiras famílias que chegaram ao local já teciam roupas e cobertores. Em 1830 a tecelagem têxtil passa a ser uma ocupação doméstica executada essencialmente por mulheres – escravas e livres – da zona rural. Entre os anos de 1911 e 1920 a tecelagem chega ao perímetro urbano da localidade. De 1940 a 1950 homens começam a sair a cavalo para vender os artefatos que eram produzidos no local. Entre 1960 e 1970 o retalho passa a ser a principal matéria-prima utilizada na tecelagem e é adquirido em malharias e fábricas da região. Em 1975 surgem as primeiras lojas de artesanato no município. No ano de 1984 tem-se a chegada do tear duplo no local (SANTOS; SILVA, 1997; RESENDE, 2016; RIBEIRO, 2016; RESENDE, 2019).

Então, em relação ao artesanato têxtil, a partir daqui urdem-se as análises relacionadas às entrevistas realizadas, trazendo a percepção dos entrevistados em relação ao contexto histórico do artesanato têxtil ‘resendecostense’. Assim, consegue-se entender como a

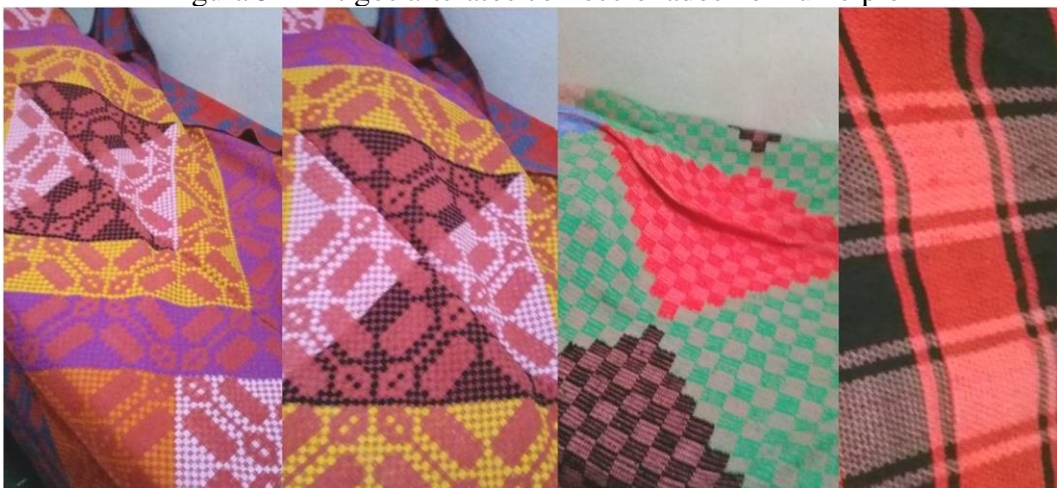
tecelagem era produzida no passado e como vem sendo fabricada no contexto atual da cidade. Por esse ângulo, Cândida (62 anos) e Melindrosa (65 anos) ajudam na construção de uma “linha do tempo”, na medida em que vivenciam o artesanato têxtil por maiores períodos, experienciando as modificações que foram ocorrendo ao longo dos anos. Através das respostas de ambas, e na percepção das mesmas, de um modo geral – entendendo que essas transformações abrangeram toda a população, não sendo apenas específicas e singulares –, pode-se dividir a produção da tecelagem de Resende Costa em três grandes momentos: no primeiro, todo o processo, desde a plantação do algodão até o acabamento dos artefatos era feito em casa, manualmente, de maneira mais lenta, com uma produção menor e os produtos eram mais complexos e detalhados, conforme Imagens 2, 3 e 4. No segundo momento, a matéria-prima torna-se, predominantemente, de retalhos, assim, passa-se a comprar esse material, que precisava ser picado, emendado e enrolado para que na sequência se pudesse tecer. Começam a surgir lojas de artesanato e a produção passa a ser manufaturada. O terceiro momento seria o atual, em que os retalhos são comprados já picados, precisando-se apenas enrolar e tecer. A produção passa a ser mais acelerada e os tecelões precisam fabricar um grande volume de produtos para abastecer a grande quantidade de lojas que existem no local.

Figura 2 - Antigo tapete produzido em Resende Costa (1980)



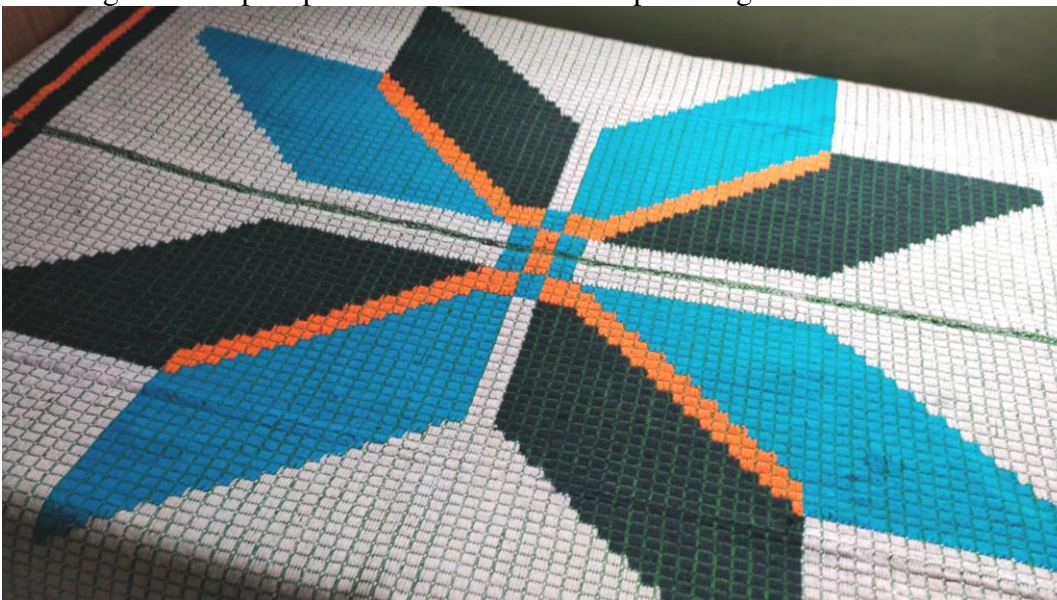
Fonte: Acervo pessoal de Valdemar

Figura 3 - Antigos artefatos confeccionados no município



Fonte: acervo pessoal de Deodoro

Figura 4 - Tapete produzido na cidade com padronagem mais detalhada



Fonte: acervo pessoal de Cândida

Articulando sobre o primeiro desses períodos que foram narrados pelos indivíduos dessa pesquisa, pode-se assimilar a tecelagem ‘resendecostense’ em uma perspectiva histórica. Nesse sentido, pautando-se nas falas de Cândida (62 anos), consegue-se entender que:

“Antigamente a gente que fazia todo o processo. A gente pegava naquela época da plantação de algodão, pegava o algodão e tinha também a lã de carneiro. O algodão a gente mesmo que colhia ele, tirava os caroços dele, caldava pra poder fazer o fio. A gentia fiava, urdia e o processo era todo feito em casa. E a lã também tinha esse processo que a gente tinha que lavar, depois tinha que caldar ela. A gente caldava ela, depois de tudo

pronto fiava em uma roda. E depois a gente tingia a lã e o fio de algodão. Naquele tempo não existia [corante], então a gente fazia a colheita no campo mesmo, colhia os matos que soltavam a tinta, aí a gente pintava. Colocava aquele laranja. Geralmente a cor mais trabalhada era o laranja, o roxo, o amarelo, essas cores assim mais básicas que dá no campo, né”.

Melindrosa (65 anos) complementa essa construção histórica sobre o ofício ao dizer que *“de primeira as coisas eram tão difícil, que a gente tinha que colher o algodão, lavar, cardar, pra depois a gente fiar, pra gente urdir, assim, era muito mais difícil que é hoje. Mais pra trás, antigamente era muito difícil o jeito”*. Essa compreensão vai ao encontro das respostas de quase todos os entrevistados, incluindo os mais jovens, que não vivenciaram, mas que ouviram essas histórias de seus antepassados, como Sol (34 anos), que diz que:

“Antigamente a gente tinha que urdir, que amarrar teia. Hoje em dia tem essa praticidade. O retalho tinha que picar, hoje em dia compra e só tem que enrolar. Mudou questão de fiar, que antigamente eles fiavam, né. Questão de tecer, antes eles teciam mais com aquelas canelinhas, hoje em dia já é a bola. Quando eu comecei a tecer, era só retalho de picar, não tinha o retalho de corda. Então tem essa praticidade. E teia a gente tinha que urdir na urdideira e a gente mesma enrolar. Hoje em dia não, já vem enrolado no próprio rolo, então eu acho que teve muita mudança, né. Foi se tornando mais prático”.

Nicolau (27 anos) rememora que as pessoas mais velhas de sua família participaram dessa ‘fase’ totalmente manual citando o exemplo de sua avó, e destaca que *“antigamente tinha o trabalho com a roca [um aparelho de fiação] também que criava o seu barbante. Minha avó mesmo que trabalhava muito em roca direto com o algodão colhido e tratado”*. De maneira símil, Deodoro (39 anos), um dos homens que possuem maior relação com a tecelagem – embora não a tenha como trabalho principal na atualidade –, auxilia também nessa compreensão em relação à maneira como se produzia o artesanato têxtil no passado. Ele diz que no passado produziam-se mais artefatos no tear e em menor quantidade, inclusive peças do vestuário, na medida em que o processo era todo manual. Em suas palavras:

“Minha avó, na história do artesanato em Resende Costa, minha avó foi uma das pioneiras, entendeu? Até porque o bisavô dela que trouxe o tear de Portugal (tear duplo), não sei se já te falaram isso, o Capitão Pinto, não sei se você já ouviu falar, que tem até o povoado de Pintos que é em homenagem a esse capitão. Foi esse capitão Pinto que trouxe o tear de Portugal, e aí, estabeleceu em algumas família. E como minha avó era bisneta dele [começou a tecer]. Aí usava-se o tear pra fazer roupa. As pessoas não tinha roupa. Aí as pessoas que tinham mais dinheiro usavam roupa que eram feitas no tear. Isso mesmo depois que o povo já usava roupa

feita, comprava pano pra fazer roupa, tinha gente que ainda usava roupa feita no tear. Minha avó fazia esse tipo de roupa. Tecia e depois costurava. Tirava a peça lá no tear. Era uma coisa meio grosseira, né, porque o fiado era feito em casa. Aí tinha que fazer, tinha que tingir. Era tudo feito em casa. Os fiado era feito. A lã era feita em casa. Às vezes colocava no tear, fazia colcha. A colcha era feita no tear e por exemplo, fala urdir, urdia no tear só duas colchas”.

Essa percepção de que no passado havia maior dificuldade na produção artesanal foi destacada pela grande maioria dos entrevistados, como salienta Estrelinha (47 anos) ao lembrar que *“minha avó antigamente era fiandeira, era mais difícil. Era mais difícil porque na época da minha mãe o pessoal fiava lã pra poder fazer o fio”*. Flor (33 anos) também salienta essas mudanças principalmente em termos de aquisição de matéria-prima, destacando, no entanto, que os teares seguem sendo os mesmos. Em suas palavras: *“antes tinha que fazer tudo em casa. Minha avó fiava na roca. Agora a gente já compra a linha, os retalhos e é só tecer. Mas então, no meu caso, os teares são os mesmos que a minha mãe usava. Mas aqui em Resende Costa, o artesanato foi só aprimorando”*. Esse aprimoramento no ponto de vista de outros tecelões, na verdade, é assimilado como simplificação.

Continuando o percurso histórico acerca da tecelagem, é relevante apontar que, a partir da década de 1980, a produção artesanal na cidade começa a se elevar ao passo que as vendas aumentam. Vendedores passam a buscar mercadoria na cidade para revender em outras localidades. Em 1985, homens começam a ver o artesanato têxtil como uma possibilidade de trabalho. No ano de 1990 tem-se grande elevação no número de lojas de artesanatos locais. Em 1993 funda-se a Associação dos Artesãos de Resende Costa (ASARC). Em 1995 o retalho passa a ser adquirido picado no formato de corda, já em tiras. Em 2005 funda-se a Associação Empresarial e Turística de Resende Costa (ASSETURC). Em 2013 foi realizada a primeira ‘Mostra de Artesanato e Cultura de Resende Costa’, evento fundamentado para colocar a produção artesanal têxtil em evidência em determinada data do ano. No ano de 2016 o saber da tecelagem é registrado como Patrimônio Cultural Imaterial de Resende Costa (SANTOS; SILVA, 1997; RESENDE, 2016; RIBEIRO, 2016; RESENDE, 2019).

Desde a chegada dos saberes e dos teares na cidade, a tecelagem está presente no cotidiano das pessoas, sendo um grande desenvolvedor social e local. A tradição de tecer passa e é repassada através de gerações (SANTOS; SILVA, 1997). Resende Costa rememora um importante fato histórico que é a Inconfidência Mineira. Esse fato, associado à histórica tradição de se tecer manualmente, fez com que a cidade tivesse grande potencial turístico. Ademais, o município se localiza no itinerário da Estrada Real, que interliga as cidades de

Tiradentes, Ouro Preto e São João Del Rei, outras grandes localidades turísticas da região (SOUZA, 2018).

A evolução turística em Resende Costa acontece naturalmente, pois não existiu um planejamento dos responsáveis pelo município. Com o tempo, surgiram lojas de artesanato, restaurantes e pousadas. Os órgãos públicos atuam de maneira tardia nessa questão. Até a primeira década dos anos 2000, não existiu algum planejamento de política pública, que, assim com a sociedade civil, começa a se articular mais recentemente com o surgimento de associações como a ASETURC – Associação Empresarial e Turística de Resende Costa, em 2005 (PREFEITURA MUNICIPAL DE RESENDE COSTA, 2019; BATISTA; JUNIOR, 2020).

A partir dessa evolução turística, com o grande número de lojas e também pelo aumento no número de pessoas que compram artefatos no município para revender em outras localidades, boa parte da população local vê na tecelagem uma maneira de ter uma profissão e adquirir sua renda. Nesse aspecto, segundo matéria do jornal G1 Zona da Mata – MG (2014), na atualidade, cerca de 70% das pessoas de Resende Costa, possuem algum tipo de relação com o artesanato têxtil, já que através dessa produção são geradas ocupações diretas – como os tecelões e vendedores de artesanato – e indiretas – como donos de pousada, supermercados e postos de gasolina –, entendendo que a tecelagem é um atrativo turístico do local. Essa discussão, no que toca ao desenvolvimento do setor artesanal em uma perspectiva mais atual, será apresentada no tópico seguinte.

4.3.3 Vivências do trabalho têxtil: perspectiva atual

Sabe-se então que a tecelagem está presente no município desde o período colonial do país. A tecelagem passa por um processo de evolução no decorrer do tempo, principalmente em relação à maneira como se adquire matéria-prima, e os produtos passam a ser produzidos por meio de padronagens mais simples e lisas. Isso ocorre pois o número de lojas na cidade se expande, assim como aumenta o fluxo turístico e de compra para a revenda no local. A demanda pelos produtos da cidade se torna intensa e, assim, os artesãos passam a manufaturar seus produtos e receber por produção (SOUZA, 2018). Essa questão vai ao encontro de algumas falas de entrevistados que elucidam que os produtos produzidos na cidade se tonam mais simples em sua configuração visual (Imagem 5), já que o processo artesanal passa a ser apenas o da tecelagem. Nicolau (27 anos) elucidava bastante esse prisma quando diz que essa simplificação passa por diferentes instâncias,

desde a produção até o consumo: a produção do artesão que precisa confeccionar muitos produtos por dia já que recebe pela produção; a quantidade produzida se eleva para que todas as lojas sejam abastecidas; e esses tapetes passam a ser comprados em grande escala para serem revendidos. Em sua fala:

“Eu peguei uma parte onde houve uma simplificação estética na produção do tapete que foi o momento em que as lojas se popularizaram, ali por volta de 2010, por aí. Então quando eu começo a tecer, esses tapetes, eles tinham um trabalho estético mais elaborado que demandava mais tempo. Depois, a produção se populariza, ela começa ficar um pouco mais simples esteticamente, onde a produção passa para um aspecto mais quantitativo. Hoje em dia começa a dar uma simplificada, primeiro numa questão estética da projeção geométrica dos desenhos. Elas se simplificam, ela se transforma quase numa coisa horizontal. O máximo que você faz é uma variação de cores ali. Os tamanhos foram reduzindo também. E persiste muito a questão de tapetes de uma cor só. A produção se tendência a estar focada em uma produção mais rápida. Essa simplificação também vem da quantidade que tem que ser produzida pra abastecer a quantidade de loja que tem na cidade e a quantidade de vendedor que vem comprar. São várias vias. Se você for analisar, a coisa se ramifica: primeiro é a produção do próprio tecelão. Então ele simplifica pra ganhar mais, pra tentar ganhar mais. A outra questão é a quantidade de material, né. O material começa a se tornar escasso. Terceiro seria a questão das lojas. A minha irmã também tem uma loja de artesanato e os números que ela vende são números absurdos”.

Figura 5 - Tapetes produzidos em Resende Costa atualmente



Fonte: acervos pessoais de Maria, Marafunda e Justina

Essa temática relativa à mudança e aceleração na produção artesanal do local faz com que seja possível situar o contexto atual da tecelagem manufaturada em Resende Costa, ao passo que se pode discutir acerca do artesanato inserido no sistema capitalista atual.

Assim, por conta de intervenções que modificam a produção do artesanato no Brasil, tem-se a observação de que ocorre um processo de empobrecimento nas características materiais e, sobretudo, no campo simbólico específico de uma comunidade que executa esse tipo de expressão cultural. Dessa forma, os artesãos passam a ser incorporados em um sistema – pautado na precarização, na massificação e na flexibilidade – que sustenta o capitalismo na contemporaneidade. Esse processo favorece o que se intitula de ‘empresarização’ do artesanato, em que se tem a reprodução de uma concepção que atrela o desenvolvimento como uma expressão ligada ao aumento da aptidão dos produtos fabricados para o consumo. Então “[...] a lógica subjacente a essa ideologia está na concepção de que a proclamada liberdade que seria inerente à política neoliberal reside no potencial de consumo individual” (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014, p. 77).

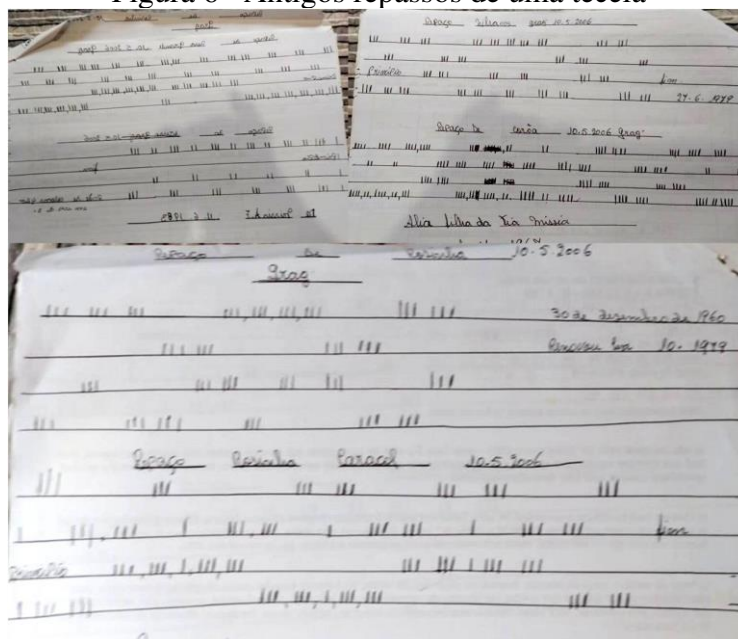
Nessa lógica, as características singulares que distinguem a produção artesanal de uma localidade para outra vão se atenuando, projetando um sistema que massifica a produção

artesanal e as práticas de organizações. Essa massificação associada a produção em série do produto artesanal remove parte da autonomia do profissional artesão, afastando de certa forma a liberdade que este teria em sua produção, reproduzindo “[...] uma situação de dependência em que, de fato, não há perspectivas aparentes de transformação”. Então, a transformação que ocorre no artesanato está relacionada com a facilitação do acesso ao mercado de consumo (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014, p. 77).

Nesse contexto, constata-se então que a maneira de se adquirir a matéria-prima para a produção artesanal na cidade se modifica no decorrer do tempo fazendo com que o processo se tornasse mais facilitado, já que não se tem a necessidade de produzir os fios para depois tecê-los, como destaca Ambrosia (38 anos): *“as coisas vão modernizando, né? Hoje a matéria é mais retalho e a linha é comprada, antes tinha que fazer o fio”*. E isso impacta também na qualidade desses materiais. Quando se começou a utilizar retalhos na produção do artesanato, esses eram refugos têxteis advindos de roupas inutilizadas. Com a industrialização da matéria-prima, há uma melhoria na qualidade, como aponta Rosa (37 anos), ao dizer que *“acho que melhorou, assim, os retalhos melhoraram”*. Cândida (62 anos) que é grande conhecedora do artesanato local, destaca bem essa questão da simplificação do processo quando diz que:

“Então hoje em Resende Costa o pessoal costuma trabalhar com o tapete zebrinha, o xadrez e tem também outros trabalhos, né, que fazem, como cortina, colcha, centro de sala, mas tudo num trabalho mais fácil pra dar produção. Por causa disso, como aqui ultimamente se tornou uma fonte de renda, a maioria, uns 80% sobrevive disso, então adaptaram tudo pra isso, tudo com coisa mais fácil hoje. Então aquele processo lá atrás que o povo fazia, aqui não tem mais, porque hoje é mais por produção. Você compra fio de um, malha de outro a lã de outro, então você não tem mais aquele processo. E com isso aí, como hoje é tudo comprado, a gente faz a cadeia produtiva pra poder comercializar os produtos. Antigamente a gente trabalha com desenhos, os desenhos que você via, que a gente chamava isso de repasso (Imagem 6), né, o desenho que a gente criava, só que nesse desenho, a gente jogava uma parte lisa, pra poder ir formando aquelas formas. Só que o povo optaram a ficar agora só na parte lisa, que aí dá mais rendimento, aí dá mais produção, e o trabalho em si, se for fazer ele hoje, o povo não valoriza ele mais igual era antigamente. Hoje tá mais simples”.

Figura 6 - Antigos repassos de uma tecelã



Fonte: acervo pessoal de Cândida

Então a maneira de se adquirir matéria-prima se modifica, como já evidenciavam Santos e Silva (1997), a partir do advento da indústria têxtil atrelado ao processo de desenvolvimento urbano em Resende Costa. O desenvolvimento chega ao artesanato, incrementando-o sem o descaracterizar, no sentido de como esses artefatos eram produzidos no tear. Nesse período, os artesãos passam a adquirir retalhos de malharias da região. Em um primeiro momento, os retalhos eram doados e depois começou a ser comercializado. Com o uso dos retalhos, o artesanato passa a ser concebido com a utilização de novas cores e texturas que não eram possibilitadas pela produção manual dos fios. Ao mesmo passo, os fios em formato de linha começam a ser comprados industrializados. Dessa forma, com essa modernização da matéria-prima a produção artesanal se torna mais agilizada e diversa, principalmente em relação às cores dos artefatos, ao passo que a demanda se eleva e os artesãos passam a produzir grandes quantidades e produtos de uma maneira mais simplificada diariamente.

Ainda nessa continuidade, no que tange às técnicas da tecelagem e também no que toca aos teares, muitos dos entrevistados destacaram que, no geral, quem tece em casa utiliza de teares antigos que já estão presentes na família por gerações (Imagem 7). Em relação ao modo de se tecer, as respostas também apontam para uma manutenção de técnicas antigas, embora tenha havido uma simplificação nos produtos produzidos, como aponta Dama (42 anos) quando fala que *“deu uma evoluída. Mas assim, desde quando eu, tipo, comecei a tecer, o jeito de fazer é o mesmo. Os teares também a maioria continua os mesmos”*. Para Mara (36

anos) “os tear não mudou muita coisa não. O jeito de fazer o tapetinho, de tecer também é o mesmo”. O mesmo é dito por Flor (33 anos): “agora a gente já compra a linha, os retalhos e é só tecer. Mas então, no meu caso, os teares são os mesmos que a minha mãe usava”. Chica (27 anos) também aponta o mesmo ao expressar que “no jeito de tecer desde quando minha mãe tecia eu acho que não mudou, é mais no retalho que agora a gente já compra e é só enrolar. E os teares são os mesmos também, pelo menos os meus são. Adelaida (25 anos) diz que ainda trabalha em um tear que sua mãe ganhou quando começou a tecer. Para ela, as técnicas de tecer “são as mesmas sim. E os teares, um é o primeiro que minha mãe ganhou quando ela começou a tecer e ele ainda tá aqui e nós tece de vez em quando nele. Mas tem outros novos, mas é o mesmo estilo”.

Figura 7 - Teares das tecelãs entrevistadas



Fonte: acervos pessoais de Sambrozinha e Justina

Ainda que a maioria dos entrevistados aponte para a realização da tecelagem de maneira mais tradicional, alguns elucidam que existiram modificações importantes e isso evidencia a multiplicidade de dinâmicas existentes no município. Uma dessas modificações seria a troca do local em que se coloca a bobina – ou teia – para a realização da tecelagem. Alguns tecelões seguem colocando a teia na parte de cima do tear, outros passam a colocar na parte de baixo para evitar erguer peso (Imagem 8). Para Joana (32 anos) a matéria de confecção dos teares mudou: “os teares, assim, acho que são os mesmos, mas o tear era antigo, era mais pesado né. Era aquelas madeiras grossona, hoje não, hoje já é mais fino, mais moderno, mais leve. Antes era pesado”. Isso vai ao encontro da opinião de Ambrosia (38 anos) ao pontuar que “os teares eles são parecidos, mas são feitos em madeiras mais leves. Acho que muda mais nesse sentido. O jeito que bate no tear não muda”. Marafunda (29

anos) e Valdemar (26 anos) possuem um entendimento próximo quando dizem respectivamente que:

“Eu falo que mudou muito por causa dos materiais, né? Hoje é bem mais fácil porque o retalho já vem picado, é só enrolar. Os tapetes também, tem alguns que são bem mais fáceis de fazer porque são mais simples, não tem aqueles desenhos trabalhados. E eu acho que simplificou porque a gente precisa fazer muita quantidade. Tem muitas lojas na cidade, né? Porque os teares costumam serem os mesmos ou parecidos. Claro que pode ter mudado o material pra ficarem mais leves, mas muita gente tece em teares que foram de suas mães” (Marafunda, 29 anos).

“Ah, acelerou muito a produção. Quando estava na produção antiga, essa produção estava retida a poucas pessoas. Hoje em dia por ter muita gente que, igual, as distribuidoras de linha aqui, já tem a máquina pra poder fazer a teia que produz o tapete, facilitou muito pra que todo mundo hoje em dia tenha um tear em casa. Aí facilitou muito, sabe? E aumentou muito a quantidade de tapete no mercado” (Valdemar, 26 anos).

Figura 8 - Modificação no local da teia no tear



Fonte: acervo pessoal de Sambroziha

Souza (2018) estuda essas transformações na produção artesanal destacando a relação dessas modificações com as alterações do trabalho no mundo capitalista. Pesquisando especificamente a produção artesanal em Resende Costa, a autora encontra inovações e invenções que alguns artesãos fizeram para facilitar seus processos, destacando a urdideira – sendo um maquinário, inicialmente, composto por peças de madeira paralelas, utilizado para a preparação do fio para a tecelagem, enrolando os fios nos novelos –, a utilização de motores para a produção mais rápida de teias e a motorização da urdideira. Isso vai ao encontro da

percepção de Aderson (25 anos) que vê métodos de modernização em um âmbito individual. Para ele, *“a tecelagem aqui, os teares se mantêm a mesma coisa, entendeu? Claro que uma coisa ou outra muda, a matéria-prima. E eu conheço um rapaz que ele que criou outro jeito de tecer, ele deu um upgrade no tear, digamos assim, e facilitou muito pra ele”*. Sol (34 anos) e Cândida (62 anos) também tem uma percepção similar. Para elas, os teares passaram por adaptações para que o processo se tornasse mais facilitado. Nas palavras de ambas, sucessivamente:

“Os teares da minha avó pro da minha mãe já teve um pouco de mudança sim. Onde põe o liço ali, antigamente era tudo de madeira, eles foram adaptando. Hoje em dia tem uns motores que ajudam a enrolar, antes era tudo manual. Então teve bastante mudança sim” (Sol, 34 anos).

“Os tear também foram adaptados porque antigamente, pra gente trabalhar como fazia todo o processo, dava tempo de você descansar de um trabalho pro outro, e hoje não. Quando eles terminam uma teia, que é o que a gente fala aqui, já tá separando material pra próxima. Então eles ficam fazendo muito serviço repetitivo, aí teve que adaptar o tear por causa disso procurando um melhor jeito que tem pra pessoa trabalhar, preocupando mais com o corpo, principalmente o braço que é o que mais aperta” (Cândida, 62 anos).

Através dessas percepções, nota-se que a tecelagem vem se desenvolvendo no município, principalmente pela grande elevação dos números de lojas de artesanato local. De acordo com Resende (2019), tem-se uma estimativa de que na cidade existam pelo menos 80 lojas de artesanato. Esse aumento no número de lojas é apontado como um dos motivos para a simplificação do processo artesanal, como aponta Agenor (26 anos):

“Olha, muita coisa mudou. A gente vê quando eu era criança, pessoal trabalhava muito com colcha, com coisa grande, hoje já é coisa pequena, hoje é mais é tapete. Antigamente era colcha, era tudo. Até os meios de material também mudaram muito. Pela quantidade, porque o que acontece, o pessoal vendia nas casas e tal, hoje, esse tanto de loja que tem aqui, expandiram muito o produto, é reconhecido nacionalmente e até internacionalmente também”.

Com essa evolução, a tecelagem é vista como uma oportunidade de geração e emprego e renda para muitas famílias locais. Isso fica bastante evidente na fala de Justina (39 anos). Para ela:

“A gente percebe que cada dia tá crescendo mais, dando mais oportunidade pra muita gente que às vezes não consegue um emprego, às vezes a pessoa

que algum emprego em algum comércio, alguma coisa em algum lugar e não consegue, então assim, a tecelagem aqui ela dá muita oportunidade pra muita gente. Acho que na nossa cidade, não trabalha quem não quer porque se a pessoa não sabe fazer um tapete, a pessoa enrola um retalho, enrola uma linha, amarra um tapetinho. Então assim, a tecelagem aqui dá oportunidade pra muita gente, entendeu”.

Nessa ótica de crescimento e modernização, na atualidade, o artesanato local é comercializado também via internet. Muitos tecelões vendem e entregam seus produtos para todo o Brasil, embora essa presença *on-line* seja maiormente percebida em relação às lojas locais e aos tecelões comerciantes. Marulina (47 anos) destaca isso quando diz que:

“Hoje a gente vende pela internet, vem muito turista na cidade. E antigamente tinham mais eram vendedores que eram os pais de família que saíam da cidade para vender e eram poucos. Daí, a gente vendia para eles. Agora melhorou nessa área que hoje tá muito mais fácil para você vender”.

Além de entender o percurso histórico acerca da evolução e as modificações ocorridas no processo de realização do artesanato no local, busca-se também compreender a importância que essa atividade tem na vida cotidiana dos artesãos, tendo em vista que muitas pessoas e famílias têm na prática artesanal como a única forma de adquirir renda. Essa questão será apresentada no tópico seguinte.

4.3.4 As importâncias da tecelagem no município

Em relação a categoria importância, a maioria dos homens entrevistados enxerga a tecelagem com grande relevância, em especial para a economia da cidade. Assim, como destacado por Pécio (34 anos), a tecelagem *“é quase que o motor da cidade, né. Ela responde por quase, eu não sei a estatística direito, mas, assim, a geração de emprego diretamente e indiretamente é muito grande”*. Rafael (37 anos) também ilustra essa importância, já que em sua opinião, *“uai, a tecelagem aqui movimenta... Creio eu, que 70% da cidade gira em torno do artesanato, cara. Pessoas que não tem outro tipo de renda a não ser o artesanato. Então assim é importantíssimo. Movimenta 70% da renda da cidade”*. Nesse mesmo direcionamento, tem-se o entendimento de Saturino (21 anos), já que em sua opinião *“a renda da cidade é gerada por isso, o dinheiro roda por causa do artesanato, porque se não tivesse artesanato acho que as coisas seriam complicadas, o dinheiro não ia rolar tanto quanto hoje ele anda”*. Flor (33 anos) complementa bem esse entendimento,

elucidando a complexidade e o alcance – em termos quantitativos – que a tecelagem possui no município, ao dizer que:

“A tecelagem, ela sustenta grande parte de Resende Costa. Boa parte de Resende Costa é sustentada por ali, né? Desde aquelas pessoas empresárias, até os mais pobres, porque tem as pessoas que tecem, enrolam linha, retalho, amarra tapete. Então muitas famílias acabam dependendo disso”.

Até mesmo pessoas que não trabalham com artesanato no local reconhecem a importância do mesmo, como percebe Ocacyr (38 anos) ao dizer que *“aqui em Resende Costa o que mantém a cidade é isso, né. Creio eu que paga um salário que dá pra sustentar as pessoas porque muitas famílias aqui se sustentam com isso, né. É muito importante pro pessoal daqui”*. Assim como compreende Osório (64 anos): *“eu sei que a tecelagem é um trabalho bem importante porque antes quando eu era menino, não tinha nada pra se fazer em Resende Costa”*.

Essa importância econômica atribuída ao trabalho artesanal é explicitada por Castilho *et al.* (2017), ao dizerem que trabalhos artesanais estimulam a circulação turística de um determinado local, como também entendem Aderson (25 anos), ao dizer que *“do ponto turístico é maravilhoso, né? Pra cidade, pra economia”*, e Valdemar (26 anos), ao apontar que *“se não fosse essa parte do artesanato aqui, Resende Costa não seria o que ela é. Isso desenvolveu muito a cidade. E o turismo acaba sendo atraído por conta do artesanato”*. Nicolau (27 anos) também destaca esse atributo turístico e de identidade local do artesanato têxtil para Resende Costa, já que para ele:

“A tecelagem é uma expressão, né? A cidade ela se expressa por meio da tecelagem. A tecelagem ‘resendecostense’, na verdade não só a tecelagem, mas a comercialização, por ser um ponto de comercialização de mercadorias têxteis, faz a cidade se expressar no contexto das vertentes principalmente, Minas Gerais, e talvez até nacionalmente. É o cartão de visitas da cidade no fim das contas. Então isso vai continuar a ser por muito tempo. Então a tecelagem em si fica até um pouco abafada. O que é o cartão de visitas é esse ponto de comercialização de têxteis. Eu acho que já foi impregnado culturalmente na identidade da cidade isso, né. Como Tiradentes é um lugar de passeio, né, é um lugar que você vai que tem bons restaurantes e que é caro, já gera um desejo por essas qualidades, né, Resende Costa já tem outra qualidade que é barato e é um ponto de comercialização dessas coisas de casa, qualquer material têxtil é possível, itens de decoração mesmo, né. Em Resende Costa se faz turismo, mas não é o turismo de recreação, a não ser que consideremos esse modelo de consumo como recreação, mas não acho que seja. Você vê que são pessoas comprando mercadorias pra vender em outros lugares, em outras lojas de artesanato, em sua maioria, né”.

Essas questões fazem com que sejam conhecidas parte da cultura material e imaterial de um determinado lugar, auxiliando no processo de proteção e salvaguarda dessas culturas. Ademais, o artesanato, em suas múltiplas formas, é entendido como uma ocupação que gera renda e inclusão social, colaborando para o desenvolvimento social e local de maneira sustentável (CASTILHO *et al.*, 2017).

Ainda nessa relação de desenvolvimento social e local, alguns dos entrevistados ilustram essa circunstância ao relatarem que, por conta do trabalho associado ao campo do artesanato têxtil, não existem pessoas em situação de rua no local, sendo um meio de ocupação importante essencialmente para pessoas que possuem baixo nível de escolaridade. Gervásio (26 anos) tem essa compreensão ao dizer que a tecelagem *“ajuda muito a cidade não ter extrema pobreza. Não existe mendigo em Resende Costa. Claro que existem pessoas que passam necessidade, mas nada perto da questão de cidade grande”*. Aderson (25 anos) complementa essa impressão quando diz que:

“É importante também pras pessoas que às vezes não têm um estudo, que não têm uma oportunidade. Aqui na cidade é bem complicado isso, a não ser que você estude, procure se especializar em alguma coisa, em alguma área, dificilmente você consegue sair desse ciclo, entendeu? E o tear assim, ele é muito bom por causa que você não consegue ficar sem um serviço aqui em Resende Costa, entendeu? Mesmo que você ganhe bem pouco, mas não tem ninguém aqui que... vou dizer assim, como mendigo aqui na cidade, entendeu? Porque sempre tem um serviço envolvendo o artesanato pra ser feito: enrolar retalho, amarrar tapete, tecelagem também, entendeu?”

Como pode ser percebido, a tecelagem para os tecelões de Resende Costa está associada essencialmente à questão financeira, como relata Estrelinha (47 anos) ao dizer que *“nosso Deus, pra mim é uma benção. Tem mães mesmo que às vezes tá sozinha, sustenta a casa. Eu quando era mais nova, as primeiras coisas que eu comprei na minha vida foi tecendo, eu com meus irmãos”*. Adelaida (25 anos) também vê na tecelagem como uma oportunidade de emprego já que em sua concepção o artesanato *“é meu meio de renda. É o único jeito que eu consegui tirar a renda pra minha família é tecendo”*. Para Maru (40 anos), a tecelagem *“hoje é o ganha-pão que a gente tá tendo, porque em tempo de crise, nossa, tá sendo o essencial”*. Nesse direcionamento, tem-se também a noção de Joana (32 anos) ao dizer que *“sem ela [tecelagem] num tinha nada, é o meu ganha-pão, né. Pra mim cuidar dos meus filhos, de mim, pra mim comer, tudo, dependendo dela”*. Para Dama (42 anos) a tecelagem *“é 100%, né. Eu consigo sobreviver, às vezes com um pouco de dificuldade, né, mas é do tear*

que eu tiro o meu sustento, então é tudo, né. E eu teço porque a tecelagem é a minha fonte de renda mesmo”.

A motivação da renda está, então, presente nas respostas da grande maioria dos entrevistados. Articulado a isso, algumas mulheres destacam que a prática de tecer é uma maneira de deter de certa autonomia e independência financeira, como compreende Marafunda (29 anos). Em sua concepção, *“a tecelagem é importante pra mim porque é o que me ajuda a ter minha renda, né? Me ajuda a não depender 100% do meu marido”*. Isso, de certa forma, vai ao encontro das teorias de Lipovetsky (2000), ao elucidar que, durante as últimas décadas e de forma progressiva, as mulheres principiam ao trabalho como uma maneira de ter sucesso na vida, de rejeitar uma identidade fundamentada em papéis familiares e de buscar por autonomia através da não-dependência do marido. A nova relação da mulher com o trabalho parte da exigência de se afirmar como sujeito e de existir como pessoa autônoma. O trabalho torna-se então uma base essencial para a construção da identidade social feminina. O trabalho das mulheres casadas, como exemplo, que outrora era tido como secundário e de apoio ao esposo – embora ainda permaneça dessa forma em alguns casos aqui apresentados –, na atualidade é visto como uma forma de autoafirmação feminina, suprimindo demandas individuais da mulher.

Além de ser uma importante fonte de renda, principalmente para as mulheres locais, o artesanato também permeia questões simbólicas e afetivas das artesãs, como destaca Melindrosa (65 anos). Em suas palavras:

“Pra mim foi uma ótima, porque foi o que me ajudou a criar os meus filhos. Trabalhei muito, mas me ajudou muito também, foi uma boa coisa na minha vida. Ó, e de vez em quando a gente lembra, né, dos momentos que a gente, sei lá, que juntava as turmas de moça e ia tudo em cada época, cada dia ia pra casa de uma pra trabalhar, uma sentava na roda e aí ficava contando caso, é uma lembrança muito boa”.

Entende-se então que o artesanato, por essa ótica, principalmente em comunidades cuja produção artesanal movimenta a economia local, como no caso de Resende Costa, é um dos principais meios pelos quais muitas pessoas – essencialmente as mulheres – adquirem renda, para manterem a si mesmas e suas famílias (BARROSO; FROTA, 2010). Ademais, conforme elucidado por Lind (2020), através do artesanato cria-se um tipo de experiência comunitária, sendo aferidas no ofício artesanal qualidades como a sociabilidade. O artesanato como uma experiência se evidencia quando artesãs utilizam o espaço onde há relações sociais para inserir discussões as quais podem elucidar aspectos de sua compreensão sobre a história

da mulher com o ofício, dos sistemas contemporâneos de produção e das mudanças nos padrões de vida e trabalho, como uma forma de (re)atribuir significados ao trabalho das mulheres do passado no presente, através do artesanato.

Ainda no tocante a questões subjetivas que permeiam a atividade artesanal, muitas das mulheres entrevistadas aprenderam a tecer muito jovens, dizem gostar do que fazem e ainda veem no artesanato como uma prática para passar o tempo, como o caso de Chica (27 anos) ao dizer que *“eu gosto de trabalhar, eu gosto de tecer, assim a gente distrai um pouco, então eu gosto. E é o meu meio de vida, né? É o jeito que eu ganho meu dinheiro. E é uma coisa que eu faço desde menina, né?”*. Ambrosia (38 anos) diz amar o que faz. Para ela, *“a tecelagem é tudo. Pra começo de conversa, a tecelagem é minha vida. Eu amo de paixão. E eu gosto mesmo, de verdade. Não largo e não troco por nada”*.

Essas questões subjetivas atribuídas ao fazer artesanal por algumas das mulheres entrevistadas relacionam-se com a pesquisa de Lind (2020) que, ao estudar um grupo artesãs de uma comunidade de fiandeiras²⁷, evidencia questões distintas para a motivação e produção de suas artesanias. Muitas dessas destacam qualidades terapêuticas através da manutenção de tais afazeres. Isso é perceptível na fala de Cândida (62 anos), quando diz que *“ah, eu acho ótimo. Adoro. É um serviço muito bom sabe? É uma terapia, o trabalho que a gente faz ali acaba sendo uma terapia”*.

Através dessas percepções, entende-se que a tecelagem, para muitas das artesãs, possui estas quatro significações: trata-se de uma forma de adquirir renda, ao mesmo tempo em que é uma tradição passada através de gerações fazendo com que sejam rememoradas lembranças do passado, sendo um gerador de sociabilidade e ainda uma atividade terapêutica usada como passatempo. E essas questões são percebidas por muitos autores que possuem o artesanato – em suas múltiplas formas e por diferentes perspectivas – como objeto de pesquisa, especialmente Lind (2020). Na fala de Flor (33 anos), essas quatro atribuições podem ser notadas:

“Então, é, a tecelagem na minha vida é importante em tudo, né? Que ajuda eu alcançar o que eu quero, e como a gente tem filho pequeno, a gente não tem como trabalhar fora direto. Ajuda eu comprar minhas coisas. E outra coisa, é bom também pra minha cabeça porque eu sou muito ansiosa. De alguma forma, o artesanato me ajuda a controlar isso. Eu ocupo a minha mente. A tecelagem pra mim é importante nisso também. E eu tenho lembranças da minha vó. Assim, por mais que ela tenha ido embora há

²⁷ Mulheres que, com o auxílio de maquinários específicos, transformam fibras naturais em fios.

poucos meses, eu tenho grandes lembranças dela tecendo. Nossa, dela ensinando pra gente”.

Em outro ponto de vista, conforme já destacado, muitos dos homens entrevistados possuem a tecelagem como uma ocupação secundária. Assim, para esses, a atividade artesanal é importante por propiciar uma complementação de renda, como entende Valdemar (26 anos), já que em suas palavras *“o artesanato é importante pras pessoas primeiro por ser uma complementação de renda”*. Vicente (41 anos) complementa essa opinião ao dizer que:

“Ah, a importância aqui é fundamental, até hoje. Até hoje eu ainda uso ele como uma segunda renda, entendeu, quando eu tô disposto eu chego do trabalho e ainda entro um pouquinho [no tear], pra cidade é fundamental. Não só eu, muita gente usa a tecelagem hoje como uma segunda renda, entendeu. Às vezes a pessoa tem um emprego aqui, às vezes no mercado, alguma coisa, aí ganha menos, chega em casa ela pega no tear pra tecer um pouquinho pra ganhar uma segunda renda”.

Por fim, amarrando todas essas percepções, tem-se o entendimento de que o artesanato têxtil é uma ocupação que está presente na cidade de Resende Costa há muito tempo, tratando-se então de um trabalho histórico – ainda que passe por modificações ao longo do tempo. Então, por ser um trabalho histórico, está presente na vida dos habitantes por diferentes motivos, mas sendo importante da mesma forma. Nesse entendimento, muitas pessoas dependem de seus teares e isso é destacado por Valdemar (26 anos). Para ele, tecer:

“É um serviço histórico, um serviço muito histórico. A gente fala que todas as famílias geram um laço entorno do tear. As famílias vão olhar pro tear e vão pensar: foi dali que eu tirei meu prato de comida. Muitas pessoas pensam isso, sabe? Por isso que eles começam a ter uma relação muito forte com o tear, por causa disso. Igual eu, por exemplo, com a faculdade. Muitas vezes eu paguei várias parcelas da faculdade, eu tirei foi de tear. Aí eu sempre vou lembrar por resto da vida. Isso acaba gerando um laço íntimo e psicológico da pessoa com aquele tear. Pra cidade, no lado lindo da história, as pessoas de fora vê que é um trabalho bonito que a cidade tem, que é a cidade do artesanato, que é um ponto artístico. Isso chama muito a atenção das pessoas. A cidade é muito bonita, que o povo é muito talentoso e isso chama a atenção para a cidade. Que cada artesanato que você passar, mesmo tendo alguma peça igual, igual eu comentei com você, vai ter uma história diferente”.

Ao falar da importância da tecelagem na vida dos artesãos, principalmente em relação às mulheres, buscou-se entender também o que esses percebem quanto à valorização de seus trabalhos. A grande maioria dos entrevistados entende que seus trabalhos não são valorizados e isso é fortemente associado a questões como a falta de direitos trabalhistas e em relação à

remuneração, como diz Rosa (37 anos), *“ah, eu acho que não é valorizado, às vezes não. Acho que a gente recebe pouco pelo serviço da gente, porque é bem desgastante”*. A fala de Flor (33 anos) segue esse mesmo direcionamento quando ela diz que os trabalhos *“não são valorizados. Não pelos habitantes, mas pelas pessoas que compram. O olhar da gente que tá acostumada a ver é desse jeito. Aí paga pouco pro tecelão e o trabalho mesmo não é valorizado”*. Estrelinha (47 anos) também reconhece essa questão ao apontar que *“podia ser bem mais [valorizado]. A gente tem que tecer bem e ainda recebe pouco, então eu acho que podia ser mais”*. Maru (40 anos) é bastante enfática ao ser questionada sobre esse aspecto da valorização. Para ela, a tecelagem não é valorizada *“nunca, jamais. Não é valorizado mesmo. Pessoal não dá valor nenhum. É muito desvalorizado mesmo pra quem trabalha [tecendo], agora pra quem vende, pra eles é vantagem”*. Chica (27 anos) da mesma forma tem essa assimilação, pois para ela *“tem que tecer muita quantidade pra conseguir receber melhor. Igual eu te falei, agora eu tô com uma menina pequena e eu tenho que ficar olhando sempre, tô tecendo menos e aí recebo menos”*. Essa desvalorização por conta da baixa remuneração é a percepção que mais se repetiu entre os entrevistados, e de maneira ainda mais enfática para os artesãos que tecem por conta própria, e Rosa (37 anos) realça esse ponto ao dizer que:

“O trabalho do tecelão não é valorizado. Não acho que seja. Porque a gente passa por isso, principalmente com essa pandemia, o material, a linha, a malha ficou muito caro aí você tem que repassar. Aí você vai pedir aumento pros lojistas, eles acham um absurdo. Acham que a gente tá pedindo caro. Então assim, a gente tem que acompanhar com isso. E a pandemia veio e aumentou as coisas absurdamente e a gente não consegue acompanhar esse valor. Se for colocar tudo na ponta da caneta, eles [lojistas] não pagam na mercadoria o valor que elas realmente valem”.

Alguns homens atribuem a falta de valorização do artesanato como uma motivação para declinar dessa atividade e buscar por outras oportunidades de trabalho, como evidencia Vicente (41 anos) quando diz que *“o pessoal que compra e não quer pagar o preço que vale, entendeu. Eu acho que até isso desmotivou muita gente a sair porque não tem muita valorização, entendeu. Quem fabrica é o que ganha menos”*.

Nessa continuidade, a baixa remuneração e a falta de direitos trabalhistas para os tecelões que tecem em seus domicílios faz com que seja possível entender que esse trabalho é, de certa maneira, precarizado. Alguns artesãos possuem esse entendimento, como o caso de Iraci (45 anos) e Rafael (37 anos), ao dizerem respectivamente que:

“O trabalho da população tá cada dia mais precário, porque quase não aumenta... a gente ganha pouco, salário muito baixo, né, então assim, vai chegar um ponto que não vai compensar a gente fazer isso porque não tá, não tá dando pra sobreviver. E eu acho que a gente tem que fazer muito e no final recebe muito pouco. Não tem garantia, se não tecer não recebe. Nisso eu acho bem desvalorizado” (Iraci, 45 anos).

“Trabalho de tecelão não é valorizado não, porque eu te falo que desde quando eu trabalhei há sete anos, exemplo, tá, se eu ganhasse R\$0,90 há sete anos em um tapete, hoje as pessoas tão ganhando R\$1,10, R\$1,20, então aumentou R\$0,30 em sete anos. É muito pouco, entendeu? É muito pouco valorizado. O trabalho do tecelão é pouco valorizado, porque vou te dar um exemplo, um tapete na época que eu trabalhava, custava R\$3,00, hoje um tapete custa R\$8,00, ou seja, ele aumentou 200% pro dono da loja vender, mas pro tecelão que faz ele, ele aumentou 20%, não teve nem 20% de aumento. Então eu acho que não é valorizado. Quem trabalha com o tear, que não tem carteira assinada, não é valorizado não, cara. Não é, e deveria ser porque a cidade sobrevive disso, mas os donos de loja aqui não pensam muito em tecelão não. O dono da loja ganha, e ganha muito dinheiro, não é pouco não. O dono de loja ganha dinheiro aqui, mas o tecelão mesmo sobrevive. Ele sobrevive. Não é que não ganhe nada também não, mas ele sobrevive. Mas o dono de loja ganha muito mais. O lucro dele é bem maior” (Rafael, 37 anos).

Atrelado a essa questão, Valdemar (26 anos) acredita que o trabalho do tecelão, além de não ser valorizado, passa por um processo de exploração. Em sua percepção, quem produz o artesanato têxtil no local:

“Não é valorizado. É explorado. Muito explorado. Quem vende retalho, explora. Quem vende linha, explora. E quem compra os tapetes, explora. E quem vende retalho, eu mesmo já briguei, já cheguei um dia lá, o vendedor de retalho... A minha mãe queria um quilo só, mas o vendedor falou: ‘não, só vou te vender cinco quilos, se você não ficar com os cinco quilos, eu não te vendo’. Eu cheguei e disse: ‘não, pode voltar com isso pra trás, ela tem o direito de comprar a quantidade que quiser. Se você não quer vender, problema é seu’. Aí os vendedores de retalho forçam as pessoas a comprarem e geralmente é material muito ruim porque é reciclado, restos de tiras de roupas. E aí o dono de loja ainda cobra e fala que se o tapete não estiver bom quando ele for buscar, ele não vai pegar. A pessoa faz o trabalho com esse pensamento e forçada. Mexe com o psicológico. Tem muitas pessoas que vão te falar algo sobre a tecelagem, sobre o artesanato, mas elas não conhecem os direitos dela, sabe? Porém eu já conheço os direitos dessas pessoas e sei como que é feita a atividade. Eu acho que os empresários, os grandes empresários tinham que ser exigidos a valorizar, porque se eles não receberem essa demanda, eles não valorizam. Quem compra, quem paga e quem fornece isso são os que mais desvalorizam porque eles querem reter o capital na mão deles. É como se fosse um jogo de xadrez, se eu te der muitas peças, você pega minha rainha. Eu falo isso com um pouco de raiva mesmo. Ao mesmo tempo em que eu vejo pessoas conquistando um pouco de dinheiro em cima do tear, mas ao mesmo tempo você vê pessoas explorando demais as outras. É um pouco injusto isso. Pessoas que às vezes não precisam explorar tanto. Pessoas que já têm muita

coisa, têm prédio, têm loja, vende muito. E tem pessoas que acordam quatro horas da manhã, às vezes dormem pouco, e fica até 23 horas se bobear em cima daquilo. Eles sugam praticamente a energia vital da pessoa com o objetivo de conseguir dinheiro, mas não valorizam o trabalho dela. A única coisa que você vai ouvir é que esse tapete tá errado, tá feio. Eles não vão virar pra pessoa e falar ‘olha, esse tapete tá bonito, parabéns’. Durante toda carreira minha de tecelão, foi uma, duas, três vezes que eu escutei isso. De todo mundo ao redor aqui, sabe? Tem um lado muito bonito e com isso cresceu a valorização de Resende Costa, mas é como se fosse no Egito Antigo, os escravos construíram, mas os egípcios que ganharam a fama”

Através desse entendimento, consegue-se assimilar que, como uma das consequências de um mundo cada vez mais globalizado, o campo do trabalho passa por transformações em decorrência da efetivação da política neoliberal que reestrutura os modos de produção. Assim, a esfera do trabalho passa a ser cada vez mais flexível, informal e precarizada. Seguindo essa tendência, o trabalho artesanal no geral é amplamente observado como sendo em suma informal e precarizado, passando a ser executado de maneira mais mecanizada, na maneira como o sistema capitalista determina (OLIVEIRA, 2010).

Isso ocorre pois a partir do momento que a prática artesanal deixa de ser uma escolha motivada pela historicidade e simbologias que o circunda, passando a ser enxergado como uma maneira alternativa ante a falta de empregos, essa atribuição faz com que as qualidades subjetivas e salvaguardadas que ainda resistem sucumbam. Isso ocorre na medida em que as características do artesanato produzido de maneira lenta e com técnicas ancestrais não se enquadram nesse novo modelo de produção, culminando na desvalorização dos artefatos produzidos (SALGADO; FRANCISCATTI, 2011).

Na modernidade, através da geração e do consumo de objetos padronizados produzidos em escalas industriais, a produção artesanal entra em regressão. Com essa circunstância, a produção do artesanato passa a ser mais precarizada, no sentido em que essa produção muitas vezes é realizada para a subsistência e resistência cultural de determinados grupos e comunidades. Dessa forma, na sociedade industrial, o artesanato passa a ser mercantilizado, fazendo com que o artesão, sua práxis e seus produtos se reconfigurem. Assim, os indivíduos que atuam enquanto artesãos, de modo geral, trabalham de maneira autônoma e informal, estando em uma posição precária em relação a deter de direitos sociais fundamentais. Com isso, quem produz o artesanato geralmente possui rendimentos baixos e falta de seguridade social, desse modo “[...] a vida cotidiana e as condições de trabalho e de produção de grande parte das artesãs permanecem ainda precárias, inseridas em uma economia que atua a margem do *mainstream* econômico e sem um marco legal” (KELLER,

2014, p. 19). Nessa conjuntura, o artesão não consegue negociar com comerciantes e atravessadores e esses acabam se aproveitando e explorando a mão de obra artesanal para benefício próprio (KELLER, 2014).

Como realçado no parágrafo anterior, a condição da falta de escolaridade e da baixa autoestima ocasionada por essa questão, faz com que os artesãos não tenham voz e não consigam obter poder de negociação. Por esses aspectos, tem-se a importância da existência de entidades de classe, pois no campo dos comerciantes, existe maior articulação e vínculo de poder político. Nesse sentido, pode haver estratégias da manutenção da baixa escolaridade e da precarização da situação da população mais pobre, já que esta fica suscetível ao poder dos que podem mais. Dessa forma, precisa-se fortalecer a consciência da luta de classes.

Ao elucidarem que seus trabalhos não são valorizados, muitos dos entrevistados apontam que, na cadeia produtiva do artesanato têxtil, quem produz é o menos valorizado. Nesse sentido, existe a compreensão de que quem é bem remunerado nesse campo são os comerciantes e os atravessadores – conforme Souza (2018), os atravessadores são vendedores que não produzem o artesanato, sendo um agente externo que compra o artesanato para revender em atacado em outros locais –, como pontua Dama (42 anos) ao dizer que:

“Olha, eu não acredito [que seja valorizado], eu não acho muito não, porque assim, mas na vida é tudo assim. A gente ganha muito pouco pra tecer e pra quem vende, no caso os patrão, aí eles ganham muito mais. Mas isso aí é praticamente em quase toda profissão. Essas profissão manual, essas coisa assim. Quem faz, não tem muito valor”.

Ainda que tenha essa compreensão de que o artesanato pode gerar muita renda para poucas pessoas – Souza (2018) destaca bem que poucos em Resende Costa conseguem grandes remunerações e esses são grandes comerciantes do artesanato local –, alguns entrevistados enxergam a questão da não-valorização de maneira mais complexa, como Aderson (25 anos) quando menciona que o trabalho desse setor é:

“Extremamente desvalorizado. Tanto do tecelão quanto de quem vende o próprio produto, entendeu? Porque já começa lá de cima. É do próprio mercador que vem aqui comprar os produtos, ou então dos turistas que vêm aqui. Aí tem aquela coisa de achar que os preços nunca vão ser aumentados, né, e como não tem uma regularização de preço, é, não tem um sindicato, alguma coisa assim do tipo, que regularize o preço, então às vezes uma pessoa que produziu, é, milhões de tapetes há cinco anos, ela teve um custo de cinco anos atrás pra produzir, e elas vendem essa tapete no mesmo preço de cinco anos atrás, comparado com uma pessoa que tá produzindo agora,

entendeu? E as matérias pra fazer os tapetes ficaram mais caras. É bem complexo”.

Com esse entendimento, Deodoro (39 anos) complementa a fala anterior ao dizer que *“serviço artesanal nenhum eu acho que é valorizado, entendeu? Quem fica rico é quem vem comprar, porque quem tece mesmo... é o que recebe menos e é o que mais trabalha”*. Ainda, para Agenor (26 anos), essa é a realidade. Em seu ponto de vista:

“Quem que ganha mais nessa brincadeira toda aí é o pessoal que vem buscar aqui e ir vender em outro lugar. Conseguem lá, R\$200, R\$300, até R\$400 de lucro por cima. Como qualquer outra mercadoria, vamos jogar roupa, alguma coisa assim, quem faz é o que tem menos taxa de lucro. Olhando assim, não acho que é valorizado. Porque o próprio sistema da tecelagem coloca o fabricante lá embaixo. O fabricante é o que ganha menos na escala”.

Essa questão ambígua, atrelada ao desenvolvimento/valorização do setor na cidade, é bastante problematizada por Castro (2016), quando a autora diz que o artesanato têxtil é a principal atividade que auxilia no desenvolvimento da região de Resende Costa através da grande empregabilidade gerada, no entanto, as pessoas responsáveis pela manutenção dessa práxis, especialmente as mulheres, acabam por não usufruindo desse desenvolvimento local ocasionado por conta da mão de obra delas. Em tal contexto, as mulheres seguem sendo as mais pobres, tendo a sua dupla jornada de trabalho desvalorizada.

Ainda que a ampla maioria tenha a compreensão de que o trabalhado com artesanato têxtil na cidade não é valorizado, Cândida (62 anos) tem um ponto de vista diferente. Em sua compreensão, a tecelagem *“é sim [valorizada], o pessoal gosta muito e é uma coisa que nem todo mundo conhece, né? Então é muito valorizado sim. Aqui tem comércio pra tudo, né”*. Acompanhado esse pensamento, Ambrosia (38 anos) percebe que seu trabalho é sim valorizado. Em seu ponto de vista:

“Ah, pra uns sim [é valorizado], pra outros não. Igual o meu, eu sinto que é muito valorizado, porque sempre eu tô recebendo elogio. Pra mim é valorizado, mas tem gente que já não sente a mesma coisa, né. Cada um é cada um. Mas eu acho que poderia ser melhor pago, muito mais, porque igual, a gente faz muito pra ganhar pouco, né. Mas é um pouco satisfatório, bobo. Dá prazer”.

Importante estabelecer discussões em relação a essa questão do elogio. Morgado (2021) ao analisar enciclopédias femininas dos séculos XIX e XX, os documentos analisados

pela autora tratavam o elogio como uma forma de salário. Nesse sentido, a valorização e o reconhecimento eram pagos com elogio. Então, em termos culturais, as mulheres são levadas a entender o elogio como maneira de valorização, em contrapartida, a valorização para os homens esta relacionada com a remuneração.

Ainda o entendimento da valorização por essas poucas mulheres vai ao encontro dos achados de Barroso e Frota (2010), ao elucidarem que essa valorização do artesanato é maiormente recebida dos turistas, das pessoas que visitam a cidade. Em contrapartida, dentro do próprio município – especialmente pelos grandes comerciantes –, o artesanato/a mão de obra artesanal, que é associado ao espaço doméstico, conforme Silva (2015), segue sendo pouco valorizado.

Ao abordarem essa temática da (des)valorização, alguns dos entrevistados apontaram o que poderia ser feito para amenizar esse aspecto e de alguma forma melhorar o trabalho dos tecelões. Nessa acepção, para Sol (34 anos), o que falta é diálogo assertivo entre artesãos e comerciantes e a garantia do trabalho seguindo a CLT seria um bom caminho para isso. Para ela, *“devia fazer um acordo entre lojista e a gente mesmo pra gente ter uma garantia e poder dar essa garantia pra quem trabalha com a gente”*. Marcos (36 anos) complementa esse ponto dizendo que a valorização deveria partir do reconhecimento. Para ele *“às vezes não é só questão financeiro, é o reconhecimento do trabalho também. Porque se não for o tecelão, não tem nada pro pessoal [vender], não tem os tapete, não tem o artesanato em si, é questão de reconhecimento também, não é só financeiro”*. Para Gervásio (26 anos), a política local poderia intervir trazendo essencialmente para a população explicações acerca do que os tecelões podem fazer para gerir e melhorar seus trabalhos. Em sua percepção:

“Por parte do governo, da prefeitura, poderia ter, ensinar melhor as pessoas que elas conseguem pagar o INSS, assim, pra quem leva isso como profissão mesmo, não seria tão caro. Ensinar os benefícios de quando ficar doente, como que faz pra entrar na seguridade social, licença maternidade... Pra não perder esses benefícios, sabe? A maioria das pessoas nem sabem que existe isso. Eu já vi pessoas que tecem de manhã pra poder comprar o café da tarde, mas eu acho que não é por questão de necessidade, é por desorganização mesmo. Mas é porque as pessoas não têm informação de como gerir melhor o negócio delas, então eu acho que a ajuda seria mais nesse sentido”.

Esses entendimentos dos próprios artesãos são também destacados por Barroso e Frota (2010), já que, em suas concepções, políticas públicas precisam ser bem planejadas e colocadas em prática, pautadas em diretrizes equitativas, intervindo na realidade da sociedade

buscando relacionar o âmbito público e privado, para que o trabalho realizado no domicílio possa ser contabilizado e controlado. Nesse sentido, pode-se citar a implementação de cooperativas pautadas no modelo da economia solidária (conforme BERTUCCI *et al.*, 2010; AKILANDEESWARI; PITCHAI, 2018; KAWANO, 2018), que são um mecanismo que pode potencializar o trabalho com o artesanato, ao passo em que buscam garantir direitos mínimos às pessoas que o desenvolvem. Ademais, apoiando-se em Keller (2011), essa questão relacionada a políticas de fomento é desafiadora, pois essas precisam propiciar a valorização do artesanato e o reconhecimento do trabalho dos artesãos, sendo um grande desafio articular as ações que promovam a atividade ao passo em que gere renda respeitando o trabalho do artesão e seus conhecimentos culturais.

Finalmente, buscou-se apreender as perspectivas dos artesãos em relação ao futuro do artesanato no local. Nessa concepção, a maioria dos artesãos possui visões preocupadas. Essas projeções preocupadas possuem atribuições distintas. A primeira delas seria a substituição da mão e obra artesanal com a utilização de tecnologias mais avançadas. Como relatado por Santos e Silva (1997, p. 38), até o final da década de 1990 existia a profissão do picador. O picador era o responsável por fazer tiras dos retalhos que eram adquiridos em grandes pedaços, e era considerado “o artesão primeiro”. A partir do momento em que os retalhos passam a ser comercializados no formato de corda e já em tiras, a função do picador deixa de existir. Gérvasio (26 anos) destaca essa questão quando diz que:

“Antigamente, a indústria trazia o retalho da indústria têxtil, então as pessoas tinham que picar o retalho em tiras, com a tesoura mesmo, minha avó fazia muito isso. E aquelas tiras tinha que emendar uma tira na outra manualmente, depois produzir o novelo pra colocar no tear. Agora não. Agora já vem a tira de retalho pronta já da fábrica. Acho que esse é o diferencial. E tirou a mão de obra de quem fazia, mas é uma coisa meio que inevitável, a tecnologia vai tirando o emprego das pessoas”.

Ainda nessa continuidade a respeito da inserção tecnológica e da industrialização no município, para Chica (27 anos) “no futuro? Eu acho que tem risco de diminuir porque hoje as pessoas estão fazendo tear elétrico, né... Então é um risco de lá na frente não existir mais”. Mara (36 anos) tem uma percepção parecida ao pontuar que “olha, agora cê me fez uma pergunta bem difícil. Porque, no momento, tá tudo assim, com muita incerteza, né. Muitas lojas tão vendendo muita coisa industrializada. São poucas que vendem mesmo o artesanato, né, o artesanato daqui mesmo”. Para Rosa (37 anos):

“Eu tenho preocupação. Porque tá vindo muita coisa industrializada de fora pra cá, pode atrapalhar o artesanato. Aí eu não sei, pode ser que esteja prejudicando. E tem até tear elétrico hoje. Eu acho ruim. Ah, não sei se vai ser ruim, mas eu penso que às vezes pode atrapalhar o serviço manual da gente, né”.

Cândida (62 anos) também explica essa questão da inserção de matéria-prima de outras localidades. Em suas palavras:

“Assim, aqui na cidade entra muita mercadoria de fora. É o que mais tem porque só os daqui não dá pra manter não porque o lucro é muito pouquinho no nosso trabalho. Mas errado não é o lojista, errado somos nós que passa os produtos por um valor e não dá pra aumentar por causa da concorrência. Mas então eles buscam mercadoria de fora pra cá porque a demanda é muito grande. E eu vejo que isso prejudica, né? Às vezes a pessoa vem cá, larga de comprar uma coisa que é sua pra comprar uma industrial. Prejudica bastante. E aqui já tá tendo teares industriais também. Só que assim, não é o mesmo trabalho da gente não. O acabamento em si, nunca que é o mesmo. Só de ver você percebe. E é vendido pelo menos valor do feito manual. Eu fico preocupada, porque no meu modo de pensar, o que acontece, as coisas tão ficando cada vez mais difícil”.

Esse aspecto relacionado às mudanças tecnológicas que acometem a sociedade é bastante importante de ser compreendido, pois essas tecnologias modificam o trabalho e a vida cotidiana das pessoas. Nesse segmento, a partir da introdução de novas tecnologias – que passam a ser cada vez mais constantes – após a Revolução Industrial, a produção começa a ser concebida de maneira massificada e simplificada, fazendo com que mais pessoas consigam desempenhar uma função, não necessitando deter de grandes habilidades pessoais, ocasionando em uma divisão técnica do trabalho, havendo uma ruptura entre os trabalhos manuais e intelectuais. Assim, cada vez mais, uma produção mecanizada é estimulada na busca pelo desenvolvimento da esfera industrial (BARBARA; 1999; ANTUNES, 2006; ALVES, 2011). Dessa forma, como tenciona Beck (2010), na sociedade contemporânea e de risco, as pessoas vivem incertas e inseguras, pois as transformações na estrutura da esfera do trabalho são rápidas, podendo ocasionar na diminuição dos postos de trabalho existentes. Ainda, como salienta Souza (2018), as circunstâncias de exploração do trabalho são intensificadas com as tecnologias, quando essas tecnologias propiciam que os empresários demitam seus funcionários, elevando-se o número de pessoas desempregadas.

Outros artesãos atribuem suas preocupações pelas crises econômicas que ocorrem no país, sendo a mais recente a causada pela pandemia de Covid-19, como destacado por Mara (36 anos) ao dizer que *“se continuar desse jeito acaba, né. Eu acho que se essa pandemia não*

acabar rápido, sei não viu, vai fracassar bastante, viu. Diminuiu muito, e a economia da cidade gira em torno disso, se não vende não tem serviço pra nós né". Outras entrevistadas também levantaram essa problemática:

"Olha, com essa pandemia, essa pandemia eu não sei o que que vai ser agora pra frente não, porque tá faltando material, a obra-prima na cidade, que é o fiado, o retalho, né, então a minha irmã hoje ainda comentou comigo que lá no artesanato não tá vendendo muito, é um vai e vem, porque uns falam que tá vendendo muito, outros falam que não. Aí eu já fiquei sabendo de um artesanato que vai acabar com o estoque e parar. Aí a gente num sabe o que que vai acontecer né, mas eu, como fui criada desde pequena no tear, essa geração vem há mais de 100 anos isso né, o tear, eu penso que isso não acaba não, eu acho que é só essa crise que tá passando mesmo. A cidade desenvolveu mesmo através do tear. Eu falo, se o tear acabar em Resende Costa, loja fecha, farmácia fecha, muita coisa fecha, porque a renda bruta é o tear" (Sambrozinha, 50 anos).

"Então, correr risco tudo corre, né. Do jeito que tá o país, cê não vai comprar um tapete e largar de comprar comida, mas a gente espera que fique bem, né. É, tem tear a industrial né, só que, como se diz, até o meu patrão que eu teço pra ele tem um, mas não ficou tão bom quanto o manual não. Eu acho horroroso. O nosso é caprichado. Eu, pelo menos, eu faço de 1 a 1, escolho cor, combino cor" (Estrelinha, 47 anos).

A essa atribuição da preocupação quanto ao futuro do artesanato no local, associada a crises econômicas e sanitárias, especificamente na mais recente ocasionada pelo novo coronavírus, de fato muitos são os impactos ocasionados na saúde pública e na esfera do trabalho, como analisado por vários pesquisadores (COSTA, 2020; SANTOS *et al.*, 2020; YAZBEK; RAICHELIS; SANT'ANA, 2020). Nesse sentido, em um contexto em que muitos setores precisaram paralisar suas produções, trabalhadores informais, em muitos casos, se encontraram em uma posição em que sua atividade remunerada precisou parar de ser realizada.

Nessa continuidade, Pérsio (34 anos) também destaca aspectos externos que prejudicam o artesanato local, mas em sua concepção a tecelagem continuará sendo desempenhada, pois a cidade já enfrentou crises econômicas e conseguiu se restabelecer. Em suas palavras:

"Eu acho que tem um pouco de risco com a questão da economia no geral, né, nacional, quando a economia vai bem, aqui também tá bem, né. Porque depende muito do turista, do comprador de fora, dos lojistas de outras cidades que compram no atacado aqui na nossa cidade. Então o que afeta a economia por fora afeta um pouco aqui. Mas, assim, risco de parar de tudo

eu não vejo, até porque mesmo a gente enfrentou algumas crises e a cidade não parou, né”.

Conjuntamente com o fato da pandemia, grande parte dos entrevistados associa um futuro onde a tecelagem será diminuída com o fato de grandes empreendedores estarem optando por levar para a cidade teares elétricos. Essas duas questões foram evidenciadas por Adelaida (25 anos) quando ela diz que:

“Ah, creio eu que pode acabar sim, viu. Olhando pro mundo, com essa pandemia, eu acho que ninguém vai tá muito preocupado com tear, tapete, essas coisa não. E outra, eles tão fazendo tear elétrico, aqui já tem teares elétricos, então não vai nem precisar de nós, e isso desvaloriza bastante o nosso trabalho que tece manual, né”.

Rosinha (37 anos), ao citar essa problemática da inserção de teares elétricos no município, opina que *“se essa moda pega aqui em Resende Costa, aquelas pessoas que não conseguem adaptar no tear, que às vezes tem um grau de dificuldade, vai passar necessidade”*. Ela complementa suas inseguranças acerca do futuro quando diz que

“Eu não sei como vai funcionar as coisas, mas a gente vive numa corda bamba, a certeza é essa. As pessoas aqui em Resende Costa, a maioria vão embora. E as que tão aqui, tece por causa de falta de opção, entendeu? Sei lá. Igual esse tear industrial chegando. Acho que vai cada vez mais ocupando o espaço. Não sei, a gente vive num mundo de insegurança, você não sabe se vai pra frente, se vai continuar, a gente não sabe”.

A esse ponto, a inserção de teares elétricos e de produtos de outras localidades no município faz com que o valor da produção concebida na cidade seja menosprezado. O trabalho manual é então prejudicado pela introdução desses mecanismos alicerçados com inovações tecnológicas. Assim, as pessoas ligadas ao setor do artesanato, muitas vezes, se preocupam com os impactos desfavoráveis – principalmente para os artesãos – que essa prática pode acarretar (SOUZA, 2018).

Essa questão de inserção de teares elétricos é bastante problematizada para a maioria dos entrevistados pelas impressões que foram destacadas. Contudo, Aderson (25 anos) pondera essa problematização apontando para uma compreensão dual: o tear elétrico seria ruim, pois o produto fabricado é diferente do manual e isso auxiliaria para a desvalorização do artesanal, ao passo que em um aspecto de saúde e de ergonomia, trabalhar no tear elétrico ocasionaria em um menor esforço físico do artesão. Para ele:

“Os teares elétricos eu vejo de certa forma ser bom e ruim ao mesmo tempo. O lado bom é que não vai precisar das pessoas trabalhar gastando a força, forçando coluna, os movimentos que se fazem na tecelagem, entendeu? Não vai gastar isso porque no tear elétrico você faz menos movimento. Agora o lado ruim disso é que o tapete feito no tear elétrico ele não fica a mesma coisa do que é feito manualmente, porque o elétrico não fica da forma do artesanal, entendeu? E eu acho que tem muita diferença nisso. A pessoa quando vai comprar, ela vai optar, vai querer o que foi feito artesanal. Eu acho que isso pode ajudar na desvalorização do artesanal”.

Outro ponto citado pelos tecelões foi a dificuldade para conseguir adquirir matéria-prima, sobretudo os retalhos, ao passo que os valores dessa se elevam e não conseguem ser diluídos no preço e venda dos produtos. Essa falta de matéria-prima foi apontada por Flor (33 anos):

“Então, ele [o futuro] é meio duvidoso, né? Pelo fato de faltar, vira e mexe retalho e o preço do retalho vive subindo, e o trabalho é muito desvalorizado, né? No caso. O preço do material é elevado e os custos pra vender assim, eles chegam a ser muito baixo. Então assim, por esse motivo, falta muito retalho. Antigamente não, tinha muito, mas hoje em dia tem faltado muito retalho aqui na cidade. A gente vai procurar pra comprar e não acha”.

Ainda, outros artesãos complementam essas visões destacando a falta de interesse dos mais jovens em darem continuidade na manutenção do ofício artesanal. Essa questão já vinha sendo prevista pela Fundação Nacional Pró-Memória (1986), ao apontarem que o ofício da tecelagem manual tradicional vivia um momento de descontinuidade causado pelo envelhecimento dos artesãos especializados ao mesmo tempo em que existia falta de interesse os mais jovens em se inserirem nessa ocupação, que optam por se mudarem para cidades maiores. Nesse sentido, com o passar do tempo, existem cada vez menos pessoas tecendo manualmente e mais teares parados. Agenor (26 anos) tem esse entendimento, já que para ele *“da minha época aqui, os adolescentes tudo tecia, não tinha um que num falava ‘não, não teço’, hoje os adolescentes já não quer nem mexer com isso mais”*. Fábio possui esse pensamento quando diz *“ah cara, hoje em dia diminuiu muito. Vou te dar um exemplo: eu tenho um menino mais velho, na idade dele eu já trabalhava com isso e ele não gosta, ele não trabalha”*. Tiago (23 anos) também elucida essa visão de desinteresse dos mais jovens, apontando que entre os seus amigos da mesma faixa etária, ele é o único que tece. Em sua opinião, *“acho que pode diminuir um pouco pela falta de interesse dos mais jovens”*. Sol (34 anos) tem essa percepção quando diz que:

“Eu acho que assim, vai acabar um dia... Porque os jovens não querem mexer com isso mais. Até pra achar gente pra tecer pra você tá difícil. Ninguém quer. Então eu acho que futuramente pode ficar mais difícil e até diminuir mesmo. E tem esses tear industrial, essas coisas industrial, mercadoria de fora, entrou de uma tal maneira e assim, eles têm cores, eles têm preço, e os próprios donos do artesanato que colocam isso pra vender aqui. Por isso que eu tô falando. Vai chegar um ponto também que os tear não vai... que isso vai acabar, já não vai ter gente pra tecer e o industrial tá tomando conta. [...] Eu acho que vai chegar num ponto que os de retalho, os manual que a gente faz não vai ter muita saída mais não, por causa dessas questão. E assim, os tear industrial aqui tá virando moda, o povo quer só os tear industrial, não quer tear manual. E com isso eles fabricam muito mais, diz que o lucro é bem maior, então cê vê, são pessoas daqui mesmo que invés de cultivar, traz coisas que não ajudam, né”.

Existem pessoas que veem uma possibilidade de diminuição na produção do artesanato pelo aumento de outros tipos de ocupações e pela busca por qualificação profissional, um fato notado essencialmente em relação à amostragem de homens selecionados. E nesse aspecto de oportunidades de emprego e qualificação profissional, tem-se destacado uma questão de classe social, como compreende Nelson (26 anos) ao dizer que:

“Então, eu acho que, de uns tempos pra cá, eu acho que diminuiu um pouco o interesse de falar assim “eu vou tecer” tanto por não ser valorizado quanto também por ter outros tipos de serviços hoje em dia, por exemplo, sei lá, internet, por exemplo, cê pode vender pela internet, cê pode criar coisa na internet, sei lá. Acho que hoje tem um pouco mais de alternativa, não que seja só, que tenha só o tear, sei lá, cê pode trabalhar pra alguém, por exemplo, assim. E tem o estudo também né, que querendo ou não, já... Mas eu acho que isso que eu falei, acho que isso vale mais pra família de classe média alta, porque classe média pobre eu acho que continua, continua assim, não é interesse, né, é necessidade. Assim: “eu vou tecer porque eu preciso de dinheiro, o meu pai não vai me dar o dinheiro”. Eu acho que o que eu falei antes, de estudo e coisa, eu acho que vale mais pra classe média e alta”.

A esse ponto quanto à busca por qualificação, é interessante nesta pesquisa refletir que o artesanato segue sendo compreendido até mesmo pelo artesão como sendo uma atividade que é desempenhada por pessoas de baixa qualificação, sendo um entendimento que auxilia no processo de desvalorização social da prática (BARROSO; FROTA, 2010; BARROSO, 2019).

Ainda que a ampla maioria relate ter algum receio quanto ao futuro do artesanato na cidade, Ambrosia (38 anos) possui um ponto de vista dessemelhante e mais otimista. Para ela *“pensando no futuro, eu acho que não tem nenhum risco porque a tecelagem é o cerne de*

Resende Costa, né. Acho que risco não corre nenhum não porque aqui é conhecida mundialmente como a cidade do artesanato, né". Essa é uma compreensão entendível, na medida em que se sabe que o artesanato está presente na cidade desde os primórdios de sua existência, passando por transformações, mas nunca deixando de existir, como apontam outros autores (SANTOS; SILVA, 1997; CASTRO, 2015; SOUZA, 2018).

Através das discussões até aqui suscitadas, consegue-se ter uma compreensão de como se deu a evolução histórica da tecelagem na localidade, principalmente como o ofício se encontra no contexto atual. Na próxima seção busca-se detalhar as trajetórias gerias dos tecelões para inicialização na profissão.

4.3.5 Trajetórias para inserção/início no trabalho têxtil

Tendo apresentado algumas especificidades dos sujeitos que integram esse estudo, pretende-se compreender, a partir daqui, os padrões e dinâmicas particulares observadas no campo da pesquisa. Nesse bloco, reflete-se acerca das trajetórias dos entrevistados para a inserção no trabalho têxtil, apresentando-se também as motivações de alguns dos homens entrevistados na escolha por não desenvolver a atividade e também os estímulos que fizeram outros migrarem para outras profissões.

Tramando as análises iniciais acerca do processo de aprendizado da práxis têxtil, os resultados alcançados vão ao encontro das pesquisas de Castro (2015) – que tenciona discussões sobre a o aprendizado e a construção de tecelãs em Resende Costa – e Souza (2018) – que estudou a cadeia produtiva artesanal do município. Nessas pesquisas citadas, tem-se a compreensão de que o artesanato é repassado através de gerações, principalmente através de mães e avós. Nota-se que tanto em relação às mulheres quanto aos homens, a maior parte dos entrevistados relaciona o aprendizado do ofício de tecer aos membros de suas famílias. Contudo, houve maior variação nas respostas masculinas.

Relevante destacar então que, das mulheres aqui entrevistadas, a maioria relatou ter iniciado no ofício na infância tendo aprendido com a mãe ou avó, como aponta Iraci (45 anos), ao dizer que começou a tecer *“porque desde pequena a minha mãe já trabalhava com artesanato, né, então com isso eu fui começando, eu comecei, eu fui aprendendo”*. Na fala de Flor (33 anos) fica evidente também a importância financeira dessa atividade, desde gerações mais passadas de sua família, uma vez que ela diz que *“a minha mãe, ela criou a gente, nós cinco, com dinheiro de colcha de retalho. Então vem de uma geração. A minha avó, que*

morreu nesse ano, ela também mexia com isso. Então a gente é tudo de uma família de artesão. Foi assim que tudo começou”.

Outras entrevistadas, especialmente as mais velhas que vivenciaram o artesanato por maiores períodos e em diferentes contextos, detalharam ainda mais essa questão de iniciação na tecelagem, como se pode notar na resposta de Cândida (62 anos):

“Geralmente é algo que vem de raízes, né. Vem da época da minha tataravó, então, era porque na época eles trouxeram [um tear]. Como minha tataravó era de índia com negro, e meu tataravô a conheceu naquela época, de quando faziam aquelas caminhadas, dos tropeiros e por lá, ela trouxe um tear. Ele ficou morando com ela, ela trouxe um tear da tribo dela. Então é uma coisa que vem seguindo de geração pra geração. De mãe pra filho, e assim vai”.

Elisondo e Vargas (2019) reconhecem as complexas interações entre pessoas, processos, produtos e meio ambiente. Os trabalhos artesanais femininos oferecem uma variedade de representações alternativas, principalmente para mulheres mais velhas, sendo uma destas o seu valor simbólico na experiência coletiva. Conforme apresentado por Yang *et al.* (2018), o artesanato tradicional é parte integrante da simbologia de qualquer nação que reflete a cultura e a tradição de uma dada região. Dentre suas múltiplas importâncias, o artesanato é um meio de preservar e promover tradições culturais e artísticas, e são habilidades e conhecimentos herdados, tradicionalmente transmitidos de geração em geração. Através do artesanato, as mulheres desenvolvem uma identidade cultural. Dessa forma, o artesanato é pautado como uma expressão de identidade cultural, já que por meio de suas especificidades – tanto do produto, tanto de quem o faz – será possível identificar o lugar de onde é originado. O fazer artesanal possui valores simbólicos, sendo assim um identificador de uma identidade cultural.

Em relação aos homens, a maioria também relatou que o ofício adveio de suas mães ou avós, como enfatiza Aderson (25 anos), *“a minha relação com a tecelagem é de família, né? Meus familiares sempre mexeu com isso, né, e desde os meus 14 anos eu tecia, né. A minha mãe me criou trabalhando com a tecelagem”.* Tiago (23 anos) apresenta uma resposta bastante similar ao dizer que *“ah, assim, a minha mãe tece desde que eu nasci, então já cresci no meio disso. Aprendi a tecer em casa”.* Deodoro (39 anos) também destaca a passagem dos conhecimentos da tecelagem em sua família destacando que *“minha avó, na história do artesanato em Resende Costa, foi uma das pioneiras, entendeu? A minha avó que ensinou pra*

minha mãe e minha mãe que ensinou pra nós. E eu quis [aprender]. Desde criança que eu via minha mãe fazendo”.

Essas falas vão ao encontro das pesquisas de Gustafsson (2019), que diz que para muitas mulheres artesãs – o que se estende também para alguns homens – o artesanato doméstico constitui um componente central da produção contemporânea da vida social e da identidade pessoal, precisando ser mais visível e destacável. Em comunidades artesanais, as crianças, principalmente as meninas – mas em Resende Costa, os meninos também crescem em meio a isso –, aprendem o artesanato desde cedo, através da observação e da imitação dos mais velhos. O artesanato é vital para a subsistência de muitas pessoas e de seus núcleos familiares, e através da manutenção dessa práxis fomenta a renda de muitas famílias. Nesse cenário, através do fazer artesanal, faz-se possível evidenciar que, em processo de significação, as experiências vivenciadas são muito relevantes. O artesanato está presente no cotidiano de mulheres desde a infância, e é dentro do espaço doméstico que a identidade da mulher começa a ser formulada.

Outras mulheres possuem uma experiência de início distinta da maioria supramencionada. Essas não aprenderam a tecer na infância e disseram ter descoberto o ofício com amigos, e que o mesmo não está enraizado em suas famílias. Mara (36 anos), que já trabalhou como auxiliar de farmácia diz de maneira direta: *“eu aprendi a tecer com uma amiga”*. Marafunda (29 anos) também faz parte desse grupo. Para ela a tecelagem *“não é um trabalho que vem da minha família não, aprendi a tecer com uma amiga mesmo por precisar e ser mais fácil trabalhar em casa”*. Ambrosia (38 anos), apesar de ter relatado sem tom de certeza com quem aprendeu o ofício, possui uma vivência parecida com as mulheres mencionadas anteriormente, já que disse que:

“Eu acho que aprendi foi até com amigos, porque a minha mãe não sabe fazer o que eu sei. Só uma irmã minha que também trabalha tecendo, uma outra também não sabe. Minha mãe não sabe. Minha irmã caçula não sabe nem entrar no tear, não sabe tecer. Só eu e a mais velha que sabemos”.

No que concerne às respostas masculinas, apenas um relatou ter aprendido a tecer com amigos. Trata-se de Ezio (34 anos): *“eu aprendi a tecer mesmo com um tiquinho de cada um, sabe? Aquele, tipo assim, eu olhei um pouco a turma [de amigos] que eu andava, que eu tinha costume de estar conversando e eles falavam comigo sobre o tear”*.

Ainda em relação aos conhecimentos sobre o trabalho com a tecelagem, algumas das entrevistas relataram que estes advieram de outros membros de suas famílias. Justina (39

anos) é uma dessas. Ela elucida que aprendeu a tecer com sua irmã mais velha. Em suas palavras: *“na minha família só eu e minha irmã que tece”*. Por fim, Maria (40 anos) complementa as respostas desse grupo, possuindo ainda uma experiência particular e dessemelhante das demais. A mesma aprendeu o ofício com uma tia. O artesanato têxtil para ela não é visto como um ofício de família – no sentido mais restrito de seu núcleo familiar. Em suas palavras, a tessitura:

“Não é um ofício de família porque eu fui criada em São Paulo, né, meu pai trabalhava lá, a minha mãe é que na época, vinha de 15 em 15 dias em Resende Costa e buscava colchas de crochê e vendia em São Paulo. Mas aí com 16 anos os meus pais se separaram, nós voltamos pra cá, eu, minha mãe e meu irmão. Minha mãe também foi tecer, eu fui tecer, meu irmão já não era mais criança, e depois uma pessoa conhecida abriu uma loja e me chamou pra trabalhar com ela”.

Ainda, alguns homens apontaram ter aprendido a tecer com outros membros da família e esse é o caso de Agenor (26 anos). Em sua fala, ele conta que aprendeu a tecer com uma tia. Ele complementa essa questão da tradição familiar ao dizer que *“ah, a gente aprende aqui é na família mesmo. Às vezes é a mãe, é a avó que tece, uma tia, todo mundo, aí a gente vai aprendendo”*.

Ademais, conforme fora mencionado, nas respostas masculinas foram apontadas outras formas – em relação a quem ensinou – de se ter aprendido a tecer. Entre essas respostas, três relataram ter aprendido com algum patrão que contratou a sua mão de obra. Um desses casos é o de Saturino (21 anos), que disse ter aprendido com *“o vizinho mesmo e eu fiquei acho que uns dois anos trabalhando pra ele. Trabalhava era na casa do vizinho mesmo”*; Gervásio (26 anos) relatou ter aprendido com o pai. Ele diz que *“em casa já tinha um tear, meu pai tece por hobby até hoje, num horário que ele não trabalha”*; Já Valdir (64 anos) disse ter aprendido com a esposa: *“eu sei tecer porque aqui na cidade a gente já aprende desde cedo, apesar que eu aprendi com a minha esposa, mas nunca precisei trabalhar com isso pra me sustentar não”*. Como foram entrevistados sete casais, desses, dois homens nunca quiseram aprender o ofício.

Quanto às motivações para se tornarem tecelões profissionais, as respostas masculinas e femininas foram bastante distintas. Enquanto todas as mulheres entrevistadas que, desde que aprenderam o ofício, não desempenharam outra ocupação como sendo principal, a maior parte dos homens tem o artesanato têxtil como uma ocupação temporária. Com esse entendimento,

apresentam-se primeiro as percepções relatadas pelas mulheres e sequencialmente as explicitadas pelos homens.

As mulheres atribuem o fato de manterem-se enquanto tecelãs profissionais a quatro questões principais, sendo a primeira delas a tradição e manutenção de um ofício familiar, podendo ser entendido como uma importância simbólica (YANG *et al.*, 2018), como destacado principalmente por Melindrosa (65 anos), que conta de maneira bastante esmiuçada, principalmente, como era mais difícil realizar o ofício no passado – algo que será mais detalhado na seção seguinte. Para ela, *“de primeira as coisas eram tão difícil, que a gente tinha que colher o algodão, lavar, cardar, pra depois a gente fiar, pra gente urdir”*. Ela complementa essa questão ao dizer que *“a gente, que se hoje faz 10 colchas por dia, de primeira era 2, 3 por mês, porque a gente tem aquela mão de obra”*. Desde que foi para a zona urbana da cidade, diz que nunca trabalhou em outras atividades além da tecelagem. Para ela, a tecelagem:

“É de família. A gente trabalhava na lavoura, eu fui criada na roça. Agora não, agora de uma época pra cá, é só com tecelagem, mas de primeira não, quando era solteira, a gente ia pra roça também, a gente tecia, a gente fiava, juntava uma turma de moça tudo pra gente fiar, a gente fala fiar na roda, assim, entendeu? Coisa de antigo mesmo”.

Nessa mesma continuidade de manutenção de tradição que permeia o núcleo familiar, duas tecelãs pontuam fortemente a transmissão desse conhecimento por mulheres de suas famílias:

“Minha avó que já é falecida, ela sempre mexia [com tecelagem]. Só que era de fio, não sei se você já pesquisou, mas fazia o fio na dobradeira, fiava o fio. E aí já pegou na minha mãe, da minha irmã já pegou nas minhas irmãs mais velhas e daí foi e passou pra mim. Eu particularmente pra te falar a verdade, eu sou suspeita pra falar porque eu adoro meu tear, entendeu? E desde que eu aprendi, sempre trabalhei tecendo. E mesmo se eu tivesse a oportunidade de trabalhar com outra coisa, acho que eu não trabalharia não. Eu literalmente gosto do meu tear. Nunca passou na minha cabeça largar o tear não, procurar outro serviço não” (Rosinha, 37 anos).

“A minha mãe ela sempre teceu, aí eu ficava olhando ela trabalhar, tecendo, aí eu falei assim, vou entrar no tear e tecer, aí aprendi, aí desde pequenininha que eu teço, através dela. É um trabalho que já tá na minha família, né? E desde então eu só trabalhei com isso, nunca trabalhei com outra coisa” (Chica, 27 anos).

O artesanato, no geral, tanto para os homens quanto para as mulheres, tem a sua perpetuação através do tempo por meio dos repasses desses conhecimentos das pessoas mais velhas para as mais jovens e esse aprendizado acontece geralmente dentro do seio familiar (SANTOS *et al.*, 2010; KELLER, 2014; IRIAS; FARIAS, 2016), sendo essa questão bastante mencionada pelos sujeitos dessa pesquisa.

Essa questão da importância simbólica no fazer artesanal é abordada por Maidment *et al.* (2019). Ao denotar essa importância simbólica da práxis artesanal, destaca-se que o ofício artesanal é, em muitos casos, uma atividade executada para moldar através de signos, experiências de vida. Considerando o papel simbólico que o ofício pode desempenhar na vida de uma artesã e em uma comunidade específica, a atividade atende aos significados afetivos dos próprios objetos do ofício – principalmente quando se acessam lembranças do passado. Assim, explora o artesanato como uma forma de comunicação simbólica conectada à criação de lugares, sendo um espaço importante para explorar o papel do trabalho, principalmente, das mulheres, e entende-se a sua contribuição para o âmbito cultural, afinal, o ofício artesanal é uma ação que possui simbologias específicas que enseja a quem o faz um sentimento de pertencimento a uma determinada localidade e coletividade. O fazer artesanal transparece questões que estão em torno da cultura de um grupo social, sendo possível, através da materialização desse fazer, apresentar suas respectivas histórias.

A segunda questão apontada foi a falta de opções e oportunidades na cidade, como relata Sambrozinha (50 anos), ao dizer que “*Resende Costa sobrevive com tear. E sempre trabalhei foi com a tecelagem, eu criei meus filhos no tear, como várias pessoas aqui também*”; Mara (36 anos) quando diz que “*ah, porque aqui no começo, assim, não tinha muita opção, porque não tem muita opção de serviço, né. Aí foi aí que eu comecei a tecer*”; Adelaida (25 anos) evidencia que “*nóis aprende [a tecer] e depois vê uma oportunidade de ganhar dinheiro com isso. E eu nunca tive oportunidade de trabalhar com outra coisa, então sempre foi com tecelagem*”; Ambrosia (38 anos) destaca bem essa temática ao esmiuçar que trabalha com a tecelagem:

“Porque isso aqui em Resende Costa é a fonte de renda de todos que não têm outra coisa. Quem não consegue ou não quer saber de outra coisa, todos tecem. E eu comecei e gostei. Tanto que eu não largo pra nada. Aqui em Resende Costa o que mais tem pra fazer é a tecelagem mesmo, muitos artesanatos, muitas lojas. Eu me encontrei no meu tear e tô aqui até hoje”.

Como mencionado por Santos *et al.* (2010), a prática artesanal vem sendo compreendida por lentes que analisam suas características históricas, culturais, sociais e econômicas. Nesse panorama, as atividades artesanais são grandes geradoras de postos de trabalho e de renda no Brasil como um todo – sobretudo em localidades específicas onde se tem enraizado uma determinada tradição, como no caso de Resende Costa. Dessa forma, o artesanato pode ser um contribuidor para o desenvolvimento de uma localidade, sendo inclusive uma estratégia para o seu crescimento econômico. Assim, pode-se entender que, em comunidades onde existe um predomínio na execução de práticas artesanais, “[...] o artesanato e seu efeito desencadeador em outros setores, proporcionou a comunidade e região, uma alternativa a contribuir na resolução de dificuldades de geração de renda e bem estar da comunidade” (SANTOS *et al.*, 2010, p. 12).

Nesse sentido, na cidade de Resende Costa, ao se falar de trabalho, como já foi destacado pelos dados do Censo Demográfico, IBGE (2010) por Castro (2015) e Souza (2018), tem-se uma grande predominância de ocupações ligadas ao setor do artesanato têxtil. Então, muitas das entrevistadas, como citado nos parágrafos anteriores, enxergam essa questão ao não visualizarem outras opções no mercado de trabalho local. A tecelagem, há muito tempo – pelo menos nas três últimas décadas –, é o grande gerador de emprego e renda no município, como já vinha sendo adiantado por Santos e Silva (1996), auxiliando no desenvolvimento da localidade e gerando emprego para muitas famílias.

Outro ponto bastante evidenciado por algumas entrevistadas é a questão da baixa escolaridade para ocupar outras atividades. Na percepção de algumas mulheres, o nível de escolaridade seria um impedimento para pleitear uma vaga em outras ocupações no mercado de trabalho local, e isso complementa a questão da falta de oportunidades. Na percepção de Iraci (45 anos) essa é um dos principais motivos para que se mantenha tendo a tecelagem como profissão. Ela diz que *“como eu não estudei, né, a única coisa aqui na cidade que tem assim de profissão seria ou tecer ou trabalhar nas loja, né, mas nunca tive oportunidade de trabalhar nas loja”*. Dama (42 anos) também acredita que a escolaridade é um agravante, ao dizer que *“não tenho uma escolaridade boa, então o que eu achei melhor era isso”*. Sol (34 anos) também tem essa percepção. Quando diz que:

“Eu não estudei, né. Não tive muito estudo porque fui só até o terceiro mesmo, não tenho essa vontade, não gosto muito de estudar não. E questão de trabalhar em loja de artesanato, essas coisas, também não é muito meu forte não. Eu gostei de tecer pra mim mesma. E tear é uma coisa que eu sei e que eu até posso dizer que ganho um valor considerável com ele e ainda

posso ficar em casa com meus meninos, então eu sempre trabalhei com isso”.

Algumas mulheres até mencionaram possuir vontade de trabalhar em outras ocupações, entretanto, como expressa Rosa (37 anos), “*vontade de trabalhar fora eu tenho, mas nunca tentei. Ah, por eu não ter nem o ensino médio, aí eu fico meio receosa em procurar serviço um pouco*”.

Nesse sentido de querer desempenhar outras ocupações, mas não conseguir por limitações como a falta de estudo – ainda que a qualificação não seja uma garantia de ingressar no mercado de trabalho, mas um diferencial –, compreende-se que, por meio das mudanças que ocorrem nos meios de produção, os modos de trabalho também se reconfiguram. Na sociedade industrial, houve modificações nas formas de trabalho ocasionadas pela remodelação institucional e da economia (LIMA; CAVALCANTE; COSTA, 2011).

Dessa forma, como complementa Almeida (2009), o mercado de trabalho passa por modificações que são relacionadas às políticas socioeconômicas fomentadas pelos governantes. Nesse contexto, tem-se uma diminuição do mercado formal e de postos de trabalho. Assim, exigências – por experiências profissionais e formação – passam a ser maiores e mais rigorosas, fazendo com que o mercado se torne ainda mais seletivo. Vieira (2014) complementa essa afirmação ao dizer que em meio a essas transformações no mercado de trabalho, especialmente por conta da carência de postos de trabalhos estáveis, a educação e a qualificação profissional são compreendidas e consideradas alternativas para garantir às pessoas um posicionamento dentro da esfera do trabalho.

A baixa escolaridade, como apontado por algumas tecelãs, é sim um fator que contribui para a não-conquista de oportunidades trabalhistas, contudo, como aponta Farias (2014), em meio a constantes mudanças, o fato de ter um diploma não é garantia para que se tenha um emprego fixo. Uma formação por si só auxilia, mas não assegura que um indivíduo conseguirá se incluir no mercado de trabalho.

Nessa ótica de constantes mudanças, da falta de empregos e na baixa escolaridade evidenciada pelas entrevistadas – na medida em que a maioria possui no máximo o ensino fundamental ou médio completo –, o artesanato, que é muito forte na região, é uma oportunidade de trabalho para essas pessoas. Keller (2014) destaca essa questão quando diz que o artesanato é a fonte de renda de muitas famílias em localidades específicas, fundamentalmente para pessoas de baixa renda e escolaridade.

Ainda que o artesanato têxtil seja uma opção de emprego para pessoas de baixa renda na localidade pesquisada, as motivações para o ingresso em tal ocupação se dão por questões específicas e complementares. Marafunda (29 anos), por exemplo, apresenta outra justificativa para ter aprendido o ofício e se manter no mesmo: a complementação de renda para a família. Em suas palavras: *“eu comecei a tecer pra acrescentar uma renda extra pra família, pra casa. Meu esposo trabalha, e como eu não tinha como sair pra trabalhar fora por causa das minhas crianças aí surgiu à oportunidade de tecer em casa”*. Na fala da tecelã citada, conjuntamente com a questão da complementação da renda, aparece o argumento de precisar ficar em casa para cuidar de seus filhos.

Nessa perspectiva, muitas das entrevistadas também disseram ter na tecelagem uma opção mais viável pelo fato de poder trabalhar em casa, já que ao trabalhar em seus próprios domicílios teriam facilidades como cuidar de seus filhos e do próprio lar. Maru (40 anos) é uma dessas ao dizer que *“eu comecei a tecer porque tinha criança pequena, e pra não pagar uma pessoa pra cuidar, eu resolvi aprender, aí nessa eu tô até hoje”*. Joana (32 anos) encaminha sua elucidação no mesmo direcionamento quando reverbera que *“eu já trabalhei em loja, mas aí eu saí e voltei pro tear. Ah, o tear a gente faz a hora da gente, né. E ao mesmo tempo trabalha em casa”*. Assim como elas, muitas outras possuem vivências semelhantes, tais quais:

“Então, a primeira vez que eu comecei a tecer, eu morava na roça, né. [...] Aí depois eu engravidei e casei, vim pra cidade e o primeiro ganho meu depois que eu casei foi isso, aí depois eu comecei a trabalhar em casa de família. E hoje assim, é o que eu mais gosto de fazer. Eu prefiro tá em casa trabalhando com uma coisa que já tô acostumada do que sair pra trabalhar fora. Porque a gente tá em casa, cuidando da casa, cuidando das coisas. Então, eu já trabalhei em casa de família. Tive que largar porque eu ganhei a segunda menina, então o tempo não tava dando porque criança pequena, casa e tudo, então não tava sobrando tempo e eu ficava muito cansada. Aí eu tive que largar pra poder ter mais tempo de cuidar dela, né” (Justina, 39 anos).

“Mas também, fico em casa, porque cuido da minha família, cuido, ajudo, quando eu posso parar pra ajudar alguém eu paro, depois levanto mais cedo, durmo mais tarde, e assim vai. Mas pra mim, como dona de casa, e assim, quebra galho de um, quebra galho de outro, dá pra tirar um dinheiro e ainda ajudar, né, ficar tudo organizado” (Estrelinha, 47 anos).

Essa questão da aproximação da mulher com a casa pode ser analisada a partir de autores que estudam as construções dos papéis de gênero na sociedade. Por essa ótica, ao longo da história, especialmente na constituição da sociedade capitalista, o modelo da mulher

dona de casa prevaleceu nas sociedades democráticas: o imaginário de uma mulher sem profissão, destinada de forma restrita à manutenção do espaço privado, limitada às incumbências de esposa, mãe e dona de casa. Atribuições designadas para as mulheres que passaram a executar esses trabalhos de maneira não remunerada. Precisa-se realçar que sempre houve resistência quanto à manutenção destes papéis sociais por mulheres progressistas como apresentam autoras feministas (LIPOVETSKY, 2000; FEDERICI, 2019; 2021; FRIEDAN, 2020).

Avanços ocorreram em relação à participação das mulheres em diversos campos sociais e às mudanças de comportamentos da sociedade, ainda que enfrentem certa dualidade nessa inserção, pois confrontam problemáticas intensificadas como alocação em subempregos flexíveis (GIDENS, 1991) e, no geral, também recebem salários menores quando comparados aos dos homens, mesmo realizando as mesmas atividades e possuindo o mesmo nível de escolaridade. Cabe ressaltar, também, uma questão racial nesse processo, na medida em que as mulheres negras, consideradas a base da pirâmide social, enfrentam ainda mais situações difíceis no campo do trabalho (MAIA *et al.*, 2017). Então, em suma, o trabalho doméstico continua sendo uma incumbência designada principalmente às mulheres (GUPPY; SAKUMOTO; WILKES, 2019).

Por mais que a distinção tradicional – socialmente construída – entre os gêneros passe por processos de recomposição tanto em relação ao trabalho quanto na esfera da família, as mulheres ingressam no mercado de trabalho, porém, não de maneira análoga aos homens, persistindo certa assimetria. A mulher, em suma, continua executando tarefas domésticas, e essa função de mantenedora do espaço privado gera na mulher um sentimento de satisfação (no sentido de serem imprescindíveis), além do fato de deter o poder de cuidar e influenciar na vida de seus filhos, e isso está arraigado nas falas de muitas das tecelãs. Essa permanência em continuar desempenhando papéis estabelecidos por gênero é parte das explicações para que as mulheres, no geral, não participem de cargos importantes (como os gerenciais e de chefia) em grandes empresas, corroborando por consequência a persistência de distinções sexuais nos campos da educação e do trabalho. Por esse ângulo, as mulheres são mais atingidas pelo desemprego e permanecem sem trabalho por períodos mais longos. Ademais, além da grande desigualdade salarial entre os sexos (mesmo que desempenhando a mesma função), as mulheres seguem se concentrando em ocupações bastante restritas (LIPOVETSKY, 2000).

Como salienta Lorenzo (2008), modificações sociais vêm ocorrendo para diminuir as diferenças entre homens e mulheres no âmbito do trabalho. Nesse sentido, as mulheres passam a prezar por suas ambições pessoais, estudam mais e escolhem profissões classificadas como sendo masculinas como a medicina, a construção civil e a advocacia.

Em tal contexto, faz-se relevante discutir questões relacionadas à desvalorização social de trabalhos como o artesanato. De maneira errônea, tem-se a compreensão de que a condição de igualdade entre os gêneros só é permitida com a aquisição de empregos fora de casa e que sejam considerados historicamente masculinos. Assim, trabalhar em casa não deveria resultar em rendas menores ou em sobrecarga de trabalho. Federici (2019; 2021) diz que trabalhar não é sinônimo de emancipação para as mulheres, mas a valorização das práticas realizadas no lar seria um começo para a equidade na esfera do trabalho.

Mesmo que haja essa participação em ocupações fora de casa, as mulheres continuam concentradas em ofícios relacionados ao serviço doméstico, e que seguem tendo pouca valorização (professoras, artesãs, assistentes sociais, cozinheiras, hoteleiras, estilistas, enfermeiras, entre outras) (LORENZO, 2008). Esta questão se reflete na educação na medida em que no ensino superior os homens estão mais alocados em áreas industriais e científicas, enquanto as mulheres estão mais presentes nas áreas da saúde e educação (LIPOVETSKY, 2000), e também do artesanato têxtil.

Tendo então assimilado as percepções femininas quanto aos motivos que as levam a permanecerem trabalhando como tecelãs, apresentam-se as experiências relatadas pelos homens entrevistados. Assim sendo, as respostas desses para ter a tecelagem como profissão foram muito parecidas: quase todos apontaram o artesanato têxtil como uma primeira oportunidade de emprego: Agenor (26 anos) reflete que *“quando a gente vira adolescente aqui praticamente todo mundo já pegou tear alguma vez pra tecer alguma vez na vida”*. Pérsio (34 anos) complementa ao dizer que *“então, morei na zona rural até certo tempo da minha vida, morei até os 19 anos, né, na zona rural. Aí eu acabei vindo pra cidade pra estudar, aí eu comecei a ter contato com o artesanato nessa época”*. Rafael (37 anos) inteira essa questão salientando também que o artesanato seria uma opção para não precisar trabalhar em ocupações que seriam mais ‘pesadas’, elucidando também o aspecto da remuneração. Para ele:

“Aqui na cidade na minha época, hoje já mudou um pouquinho, mas na minha época [quando jovem] a maioria das pessoas aqui da minha idade, pra não ter que trabalhar em algum serviço mais pesado como servente de pedreiro, pra trabalhar em roça, a gente trabalhava com artesanato, até

porque a gente ganhava mais do que uma pessoa que trabalhava num serviço braçal, pra te ser sincero”.

Nelson (26 anos) também destaca esse ponto de iniciação no mercado de trabalho tocando também em outro aspecto bastante presente nas falas dos homens: a mudança de ocupação. Em suas palavras *“ah, [trabalhei] com a tecelagem, foi o primeiro emprego, né, até arrumar um ‘trem’ mais fixo, mais, melhor remunerado, é o que tem, né”*. Indo nessa mesma direção, a resposta de Marcos (36 anos) é ainda mais esmiuçada. Em seu ponto de vista:

“Na verdade, aqui em Resende Costa, é, todo mundo já nasce no meio da tecelagem, entendeu. Então praticamente o primeiro serviço de quando você é criança, de quando você é muito novo ainda, é o tear, porque você vai aprender a tecer. Então aí, dependendo da pessoa, continua no ramo ou faz outra coisa, vai estudar, faz um concurso, vai embora, mas a maioria das pessoas que fica aqui mesmo continua mexendo com tear, ou trabalhando em loja de artesanato, ou vendendo o próprio artesanato em loja, entendeu, ou trabalhando em casa e vendendo pros lojistas daqui. De qualquer forma nasce no meio do artesanato, nasce mexendo com tear, entendeu. Então a gente pode falar que quando a gente é novo não tem muita escolha, no começo, depois que a gente vai estudando, as pessoas vai encaminhando pra outras coisas, mas quando é novo mesmo, [o trabalho] é o retalho, é o tear, é os tapete mesmo. Isso é de família”.

Esse aspecto de temporalidade empregado no trabalho com a tecelagem têxtil foi apresentado por boa parte dos entrevistados. Através das respostas elencadas, faz-se possível entender que muitos dos homens ‘resendecostenses’ se inserem no mercado de trabalho através da tecelagem, contudo, optam por buscar por outras profissões. O principal motivo atribuído a essa troca seria a questão da estabilidade – ou a falta dela, no caso da tecelagem. Nesse sentido, muitos homens tecem ao passo que buscam se qualificar através de cursos técnicos e de cursos de graduação. Um desses casos é o de Valdemar (26 anos), que é acadêmico e vê a tecelagem como uma catapulta para alcançar seus objetivos. Em suas palavras:

“A tecelagem meio que foi o único serviço que eu consegui ver que eu poderia estudar e trabalhar ao mesmo tempo, entende? Mas eu não diria muito bem, como se fosse uma profissão não, sabe? É como se fosse um meio que você usa pra alcançar a profissão que você quer no futuro. [...] Eu não considero isso como uma profissão fixa”.

Com esse entendimento, consegue-se entender que os homens da cidade se ocupam com a tecelagem de maneira momentânea, ao passo que para as mulheres é uma profissão

desempenhada por toda a vida. Os homens conseguem então ter acesso a outras oportunidades, enquanto as mulheres precisam se manter na mesma práxis. A esse ponto, no que diz respeito aos homens migrarem para outras ocupações enquanto as mulheres só desempenham o artesanato, consegue-se aproximar das pesquisas de Jansen (2020) que, ao analisar o papel da mulher na economia do século XXI, aponta que se por um lado houve efetivamente uma elevação na integração da mulher no campo do trabalho, por outro, em termos estruturais, a inclusão da mulher no mercado de trabalho se manteve bastante limitada – principalmente a ocupações tidas como femininas, como o caso do artesanato têxtil – havendo ainda grandes dissimilaridades em questões de remuneração. Outra problemática diz respeito à dupla – e até tripla – jornada de trabalho que a mulher, em geral, enfrenta – algo que será abordado com maior profundidade nas seções seguintes.

O artesanato têxtil no município, em suma, é terceirizado e um trabalho informal. Nesse sentido, não há garantias de direitos trabalhistas para os tecelões, na medida em que a carteira de trabalho não é assinada. Ainda, sendo um trabalho por produtividade em sua maioria, não existe a garantia de um salário fixo. As pessoas recebem por aquilo que produzem. Esses apontamentos foram bastante constantes. Ézio (34 anos), que atualmente atua como padeiro, relatou essa questão ao dizer que mudou de trabalho “*pelo salário fixo, pelas melhorias como férias, décimo terceiro, essas coisas*”. Rafael (37 anos) também foi bastante enfático quanto a essa questão, ao dizer que:

“Quando eu consegui o outro trabalho pra mim seria melhor, né. É bem mais viável, bem mais viável do que a tecelagem. Por exemplo, com a tecelagem eu tirava uns dois salários mínimos, agora no atual eu tiro R\$5000,00. Porque hoje eu trabalho com carteira assinada, eu presto serviço pra uma empresa terceirizado pro Tribunal da Justiça. Então eu tenho férias, eu tenho décimo terceiro. Eu tenho tudo. Na tecelagem você não tem nada. Eu já trabalhei duas vezes na tecelagem com o pé quebrado pra você ter uma ideia, entendeu? Porque se eu ficasse parado em casa, eu não recebia, entendeu? Aqui se você tiver com febre, doente, você tem que se virar pra trabalhar, porque se você não for no serviço a pessoa não vai te pagar”.

Através dessas entrevistas, consegue-se tramar uma discussão a respeito da informalidade do trabalho na sociedade atual. O trabalho se modifica através da reestruturação da economia, assim, tem-se uma diminuição quantitativa e qualitativa dos postos de trabalho. Lima, Cavalcante e Costa (2012), ao analisarem o trabalho em um supermercado, chegam ao entendimento de que a informalidade é um meio de sobrevivência e, sobretudo, uma alternativa para a falta de postos de trabalho estáveis e com melhores salários. Ainda, a

pesquisa dos autores aponta também que o trabalho informal é em muitos casos inicial, tido para pessoas que querem executar sua autonomia, que em muitos dos casos não é possível nas relações formais de emprego.

Contudo, esse caminho em busca de uma autonomia pode ser ilusório, tendo em vista que se vive em uma sociedade de risco – como conceituado por Beck (1986) – cercada de inseguranças de renda e baixos rendimentos, que são características do mercado de trabalho informal.

Arelado a essa questão de primeira oportunidade de emprego e também de ser visto como um trabalho temporário, outro ponto abordado nas entrevistas foi apresentado por Tiago (23 anos). Ele, que há um tempo trabalhava como servente de pedreiro, quando perdeu o seu posto de trabalho viu na tecelagem uma maneira de reingressar no mercado. Em sua fala: *“quando eu fiquei desempregado me surgiu a oportunidade de trabalhar com minha tia [tecendo]. Eu consigo tirar um dinheiro bom pra minha idade e ajudar minha mãe nas despesas”*.

Ainda discorrendo a respeito das motivações em relação a ter a tecelagem como ocupação, muitos homens a veem como uma forma de complementação de renda. Muitos dos homens entrevistados que hoje atuam em outras atividades ainda seguem tecendo, mas tendo-a como uma práxis secundária. Vicente (41 anos) tem essa percepção quando diz que *“eu teci uns 20 anos, na verdade até hoje a gente ainda mexe, quando tem uma folguinha. Ainda mexe porque a minha esposa tece também”*. Ezio (34 anos), do mesmo modo, possui uma percepção parecida ao expressar que *“pra te falar a verdade, como te falei já fui tecelão, mas eu era tecelão só pra melhorar um pouco a renda, pra acrescentar um pouco mais na renda de casa. Casamos novo, com filhos pequenos, aí as coisas tinha que sair, né?”*.

A essa questão de complementação de renda, Keller (2014) acentua que, no Brasil, o artesanato é em suma uma atividade concatenada a complementação de renda de artesãos e de seus núcleos familiares. A essa face, Granjeiro e Silva Junior (2019) salientam que pelo baixo retorno econômico que no geral se obtém através da prática artesanal, ou o artesão buscará por outra renda para complementar a sua, ou o próprio artesanato será essa segunda opção.

Tendo destacado esse caráter temporário que é empregue na tecelagem bem como o fato de a atividade ser vista como uma maneira de complementação de renda por muitos habitantes, alguns homens também optam por ter o artesanato como ocupação principal. Esses são os casos principalmente de Marcos (36 anos) e Aristides (32 anos). Ambos veem a tecelagem como uma ocupação integral, ainda que o segundo consideraria migrar para outra

atividade se tivesse oportunidade. Para Aristides (32 anos), dentre as opções que teria para trabalhar na cidade, a tecelagem é a melhor escolha já que, em seu ponto de vista, esse trabalho lhe garante maior autonomia no sentido de trabalhar no horário que melhor o convém. Em suas palavras:

“Então, porque na minha cidade aqui, em Resende Costa, é só isso que tem, né, assim, o trabalho mesmo, o foco mesmo artesanato é da cidade aqui. Quem não trabalha com artesanato, é porque trabalha de pedreiro, às vezes trabalha em supermercado, quando é mulher trabalha em loja, a não ser que a pessoa abra o seu negócio de outra coisa, né, mas aqui o ponto forte é artesanato. Eu tenho liberdade de sair porque eu não sou fichado, o bom de não ser fichado é isso, né. Se aparecer uma viagem, cê pode pegar e ir embora, e fichado não, cê tem que dar satisfação pro patrão. A vantagem disso é isso. No meu caso, que eu teço muito, então é melhor do que trabalhar num supermercado, que cê tem que cumprir horário, trabalhar de sábado e domingo, né, aí no tear, como diz o ditado, cê para a hora que cê quiser”.

Marcos (36 anos) também evidencia essa questão de ter a tecelagem como uma profissão. Seu caso é ainda mais diferente. É um dos únicos a possuir carteira assinada na profissão – juntamente com Valdemar (26 anos), que trabalha em uma oficina de tecelagem. Antes da pandemia, o entrevistado trabalhava em um galpão de tecelagem, principalmente com o estoque do mesmo. Quando o galpão precisou fechar, em decorrência do isolamento social, ele precisou encontrar uma solução. Então:

“Eu continuei fichado no meu serviço lá no galpão porque eu trabalho num galpão. Lá eu mexia mais com estoque. E eles lá não podiam pagar o meu salário integral por causa que eu não estou trabalhando no que eu fazia antes, que era lá dentro do galpão, e isso por causa da pandemia que fez as loja fechar. Então eu sugeri que eles me arrumassem o tear pra mim tecer em casa, mas eu continuei fichado, entendeu. E eu agora teço todo dia. Porque se a gente não fizer, porque a gente ganha por produção, aí fica difícil, né. Mas eu teço todo dia. Eu faço, eu amarro, eu acabo de produzir durante o dia e à noite eu amarro os tapete, dou o acabamento”.

Alicerçado a todas as entrevistas, consegue-se então compreender que o artesanato têxtil em Resende Costa gera rendas para muitos moradores de diferentes maneiras, sendo isso também observado por Castro (2015) e Souza (2018), sobretudo para as mulheres que tecem em seus domicílios, mas também para alguns homens, tanto para aqueles que terão a tecelagem como uma primeira ocupação quanto para outros que vão optar em seguir no ramo da tecelagem por períodos mais longínquos. Nessa acepção, a vivência de quem tem a tecelagem como uma profissão na localidade é distinta, mormente, pela atividade ser

desempenhada por finalidades específicas – embora que no geral seja para adquirir renda, e isso vai ao encontro das pesquisas de Keller (2014), já que o autor elucida o importante caráter empregatício e de geração de renda do artesanato no Brasil.

Então, através dessas entrevistas, entende-se que dinâmicas bastante específicas e particulares permeiam o trabalho com a tecelagem, existindo uma questão de gênero nesse, já que segue sendo um trabalho realizado principalmente por mulheres e em seus domicílios, algo que será mais discutido nas seções posteriores. Trata-se de uma atividade muito executada na cidade, a partir de diferentes vivências e motivações, sendo para as mulheres um trabalho que se estende por toda vida, enquanto para os homens uma ocupação momentânea. Conseguiu-se, então, assimilar nesta seção as distintas formas com as quais os artesãos se inseriram no ofício da tecelagem na localidade pesquisada.

Por fim, é importante realçar, como salienta Souza (2018) que a cadeia produtiva do município pesquisado é complexa. Existem grandes diferenças na realização do trabalho e nas remunerações recebidas entre quem comercializa os artefatos e quem os produz (que se dividem entre tecelões terceirizados e tecelões que trabalham por conta própria). Com a elevação do número de lojas, a competitividade aumentou, juntamente com a presença de atravessadores. Essas questões ajudam a explicar a migração, principalmente dos homens, para outras profissões.

Na próxima seção, tenta-se esmiuçar de forma detalhada a realidade vivenciada pelos artesãos que tecem em seus domicílios, tramando apontamentos acerca da vida cotidiana em relação aos aspectos do trabalho do tecelão e também em relação à divisão que ainda existe em uma relação de gênero.

4.3.6 Aspectos do trabalho: relações entre vida cotidiana, remuneração e gênero

Essa seção foi construída com a finalidade de compreender os aspectos do trabalho com a tecelagem têxtil quando executada no domicílio do artesão. Nesse sentido, buscou-se por analisar as rotinas que permeiam o trabalho – como tempo gasto na manutenção da atividade; tempo para produção unitária dos objetos; valor recebido pela produção; local de venda dos artefatos e a forma de administração de despesas e lucros. Para além, pretendeu-se assimilar também se o artesanato têxtil segue sendo uma atividade realizada essencialmente por mulheres, ou se há uma crescente na participação masculina no desenvolvimento da

práxis e se a remuneração adquirida é a mesma na comparação entre os gêneros na localidade pesquisada e entre o grupo entrevistado.

De maneira geral, quase todos os entrevistados trabalham ou trabalhavam tecendo em suas casas e de maneira terceirizada. Tem-se a exceção de pessoas que também trabalham em seus domicílios, mas que tecem para si mesmas não tendo a mão de obra contratada por um comerciante. Em relação ao padrão encontrado nas entrevistas, os artesãos tecem para comerciantes locais ou vendedores externos que contratam a mão de obra para executar a etapa da tecelagem, como destaca Rosa (37 anos) ao elucidar que *“eu trabalho pra alguém de um artesanato²⁸. E ela me dá o material e eu teço”*. Estrelinha (47 anos) diz o mesmo, já que em suas palavras *“eles [comerciantes] trazem o rolo [de linha ou retalho, conforme Imagem 9], já tá repassado, aí a gente emenda rapidinho, porque a gente já tem prática, aí eles [comerciantes] trazem o material”*. Maru (40 anos) expressa a mesma circunstância quando profere que *“a pessoa [comerciante] me dá o material, aí eu faço os tapetes. Eles traz os retalho, só que os tear é meu, eles só me dá o material. Só faço os tapete mesmo”*. Justina (39 anos) complementa o entendimento desse aspecto ao destacar que:

“Eu teço, e como eu teço pra artesanato, ele já me dá o retalho enrolado, mas também ele só me dá o retalho enrolado, o resto é tudo eu que faço. Eu que repasso quando precisa [colocar no tear], eu que emendo, eu que enrolo a linha que é pro liço, aí depois que a gente faz o tapete já entrega pra ele amarrado. Eu só recebo o retalho amarrado, o resto é tudo eu mesma que faço”.

Figura 9 - Retalhos enrolados



Fonte: acervo pessoal de Justina

²⁸ Interessante observar que boa parte dos entrevistados nomeiam as lojas que comercializam os produtos locais como apenas ‘artesanato’.

Em aproximação com o trabalho de Keller (2011), tem-se a constatação de que a grande maioria dos entrevistados não possui vínculo formal de trabalho, sendo esse um padrão do setor artesanal no país. Como refletem Tavares e Padilha (2016), o trabalho informal, como observado em Resende Costa, possui indicadores da precarização, possuindo características específicas tais quais: a terceirização propriamente dita; desregulamentação da legislação trabalhista; postos de trabalhos instáveis; jornadas de trabalho longas; acumulação de funções; baixas remunerações; trabalho intensificado; pressão para o cumprimento de metas – pois só se recebe pelo que produz –; local de trabalho insalubre; exploração do trabalhador, entre outras questões que serão esmiuçadas no decorrer desta seção, pautadas no ponto de vista dos artesãos entrevistados.

Essa precarização do trabalho artesanal no município foi tema de pesquisa de Souza (2018; 2021), ao estudar a temática sob a ótica da flexibilização do trabalho na sociedade capitalista. Em seus achados, tem-se a constatação de que o artesanato têxtil ‘resendecostense’ é reinventado a partir da progressão de políticas econômicas neoliberais, tendo como uma de suas características a precarização do trabalho informal. Assim, a tecelagem torna-se a principal atividade da economia municipal, auxiliando no desenvolvimento do mesmo, mas tratando-se de um trabalho que é em suma precarizado. Nesse contexto, os comerciantes adquirem grandes remunerações através da subcontratação e da terceirização da mão de obra artesanal, em que são produzidas grandes quantidades de artefatos, agora com características de massificação. Entendendo que o trabalho é em grande parte terceirizado, os tecelões em suma não vendem produtos unitários e não possuem locais para a comercialização de suas produções e sim produzem grandes quantidades para comerciantes e atravessadores que revendem esses objetos no município e em outras localidades. Essas percepções da autora são aqui reafirmadas, tendo em vista que grande parte dos 40 sujeitos entrevistados assim compreendem seus trabalhos.

Sabe-se então que a remuneração é estabelecida pela produção. Nessa lógica, a maior parte dos artesãos tecem grandes quantidades diariamente (Imagem 10), na medida em que seus salários são baseados no quantitativo de objetos produzidos, conforme menciona Tiago (23 anos): *“com a tecelagem, a gente trabalha por produção, então recebe pelo trabalho que faz e ganha por peça”*. Assim, de maneira geral, o trabalho precisa ser iniciado nas primeiras horas da manhã. Desse modo, em média, os habitantes costumam trabalhar entre 8 e 12 horas por dia, como observa Chica (27 anos), quando diz que *“hoje, por exemplo, eu levantei era cinco horas, aí eu teço o dia inteiro. Geralmente eu pego é quatro horas da manhã mesmo. E*

eu costume tecer de segunda a sábado”. Flor (33 anos) também evidencia essa questão quando diz que *“pra gente fazer uma quantidade suficiente, a gente tem que acordar bem cedo, né? A gente acorda, separa o retalho pra gente fazer os tapetes”*. Maria (40 anos) vai além ao dizer que, na prática, não se tem dias de folga quando se trabalha com o artesanato no local. Em sua percepção, o trabalho:

“É quase de segunda a segunda, né. Porque o pessoal pega bem cedo. Eu já vi tecedor pegar quatro horas da manhã pra trabalhar. Às vezes fica trabalho acumulado pro sábado, domingo. Às vezes você pega um retalho pra enrolar porque tem um lucrinho a mais, um tapete pra amarrar, né. Assim de domingo a domingo. Quem trabalha aqui em artesanato é de domingo a domingo. Às vezes alguns artesanatos dá uma meia folga durante a semana, mas a pessoa não tem final de semana”.

Figura 10 - Pilha de tapetes tecidos em um dia



Fonte: acervo pessoal de Sambrozinha

Até as mulheres com idade mais avançada seguem tendo rotinas circundadas pelo trabalho, como realça Melindrosa (65 anos), que continua tecendo de maneira intensa:

“Todos os dias eu teço. Só que tem o horário da gente, porque eu não tenho quem me ajuda na casa, né. Então eu tenho, assim, eu teço na parte da manhã até 10 horas. 10 horas eu paro e vou arrumar a vida de casa. Quando é 13 horas é que eu torno a começar de novo e paro às 17 horas. Tô mais cansada, já não tô aguentando muito mais não, a idade já tá chegando”.

Como constatado por Anabor (2020), são muitas as atividades cotidianas desenvolvidas por artesãos, especialmente pelas mulheres. Essa grande quantidade de afazeres faz com que momentos de pausas sejam escassos. Nesse contexto, a vida cotidiana é definida pelo trabalho, sendo esse remunerado ou não, fazendo com que a rotina seja cansativa e extensa, e outras atividades – como as voltadas para o lazer – são postas de lado. Assim, como elucida Nogueira (2006), o capital se apropria do tempo livre fazendo com que as mulheres desempenhem atividades atreladas ao cuidado da família, intensificando e explorando ainda mais a sua força de trabalho.

Com essa rotina de trabalho, os tecelões tecem em média de 20 a 30 produtos diariamente, como salienta Flor (33 anos) ao destacar que produz *“no mínimo 20. Eu produzo 20 tapetes por dia”*. Alguns tecem mais, chegando a confeccionar 40 tapetes no dia. Dama (42 anos) esclarece essa questão da variação de produtividade diária ao dizer que *“se o retalho tiver bom, dá pra fazer 40. Mas varia muito. Não é uma coisa que a gente pode falar “ah, vou fazer tanto”, porque depende do retalho, é muito relativo. Hoje [no dia da entrevista] eu fiz 24”*. Entre os homens, torna-se mais comum a produção de maiores quantidades por dia, como constata Marcos (36 anos), quando diz tecer *“uns 40 tapetes por dia”*. Na fala de Valdemar (26 anos) tem-se o indicativo de como se dá a produção diária em relação ao tempo que se aplica na realização da atividade. Para ele:

“No [tear] manual, se render, eu faço no máximo 20 tapetes, no horário de pico normal de 8 até as 17 horas, você parando pra almoço, e parando pra café. Normal no que o direito trabalhista pede né? Mas fugindo desse normal, se você fiar de quatro horas da manhã até 22 horas, você pode produzir na faixa de 40, 50 tapetes. Às vezes não parando pra almoço. Tem pessoas que cresceu desse jeito”.

Como existem pessoas que conseguem tecer mais, algumas de maneira oposta produzem menores quantidades, como Marafunda (29 anos) que possui filhos pequenos conseguindo tecer *“12 [tapetes por dia], e esse costuma ser o máximo que eu faço”*, sendo uma realidade semelhante vivenciada por Chica (27 anos) (Imagem 11), ao passo que, em suas palavras, *“antes eu tecia bastante, mas agora com criança pequena eu costumo fazer uns 20 no dia de semana e uns 10 no sábado”*. Adelaida (25 anos) com tal característica relata que tem o costume de *“fazer uns 30 em um dia. Eu tecia bem mais, mas agora eu tô tecendo bem pouco. Diminui porque eu tô com filho pequeno”*.

Figura 11 - Chica tecendo



Fonte: acervo pessoal de Chica

A essa questão, Lipovetsky (2000) destaca que, na esfera doméstica, as mulheres continuam sendo as principais mantenedoras e responsáveis pelas atividades domésticas, e isso faz com que a produção remunerada seja diminuída. Em partes, essa dissimilaridade persistente entre papéis sexuais se mantém pela inércia cultural existente apoiada no conservadorismo. Por outro lado, nas teses do autor supracitado, essa distinção se mantém por meio dos elementos simbólicos de poder e de autonomia individual que complementam os ofícios maternos. A mulher que possui filhos, então, trabalha menos no ofício remunerado pela necessidade criada de cuidar da casa e da família.

Mesmo que a maioria dos entrevistados teça por longos períodos, alguns possuem jornadas mais curtas de trabalhos, e essa diminuição possui distintas justificativas, como frisa Joana (32 anos): *“eu teço todo dia. Todo dia assim de segunda a sexta, mas tem dia que eu tenho que sair aí eu num teço. É eu que faço meu horário. Sempre eu teço só de manhã”*. Mara (36 anos) também é um exemplo, já que tece apenas *“na parte da manhã, mais fresquinho, dá mais ânimo, com esse calor que tá, o calor não tem jeito não, eu pelo menos não consigo tecer com esse calor à tarde não”*. Sambrozinha (50 anos) diz tecer por menos tempo por conta das atividades que precisa fazer em casa, algo que será melhor explorado na próxima seção dessa pesquisa. Em suas palavras: *“eu geralmente trabalho até as 10 horas da manhã, depois eu vou até as 14 horas e paro. Porque eu tenho serviço da casa, essas coisas*

também, pra fazer né. Minha rotina é essa. Eu trabalho sozinha". Entre essas dinâmicas específicas aqui encontradas, tem-se o caso de Marafunda (29 anos), que por conta de problemas de saúde, não possui uma rotina específica de trabalho:

"Eu não tenho um horário, como eu disse. Eu teço mesmo no dia que dá pra mim. Como eu uso remédios no dia a dia, então tem dia que eu não consigo tecer. É que eu sou epilética, aí tem dias que eu não dou conta de tecer. Aí vai do dia que dá. Tipo, a minha patroa, ela não exige quantidade minha justamente por isso. Ela sabe que tem dia que eu consigo e tem dia que não. E isso que me ajuda bastante".

Seguindo esse aspecto de tecer por menores períodos de tempo, tem-se a compreensão de muitos dos homens entrevistados. A rotina da maioria desses é – ou era, em relação aos que já não trabalham mais nesse meio, ou entre os que trabalham, mas não possuem a ocupação como sendo principal – diferente quando trabalham tecendo em expedientes parciais. Isso ocorre pois esses homens se ocupam com a tecelagem ao passo em que buscam por qualificação, estudam em cursos técnicos ou de graduação, como o caso de Agenor (25 anos) ao dizer que *"trabalhava mais ou menos meio período do dia. E eu também estudava na época, aí num ficava integral não, entendeu?"*. Aristides (32 anos), que tem o artesanato têxtil como ocupação principal, elucida sua rotina de trabalho dizendo não haver um horário específico para o desempenho das tarefas, contudo, de modo geral, ele diz que costuma iniciar às *"oito horas da manhã"* trabalhando *"até meio-dia, mais ou menos, almoço, 13 horas volto, e lá pras quase 16 horas eu paro"*. Para ele o horário não é um fator importante, pois *"o negócio é ter produção"*.

A esse ponto é interessante refletir que mesmo executando uma atividade entendida como igual, as motivações, as rotinas e as finalidades na execução cotidiana dessa práxis artesanal são das mais diferentes, como salienta Lave (1988). Assim, a essa questão referente aos homens trabalharem em jornadas menores, tem-se dois aspectos centrais: o primeiro por eles não desempenharem atividades domésticas (LIPOVETSKY, 2000; HIRATA; KERGOAT, 2007; SOUZA; GUEDES, 2016), podendo então dedicar integralmente seu tempo para a produção da tecelagem, produzindo mais quantidade em menos tempo. O segundo seria a questão da flexibilidade propiciada pelo trabalho informal (LIMA; CAVALCANTE; COSTA, 2012; BARROSO, 2019).

As mulheres que tecem para si mesmas possuem vivências diferentes e mais complexas, na medida em que precisam lidar para além da tecelagem: com a compra da matéria-prima, necessitando controlar os custos com o material, a lucratividade e os

pagamentos quando tecem com outras pessoas. Então, trabalhar de forma independente faz com que as incumbências da tecelã sejam ainda maiores, como salienta Adelaida (25 anos), ao expor que *“eu trabalho todos os dias. Levanto cedo, 6 horas e vou a tarde inteira. E eu que faço tudo. Eu amarro a teia, teço os tapetes, amarro depois, porque eu teço pra mim”*. Sol (34 anos) também é um desses casos, e em seu cotidiano *“eu que faço tudo. É casa, criança, tear, é pagamento, é comprar retalho, repassar. Tudo é eu. Faço as coisas com anotação. Com um tempo a gente vai guardando as coisas, entendendo os valores, mas em questão de controle eu faço com anotação”*. Ainda que se tenham mais responsabilidades, a mesma auxilia na compreensão das motivações em optar por trabalhar de maneira autônoma. Em suas palavras:

“E eu prefiro tecer pra mim mesma. O bom de tecer pros outros é a questão de você não ter dívida, né, porque você não vai precisar comprar retalho, mas a questão de você tecer procê é que você não tem tanta cobrança, né. Porque tem lojista que assim, tem época que quer muito, tem época que manda reduzir, então você não pode ficar contando com isso”.

É interessante observar que, no ponto de vista da maior parte dos entrevistados, as vantagens de se trabalhar com a tecelagem giram em torno da flexibilidade dos horários e da facilidade que em tese se teria ao trabalhar em casa, o que daria autonomia para os indivíduos executarem seus trabalhos. Contudo, como se pode assimilar, de forma geral, as jornadas de trabalho são intensas e extensas. Isso se encontra com as pesquisas de Barroso (2019), quando se tem destacado a reafirmação de que a produção artesanal domiciliar é assimilada enquanto precarizada por conta de suas condições, especialmente por não garantir o acesso aos direitos trabalhistas para os artesãos, em particular, pela jornada de trabalho que se torna múltipla. Com horários flexíveis para a execução da atividade remunerada, o regime de trabalho se replica de maneira desgastante. Nessa acepção, a autonomia seria apenas uma sensação que não é garantida de fato.

Nesse direcionamento, para produzir os artefatos têxteis, o tempo gasto varia de acordo com o tipo de produto (conforme Imagens 12, 13 e 14) que está sendo tecido, como aponta Sol (34 anos), quando diz que *“o tempo que eu gasto pra tecer cada coisa vareia. Eu teço uma colcha que é de 1,90 x 2,60 e eu gasto uma hora. Aí eu também teço beira-cama que é 0,75 x 1,60 e gasto 28 minutos. E eu teço o xadrez em uns 15 minutos”*. Rosa (37 anos) diz gastar na produção unitária de *“10 minutos a 15 minutos pra fazer um [tapete de retalho ou xadrez]. E tem um maior [beira-cama] que gasta 20 minutos”*. As respostas quanto ao tempo

gasto na produção foram bastante similares: os produtos são tecidos entre 10 minutos e 1 hora, dependendo do tipo e do tamanho do produto tecido.

Como o tempo varia de acordo com o tipo de objeto, a remuneração unitária de cada produto segue essa mesma tendência. No geral, a remuneração paga para a confecção de cada produto é bastante semelhante entre os entrevistados. A maior variação ocorre na medida em que o artesão tece para algum comerciante – não tendo custos com a matéria-prima – ou quando trabalha por conta própria – precisando arcar com os valores do material e da preparação da teia. Rosa (37 anos), que trabalha para um comerciante, tece um jogo composto por um tapete xadrez e uma beira-cama. O valor recebido por essa produção em suas palavras é “R\$4,00 o jogo”. Marulina (47 anos) tece o mesmo jogo e diz receber “R\$3,50 por cada um, cada jogo”. Ambrosia (38 anos), que tece o tapete mais simples, diz receber “R\$0,95 por cada [tapete] e já amarrado. Aí é R\$0,15 pra amarrar cada tapete”, sendo a pessoa que apontou a remuneração mais baixa para esse tipo de produção. Joana (32 anos), que também tece tapetes mais simples, destaca que vende por “R\$1,30 cada um”. Já Adelaida (25 anos), que trabalha tecendo por conta própria, comercializa o mesmo tipo de tapete pelo valor de “R\$4,00”.

Figura 12 - Colchas produzidas na cidade



Fonte: acervo pessoal de Sol

Figura 13 - Tapetinhos xadrez



Fonte: acervo pessoal de Sol

Figura 14 - Tapetes beira-cama



Fonte: acervo pessoal de Sol

Esse aspecto da remuneração é bastante criticado por muitos dos artesãos, ao entenderem que o que se paga é muito pouco para o trabalho que se tem. Isso fica bastante perceptível na entrevista com Gervásio (26 anos), ao salientar essa grande insatisfação, apontada em muitas das conversas. Ele, que mora fora da cidade e que atualmente trabalha como auxiliar de farmácia, destaca pontos positivos e negativos que permeiam o trabalho com a tecelagem. Em sua compreensão:

“O ponto positivo é que é uma possibilidade muito fácil de renda extra, que você não tem que passar por um RH, que não tem que passar pela burocracia do Estado pra conseguir uma empregabilidade. Se eu tiver precisando levantar uma grana no mês, eu vou pra casa dos meus pais, eu teço bastante e levanto aquela grana que eu preciso levantar. Então assim, na questão do mercado mais liberal, eu sou bem a favor pelos pontos que eu citei. Agora pra mim o ponto negativo é a remuneração, porque se paga o

preço de produto industrializado sendo que ele é manufaturado. Então, é como se a gente fosse uma máquina. Como se as pessoas fossem uma tecedeira elétrica, a gente tem que tecer na mesma velocidade que a tecedeira elétrica praticamente, então se paga muito pouco por um tapete. Não se paga por um trabalho artesanal. Se paga por um produto industrializado”.

Ainda, no trabalho com a tecelagem, precisa-se apontar que muitos dos artesãos, além de executar o trabalho da tecelagem em si, efetuam também uma etapa anterior – a de enrolar a teia no tear – e uma etapa posterior – que seria a do acabamento dos artefatos intitulado como amarração. Isso fica evidente na fala de Rosa (37 anos), ao dizer que *“eu enrolo a teia no tear, teço, amarro e entrego prontinho pra ela [patroa]”*. No mesmo direcionamento, Mara (36 anos) elucida que *“o retalho já vem pra mim pronto né, eu só fico com a parte de tecer e dar acabamento nas pecinhas. Na parte da amarração eu amarro, só o retalho que vem pra mim já enrolado”*. Em contrapartida, existem também pessoas que só fazem o trabalho da tecelagem, como Marulina (47 anos) ao expressar que *“eu só teço daí eu passo para outra pessoa amarrar. [A teia] já vem urdida pra mim e enroladas as bolas e eu só teço”*. Dama (42 anos) auxilia na explicação dessa opção por não fazer o acabamento dos tapetes quando diz que *“antes eu até amarrava, mas agora não, tem uma vizinha minha que amarra pra mim, porque é muito cansativo, a gente tece o dia inteiro e depois, a gente que tem casa pra arrumar, criança, aí eu teço e ela amarra pra mim”*.

Entendendo essas dinâmicas específicas do artesanato local, pode-se assimilar que o campo do trabalho, depois da Revolução Industrial, torna-se em suma rotineiro, exigindo menos reflexão. Assim, quem trabalha passa a executar atividades em grande parte fragmentadas. O trabalho se transfigura para emprego, sendo remunerado através do dinheiro seguindo o sentido do capitalismo (KRAWULSKI, 1998), em que são pagos baixos valores, questão que é facilmente assimilada no trabalho artesanal na cidade estudada, conforme as falas apresentadas anteriormente.

O trabalho passa então a ter menos valor e pouca significação em um processo que exclui a criatividade individual, impelindo ao indivíduo dinâmicas disciplinares que focalizam a elevação na produção quantitativa. O mundo do trabalho se reconfigura de tal forma que se adequa às transformações sociotécnicas que modificam as motivações, as significações e a finalidade de se trabalhar (KRAWULSKI, 1998).

Finalmente, tem-se uma questão bastante discutida em relação à produção artesanal que diz respeito à divisão por gênero nessa atividade. Em Resende Costa, destaca-se que, no ponto de vista da maioria dos entrevistados, no passado eram as mulheres quem executavam a

tecelagem praticamente de maneira exclusiva. Na atualidade, há uma crescente na participação masculina, contudo, as mulheres seguem sendo a maioria. A população estudada se divide quanto a essa efetivação da participação masculina no desenvolvimento dessa atividade, na medida em que a percepção de muitos dos entrevistados é a de que muitos homens se ocupam enquanto tecelões de maneira momentânea, conforme mencionado anteriormente e como destacado por Cândida (62 anos) e Agenor (26 anos), respectivamente:

“Antigamente era mais feminina, mas hoje em dia muitos homens aqui largaram de trabalhar e tudo e mexe com tear. Outros têm o serviço deles, trabalham. Igual aqui tem a COPASA, a prefeitura, banco, tem várias coisas... Aqui tem comércio pra muita coisa. Alguns trabalham, tá com uma carteira assinada, né, fica ali, tem salário deles, e usa como um complemento por fora. Às vezes vai amarrar um tapete a noite, tá entendendo? Uma malha pra enrolar. Então, de maneira direta ou indireta eles têm o complemento deles. As mulheres faz tudo mexendo com o mesmo trabalho” (Cândida, 62 anos).

“Antigamente era só mais mulher. Depois começou os homens a tecer também. É porque acaba sendo um meio de conseguir um dinheiro a mais, completar renda. Talvez a pessoa trabalha num supermercado, eu conheço gente que trabalha em supermercado, nas horas vagas tá lá mexendo com o artesanato lá. Tá talvez fazendo tapete ou pegando uma bola de malha pra desembolar e fazer as bolas. Acaba sendo um meio alternativo também. Aqui é praticamente o seguinte: tem o pessoal que mexe diretamente com o artesanato, igual eu, e tem o pessoal que já mexe pra complementar a renda” (Agenor, 26 anos).

O trabalho com artesanato, em um percurso histórico, foi para as mulheres uma oportunidade de desempenhar uma atividade profissional. A categoria gênero é compreendida nessa questão como um constituinte que é estruturado e que estrutura as relações sociais, acarretando em influências no trabalho feminino, tanto no âmbito privado quanto na vida pública (BARROSO, 2019).

Conforme reflete Hirata (1995; 2007), tem-se o entendimento de que o conceito de divisão sexual do trabalho existe há muito tempo. Essa divisão passa por transformações lentas que de certa forma movimentam a linha que separa o universo dito feminino e masculino, contudo, segue e segue existindo. As condições de trabalho pela ótica do gênero mudam na historicidade da sociedade, porém os espaços que segregam os gêneros seguem e não se diluem por completo.

Então, na visão de Rosa (37 anos), atualmente homens *“trabalham sim [com a tecelagem]. Conheço homens que sustentam a casa tecendo com o tear”*. Complementada por Sambrosinha (50 anos), expõe que *“particularmente, acho que é uma atividade mais*

feminina, mas tem muito pai de família que sustenta a casa com o tear. Tem gente que largou o emprego pra poder mexer com o tear”. Não se conseguiu entrevistar um exemplo desses que foram citados, embora não se pode afirmar que não existam. Mesmo tendo essa percepção, quando o pesquisador solicitou o contato de pelo menos um homem que se encaixasse nesse padrão, as mesmas não conseguiram apresentar.

Em tal caso, de maneira geral, as percepções dos entrevistados apontam para uma continuidade do artesanato local ser majoritariamente uma atividade feminina, como destaca Estrelinha (47 anos), ao dizer que *“é mais mulheres né, igual eu te falo, eu fico em casa, meus filhos trabalham, então eu fico quebrando o galho deles né, então é mais mulher que fica em casa”*. Joana (32 anos) também tem essa percepção, em sua fala: *“acho que mais é mulher. Ah, os homens geralmente a gente vê é trabalhando em mercado, vai pra roça. Ocê vai em cada casa praticamente aqui em Resende Costa tem um tear, mas quem tece é mulher”*. Reforça-se que os homens, no geral, trabalham com artesanato de maneira momentânea, buscando por oportunidades mais estáveis de trabalho. Essas questões são percebidas nas falas posteriores:

“A maioria tem o seu próprio trabalho, né? Tem a oportunidade de trabalhar em outra coisa. Geralmente os homens que trabalham com isso, ou é porque estão desempregados e não consegue um emprego fixo, ou estudantes, que eles aproveitam o dinheiro pra pagar ônibus pra ir pra faculdade, ou pra pagar algum curso técnico. Eu acredito que é por esse motivo, eles usam o artesanato pra ajudar no futuro” (Flor, 33 anos).

“Olha, eu acho que é mais mulher, viu? Não que tenha poucos homens, mas seria uma divisão assim, vou chutar por alto, seria sei lá, 60% mulheres e o restante homem. Eu acho que isso acontece porque têm também outros empregos ligados a tecelagem no município que é na parte de transportar muita coisa. Então, lá [em Resende Costa], por exemplo, perto da casa dos meus pais tem um armazém que eles recebem retalhos e tem que distribuir retalhos, buscar tapete na casa das pessoas, levar pras lojas, tem os rolos de linha que são super pesados, então, sempre tem muitos homens trabalhando na parte mais pesada, sabe? De carregar peso. A tecelagem é o que fica sobrando e o que fica pras mulheres. A tecelagem é o que sobra pras mulheres fazer. Resende Costa é uma cidade que o cerne da economia é a venda de carvão que tem na zona rural. Tem a questão do artesanato e toda parte manual de pegar peso é tudo feito pelos homens, e engenharia civil, então tem muitos pedreiros e auxiliar de pedreiro. Então pra mulher sobra atendente de algum comércio e tecer. Eu creio que a próxima geração agora de mulheres vai mudar bastante isso” (Gervásio, 26 anos).

Outro aspecto constante que circunda as compreensões acerca da divisão sexual do trabalho diz respeito à mulher ser vista como dona de casa que precisa cuidar do lar e dos

filhos enquanto o homem segue sendo visto como o responsável por trabalhar fora e garantir o sustento da família, como fica evidente em algumas das entrevistas:

“Na verdade, eu acredito que a maioria das mulheres trabalham como tecelã, então os homens eles ficam mais com o trabalho braçal mesmo. Isso é uma coisa mais feminina, no meu ver, eu conheço muito mais mulheres que tecem do que homens. Num sei ao certo, eu acho que tipo, é muito dona de casa mesmo né, às vezes não sai, tem que cuidar de filho, tem alguma coisa pra fazer, acaba tecendo, o marido trabalha fora né pra sustentar, então acredito que seja mais por conta disso” (Saturino, 21 anos).

“Às vezes tem mais mulher que tece porque homem sai pra trabalhar de outras coisas, serviço pesado, entendeu. Não tô falando que o tear não seja serviço pesado, mas o homem sai pra trabalhar, vamos supor, de pedreiro, de servente, de entrega, outras coisas, e a mulher, às vezes, fica mais em casa, como é dona de casa, cuida da casa e tece mais em casa também, entendeu” (Marcos, 36 anos).

Nessa concepção, é importante realçar que essa figura de mulher dona do lar foi socialmente construída. A mulher foi ensinada a se portar e exercer sua “feminilidade” de diferentes formas, seja por meio da violência (FEDERICI, 2019) ou por práticas mais sutis, como constata Carvalho (2008), através de manuais e revistas femininas – entre outras formas – que demonstravam como ser uma boa dona de casa. Esses manuais possuíam uma função pedagógica de educar a mulher para o casamento; ensinavam a praticar o artesanato, devendo-se destacar o caráter disciplinar do fazer artesanal no cotidiano da mulher, tendo em vista que a igreja disseminava que mulheres deveriam sempre manter as mãos ocupadas para não sucumbirem a pensamentos pecaminosos. Para além, o artesanato era utilizado pelas mulheres como uma maneira de adornar a casa, o que a notabilizava como boa para a função.

Isso vai ao encontro com os estudos de Farias (2012), que aponta que o trabalho braçal feminino era associado – sendo uma lógica disseminada por elites – à fuga da moral, a degeneração familiar, a degradação de valores morais, sendo um fator que estigmatizou muitas profissões executadas por mulheres. Nesse sentido, realizava-se um discurso que colocava a mulher como a rainha de seu lar, fazendo com que houvesse uma ação centrífuga, como conceituado por Carvalho (2008), que espelhava na casa o que era tido como feminilidade, algo que não só aproximava como unia a mulher ao espaço doméstico – havendo uma espécie de fusão entre o corpo feminino, a casa e o objeto doméstico. Nesse sentido, Farias (2012) destaca que a mulher era afastada de locais que antes eram tidos como de dominação masculina, sendo esse um mecanismo de cessar com a concorrência que elas representavam. Assim, as mulheres se mantinham em casa e desempenhavam trabalhos dentro

do espaço doméstico, como encontrado em Resende Costa, onde o artesanato têxtil é realizado no domicílio e, no ponto de vista de algumas pessoas, sendo um ofício mais feminino ainda nos dias atuais.

Seguindo esse apontamento, o artesanato têxtil seria uma atividade feminina por ser majoritariamente executada por avós e mães, mas que teve uma elevação na participação de homens, em suma jovens, que buscavam por uma opção de conseguir uma primeira fonte de renda, mas que debanda da atividade quando possuem outras oportunidades. Nesse direcionamento, tem-se uma explicação exposta por Nicolau (27 anos), quando diz que:

“Então, é uma atividade feminina, né. Eu vejo uma popularidade masculina na coisa, foi mais ou menos quando eu comecei a tecer ali por volta de 2006, por ali. Mas em média, no começo dos anos 2000 já começaram muitos homens também a assumir a tecelagem. Entende? Então foi um momento que de certa forma compensou de uma certa maneira, mas ainda acho que era um ofício mais feminino. E hoje continua sendo. Hoje acho que mais ainda. Por volta de quando eu parei tinham muitos homens tecendo, moleques na verdade. Era muita gente nova. Eu via muito guri querendo fazer uma grana e que assumiu um trabalho na tecelagem, mas depois disso foi saindo. E as pessoas foram saindo da cidade por conta também dessa abertura universitária que teve. Muita gente procurou sair buscando uma elevação econômica, né. E o ofício persistiu com mulheres que já faziam parte dele desde décadas atrás. Então acho que hoje também é um ofício muito feminino. Falo isso muito baseado em informações muito cruzadas, por exemplo, a minha irmã dá trabalho acho que pra 15 pessoas e todas elas são mulheres. Entende? Minha mãe também tece junto com outra moça. Então eu acho que os homens debandaram um pouco desse serviço na medida em que a cidade foi aumentando, foram surgindo novos comércios e as pessoas foram se aventurando a esses outros tipos de serviços”.

Esse ponto importante sobre essa divisão do trabalho é complementado por Tiago (23 anos). Em seu ponto de vista, o artesanato têxtil é mais executado por mulheres por uma questão cultural. Em suas palavras, *“hoje eu acho que a tecelagem é desenvolvida mais pelas mulheres mesmo. É difícil dizer, mas eu acho que é uma coisa mais cultural porque normalmente eram mães e avós que teciam aí foi passando assim”.*

No direcionamento das falas dos entrevistados, pode-se compreender que nessa ótica da divisão sexual do trabalho, de maneira histórica e social, tem-se a atribuição de atividades manuais e repetitivas como sendo femininas e as ocupações que exigem conhecimentos técnicos como masculinas. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas por mulheres são reconhecidas, porém, não enquanto de qualificação profissional. Assim, atividades tidas como femininas são em grande parte desvalorizadas (HIRATA, 1995). Nessa compreensão, como salienta Barroso (2019), durante muito tempo o artesanato – especialmente o têxtil – foi uma

atividade que passou por processos de desvalorização, por ser concebido majoritariamente no domicílio, e informal, por não ter uma escala de trabalho definida, e por ser realizado em suma por mulheres.

No que diz respeito à remuneração, os artesãos apontam que não existe diferença no que é pago pelo produto em relação ao gênero de quem está produzindo, como constatado na fala de Maria (40 anos): *“olha, chega a ser igual. A remuneração é por produção, né. Se você produz bem, consegue sobreviver bem sim. Não tem isso de ser mulher ou homem não”*. Entretanto, muitos dos entrevistados apontam que os homens conseguem receber mais por produzirem mais. Nessa ótica, os entrevistados atribuem essa alta produtividade masculina ao fato de os homens não precisarem desempenhar papéis historicamente e socialmente atribuídos à mulher como cuidar da casa e dos filhos, podendo direcionar seu tempo quase que de maneira exclusiva ao trabalho de tecer. Essa questão é perceptível em inúmeras falas, como na de Rosa (37 anos). Para ela, *“em relação a dinheiro, eles fazem mais porque eles produzem mais, porque geralmente eles estão ali só praquela conta, né, e a gente mulher tem que cuidar da casa, dos filhos, aí a gente faz menos”*. Marafunda (29 anos) estabelece uma comparação entre o que ela produz e o que seu companheiro produzia, assim, ela destaca *que “o meu esposo tecia, e ele rendia até bem melhor do que eu. Porque ele faz bem mais rápido. Eu creio que eles recebem melhor porque são bem mais rápidos e produzem bem mais”*. Abeilard (45 anos) incrementa essa discussão ao exprimir que *“geralmente homens produzem e pagam outras pessoas para produzir para eles também e por isso acaba ganhando mais”*. Muitos dos entrevistados compartilham da mesma percepção:

“Igual assim, no geral, os homens que tecem não precisam parar pra arrumar casa, pra arrumar as coisas, até ganha muito bem porque fica por conta. O tear se você não precisar de parar pra arrumar almoço, não precisar de parar pra arrumar nada, se você só sair do tear, almoçar e voltar, dá um dinheiro bom. Em geral os homens não precisa fazer essas outras coisas. Mas com certeza os homens que tecem recebem melhor, recebem memo. Eles conseguem ter mais tempo. Porque o tear dá um dinheirinho bom, mas pra quem tá nessa conta que não precisa parar pra fazer mais nada, entendeu? (Dama, 42 anos).

“Muito homem tece aqui na cidade também. E tem homem aqui que recebe bastante. E eu acho que o homem consegue tirar mais porque a muié tem o trabalho dela e ainda tem o serviço de casa, agora o homem não, o homem fica só tecendo mesmo, aí consegue tirar mais” (Osório, 64 anos).

Então, na reprodução histórica dos conhecimentos acerca da tecelagem em Resende Costa, tem-se o entendimento de que esses perpassam diferentes gerações, sendo preservados

e replicados pelas mulheres locais (SANTOS; SILVA, 1997). Nas últimas décadas, contudo, essas atribuições que antes eram tidas como exclusivamente femininas passam a ser também executadas por homens, tornando-se qualificadas e em alguns casos formais. Como abordado por Castro e Eggert (2015), a tecelagem do local passa a ser enxergada como uma possibilidade empregatícia para os homens, sendo até tida como um objeto de competitividade, a partir do entendimento de que os homens teriam maior disponibilidade de tempo para a execução do trabalho, além de deter de maior força física para o manuseio do tear. Nesse caso, a mulher, que é na história a responsável pela manutenção do espaço doméstico e do cuidado, segue sendo majoritariamente cobrada socialmente para continuar mantendo-as, fazendo com que a produção artesanal seja menor, influenciando diretamente em seus rendimentos.

No sentido elencado no parágrafo anterior, Ezio (34 anos) atribui a essa disparidade entre as remunerações femininas e masculinas qualidades que são historicamente ditas como masculinas – fazendo parte de estereótipos que colocam o homem em uma posição de superioridade – e que, em seu ponto de vista, fazem com que o homem produza mais: *“o homem ganha mais porque o homem tem mais tempo pra tecer, pra ser específico. Tem mais agilidade pra ficar passando o novelo de um lado pro outro. Mais força, mais rapidez. Por isso eu acho que o homem acaba ganhando mais”*.

Ainda que exista na cidade essa percepção de que algumas mulheres possam receber menores remunerações quando comparadas aos homens, fato é que o trabalho é pago pela produtividade, assim como aborda Rafael (37 anos), ao elucidar que *“na questão da remuneração você ganha naquilo que produz, então se o homem tiver mais tempo pra tecer, vai ganhar mais. Mas o valor que é pago pelo produto é o mesmo, não tem essa questão de ser homem ou mulher”*. Pérsio (34 anos) complementa esse entendimento estabelecendo uma relativização, pois em sua visão:

“Tem mulher que ganha muito mais às vezes do que algum homem, e tem homem que ganha mais, então depende, salário pelo que eu sei é a mesma coisa. Isso, aí depende do que a pessoa faz, né. Então, assim, geralmente se a mulher tem que cuidar da casa, trabalhar em outra coisa, ela vai tirar um pouco menos, né, do que se ela tiver que ficar o dia todo”.

É relevante destacar que um dos homens entrevistados, Valdemar (26), além de trabalhar tecendo em seu domicílio, trabalha também em uma oficina de tecelagem em que os teares utilizados são mecanizados. Nessa oficina, todos os funcionários são homens, como

também revelou Iraci (45 anos), ao dizer que os homens trabalham com a tecelagem no local, pois *“aqui também já tem os teares industriais, então é tudo homem que trabalha. O meu irmão, ele trabalha numa tecelagem, com essa parte”*. Como menciona Valdemar (26 anos), as dinâmicas na oficina com o tear elétrico são bastante distintas, tendo uma produção naturalmente mais elevada: *“no tear elétrico eu faço muito mais [quantidade de tapetes]. Muito mais, viu? Hoje de manhã, só hoje de manhã eu fiz umas 300 peças. É uma peça por minuto praticamente. O que a gente recebe na peça no elétrico, é coisa de R\$0,07, R\$0,08 centavos”*.

A esse debate tramado em torno dos teares mecanizados pode-se discutir dois pontos: o primeiro relacionado à enorme diferença entre o quantitativo de produção quando comparado aos teares manuais. E, principalmente, pode-se levantar uma importante discussão de gênero. Isso pelo motivo de que, na cidade, as mulheres trabalham com a tecelagem artesanal em seus domicílios, mas por uma escolha dos empregadores, não tem a mão de obra absorvida na tecelagem semi-industrial. Um caso peculiar, na medida em que, em um contexto histórico, as mulheres foram inseridas no trabalho industrial em grande parte na indústria têxtil, sendo até mesmo desejável pelos patrões, já que em suas visões elas possuíam qualidades específicas que as faziam aptas para esse trabalho – aspectos como destreza, delicadeza e organização, além do fato de ser uma mão de obra mais barata – como elencam Saffioti (1982), Melo (2000), Giroletti (2002), Lima (2009; 2011), Pires (2018), entre outros.

Então, mesmo que no contexto histórico tenha-se absorvido a mão de obra feminina na indústria têxtil, existem preconceitos que fazem com que as mulheres, ainda na atualidade, enfrentem resistências para ingressar em postos de trabalho, especialmente em empresas da indústria. Preconceitos elucidados por Gurgel (2013) e Proni e Proni (2018) como o da segregação de qualidades ditas femininas e masculinas; o fato das mulheres engravidarem; a atribuição da mulher enquanto cuidadora quando se tem filhos pequenos; entre outras questões. Esses aspectos fazem com que a articulação entre trabalho doméstico e trabalho remunerado seja mais dificultosa e esse tema será abordado no tópico seguinte.

4.3.7 Aspectos da articulação entre o trabalho têxtil e a vida doméstica e familiar

Em complemento às discussões que foram iniciadas anteriormente, nesta seção são apresentadas as dinâmicas vivenciadas no espaço doméstico no que tange à divisão do trabalho doméstico, estabelecendo uma comparação entre mulheres e homens na execução

dessas atividades. Ademais, compreende-se também como se dá a articulação entre o trabalho nas atividades domésticas e no trabalho têxtil para as mulheres tecelãs.

Como destacado no bloco anterior, pode-se observar que alguns padrões de comportamento continuam a ser reproduzidos, em especial na esfera laboral onde os empregadores resistem em contratar mulheres para cargos de responsabilidade; os maridos se recusam a auxiliar – ou auxiliam pouco – nos trabalhos domésticos e no cuidado dos filhos; a possibilidade da gravidez continua a ter força no processo de seleção de trabalhadores; e as decisões de mobilidade geográfica da mão de obra desconsideram as necessidades da unidade familiar. Essas são algumas situações que retratam a falta de sensibilidade social sobre um aspecto relevante que é a integração laboral da mulher (ROMERO, 2000), sendo uma questão que já deveria ter sido resolvida, mas que ainda precisa ser discutida. Mesmo que essas diferenças persistam, não se pode ignorar que as mulheres sempre lutaram para sair desse lugar de dona de casa, especialmente por meio dos movimentos feministas, um lugar ao qual foram colocadas.

É de extrema importância que se entenda que na dita contemporaneidade esse ideal restritivo de mulher – dona de casa – é suprimido através da recusa das mulheres em dar continuidade a essa identidade exclusiva de mantenedora de funções reprodutivas, e abre caminho para o reconhecimento social da atividade profissional feminina. Dessa forma, há uma ruptura histórica na maneira como a identidade social feminina é construída. Nesse sentido, a mulher compete cada vez mais no mercado de trabalho e não abandona sua atividade profissional após se casar ou ter filhos (LIPOVETSKY, 2000).

Pelo menos nos países industrializados o papel da mulher está passando por mudanças no sentido de alcançar certo grau de homologação com o papel social masculino. Isso pode ser constatado no fato de as mulheres estarem recebendo educação em níveis mais elevados do que os homens e na ampliação de possibilidades de acesso a profissões e ocupações até pouco tempo restritas aos homens (ROMERO, 2000). Contudo, mesmo que tenha havido grande progresso no que tange à participação feminina no mercado de trabalho, as disparidades existentes entre homens e mulheres persistem principalmente em termos da distribuição salarial e da participação em cargos que exigem qualificação (LIPOVETSKY, 2000).

As mulheres começam a manifestar o desejo de adquirir o que Lipovetsky (2000) conceitua como ‘identidade profissional plena’. Nesse sentido, passam a buscar um reconhecimento com base no que fazem. A figura feminina, frente a uma vida cada vez mais

individualizada, empenha-se em erguer seu lugar e sua identidade profissional de maneira equivalente ao homem. Contudo, ainda não dá para se falar em equivalência ou homologação de papéis entre os sexos.

Portinho (2019), ao estudar o papel da mulher na economia a partir de análises estatísticas, confirma que um dos principais motivos das diferenças entre os gêneros está no âmbito econômico. No entanto, um fator que estabelece a autonomia das mulheres e o seu bem-estar não é o econômico, mas sim de empoderamento e equiparação de gêneros. Ainda para o mesmo autor, as mudanças tecnológicas que trouxeram avanços no trabalho doméstico e das atitudes das mulheres nos ambientes de trabalho têm permitido que uma parcela maior de mulheres tenha acesso à educação e às competências necessárias para almejar uma carreira, proporcionando um aumento no crescimento do produto interno bruto e uma aproximação entre os extremos nos ganhos salariais entre homens e mulheres.

Em contrapartida, Lipovetsky (2000) diz em sua argumentação que um dos fatores explicativos da baixa participação feminina nos principais cargos em uma hierarquia organizacional é devido às mulheres terem menos vontade de alcançar posições mais altas na hierarquia e que, para elas, a busca pelo poder não tem sentido existencial. O autor também atribui essa “culpa” na pertinência de normas “femininas” de socialização (construída, segundo ele, de um imaginário relacional), fazendo com que as mulheres sejam menos preparadas que os homens no sentido de autovalorização na luta pelo poder. Lipovetsky (2000) diz que o poder econômico será o último a se abrir às mulheres, citando o fato de que as 200 maiores empresas (de países europeus como França, Alemanha e Inglaterra) eram chefiadas por homens. Dessa forma, as mulheres estão empreendendo, mas trata-se de negócios de pequeno e médio porte, essencialmente nos setores de serviços e comércio. Seria essa uma realidade?

No ponto de vista de Fernandez (2018), não. Para a autora, essa supremacia de características privilegiadas associadas aos homens – como a razão e a vontade de ter poder – promove, a partir do ponto de vista de estudos feministas, um juízo que atribui às mulheres características opostas, tidas então como femininas – como a emoção e flexibilidade – e essas qualidades tidas como femininas são inferiorizadas em relação às que são atribuídas aos homens. Nessa conjuntura, as mulheres no percurso histórico são julgadas quanto à sua capacidade de ação, através de ideias preconcebidas e estigmatizadas. Nessa lógica, destaca-se a importância da economia feminista que, no campo social e econômico, tem como objetivo indicar os efeitos da dissimetria (em termos de oportunidades desiguais de trabalho e

na diferença de remuneração paga para pessoas que possuem uma mesma qualificação e desempenham uma mesma atividade) entre o homem e a mulher (FERNANDEZ, 2018).

Através dessas elucidações, não se pode negar que a mulher entra no mercado de trabalho saindo do lugar exclusivo de dona de casa que em outrora lhe foi direcionado. Contudo, ainda existem produções e reproduções de padrões que segregam atividades de acordo com o gênero de quem a está executando. Na cidade de Resende Costa, essa é uma realidade percebida, principalmente em relação ao desenvolvimento de atividades domésticas e de cuidado. A grande maioria dos homens entrevistados diz não desempenhar nenhuma atividade doméstica.

Quando questionados quanto a essa questão, alguns inclusive riram indicando se tratar de uma atividade feita por suas esposas ou mães, como destaca Rafael (37 anos) ao relatar que “*não faço nada [risos]. Quem faz é a minha esposa e ela faz sozinha mesmo. Mas assim, é uma coisa que ela já tá acostumada*”. Em sua justificativa, tem-se o relato de que “*serviço de casa mesmo, eu não faço. Desde novo eu saí pra trabalhar, tinha minha mãe que fazia pra mim, depois eu casei, então assim, eu sempre trabalhei fora. Nunca tive um tempo pra fazer, né*”. Saturino (21 anos) também relata não se envolver nas atividades da casa quando aponta que “*eu moro com a minha mãe e meus irmãos. Fico mais por conta das minhas coisas. Quem faz esse trabalho é minha mãe mesmo, em casa sim*”. O mesmo se justifica dizendo que a atividade doméstica “*é um trabalho chato e pesado, né, então não é pra todo mundo. Eu acho que cansa bem*”. A grande justificativa apontada pela maioria dos entrevistados seria a falta de tempo, como afirma Ocacyr (38 anos), ao dizer que “*meu tempo é muito curto. Como a mulher trabalha em casa, é mais fácil pra ela fazer*”. Osório (64 anos) se justifica dizendo não executar as tarefas de casa por uma questão de gosto. Em suas palavras, “*não gosto muito não. Quem faz as coisas é a minha muié*”. Ezio (34 anos) segue essa mesma tendência quando diz que “*essa parte de cuidar das crianças e de fazer o trabalho em casa é mais por conta dela [esposa], eu fico por minha conta, é só administrar mesmo*”. Outros homens como Abeilard (45 anos) justificam a não-execução de tarefas domiciliares como falta de costume: “*não faço. Eu não tenho esse costume não. É mais minha mulher mesmo que faz essas coisas*”. Gervásio (26 anos), que atualmente reside em outra cidade, precisando por consequência desempenhar as funções da casa, auxilia na compreensão de como as tarefas domésticas são tidas como femininas, em especial no município estudado, evidenciando como isso faz com que as mulheres fiquem sobrecarregadas:

“Lá em Resende Costa, é uma cidade machista. Existe uma cultura ali mais conservadora cristã patriarcal. Então, eu não fui ensinado pela minha mãe a fazer tarefa doméstica. Eu tomei um choque de realidade quando eu fui morar fora. Os homens lá são criados assim. Eu tenho primos que têm mais de 30 anos que moram com a mãe, e a mãe lava roupa, faz tudo. E a mulher se sente pressionada a ter que dar conta de tudo e isso prejudica muito a tarefa de mulheres que são do lar, e elas dependem de alguma grana também, e elas acabam tendo que dividir toda a tarefa doméstica pra elas mesmas. Elas têm que dar conta de fazer o almoço, arrumar casa, lavar roupa de marido, lavar roupa de filho e ainda tem que tecer. Então assim, existem ali muitas mulheres que ficam super sobrecarregadas. Absurdamente. Elas vivem em um pragmatismo e as mulheres são muito sobrecarregadas nesse sentido, muito”.

Por meio dessas falas reflete-se que, no contexto estudado, na realidade do grupo entrevistado, a maioria dos homens em geral não executa atividades rotineiras no âmbito doméstico. Limpar a casa, cozinhar e cuidar dos filhos seguem sendo atividades ligadas à mulher. Seja esposa, mãe ou filha. A esse aspecto, opta-se por se apoiar na teoria de como se deu essa construção dos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. Ademais, faz-se relevante refletir acerca da dupla jornada de trabalho que é considerada como um grande empecilho na elevação da participação das mulheres no campo do trabalho (ROMERO, 2000), na medida em que os trabalhos domésticos seguem sendo atribuições designadas às mulheres. De acordo com dados do IBGE (2019), no ano de 2018 a participação feminina no campo do trabalho era quase 20% menor à dos homens. Nesse aspecto, as características e distinções de papéis por gêneros ainda induzem nas escolhas profissionais e nas desigualdades remunerativas. Exemplificando essa questão, segundo dados da PNAD Continua (2019), dos indivíduos que possuem como trabalho o doméstico (6,2 milhões de pessoas), 94,1% são mulheres. Evidencia-se ainda que o trabalho doméstico é majoritariamente informal e a remuneração paga às mulheres é inferior (IBGE, 2019).

Nesse direcionamento, é importante situar o que se entende por gênero enquanto uma categoria de análise. Nesta pesquisa, segue-se a definição de Scott (1990, p. 21), na medida em que a autora o categoriza em duas partes. Para ela, gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” além de ser também “uma forma primeira de significar as relações de poder”. Através dessa definição, Silva (2009) complementa que os indivíduos são formados e transformados por meio de vivências que são construídas de maneira histórica e cultural, não sendo natural. Nesse sentido, a conceituação de gênero se associa às prerrogativas dos papéis sexuais e das relações criadas entre mulheres

e homens. Então, como acrescentado por Santos (2007) na conceituação de gênero, tem-se a fomentação da construção social desigual entre os gêneros.

O conceito de gênero sobrevém das discussões realizadas entre natureza e cultura, e por meio desse podem-se aclarar aspectos que permeiam as construções desiguais entre mulheres e homens. Nessa linha, o atributo natural, no percurso histórico, foi continuamente utilizado como uma justificção para explicar a existência e legitimar as disparidades que foram sendo construídas. A essa questão, a mulher, por muito tempo, foi excluída da vida social, sendo muitas vezes invisível. Os movimentos feministas questionam essa invisibilidade conquistando espaços e de certa forma emancipando as mulheres, contudo, na esfera pública, as relações seguem desiguais, quando as mulheres ainda possuem dificuldades no acesso a oportunidades, principalmente no âmbito do trabalho, inclusive, possuindo alcance desigual a mecanismos e bens simbólicos (SANTOS, 2007).

Santos (2007) argumenta que as pesquisas primordiais realizadas em torno das construções desiguais de gênero foram constituídas em relação à mulher, seu corpo e sua sexualidade, em que a centralidade seriam as atribuições biológicas, o que justificaria a hierarquização entre a natureza masculina como forte e a feminina como frágil. Nessa acepção, o lugar natural feminino seria o domicílio, desempenhando os papéis reprodutivos, e o masculino era exercer o papel na esfera pública.

Nessas construções, as instituições detentoras de poder são grandes reforçadoras dessas características segregadas, como argumenta Saffioti (1992) ao destacar que a igreja, o Estado e o judiciário reafirmam as definições de feminino e masculino reproduzidos nas relações de poder. Assim, como salienta Silva (2009), as qualidades atribuídas aos homens – como razão e virilidade – e às mulheres – como fragilidade e sentimentalismo – são proliferadas por gerações de maneira naturalizadas.

Então, como constatam Hirata e Kergoat (2007), essa divisão do trabalho é construída de maneira sociocultural e se caracteriza com a mulher trabalhando em casa e o homem fora, de modo que, no contexto de Resende Costa, mesmo alguns homens entrevistados, reconhecem essa naturalização do fazer doméstico como algo feminino.

Ainda que em suma os homens não se sintam obrigados a executar as atividades domiciliares, alguns dos entrevistados relatam que realizam essas incumbências, especialmente aqueles que residem sozinhos ou com outras pessoas que não são de seus núcleos familiares, como o caso de Nicolau (27 anos) ao evidenciar que “*moro sozinho há algum tempo, então eu fico com toda a limpeza*”, o mesmo apontado por Pérsio (34 anos) ao

elucidar que *“desde quando eu moro sozinho, do tempo que eu moro sozinho, eu que faço”*. Em menor número, alguns homens dizem auxiliar no trabalho doméstico, como indica Vicente (41 anos) ao relatar participar na realização deste trabalho, pois *“a gente costuma dizer que são uns chumbos trocados, né. Ela trabalha, me ajuda na despesa de casa, então eu tenho mais do que dever de ajudar ela nos fazeres domiciliares também, né. Lá em casa eu sempre ajudei”*.

Então, mesmo que a maioria dos homens entrevistados acene para uma continuidade no desenvolvimento de papéis antiquados estabelecidos por gênero, alguns quebram essa máxima apontando ter participação na realização de atividades domésticas. Dessa forma, como elucida Araujo (2005), na contemporaneidade, no mundo ocidental, mulheres e homens de certa maneira buscam por romper com esse modelo efetivado a partir de estereótipos de gênero, criando maneiras distintas e subjetivas para tentar se afastar dessas repartições ocasionadas por representações antigas da sociedade, mas que ainda seguem em vigência. Não se trata de uma novidade o apontamento de que as dissimetrias de gênero são constituições sociais. As teorias feministas realçam essa discussão quando estabelecem críticas que revelam maneiras distintas que elucidam diferenças mais do que apenas entre homens e mulheres, mas também entre os homens e entre as mulheres. Assim, esse imaginário único de feminilidade e masculinidade torna-se cada vez mais insustentável. Então, tem-se possível a construção de relações de gênero democraticamente, afastando-se da hegemonia que outrora fora criada. O direito à igualdade e ao respeito, ainda que não garantidos em sua totalidade, estão cada vez mais presentes na realidade da sociedade (ARAUJO, 2005).

Em relação à sobrecarga e acúmulo de funções, todos os homens entrevistados evidenciam que as mulheres possuem rotinas excessivas de trabalho. Para Tiago (23 anos) *“a minha mãe tece, então eu acho que ela fica um pouco sobrecarregada, mas hoje ela diminui bastante a produção, então acaba sobrando tempo pra fazer as duas coisas”*. Aderson (25 anos) tenta justificar essa questão ao dizer que eu acho que *“ela fica sobrecarregada, mas ela gosta, né, diferentemente de mim, eu nunca gostei de trabalhar com isso”*. Para Saturino (21 anos) *“ela [mãe] fica sobrecarregada sim, porque já não é uma pessoa mais jovem, né, então querendo ou não cansa bem, carregar as coisas, mover as coisas, limpeza é um trabalho bem pesado, se você for parar pra pensar”*. No mesmo direcionamento, tem-se a percepção de Humberto (26 anos), ao relatar que *“tem sobrecarga sim. Pelo fato de ter criança pequena e depender de colo às vezes e ela também tece na casa da mãe dela, então ela tem que sair*

daqui de casa, ir pra mãe dela, depois voltar pra fazer janta essas coisas assim. Então tem uma sobrecarga sim”.

Madalozzo, Martins e Shiratori (2010) analisam as diferenças na participação dos gêneros no trabalho doméstico, destacando que esse é o principal potencializador das distinções na participação no mercado de trabalho. Nesse sentido, são apresentadas as desvantagens enfrentadas pelas mulheres tendo em vista que, em muitos casos, essas possuem longas jornadas de trabalho. Assim, muitas mulheres – como as que foram aqui entrevistadas – possuem duplas, extensas e pesadas jornadas de trabalho, havendo principalmente grandes diferenças no quantitativo de horas alocadas para o trabalho doméstico. Para os autores, as mulheres estão cada vez mais dentro do mercado de trabalho, o que seria positivo dentro da família, contudo, as características construídas socialmente que segregam atividades entre os gêneros seguem sendo um fator que influencia na participação frente ao trabalho doméstico.

É interessante observar que, mesmo percebendo que as mulheres ficam sobrecarregadas com o acúmulo de muitas funções, a maioria dos homens entrevistados, por diferentes motivos – falta de tempo, questão de gosto, entre outros – não as auxiliam com os afazeres domésticos. Então, tem-se essa percepção, mas não há uma efetivação de práticas que possam mudar essa realidade. Ao contrário disso, as mulheres se mantêm como as principais responsáveis pelo cuidado do lar, sendo uma realidade no país. Isso é evidenciado pelos dados da PNAD Continua (2019): as mulheres dedicam quase o dobro de horas que os homens para os afazeres domésticos. Os dados de Minas Gerais ainda superam os da região Sudeste e também os do Brasil. No Estado mineiro, as mulheres dedicam 19,9 horas para execução dessas tarefas, enquanto os homens dedicam 10,5. No Brasil, as mulheres desempenham incumbências domésticas no próprio domicílio por 18,5 horas enquanto os homens 10,4 horas. Na região Sudeste do país, esse número é de 18,8 para as mulheres e 10,7 para os homens. Seria fundamental possuir esses dados em relação ao município estudado, contudo, a PNAD Continua é uma pesquisa que não tem cobertura municipal. No Censo Demográfico em que são realizadas pesquisas deste tipo, a variável do trabalho doméstico realizado no próprio domicílio não é pesquisada.

No contexto de Resende Costa, como destacado, a maioria dos homens não realiza as atividades domésticas, tornando-se uma incumbência da mulher. Assim, muitas mulheres veem na tecelagem uma oportunidade de trabalhar em casa, o que facilita a manutenção do próprio lar e, principalmente, pelo motivo de que em casa, elas mesmas poderão cuidar de seus filhos. Essas questões ficam evidentes nas falas de muitas das entrevistadas. Então

trabalhando em casa, dividindo-se entre desempenhar funções de limpeza do domicílio, cuidar dos filhos e tecer, faz com que a rotina dessas mulheres seja demasiadamente extensa.

Como argumentam Souza e Guedes (2016), por muito tempo a figura feminina esteve restringida à manutenção das atividades da casa que circulavam a reprodução familiar. Assim, foram criadas separações entre os gêneros nos campos público e privado e, conseqüentemente, resultando nas “opções” de trabalho, em que os homens executavam o trabalho remunerado, e a mulher o não remunerado – a mulher, conforme Farias (2012) era levada a acreditar que era a rainha do lar, como se o sucesso do marido dependesse de suas atribuições femininas e que seu trabalho de cuidadora fosse vital e intrínseco a ela.

Ininterruptamente, reforça-se que, em termos de motivação para desenvolver essa atividade profissional em casa, a maioria das mulheres aponta para o fato de que, assim, podem ficar perto e cuidar de seus filhos. Então, pode-se assimilar que trabalhar em casa no ponto de vista da maioria das entrevistadas é uma escolha, mas uma escolha travestida de necessidade. Uma necessidade especial de estar em casa para cuidar dos filhos. Essa é uma afirmativa que se repete muito entre as entrevistadas, sendo apontada por Marulina (65 anos) quando diz que *“eu trabalhando no tear era melhor dentro de casa, que cuidava dos filhos e ia trabalhando, né”*. Joana (32 anos), que está grávida de 21 semanas, também entende o trabalho no domicílio como uma melhor opção, já que em seu ponto de vista *“trabalhar em casa pra mim é bom porque eu num preciso de pagar ninguém pra olhar meus filhos. Eu mesma fico em casa e olho eles. Ai, melhor”*.

A essa questão, precisam-se tencionar discussões acerca da construção social da mulher-mãe. Construção da mulher que vive e define suas prioridades em torno da criação de seus filhos. A mulher na família²⁹ foi, na construção social dos gêneros, destinada a

²⁹ Importante elucidar que o conceito de família passa por constantes transformações. Para Engels (1984), que faz uma análise histórica e evolucionista acerca das instituições sociais, desde os períodos iniciais da humanidade, os tipos de família vão estar associados aos diferentes estágios de desenvolvimento da sociedade. Nesse sentido, a perspectiva do autor é materialista, estando os sistemas de parentesco relacionados com o modo de produção. Lévi-Strauss (1983) assinala que a estrutura elementar do parentesco inclui três tipos de relações familiares: a relação de consanguinidade; a relação de aliança (entre marido e mulher); e a relação de filiação. Parsons (1955) (sociólogo funcionalista), ao analisar a família estadunidense da década de 1950, evidencia as funções fundamentais da família. Para o autor, a família passa a ser uma instituição especializada que muda à medida que a sociedade muda, contudo, mantém as funções ditas fundamentais e atemporais da instituição familiar. Já Bourdieu (1996) define família como um “campo social” e uma “ficção bem-fundada”, sendo socialmente construída. Interessante trazer a definição de “família” para a sociologia, embasado nas teorias dos autores clássicos apresentados, contudo, é importante diferenciá-lo da realidade empírica do que são as famílias (especialmente as brasileiras). Desse modo, de acordo com Heloisa Buarque de Almeida (2004; 2010) os arranjos familiares na sociedade brasileira sempre foram muito variados. Quando se fala em novas organizações familiares, precisa-se evidenciar que não se trata exatamente de um fenômeno novo. Acontece que os “novos” tipos de arranjos familiares receberam uma maior visibilidade, devido às mudanças na legislação relativa a transformações sociais. Na sociedade brasileira sempre houve núcleos familiares variados, mas que não eram

desempenhar o papel da maternidade, não apenas o papel biológico de ser mãe, mas de deter de uma identidade materna. A figura feminina é posicionada de maneira central na vida doméstica. Nessa lógica, sem a mulher, a vida familiar seria inexecutável. A maternidade no percurso histórico foi, por um longo período, o cerne do “ser mulher”, algo atrelado à realização plena de ser mulher, uma questão que precisava vir acompanhada de dificuldades, mas que seriam sanadas pelo prazer de ser mãe. Nesse contexto, a mulher precisava ser uma “boa” mãe, dedicando sua vida de maneira exclusiva para a realização desse papel, para a manutenção da vida reprodutiva e do espaço doméstico. Então, por muito tempo – pelo menos até metade do século XX –, a maternidade era a única função que colocava a mulher em um papel de valorização dentro da sociedade (FAVARO, 2007; BORSA; FEIL, 2008).

Nessa compreensão, existia uma tendência de atribuir a maternidade como algo intrínseco e de natureza feminino. Contudo, autores como Badinter (1985) vão estabelecer críticas a essa naturalização do “ser mãe”, ao dizer que, na realidade, esse amor materno incondicional tratar-se-ia de uma construção sociocultural. Para a autora, a mulher não precisa ser mãe para ser plena e a maternidade não é uma condição inseparável da mulher. Dessa maneira, essa atribuição sagrada da maternidade foi primordialmente usada para retirar da mulher sua autonomia, culpando-a caso não exercesse essa função da maneira que era considerada como adequada.

Da perspectiva psicanalista, a maternidade, que é um aspecto fulcral da divisão sexual do trabalho, é reproduzida por meio de questões psicológicas impulsionadas de modo socioestrutural e de maneira contínua, que internaliza na mulher a ideia da necessidade e habilidade que ela tem para ser mãe. Assim, são reproduzidos em torno da maternidade papéis sociais segregados por gênero dentro da família (CHODOROW, 1978).

Através desses apontamentos, tem-se a compreensão que essa ideia da mulher-mãe, que nasce exclusivamente para o casamento, é uma herança que persiste na sociedade, ainda que os movimentos feministas questionem esses papéis e lutem para a descontinuidade desses – lutas essas que surtem cada vez mais resultados. Como destacam Orsolin (2002) e Beltrame e Donelli (2012), na atualidade, a mulher tem liberdade para estabelecer e manifestar suas escolhas, conquistando espaços públicos e de maneira múltipla, assumindo de forma contínua o seu lugar no mercado de trabalho e no campo da educação. Entretanto, a conciliação entre a

reconhecidos. Portanto, como bem elucidado por Biroli (2015), a família é definida de maneira diferente e diversificada de acordo com o contexto e com o tempo, sendo influenciada por instituições políticas. Por esse ângulo, a “família” é o centro de um conflito de interesses teóricos-políticos, o que reflete na sua própria conceitualização.

vida privada e pública muitas vezes pode ser desequilibrada, ocasionando em uma extensa carga de trabalho, trazendo acúmulo de funções – ainda mais quando o trabalho é realizado dentro do espaço doméstico, como é o caso encontrado em Resende Costa.

Nessa continuidade, como já mencionado, para além do cuidado com os filhos, as mulheres entrevistadas atribuem a possibilidade de executar o trabalho com artesanato em casa à factibilidade de realizar as tarefas que circundam o âmbito doméstico, sendo uma exemplificação da existência do desequilíbrio na articulação entre vida pública e privada e entre trabalho e descanso. Assim, exprime Marulina (47 anos) ao dizer que *“pra mim é melhor, porque como eu cuido da minha casa, do meu marido e meus filhos trabalham, tem que fazer almoço pra eles, entendeu? Aí é muito melhor eu trabalhar em casa do que trabalhar fora”*.

Relevante apontar que as exigências advindas da sociedade em relação às mulheres foram e continuam sendo maiores quando comparadas aos homens. Assim, as mulheres precisam se dedicar a criar e educar seus filhos, ao mesmo tempo em que necessitam se dedicar a seus empregos da mesma forma que os homens, e ainda cuidar de seus corpos. Então, embora tenham conquistado novos espaços, esses papéis primitivos de reprodução e cuidado se mantêm. Entretanto, de maneira inegável, com os novos papéis da mulher, têm-se modificações nas estruturas das famílias, assim buscam-se por novas maneiras para que haja uma conciliação entre trabalho e família, (PETERSEN, 1999; FLECK; WAGNER, 2003; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006; BELTRAME; DONELLI, 2012), podendo-se citar o trabalho informal, comum no município e no caso estudado, mas sendo esse um potencializador da jornada de trabalho longa e exaustiva.

No contexto da cidade, existem ainda outras percepções no que toca a essa articulação dos trabalhos realizados em casa, percepções essas interpretadas como vantajosas para as mulheres. Aspectos como costume, por se tratar de uma tradição que é repassada por gerações; rápida adaptação na execução do trabalho, ainda atrelada com a questão do costume; oportunidade de fazer seus próprios horários; e não possuir um padrão específico. Para Maru (40 anos), como exemplo, trabalhar *“em casa é melhor, né. Que a gente pode parar, tomar um suquinho, pode assistir uma novela”*. No ponto de vista de Rosinha (37 anos) é melhor *“trabalhar em casa. Se eu quiser acordar sete horas e tecer até 18 horas eu teço. Se eu quiser tecer até dia de sábado um pouquinho pra adiantar pra semana, eu teço. Eu faço meu horário”*. Essas questões podem ser constatadas nos fragmentos das entrevistas subsequentes:

“Eu, até ontem mesmo eu falei, meu filho tava reclamando do patrão, eu falei eu amo o meu tear, porque ele não fala nada comigo. É uma escolha minha trabalhar em casa, eu gosto mesmo do que eu faço. Eu posso dizer que eu gosto de trabalhar em casa, tem dia que eu tô meio estressada, mas eu gosto. Porque assim eu posso ajudar eles [os filhos], né, igual todo mundo, meu filho e minha filha, um já é casado, trabalha fora, eu posso ajudar, posso ganhar meu dinheirinho, posso cuidar das minhas coisas, posso fazer o meu horário, né? Um dia posso levantar mais cedo, dormir mais tarde. Eu mesma me controlo. Costumo fazer tudo da casa sozinha” (Estrelinha, 47 anos).

“Você tá em casa é bom demais. Igual tô em casa, tô tecendo, quero escutar uma música, eu coloco, quero ver uma televisão, eu vejo, porque até televisão perto do tear tem, porque é lá que eu fico o dia inteiro, né. Cansei de rádio, ligo a TV, cansei de TV ligo o rádio, cansei dos dois fico em silêncio. É assim que eu faço. Ah, é gostoso demais” (Ambrosia, 38 anos).

Trabalhar duplamente no mesmo espaço faz com que haja grande acúmulo de tarefas, ocasionando em uma elevada carga horária na execução delas. Nessa circunstância, as ditas vantagens de desempenhar a ocupação remunerada no domicílio – principalmente fazer os próprios horários, cuidar dos filhos, limpar a casa –, na realidade, fazem com que a rotina dessas mulheres seja circuncidada pelo trabalho, não havendo uma divisão entre o local de emprego e de lazer, e sendo direcionado pouco, ou quase nenhum tempo para o descanso durante os dias da semana. Em suma, todas as funções da casa são realizadas por essas mulheres como elucidado por Marulina (47 anos), já que em seu cotidiano *“desde o período que eu casei eu faço tudo, né? Antes eu dividia com a minha mãe as coisas de casa, né? Ah, eu trabalho quase que o dia todo. Quando eu não tô tecendo, tô fazendo alguma coisa da casa”*. Essa é uma realidade bastante presente na cidade estudada – a partir da ótica das entrevistadas – e essa acumulação de tarefas, que caracteriza a dupla e até tripla jornada de trabalho, faz com que a produtividade – em relação ao artesanato, que é a atividade remunerada – seja comprometida e diminuída, como se pode constatar nas falas a seguir:

“Agora mesmo quando cê ligou eu tava lavando roupa, então eu nem sei te falar. É, o dia todo mexendo. A gente que é mãe não para hora nenhuma. E eu tô grávida de 21 semanas. Por enquanto, a barriga ainda não tá incomodando não, mas eu teço pouco pra não esforçar. Assim, eu levanto cedo, mas eu teço um pouquinho e paro, teço mais um pouquinho e paro, eu não vou direto não, entendeu?” (Joana, 32 anos).

“Juntando tudo, na época quando eu tecia mais, eu pegava seis horas, tecia até nove horas da manhã, e até nem rendia muito, porque foi na época que tinha que cortar malha. Aí eu parava, a menina acordava, eu tinha que amamentar e trocar. Depois eu fazia almoço, lavava roupa e à tarde eu ia cortar o retalho, amarrava a noite pra poder tecer no outro dia, era assim...”

Então, juntando tudo, pode falar que eu trabalhava quase que o dia inteiro, devia dar umas 14 horas. Meu marido era pedreiro e trabalhava fora e não ajudava em casa não... E eu mesma que fazia de tudo, quando deitava, desmontava.” (Cândida, 62 anos).

“E eu faço as coisas em casa só eu mesmo. Eu levanto cedo, teço até uma certa hora. Quando meu filho acorda eu arrumo café pra ele, troco ele, faço leite. Depois volto a tecer. Depois saio na hora do almoço, arrumo casa e depois volto a tecer mais um pouco. À tarde paro pra mim poder enrolar retalho pra poder tecer no outro dia. Nisso eu acho que a gente trabalha 26h por dia, porque não para, não tem um minuto, um descanso. Ficar sobrecarrega eu fico, né, mas não tem outro jeito. Pelo menos agora não tem outro jeito” (Adelaida, 25 anos).

Nesse direcionamento, o fato de ter que cuidar de filhos e da casa, ainda que não seja uma escolha, pesa na necessidade de se trabalhar com algo que possibilite que essas atividades sejam feitas. Lima *et al.* (2017), analisam como a escolha profissional pode ser efetivada por questões que envolvem as construções sociais dos gêneros. Para os autores, a atribuição de aspectos tidos enquanto masculinos e femininos são socializados e assimilados dentro do processo de escolarização, na medida em que tais aspectos são associados a determinadas profissões, fortalecendo o imaginário da existência de profissões exclusivas para as mulheres e para os homens. Esse imaginário, em certa medida, pode ser compreendido como um importante fator na tomada de decisão pelos interesses profissionais de um indivíduo. Nesse sentido, homens e mulheres seriam educados de maneiras dessemelhantes, fazendo com que se responsabilizem por efetivar papéis sociais distintos, culminando na escolha por trabalhos diferentes.

Como relatado, desempenhar atividades domésticas está presente na vida cotidiana das mulheres há muito tempo, sendo uma questão que de maneira sociocultural ficou associada à figura feminina. Nessa circunstância, em alguns casos, não há uma flexibilidade em relação ao trabalho que se tem – devendo-se reforçar que é uma questão percebida na realidade do município e da amostragem entrevistada – e muitas mulheres acham comum ter esse acúmulo de funções. Esse é um atributo percebido na fala de Sambrozinha (50 anos), quando ela diz que *“nunca parei pra pensar de ficar sobrecarregada não. Ah, porque vou levando, né. Acostumada a fazer tudo sozinha”*. Dama (42 anos) tem uma percepção parecida, quando relata que *“pra te ser sincera, eu não vejo dificuldade não, pra mim é bom. Porque aí eu não deixo as minhas filhas com ninguém. Eu não vejo dificuldade não”*. Ambrosia (38 anos) possui pensamento similar ao relatar que *“eu já acostumei, é meu ritmo e não canso não, já to acostumada”*. Iraci (45 anos) tem uma percepção parecida ao relatar que:

“Ah, não acho que fico sobrecarregada, porque assim, na parte doméstica eu já sou muito prática, já deixo comida, assim, quase que uns três dias pronto, só esquentar, aí a casa, na hora que paro, que eu vou dar uma varrida na casa, limpar a casa, sabe, então, assim, é mais, é igual eu tô te falando, a gente faz a hora da gente, em casa a gente faz a hora da gente. Ah, tem dia que eu trabalho umas 12 horas por dia”.

Esse acúmulo de funções faz com que essas mulheres, em muitos casos, abdicuem de realizar vontades específicas, como relata Chica (27 anos), já que ela *possui “muita vontade de voltar a estudar, mas agora com criança pequena é custoso”*. Adelaida (25 anos) também tem essa percepção, pois em suas palavras *“eu lá ia fazer um curso de técnico, mas por enquanto eu tô tecendo mesmo”*. E nessa mesma direção, algumas das entrevistadas dizem que se tivessem outras oportunidades não trabalhariam com a tecelagem, como o caso de Maria (40 anos): *“Se eu pudesse voltar no tempo, eu não teria mexido com tear não. Porque é muito trabalho, pra muita dor de cabeça. Problema de coluna, estresse, pressão, ansiedade...”*.

Fato é que o trabalho da mulher na contemporaneidade é tido como de extrema importância socioeconômica, possuindo também relevâncias especiais para a própria mulher, no tocante à sua autonomia, na recusa de continuar detendo apenas de funções reprodutivas, garantindo sua emancipação financeira. Entretanto, essa libertação é alavancada conjuntamente com o surgimento de novas problemáticas, que vão emergindo de maneira amalgamada. Dessa forma, as assimetrias tencionadas por gêneros ainda persistem, especialmente na esfera do trabalho doméstico (COSTA, 2018). As mulheres entram no mercado de trabalho de maneira cada vez mais contínua, entretanto ainda não se pode falar da equalização da divisão sexual do trabalho no Brasil. Ainda existem distinções trabalhistas entre homens e mulheres, essencialmente em relação à execução de atividades domésticas, que seguem sendo principalmente funções atribuídas e realizadas pelas mulheres (HIRATA; KERGOAT, 2007; SOUZA; GUEDES, 2016). E no contexto de Resende Costa, pela ótica do grupo entrevistado, essas dissimetrias permanecem e são ainda mais intensificadas na medida em que o trabalho remunerado também é realizado no âmbito doméstico, não havendo clara divisão para a execução da tarefa remunerada, da atividade doméstica e do descanso.

Sabe-se então que as mulheres possuem rotinas demasiadamente extensas pois, além de trabalharem com a tecelagem, precisam garantir também a manutenção do espaço doméstico e especialmente o cuidado dos filhos. Nesse sentido, tem-se o entendimento teórico de que entidades de economia social podem auxiliar essas mulheres na manutenção de seus trabalhos. Sabe-se que existem associações voltadas para a preservação e desenvolvimento do

artesanato na cidade de Resende Costa. Nesse sentido, a próxima seção será pautada em como entidades de economia social podem auxiliar no trabalho artesanal, buscando compreender se alguma das associações da localidade desempenha essa função – precisando-se reforçar que se trata um entendimento fomentado pela ótica dos entrevistados.

4.3.8 Percepções acerca do coletivo e da participação em entidade de classe e cooperativas

Ao final, desenvolveu-se esse bloco com o objetivo de analisar as percepções dos artesãos em relação à participação em entidades de economia social, buscando compreender se e como essas auxiliam na execução de seus trabalhos. Inicialmente, faz-se importante elucidar que as entidades de classe – associações e cooperativas – são ações coletivas que se organizam na busca por direitos e interesses que facilitam o trabalho do grupo.

Antes de adentrar no contexto específico de Resende Costa, é importante tramar algumas reflexões teóricas no que concerne a essa temática. De alguma maneira, a sociedade passa a refletir a cerca de valores socioculturais que cercam o mundo do trabalho. Valores surgiram e se estabeleceram no sistema capitalista, em que as relações são estabelecidas de maneira predominante na busca pelo lucro, o que faz com que empregadores explorem a classe que vive do trabalho – conceito de Antunes (2009) – através da produção da mais-valia – conceito central da teoria de Marx (2011 [1867]). Essa reflexão faz com que sejam buscadas opções que valorizem o bem-estar social coletivo e o meio ambiente. Assim, tem-se o modelo da economia solidária como um meio que equaliza a sociedade, diluindo a competitividade que permeia o mundo capitalista, através de uma economia autogestiva (SINGER, 2001; PAIXÃO; KANAMARU, 2020).

A economia solidária é, em seu âmago, um modelo alicerçado pela igualdade e cooperação e outros artifícios que potencializam a produção coletiva, tendo o enfoque nas pessoas e em seus trabalhos e não exatamente no que é produzido. Então, por meio da autogestão, todos os envolvidos em uma determinada ação possuem deveres e direitos, em que são divididos os lucros, mas também os prejuízos (SINGER, 2001; 2008; PAIXÃO, 2019; PAIXÃO; KANAMARU, 2020).

Nesse modelo, o centro são as pessoas e o meio ambiente, reconfigurando uma economia que é voltada para a fundamentação de lucros privados por meio da exploração da mão de obra do trabalhador, por meio de mecanismos que já existem como o trabalho

coletivo, a solidariedade, a equidade, a cooperação, a democracia participativa, a sustentabilidade, o mutualismo e o pluralismo (KAWANO, 2018).

O movimento da economia solidária tem surgimento atrelado a contextos específicos e distintos, sendo então bastante variado no interior da sociedade – existindo cooperativas, coletivos voluntários, coletivos de autoempregados, associações, entre outros. Contudo, no geral, parte de questões político-econômicas – como a falta de empregos formais – ampliando a economia social, na medida em que é um meio alternativo para o enfrentamento de crises que são cada vez mais constantes no sistema capitalista. Organizações que partem desse conceito surgem como caminhos para o enfrentamento de conflitos causados pelo neoliberalismo e pela globalização, que causam enormes desigualdades sociais, políticas e econômicas, além da diminuição de empregos formais e da elevação de subcontratações e subempregos (LAVILLE, 2010; KAWANO, 2018).

A economia solidária é um modelo que estimula o consumo da produção local contribuindo para a sustentabilidade de uma região. Nesse sentido, seria um movimento social fundamental frente ao sistema capitalista na busca de uma sociedade emancipada, em que o desenvolvimento estaria atrelado ao bem-estar social de comunidades, não no crescimento e fortalecimento empresarial (BERTUCCI *et al.*, 2010). Essa economia se constrói através da inserção de pessoas no mercado consumidor, gerando sociabilidade e, por consequência, melhoria na qualidade de vida desses (SINGER, 2008).

Existem, na atualidade, ações solidárias ligadas ao fazer artesanal. A atividade artesanal inserida nesse contexto é potencializada na medida em que se tem a tentativa de gerar renda estável para os participantes. Esse tipo de ação é importante, pois o artesanato em muitas comunidades segue sendo produzido dentro do domicílio do artesão, tornando-se um trabalho com pouca ou nenhuma regulamentação. Os artesãos que trabalham em seus domicílios possuem motivações específicas, mas no geral partem da necessidade. Então, a economia solidária auxilia na execução do trabalho artesão quando: propicia o acesso a matérias primas; garante uma remuneração adequada ao trabalho que se tem; assegura acesso a agências econômicas e de crédito; reduzem a exploração que pode ocorrer nesse tipo de trabalho, entre outros pontos (AKILANDEESWARI; PITCHAI, 2018; SHAH; PATEL, 2018).

O artesanato tradicional na contemporaneidade é exposto a processos que o transformam. Processos desencadeados pela industrialização, globalização e evoluções tecnológicas constantes que modificam sua aparência a até mesmo a maneira como são

produzidos. Dessa forma, em muitos casos, os artesãos precisam se adaptar em relação a essa circunstância, modificando por consequência uma cadeia produtiva, como exemplo. Assim, tem-se a efetivação de produtos massificados e com valores menores produzidos industrialmente e que substituem os artefatos produzidos manualmente. Os artesãos sozinhos não conseguem competir nesse contexto. Nesses casos, as ações sociais podem auxiliar na produção, comercialização e manutenção da práxis artesanal, protegendo os artesãos da exploração que pode haver de sua mão de obra (SHAH; PATEL, 2018).

Esse tipo de ação ainda pode auxiliar didaticamente o trabalho do artesão, ao ponto em que podem ser ofertados cursos que apresentem as inovações mercadológicas, propondo que exista harmonia entre as práticas da produção artesanal tradicional e as novas tecnologias existentes. Dessa forma, o artesanato pode ter preservado suas qualidades estéticas e originais – o que garante o valor agregado do produto – ao mesmo tempo em que sejam atendidas as demandas que são impostas pelo mercado (SHAH; PATEL, 2018).

É importante, contudo, elucidar que ações pautadas na solidariedade enfrentam uma dicotomia: da mesma forma em que se reproduzem rapidamente, essas iniciativas são frágeis nas relações que existem – ou deixam de existir – entre si com seus agentes econômicos. Então, surgem muitas ações deste tipo, mas que em maioria são apenas experimentais, não gerando o impacto social que se espera (GAIGER, 2003). O contexto encontrado em Resende Costa talvez siga essa tendência. Existem pelo menos duas associações voltadas para o artesanato local: a Associação de Artesãos de Resende Costa – ASARC – e a Associação Empresarial e Turística de Resende Costa – ASSETURC. Entretanto, do ponto de vista dos entrevistados, nenhuma delas possui as características que foram supramencionadas de uma ação solidária.

Em termos de história, tem-se a indicação de que a ASARC tem sua fundação registrada no ano de 1993, sendo constituída sob a égide de estabelecer uma união entre os tecelões municipais no empenho em melhorar suas condições de trabalho, produção e comercialização. Tinha-se a intenção de se comercializar os artefatos produzidos pelos então associados e amparar os artesãos na busca por matéria-prima. Entretanto – como fica evidente nas falas que serão apresentadas na sequência –, na atualidade, trata-se de uma loja física que vende produtos artesanais. Então, a associação funciona apenas como uma vitrina para a divulgação e venda dos produtos, não exercendo as funções que deveria e poderia exercer (SOUZA, 2018; RESENDE, 2019).

Em relação à ASSETURC, sabe-se que a mesma foi criada em 2005 através da integração de empresários locais na busca por uma consolidação do comércio têxtil, intuindo divulgar e desenvolver a produção artesanal. Tal entidade possui parceria com a prefeitura local e auxilia na realização de eventos como a Mostra de Artesanato e Cultura – evento realizado pela primeira vez no ano de 2012, visando divulgar a cultura do artesanato local – da cidade (SOUZA, 2018; RESENDE, 2019).

Em relação à preservação e salvaguarda dos saberes da tecelagem, parece que existe certa preocupação e ações efetivas sendo realizadas, como a criação da Secretaria de Turismo Artesanato e Cultura – SETAC –, sendo um órgão implementado pela prefeitura local no ano de 2018. Em conjunto com o Conselho Municipal de Patrimônio Cultural, existem atuações que visam preservar tal patrimônio (RESENDE, 2019). Contudo, com o pensamento nas associações – mas também nos órgãos públicos citados –, não se consegue compreender como elas podem auxiliar no desenvolvimento e salvaguarda da produção artesanal local sem se ater ao trabalho do artesão.

Tem-se o surgimento dessa indagação na medida em que muitos dos artesões aqui entrevistados sequer têm conhecimento da existência dessas entidades. Outros têm a visão de que esse tipo de empreendimento é voltado apenas para grandes comerciantes como opina Flor (33 anos) ao dizer que *“eu acho que essas associações são pra quem é empresário, que tem loja. Entendeu? No meu caso, eu apenas faço os tapete pra um empresário. Não tem essa associação pra quem trabalha igual eu em casa não”*.

Do total de 40 entrevistados, apenas três mulheres já se integraram à ASARC. Todas essas mulheres que participaram de tal associação destacaram o que foi dito por Melindrosa (65 anos). Ela elucida que sua participação *“foi por pouco tempo”* e que *“era só pra conseguir tirar nota mesmo”*. Essa afirmação é complementada e melhor detalhada por Sol (34 anos), já que em sua fala:

“Não sei se ainda tem, mas tinha uma loja no asfalto que o pessoal colocava mercadoria lá e tinha que pagar uma mensalidade. Mas eu não achei muito viável não. Quando eu entrei lá eu queria mais pra tirar nota por questão de cliente de fora, aí eu tinha que pagar R\$34,00 por mês pela nota. Até então, tudo bem. Só que você tinha que por sua mercadoria lá, aí se você vendesse você não ganhava o valor todo da mercadoria. Isso assim, quando fosse vendido... Pra mim tirar nota eu não tirava muito, aí depois eles aumentaram o valor também e eu acabei achando que não compensava, porque às vezes a mercadoria demorava muito pra girar e eu tinha clientes que comprava a mercadoria aqui em Resende Costa, então pra mim não compensou. Aí eu preferi abrir um MEI, porque aí eu consigo tirar nota. Foi uma associação que não me ajudou no trabalho. Eu não achei lucrativo lá

não. Vantagem pra mim não. E no valor que eu pagava a associação, eu pago o MEI pra mim que tem os direitos que a gente tem eu consigo tirar nota de uma forma melhor. Eu assim, fiquei lá muito pouco tempo, na época tinha uma pessoa que meio que organizava. Tinha um jeito só de ser, você colocava as suas mercadorias. Não é aquela associação pra ajudar os tecelões, eu não vi nada disso lá. Eu vi lá uma proposta de pagar pra manter a loja aberta, pra tirar nota e vender suas mercadorias. E eu acho que uma associação tinha que ser uma base pra ajudar os tecelões, né? Eu isso, eu não vi. Na minha época eu entrei achando que era uma coisa, e não era o que eu pensava. Era simplesmente pra fornecer nota, que não é viável”.

A última das mulheres citadas ainda participa em tal associação, mas enquanto voluntária. Trata-se de Cândida (62 anos), que auxilia na explicação de quando essa entidade teve o seu surgimento, os objetivos que a cercam e as dificuldades para o seu funcionamento. Em sua perspectiva:

“Quando eu entrei ela não tava muito bem organizada não, sempre ficava algum papel pendente, alguma coisa pra trás, só que agora não, agora tá tudo ok, acho que agora não dá problema nenhum. Agora eu trabalho muito como voluntaria lá porque com esse negócio de eu ter aposentado, eu não posso ter nada no meu nome, né... Ela tem fins lucrativos, aí eu não posso entrar. O que a associação ajuda é o seguinte, aqui na cidade, hoje não, mas antigamente eu participava muito de feira, aí você ficava conhecendo e ficava divulgando o seu trabalho muito e aquilo ajudava muito na associação. Só que hoje, com esse negócio de internet e tudo, não acho mais vantagem ficar mexendo com feira. É mais fácil divulgar on-line mesmo porque aí o pessoal entra e olha o quê que quer, né? Mas a associação em si, eu não posso falar que ela dá prejuízo porque pelo menos quando eu colocava minhas coisas lá, eu vendia, eu nunca tive prejuízo. É lógico que a associação tira o custo, né? Lá tem que tirar a porcentagem pra manter a loja, senão não tem como trabalhar. Lá é assim, cada sócio paga uma mensalidade de 7% e em cima desses 7%. O artesanato que vende lá é a mesma coisa. A única diferença é que lá tem que etiquetar tudo, em casa eu não etiqueto nada. Mas ah meu filho, a coisa mais difícil que tem no mundo é mexer com associação, nossa senhora. Você marca reunião aparece um, dois. Mas pra resolver uma coisa a decisão tem que ser de todos os sócios. Mas é assim, não é uma associação que ajuda a comprar material nem nada do tipo, ajuda por causa do CNPJ, então facilita em algumas coisas e cada sócio pode vender seu artesanato na loja. Mas a prefeitura não ajuda em nada, então pelo menos nós tem a associação... Ela foi fundada em 1993, tá com 28 anos, né, vai fazer agora em junho. Ela nunca teve ajuda de nada, só os sócios mesmo que tem que ralar. Mas falta um pouco de interesse dos próprios tecelões”.

Assim como constatado por Souza (2018), através dessas falas, consegue-se então compreender que a associação está ligada a autonomia para venda dos produtos pelo e do tecelão comerciante. A associação é ressignificada no contexto do sistema capitalista, já os artesãos comerciantes usam deste ambiente para potencializar e gerar resistências nesse

mercado de produção massificada e de trabalho terceirizado. Em tal contexto, a associação garante para os associados o direito a CNPJ, fomentando autonomia para o comércio.

Outro artesão, Valdemar (26 anos), aponta para a existência de outras associações não voltadas para o artesanato, mas que acabam se cruzando com essa temática. Mas, em sua percepção, as entidades que deveriam auxiliar o trabalho dos artesãos, na realidade, são beneficiadas pelo artesanato. Em suas palavras:

“Eu faço parte de algumas [entidades]: do Instituto Rio Santo Antonio ONG Iris³⁰, do Conselho Municipal de Patrimônio e Cultura, da e do Coral e Orquestra Mater Dei. Praticamente todas têm alguma ligação com o artesanato, diretamente ou indiretamente. Na verdade, o artesanato que ajuda eles. Porque através do artesanato que eles conseguem movimentar, fazer movimentos culturais. Depende muito do momento que você pergunta. O coral Mater Dei é relacionado à religião, aí tem dia que não precisa do artesanato, mas tem festa daqui que eles conseguem atuar graças ao artesanato que chama turista pra cá. Aí que eles conseguem sobreviver e mostrar o talento deles. Já o conselho, tem o objetivo de proteger esses patrimônios, tanto material e o imaterial. O material aqui são as antigas casas dos inconfidentes, e o imaterial que é o conhecimento das pessoas de produzir os tapetes. E a ONG tá ligada também diretamente ao meio ambiente, contudo, eles fazem muitos movimentos culturais, como por exemplo o Luau das Lajes, tem uma ligação com o turismo artesanal porque eles colocam tapetes lá, fazendo algo como se fosse uma amostra de artesanato, sabe?”.

Seguindo a fala anterior, reforça-se que é evidente que em outros aspectos o Conselho Municipal de Patrimônio e Cultura de Resende Costa auxilia na questão envolvendo o artesanato têxtil. Os saberes relativos desta atividade, em 2016 foram registrados como um bem da cultura imaterial da cidade após aprovação de tal conselho (PREFEITURA MUNICIPAL DE RESENDE COSTA, 2019). Contudo, parecem faltar ações que sejam convenientes aos tecelões que tecem em seus domicílios, possuindo pouco ou nenhum auxílio, desempenhando suas atividades de maneira precarizada.

Por fim, tem-se também por meio das falas dos entrevistados que existe certa desarticulação entre os próprios tecelões e também pouca relação entre tecelões e comerciantes. Essa falta de coletividade faz com que tenha elevação no sentimento de competitividade entre os habitantes. Consta-se ao final que, na prática, não existem

³⁰ Segundo o site da instituição, “fundado por um grupo de jovens em 2009, o Instituto Rio Santo Antônio (IRIS) é uma organização não governamental, sem fins lucrativos. O IRIS realiza ações voltadas para a promoção, educação e a defesa da sustentabilidade ambiental e da cultura local em Resende Costa - MG. A entidade tem como maior enfoque a preservação dos mananciais e como principal missão a revitalização e a conservação do rio Santo Antônio, como ecossistema e como lugar de experiências culturais únicas”.

entidades de economia social – com as características elucidadas pela teoria – na cidade de Resende Costa.

4.4 Amarrações finais

Através das discussões aqui suscitados, chega-se ao entendimento de que a tecelagem para os moradores de Resende Costa é a principal atividade econômica desempenhada, fomentando a renda destes e auxiliando no desenvolvimento municipal, sendo em muitos casos a única “opção³¹” empregatícia encontrada. Para além, tem-se evidenciado que a atividade é realizada em suma nos próprios domicílios dos habitantes e de forma terceirizada.

Na execução dessa atividade, encontram-se distintas vivências entre as pessoas entrevistadas, principalmente em uma questão de gênero: homens e mulheres se ocupam deste trabalho por motivações diferentes e, principalmente, por temporalidades distintas. As mulheres, no geral, se iniciam enquanto tecelãs ainda na infância, aprendendo as técnicas da tecelagem com outras mulheres da família – principalmente mães e avós –, sendo inclusive presenteadas com teares. Na adolescência e na vida adulta essas mulheres se profissionalizam, passando a desempenhar a ocupação durante toda vida. Os homens também crescem nesse ambiente em que o artesanato se faz presente desde a infância, entretanto, eles, de maneira generalizada, se inserem como artesãos vendo na atividade como uma oportunidade de ter um primeiro emprego. Nesse sentido, na realidade dos entrevistados, grande parte trabalha com a tecelagem durante a adolescência/juventude, ao passo em que buscam por qualificação profissional através de cursos técnicos e de graduação. Assim, quando esses homens conseguem outras oportunidades empregatícias, a tecelagem ou é abandonada ou passa a ser uma forma de complementar a renda adquirida. Ainda, existem realidades alternativas entre os sujeitos aqui pesquisados, pois como se sabe, por mais ordinária que seja a atividade desempenhada, dificilmente a vivência de uma pessoa é igual à de outra. Dessa forma, alguns homens também possuem a atividade artesanal como principal, na medida em que a tecelagem está presente no cotidiano da maioria das famílias ‘resendecostenses’.

Então, a história da tecelagem em Resende Costa se confunde com a história do próprio município. Existem indicativos de que a tecelagem é executada na região desde o período colonial do país, em que, com os portugueses, chegaram os teares e as primeiras

³¹ Opção entre aspas, pois para muitos dos entrevistados, especialmente para as mulheres, trata-se do único trabalho possível de ser executado, seja pela baixa escolaridade, pela necessidade de estar em casa para cuidar dos filhos ou por se tratar de um ofício aprendido ainda na infância, o artesanato têxtil é percebido como a grande oportunidade de geração de emprego e renda no município estudado.

pessoas qualificadas para a manutenção desses. Desde os primórdios, eram as mulheres – livres e escravas – quem teciam, sendo essa uma herança que ainda pode ser facilmente vista. Se no passado a atividade artesanal era desempenhada de maneira exclusiva pelas mulheres – sendo uma das únicas oportunidades de a mulher deter de uma ocupação profissional –, na atualidade – desde a década de 1980 – os homens começam a compreender a tecelagem como um emprego, passando a também desempenhar a função. Ainda que os homens também participem na produção artesanal do local, observa-se que a maioria desses apenas se ocupa de maneira momentânea, ou tece para obter renda extra. Em contrapartida, para as mulheres, continua sendo a atividade profissional mais viável, sendo em muitos casos assimilada como a única atividade remunerada possível de ser executada.

O artesanato têxtil é visto como uma boa oportunidade de trabalho por homologar ao artesão certa autonomia para desempenhar a função, tendo em vista que a atividade é grandemente executada dentro dos seus próprios domicílios. Assim, em tese, as jornadas trabalhistas seriam flexíveis e não previamente definidas. Entretanto, essa autonomia relatada pelos artesãos parece não funcionar na prática, quando a remuneração dos tecelões é ocasionada por produtividade. Então, precisam-se tecer muitas quantidades para que seja adquirida uma renda mínima. Nesse contexto, muitos dos artesãos trabalham de segunda a sábado, iniciando nas primeiras horas do dia e finalizando em muitos casos apenas a noite. Faz-se essa argumentação na medida em que, por meio das entrevistas, se percebe que as rotinas de trabalho são intensas e extensas, extrapolando em alguns casos o quantitativo de horas estabelecido na “Consolidação de Leis do Trabalho” – CLT. Ainda em relação à CLT, o trabalho em casa faz com que os artesãos não tenham assegurados direitos trabalhistas básicos. Esse conjunto de fatores culmina em uma atividade desempenhada de maneira precarizada.

Ainda no que toca ao desenvolvimento do artesanato no domicílio do artesão, entende-se que existem duas dinâmicas bastante distintas: pessoas que tecem para os comerciantes – sendo a maioria –, em que a matéria-prima é comprada pelos donos das lojas e os artesãos desempenham as etapas da tecelagem – a própria tecelagem e o acabamento ou amarração –; e artesãos que tecem por conta própria, que precisam comprar os materiais e também desenvolver as outras etapas supracitadas. Em relação ao segundo caso, percebe-se que a rotina dessas pessoas é ainda mais intensa, pois, para além de tecer, o artesão precisa controlar os gastos e os lucros que são suscitados pela ocupação.

É importante ainda destacar que as mulheres são a maioria das pessoas que tecem em casa desempenhando a ocupação enquanto principal. Ao executarem essa atividade em suas casas, de forma geral, a vida é majoritariamente destinada ao trabalho, seja ele remunerado ou doméstico. Nesse sentido, compreende-se que as mulheres da localidade seguem sendo as principais responsáveis pela manutenção das atividades domésticas e de cuidado. Ao precisarem se ocupar com essas atividades, a produtividade no artesanato é prejudicada, já que a rotina das mulheres é múltipla. Assim, pela ótica dos entrevistados, muitos homens conseguem receber melhor que as mulheres desempenhando o artesanato, pois esses podem destinar mais horas do dia para a prática. Em contrapartida, as mulheres precisam parar periodicamente para cuidar dos filhos, fazer almoço, lavar roupa, enfim, para fazer a manutenção das questões que permeiam o espaço doméstico e, em consequência disso, suas rendas com o artesanato são mais baixas, pois o quantitativo produzido em suma é menor. Ademais, é muito importante reforçar que a escolha profissional dessas mulheres é atrelada a essa questão da manutenção do espaço doméstico, principalmente pela necessidade que se tem de estar perto dos filhos.

Finalmente, tinha-se o conhecimento da existência de pelo menos duas associações na cidade voltadas para a preservação e desenvolvimento do artesanato têxtil. Entre essas, a Associação de Artesãos de Resende Costa – ASARC – seria a responsável pela defesa dos ideais dos artesãos. Contudo, como percebido nas entrevistas, boa parte das pessoas sequer possui conhecimento da existência dessa entidade. Além disso, apenas três de todos os entrevistados – sendo as três mulheres – já participaram de tal associação. Através das falas dessas mulheres consegue-se compreender que essa associação não é regida pela égide da economia solidária. Quem participa da mesma precisa pagar uma mensalidade, recebendo em troca a facilidade de deter de um CNPJ e possuir um local para comercializar suas mercadorias. Entretanto, a associação não auxilia os artesãos na manutenção da práxis, como se previa pela teoria. Então, não existe na cidade uma entidade de economia social que auxilie a rotina do trabalho dos artesões e que ajudem na luta pela garantia de melhores condições de trabalho. Seria importante que existisse esse tipo de organização, na medida em que os tecelões por si só não conseguem dialogar com os grandes empreendedores nessa demanda por uma condição mais digna de trabalho.

Para além, precisam-se tramar apontamentos acerca das dificuldades encontradas para a execução dessa pesquisa em meio ao isolamento social causado pela pandemia de Covid-19. Nesse sentido, a pesquisa precisou ser regida de forma *on-line*, fazendo com que os objetivos

e a metodologia fossem adaptados. Se a pesquisa fosse conduzida presencialmente, o campo poderia ser diferente pelo contato direto com os sujeitos.

Em termos de trabalhos futuros, acredita-se que esta temática não está esgotada, podendo-se ainda pesquisar a localidade através de outras perspectivas e caminhos metodológicos distintos. Nesse sentido, faz-se a sugestão para uma sequência desta pesquisa a análise da tecelagem ‘resendecostense’ – ou do artesanato de outras localidades – com o foco na questão geracional, investigando como pessoas de diferentes gerações vivenciam essas atividades.

Por fim, elucida-se que, através das entrevistas, compreende-se que boa parte dos que aqui participaram se sentiram valorizados por poderem compartilhar suas histórias de vida, tornando-as eternizadas nas páginas desta dissertação.

4.5 Referências

AKILANDEESWARI, S. V.; PITCHAI, Dr. C. Cooperatives and the SDGs: Focus on gender equity and women's empowerment on handicraft industry. **GJRA: Global journal for research analysis**, [S.l.], v. 7, n. 12, p. 3-5, dez. 2018. Disponível em:

<<https://www.worldwidejournals.com/global-journal-for-research-analysis-GJRA/article/cooperatives-and-the-sdgs-focus-on-gender-equityand-womens-empowerment-on-handicraft-industry/OTg4OA==/?is=1&b1=1&k=1>>. Acesso em: 15 mai. 2020.

ALENCAR, E; GOMES, M. A. O. **Ecoturismo e planejamento social**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001. 103 p.

ALMEIDA, H. B. de. Família e relações de parentesco: contribuições antropológicas. *In*: CARVALHO, J. S. (org.). **Direitos Humanos e Educação para a Democracia**. [S.l]: Vozes, 2004. Disponível em:

<https://www.academia.edu/4236920/Fam%C3%ADlia_e_rela%C3%A7%C3%B5es_de_parentesco_contribui%C3%A7%C3%B5es_antropol%C3%B3gicas>. Acesso em: 18 set. 2020.

ALMEIDA, H. B. de. Um olhar para as famílias, de dentro e de perto. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, [S.l.], v. 25, n. 72, p. 161-162, fev. 2010.

Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092010000100012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 18 set. 2020.

ALMEIDA, W. **Captação e Seleção de Talentos**: com foco em competências. São Paulo: Atlas, 2009.

ALVES, A. E. S. Fundamentos históricos da separação entre trabalho de homem e trabalho de mulher: algumas notas. **Revista Histedbr On-Line**, [S.l.], v. 11, n. 41, p. 174, 8 ago. 2012.

Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/rho.v11i41.8639844>.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/279501961_Fundamentos_historicos_da_separaca

o_entre_trabalho_de_homem_e_trabalho_de_mulher_algunas_notas>. Acesso em: 19 mai. 2021.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

ARAÚJO, M. F. de. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**, [S.l], v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-56652005000200004>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/BVXTfbqzbJJYh7pwSkjdzpN/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

ATTRIDE-STIRLING, J. Thematic networks: an analytic tool for qualitative research. **Qualitative Research**, v. 1, n.3, p.385-405, 2001. Disponível em: <<https://utsc.utoronto.ca/~kmacd/IDSC10/Readings/Readings/text%20analysis/themes.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BABBIE, E. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, 519 p.

BADINTER, E. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAPTISTA, E. H. **A Imagética Rural na Estrutura do design Têxtil**. Santa Maria – RS. 2004. 120 p. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/1160>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

BARBARA, M. M. "Reestruturação Produtiva, Qualificação, Requalificação e Desemprego: percepção e sofrimento do trabalhador. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 30-49, 1999. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98931999000100004>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/mKGZDB9VJvsBSLwDCFv6NkG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

BARROS, S.; ROSA, F.; RIBEIRO, E. M. **Princípios e Técnicas para Elaboração de Textos Acadêmicos: pensando na pós-graduação**. Salvador: UFBA, 2017. 120 p. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/174974/4/eBook_Principios_e_Tecnicas_para_Elaboracao_de_Textos_Academicos-Especializacao_em_Gestao_de_Pessoas_UFBA.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2020.

BARROSO, H. C. Artesanato e Divisão Sexual do Trabalho: considerações sobre o trabalho de mulheres artesãs no ceará. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, 16., 2018, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: ABEPSS, 2019. p. 1-16. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22192>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

BARROSO, H. C; FROTA, M. H. P. de. A trama do trabalho artesanal para mulheres cearenses: desvendando códigos de gênero. **Fazendo gênero: Diásporas, diversidades, deslocamentos**, 9, 2010, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em:

<http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278297991_ARQUIVO_fazendogenero.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2021.

BATISTA, F. E. A; JUNIOR, G. S. Tramas de minas: o artesanato como atrativo turístico e gerador de emprego e renda. **RAEI: Revista americana de empreendedorismo e inovação**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 107-115, nov. 2020. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/raei/article/view/3254#:~:text=O%20turismo%20na%20atualidade%20vem,trade%20tur%C3%ADstico%20em%20especial%20de>>. Acesso em: 20 set. 2021.

BECKER, H. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

BECK. U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34; 2010. 368 p.

BELTRAME, G. R; DONELLI, T. M. S. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. **Aletheia**, Canoas, n. 38-39, p. 206-217, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 jun. 2021.

BERTUCCI, A. *et al.* **Economia Solidária** - outra economia a serviço da vida acontece. Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - CONIC Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES / Campanha da Fraternidade Ecumênica, 2010. Disponível em: <http://www.numiecosol.ufscar.br/documentos/textos-economia-solidaria/cartilha-economia-solidaria-outra-economia-a-servico-da-vida-acontece/at_download/file>. Acesso em: 07 jan. 2021.

BIROLI, F. Justiça e família. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política**: uma introdução. Boitempo Editorial, 2015b. Disponível em: <<https://book.lat/2600228/53031e>>. Acesso em: 17 set. 2020.

BORSA, J; FEIL, C. O papel da mulher no contexto familiar: Uma breve reflexão. **Portal dos Psicólogos**, 2008. Disponível em: <http://www.carinecampospsicologa.com/O_papel_da_mulher_no_contexto_familiar.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

BOURDIEU, P. Apêndice: o espírito de família. In: **Razões práticas**. Campinas: Papirus: 1996.

CARVALHO, V. C. de. **Gênero e artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Edusp, 2008.

CASTRO, A. M. Desenvolvimento para quem?. **Historiæ**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 149–174, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/6716>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

CASTRO, A. M. **Fios, Tramas, Repassos e Inventabilidade**: a formação de tecelãs em Resende Costa/MG. 2015. 230 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Educação, UNISINOS, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3686>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

CASTRO, A. M.; EGGERT, E. A Tecelagem Manual em Minas Gerais: elementos para uma análise feminista da produção artesanal. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 6, p.114-126, 2015. Disponível em: <http://revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/viewFile/5124/pdf_169>. Acesso em: 12 abr. 2021.

CHATAIGNIER, G. **Fio a Fio: tecidos, moda e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010. 165 p.

CHODOROW, N. **Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1978.

COSTA, F. A. da. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. Pretextos - **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, p. 434-452, jul./dez. 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/Maria%20Jos%C3%A9/Downloads/15986-Texto%20do%20artigo-65618-1-10-20180911.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2020.

COSTA, S. S. da. Pandemia e desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública**, [S.l.], v. 54, n. 4, p. 969-978, ago. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-761220200170>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rap/a/SGWCFyFzjrDwgDJYKcdhNt/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

DEWES, J. O. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos**. 2013. 53 f. TCC (Graduação) - Curso Bacharelado em Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93246/000915046.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2021.

ELISONDO, R. C.; VARGAS, A. Women's Everyday Creative Activities: a qualitative study. **Creativity. Theories – Research - Applications**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 91-111, 1 jun. 2019. Walter de Gruyter GmbH. <http://dx.doi.org/10.1515/ctra-2019-0006>. Disponível em: <<https://content.sciendo.com/view/journals/ctra/6/1/article-p91.xml?language=en>>. Acesso em: 06 jun. 2020.

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Tradução: Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A., 1984. 211 p. Disponível em: https://www.pstu.org.br/FormacaoConteudo/Livros/07_OK_Engels-Origem-da-familia-do-estado.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

FARIA, V. M. Manual de carreira: identifique e destaque o talento que existe em você. São Paulo: Saraiva, 2014.

FARIAS, R. de C. P. **Uniforme e trabalho no Vale do aço**. Viçosa: Ed. UFV, 2012.

FAVARO, C. Mulher e Família: Um Binômio (quase) Inseparável. In: STREY, M. N.; NETO, J. A. S; HORTA, R. L. (org), **Família e Gênero**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2019. 460 p.

FEDERICI, S. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021. 207 p.

FERNANDEZ, B. P. M. Economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros. **Brazilian Journal Of Political Economy**, [S.l.], v. 38, n. 3, p. 559-583, set. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-35172018-2815>. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572018000300559&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 27 set. 2020.

FIEMG. **Guia Técnico Ambiental da Indústria Têxtil**. [S. l.]: [s. n.], 2014. 35 p. Disponível em: <http://www.feam.br/stories/guia_textil> Acesso em: 6 mar. 2021.

FLECK, A. C; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, [S.l.], v. 8, n., p. 31-38, 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722003000300005>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/yJ7FJKchnyMrnhgPPp463yc/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2021.

FONSECA, F. P. **Associações e Mulheres**: possibilidades de (re)construção identitária e empoderamento. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Administração, UFLA, Lavras, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/2316>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

FRIEDAN, B. **A mística feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tenpos, 2020. 560 p.

FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA. **Tecelagem manual no Triângulo Mineiro**: uma abordagem tecnológica. Brasília: Ministério da Educação e Cultura - Secretaria da Cultura, 1984. 124 p.

GAIGER, L. I. G. A Economia Solidária diante do modo de produção capitalista. **Caderno CRH**, Salvador, v. 39, n. 16, p. 181-211, dez. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18642/12016>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

GIROLETTI, D. **Fábrica**: convento e disciplina. 2. ed. Brasília: UnB, 2002. 368 p.

GOODMAN, L. A. Snowball sampling. **The Annals of Mathematical Statistics**. v. 32, 1961. p. 148-170. Disponível em: <<https://projecteuclid.org/euclid.aoms/1177705148>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

GRANGEIRO, R. R. da; SILVA JÚNIOR, J. T. Carreira e Artesanato: a trajetória profissional de uma família de artesãos. **RIGS: Revista interdisciplinar de gestão social**, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 145-166, dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/28428/20330>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

GURGEL, Y. M. P. Discriminação nas Relações de Trabalho por Motivo de Gênero. **Revista Digital Constituição e Garantia de Direitos**, v. 3, n. 01, 15 out. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/constituicaoegarantiadedireitos/article/view/4333/3537>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

GUSTAFSSON, A. Invisible Craftsmanship: Lulesámi Women's Production of Handicraft and Well-Being at Home. **The Journal of Modern Craft**, Londres, v. 12, n. 2, p. 109-121, 22 jul. 2019. DOI <https://doi.org/10.1080/17496772.2019.1620428>. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17496772.2019.1620428?journalCode=rfmc20>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

HIRATA, H. Divisão – relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. **Em Aberto**, [S.l.], v. 15, n. 65, p. 39-49, mar. 1985. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2316>. Acesso em: 12 jun. 2021.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, p.595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Trabalho e Rendimento: Resultados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/1075/cd_2010_trabalho_rendimento_a_mostra.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

INSTITUTO RIO SANTO ANTÔNIO. **Sobre Nós**. 2013. Disponível em: <<http://www.portaliris.org.br/sobre/>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

IRIAS, M.; FARIAS, R. de C. P. Artesanato, cultura e identidade do grupo Art D'mio de Brás Pires-MG. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, [S.l.], v. 27, n. 2, p. 119-151, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3733>>. Acesso em: 20 maio. 2021.

JANSEN, M. Mulheres economistas: reflexões sobre os avanços e limites no século XXI. **COFECON**: Conselho Federal de Economia, [S.l.], n.p, mar. 2020. Disponível em: <https://www.cofecon.org.br/2020/03/08/artigo-mulheres-e-a-economia/>. Acesso em: 27 set. 2020.

KAWANO, E. **Solidarity Economy**: building an Economy for People & Planet. [S.l.]: The Next System Project, 2018. 40 p. Disponível em: <https://www.solidarityeconomy.coop/wp-content/uploads/2017/06/Kawano-E.-2018_Solidarity-Economy.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2021.

KELLER, P. F. Trabalho e economia do artesanato no capitalismo contemporâneo. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 29., 2014, Natal. **Anais [...]**. Natal: UFRN, 2014. p. 1-20. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1400624044_ARQUIVO_KELLER-Paper-ABA-GT34.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.

KRAWULSKI, E. A orientação profissional e o significado do trabalho. **Rev. ABOP**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 5-19, 1998. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-88891998000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: em 14 mai. 2021.

KVAVADZE, E. *et al.* 30,000 – year – Old Wild Flax Fibers. **Science**, v. 325, n. 5.946, 2009. Disponível em: <www.sciencemag.org>. Acesso em: 07 nov. 2021.

LAVE, J. **Cognition in practice: mind, mathematics and culture in everyday life**. Nova Iorque: Cambridge University Press. 1988

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 342 p. Disponível em: <https://edisciplinas.e.php/4870099/mod_resource/content/1/LAVILLE-DIONE_A-CONSTRUCAO-DOSABER.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2020.

LAVILLE, J. L. The Solidarity Economy: an international movement. **Rccs Annual Review**, [S.l.], n. 2, p. 3-41, 1 out. 2010. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/rccsar.202>. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccsar/202>>. Acesso em: 03 jan. 2020.

LEVI-STRAUSS, C. **O olhar distanciado**. Tradução: Carmen de Carvalho. 70. ed. Lisboa: LDA, 1983. 413 p. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/364966/mod_resource/content/1/O%20olhar%20distanciado%20-%20Claude%20L%20C%20A%20vi-Strauss.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

LIMA, F. I. A. de. *et al.* A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 33-50, 1 jun. 2017. <http://dx.doi.org/10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10818>. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10818>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

LIMA, J. S. de. **De Meninas Fiandeiras a Mulheres Operárias: a inserção da mão-de-obra feminina na companhia de fiação e tecidos cedro e cachoeira (1872-1930)**. 2009. 205 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp120630.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

LIMA, J. S. de. Os melhores empregados: a inserção e a formação da mão-de-obra feminina em fábricas têxteis mineiras no final do século XIX. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 27, n. 45, p. 265-287, jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/66rwwFFwMCzJLXZ3k7crqpF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2021.

LIMA, T. B. de; CAVALCANTE, K. de. O; COSTA, M. da. S. Informalidade: escolha ou falta de opção? Um estudo no mercado Terceirão de João Pessoa/PB. In: Encontro de gestão de pessoas e relações de trabalho, 3., 2011, João Pessoa. **Anais [...]**. [S.l.]: ANPAD, 2012. p. 1-16. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2011_ENGPR110.pdf. Acesso em: 16 mai. 2021.

LIND, M. F. Handspinning Tradition in the United States: traditionalization and revival. **The Journal Of American Folklore**, [S.l.], v. 133, n. 528, p. 142, 2020. University of Illinois

Press. <http://dx.doi.org/10.5406/jamerfolk.133.528.0142>. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.5406/jamerfolk.133.528.0142>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

LIPOVETSKY, G. La Mujer y la Actividad Profesional. In: TEJEIRO, J. B. **Dimensiones Económicas y Sociales de la Familia**. Madrid: Fundación Argentina-Visor, 2000. p. 269-277.

LOBO, R. N.; LIMEIRA, E. T. N. P.; MARQUES, R. N. d. **Fundamentos da Tecnologia Têxtil**: Da Concepção da Fibra ao Processo de Estamparia. São Paulo: Erica, 2014. 120 p.

LORENZO, T. G. **Mujer y economía**: inequidad y discriminación. Educação & Linguagem, Ano 11, N. 18, p. 186-201, 2008.

MACEDO, C. V. d. **A produção artesanal de fios e tecidos em Minas Gerais**: Uma Indústria Feminina de Vanguarda Na Economia Mineira do Século Dezenove. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 33 p. Disponível em: <https://www.mao.org.br/wp-content/uploads/macedo_01.pdf>. Acesso em: 14 set. 2021.

MADALOZZO, R; MARTINS, S. R; SHIRATORI, L. Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais?. **Revista Estudos Feministas**, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 547-566, ago. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2010000200015>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/jshjDy5bBjYS9WxgQMgQT7N/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

MAIDMENT, J. *et al.* Women's Place-Making Through Craft In Post-Earthquake Christchurch. In: **Aotearoa New Zealand Social Work**, Nova Zelândia, v. 31, ed. 1, 2019. Disponível em: <<https://anzswjournal.nz/anzsw/article/view/557>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARQUESAN, F. F. S; FIGUEIREDO, M. D. de. De artesão a empreendedor: a ressignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder. *Revista Administração*. Mackenzie, vol.15, no.6, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712014000600076&lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política; livro primeiro - o processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MELO, H. P. de. **O Trabalho Industrial Feminino**. Rio de Janeiro: Ipea, 2000. 38 p. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0764.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

MORGADO, D. P. **Domesticidade e consumo**: experiências modernizantes nas enciclopédias femininas da Abril Cultural (1967-1973). 2021. 277 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/6403/1_TESE_D_bora_Pinguello_Morgado_16363795172693_6403.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2022.

NOGUEIRA, C. **O trabalho duplicado**. A divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras de telemarketing. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

OLIVEIRA, M. S. de. **A identidade da atividade artesanal e sua relação com a produção em couro da cooperativa Arteza**. 2019. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação acadêmico em Design, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019. Disponível em:
<<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/7046/1/MARIANA%20SANTANA%20DE%20OLIVEIRA%20%E2%80%93%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20%28PPG%20DESIGN%29%202019.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

ORSOLIN, R. Nem toda a mulher quer ser mãe: novas configurações do feminino. In: CENCI, C. M. B.; PIVA, M; FERREIRA V. R. T. **Relações Familiares**: uma reflexão contemporânea, Passo Fundo: UPF Editora, 2002.

PAIXÃO, M. C. T. L. M.; KANAMARU, A. T. Economia solidária como modelo alternativo de produção na área têxtil e de moda. **DAPesquisa**, [S.l.], v. 15, p. 01-16, 2020. <https://doi.org/10.5965/1808312915252020e0031>. Disponível em:
<<https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/15894>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

PAPALIA, D. E; OLDS, S. W; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PARSONS, T. The american family. In: PARSONS, T.; BALES, R. **Family, socializations and interactions process**. Nova Iorque: The Free Press, 1955. Pp. 3-26. Disponível em:
<http://www.csun.edu/~snk1966/T.%20Parsons%20The%20American%20Family.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

PETERSEN, A. Discutindo o uso da categoria gênero e as teorias que respaldam estudos de gênero. In: ROSO, A. *et al.* (Org.) **Gênero por escrito**: saúde, identidade e trabalho. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

PEZZOLO, D. B. **Tecidos: histórias, tramas, tipos e usos**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2009. 324 p.

PIRES, I. C. S. da. **Entre Teares e Lutas**: relações de gênero e questões etárias nas principais fábricas de tecidos do distrito federal (1891 : 1932). 2018. 263 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:
<<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/24310/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20vers%c3%a3o%20final%20-%20Isabelle%20Pires.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

PNAD CONTINUA. **Indicadores mensais produzidos com informações do trimestre móvel terminado em dezembro de 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em:
https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0649bf9319de9f6b0f3f75e26dbce06d.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

PORTINHO, J. P. C. de. **O papel da mulher na economia**: por um empoderamento e sua condição de agente ativo. Carvalho e Portinho Advogados. 2019. Disponível em: <<https://www.carvalhoportinhoadvogados.com.br/blog/o-papel-da-mulher-na-economia-por-um-empoderamento-e-sua-condicao-de-agente-ativo>>. Acesso em: 29 set. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RESENDE COSTA. **ICMS Cultural**: Dossiê de registro de bem cultural imaterial. Resende Costa, 2019.

PRONI, T. T. da. R. W.; PRONI, M. W. Discriminação de gênero em grandes empresas no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, [S.l.], v. 26, n. 1, p. 1-21, 8 fev. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n141780>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/b63KGwqRVrTvtvhC6FkXLZf/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

RESENDE, E. M. **Retratos das origens**. In: MARTINS, E. A.; PINTO, R. G. (Org.). Retratos da centenária Resende Costa: Resende Costa: Amirco, 2016. p. 15-17.

RESENDE, I. A. P. **Da Preservação à Inovação**: a valorização da técnica tradicional como estratégia de incentivo ao processo criativo na tecelagem manual de Resende Costa - MG. 2019. 215 f. Dissertação (Mestrado) - Programa Interdepartamental de Pós-graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2019. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pipaus/DISSERTACAO_ISABELA%20RESENDE%20.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2021.

RIBEIRO, E. **Artesanato de Resende Costa é registrado como bem imaterial**. Jornal das Lajes, Resende Costa, 15 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.jornaldaslajes.com.br/integra/artesanato-de-resende-costa-eregistrado-como-bem-cultural-imaterial/2072>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

RODRIGUES, L. J. V. **Têxteis de tecnologia Jacquard para o universo infantil**. 2009. Dissertação (Mestrado). Faculdade Engenharia - Departamento de Ciências e Tecnologias Têxteis, Universidade da Beira Interior. Disponível em: <<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1678>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ROMERO, R. M. Una nueva mujer para una nueva familia. In: TEJEIRO, J. B. **Dimensiones Económicas y Sociales de la Familia**. Madrid: Fundación Argentina-Visor, 2000. p. 247-252.

SAFFIOTI, H. I. B. O Trabalho da Mulher no Brasil. **Perspectivas**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 115-135, ago. 1982. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/1804/1457>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. de O., BRUSCHINI, C. (orgs.) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p.183-215, 1992.

SALGADO, M; FRANCISCATTI, K. V. S. Arte, Artesanato e Trabalho: Um Estudo acerca dos Limites do Fazer e do Criar Artesanal. **Pepsic**, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p.284-296, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v4n2/v4n2a10.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

SANTOS, J. A. Gênero na teoria social: Papéis, interações e instituições. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais** (Juiz de Fora), 1(1), 113-129, 2007. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo4a5.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SANTOS, K. O. B. *et al.* Trabalho, saúde e vulnerabilidade na pandemia de COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.l.], v. 36, n. 12, p. 1-14, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00178320>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/W7bdfWDGNnt6jHCcCChF6Tg/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

SANTOS, M. C. L; SILVA, G. M. **Tear**: Artesanato de Resende Costa. São João del Rei: Editora Funrei, 1997.

SANTOS, T. S. de. *et al.* O Artesanato como elemento impulsionador no Desenvolvimento Local. In: VII SEGET – SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 7., 2010, Resende. **Anais [...]**. [S.l.]: Aedb, 2010. p. 1-14. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/523_O%20Artesanato%20como%20elemento%20impulsionador%20no%20Desenvolvimento%20Local.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2021.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade: Porto Alegre, 1990.

SENAI. Tecnologia dos Processos Têxteis. São Paulo: SENAI - SP, 2015. 116 p

SHAH, A.; PATEL, R. **Cooperative Initiative**: A Ray of Hope for Rural Handicraft Artisans of Surendranagar District of Gujarat, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/330441793_Cooperative_Initiative_A_Ray_of_Hope_for_Rural_Handicraft_Artisans_of_Surendranagar_District_of_Gujarat>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SILVA, C. da. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. **Revista Direito em Foco**. São Paulo, v. 5, p. 2-9, 2009. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/desigualdade_imposta.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SILVA, M. A. da. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. **Educar em Revista**, [S.l.], n. 55, p. 247-260, mar. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.36810>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/n55/0101-4358-er-55-00247.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2020.

SINGER, P. Economia Solidária versus economia capitalista. **Sociedade e Estado**, [S.l.], v. 16, n. 1-2, p. 100-112, dez. 2001. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v16n1-2/v16n1-2a05.pdf>>. 06 jan. 2021.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

SOUZA, C. N. de. **Artesanato de Tradição do Tear em Resende Costa, MG**: trabalho, produção e comércio. 2018. 266 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em

Ciências Sociais, PUC Minas, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_SouzaCN_1.pdf. Acesso em: 15 mai. 2020.

SOUZA, C. N. de. Reinvenção da Flexibilização do Trabalho na Fronteira entre Tradição e Modernidade. **Revista Direitos, Trabalho e Política Social**, [S.l.], v. 12, n. 7, p. 267-287, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/10735>. Acesso em: 16 jun. 2021.

SOUSA, L. P. de; GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v30n87/0103-4014-ea-30-87-00123.pdf>. Acesso em: 08 out. 2020.

TAVARES, F. Y; PADILHA, V. Os sentidos do trabalho e a produção artesanal: os casos do Luthier e do Mestre Vidreiro. In: XIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia – SEGET, 13, 2016, Resende. **Anais [...]**. Resende: AEDB, 2016. p. 1-15. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos16/17624158.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

UDALE, J. **Tecidos e Modas**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011. 175 p.

VIEIRA, G. S. O. de. **Artesanato: identidade e trabalho**. 2014. 182 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4583/5/Tese%20-%20Geruza%20Silva%20de%20Oliveira%20Vieira%20-%202014.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2021.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 06 jan. 2021.

YANG, Y. *et al.* Preservation of Cultural Heritage Embodied in Traditional Crafts in the Developing Countries. A Case Study of Pakistani Handicraft Industry. **Sustainability**, [S.l.], v. 10, n. 5, p. 1336, 25 abr. 2018. **MDPI AG**. <http://dx.doi.org/10.3390/su10051336>. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/gam/jsusta/v10y2018i5p1336-d143229.html>. Acesso em: 14 mai. 2020.

YAZBEK, M. C; RAICHELIS, R; SANT'ANA, R. Questão social, trabalho e crise em tempos de pandemia. **Serviço Social & Sociedade**, [S.l.], n. 138, p. 207-213, ago. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.209>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/3k9rXGbp3TSLjKCrBw9tkC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

XIMENES, S. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Ediouro, 2001. 908 p.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas exposições apresentadas no decorrer desta dissertação, compreende-se que o objetivo de analisar, em uma perspectiva de gênero, a dinâmica cotidiana do trabalho domiciliar no mercado de Resende Costa, MG, que tem na tecelagem sua principal fonte de renda, foi atingido, assim como os objetivos específicos, na medida em que cada capítulo foi construído com a finalidade de alcançar os objetivos elencados. Dessa forma, cada um dos três capítulos ostentados foi desenvolvido com uma metodologia específica, chegando a conclusões próprias. Mesmo que cada capítulo tenha atingido resultados particulares, no geral, todos foram direcionados para a assimilação do objetivo geral. Assim, esmiúçam-se aqui as principais e finais considerações a respeito de cada um desses capítulos.

Em relação ao primeiro capítulo, intitulado ‘o artesanato doméstico no cotidiano da mulher: uma análise bibliográfica’ foi construído o arcabouço teórico acerca das principais categoriais aqui analisadas – trabalho, trabalho feminino, cotidiano, artesanato e entidades de economia social –, categorias que auxiliaram na sustentação das discussões dos dados que foram posteriormente analisados. Por meio das referências consultadas, conseguiu-se compreender que o trabalho é uma atividade apenas humana e que o trabalho artesanal é circundado por simbologias, possuindo diferentes importâncias a partir de quem o faz inclusive a relevância de ser uma profissão. Dessa forma, pode-se refletir sobre a importância do artesanato no cotidiano das mulheres, evidenciando que, no passado, em um período onde a mulher era destinada para o desempenho das atividades reprodutivas alicerçadas as espaço doméstico, o artesanato fazia parte dessas incumbências, ao passo em que era visto como uma das poucas atividades profissionais que poderia ser realizada pelas mulheres.

No contexto atual, muitas mulheres principiam ao artesanato como uma oportunidade de possuir uma fonte de renda, podendo ser ainda um reflexo da divisão sexual do trabalho, em que as mulheres continuam enfrentando situações desiguais no campo do trabalho, sendo alocadas em ocupações tidas como femininas – importante destacar que muitas mulheres lutaram e lutam por meio dos movimentos feministas na busca por melhores condições de vida e de equalização dos gêneros, tendo conquistado vários espaços, entrando cada vez mais nos campos da educação e do trabalho. Então, de forma geral, o artesanato é tido como uma opção de trabalho remunerado, ainda mais em comunidades onde essas atividades são importantes na economia. Entretanto, o trabalho com o artesanato dentro do espaço doméstico é demarcado pela informalidade, em que o tempo de trabalho se torna em suma extenso,

fazendo com que essas trabalhadoras enfrentem duplas e até triplas jornadas. Como o trabalho em casa é pouco controlado, esse possui pouca ou nenhuma regulamentação, sendo então geralmente precarizado. Nessa continuidade, as entidades de economia social – associações e cooperativas – são compreendidas como atores importantes para auxiliar as artesãs no desenvolvimento de seus trabalhos, ocasionando em melhoria nas condições de trabalho, elevando as remunerações adquiridas, fomentando o empoderamento da mulher tecelã. Com base nesses apontamentos confirma-se a hipótese de que o artesanato faz parte do cotidiano da mulher desde o passado e continua até na atualidade sendo um ofício feminino. As mulheres continuam tendo a responsabilidade de cuidar da casa e dos dependentes, e veem na atividade artesanal uma maneira de conseguir adquirir renda.

No que toca ao segundo capítulo dessa dissertação, foi realizada uma análise de dados quantitativos do Censo Demográfico do ano de 2010, em relação às principais ocupações disponíveis na mesma, em relação ao artesanato têxtil desenvolvido na cidade de Resende Costa, Minas Gerais. Destaca-se que a escolha dessa base foi estimulada pois trata-se da única que possibilita uma análise em nível municipal. Através desse capítulo, conseguiu-se analisar quatro diferentes ocupações – operadores de máquinas de branqueamento, tingimento e limpeza de tecidos; operadores de teares e outras máquinas de tecelagem; artesãos de tecidos, couros e materiais semelhantes e artistas plásticos – e o perfil dos trabalhadores inseridos no setor de artesanato têxtil em Resende Costa, destacando a participação feminina nesse contexto.

Por meio desses dados conseguiu-se assimilar que as atividades artesanais no município supracitado são executadas majoritariamente por mulheres com idade entre 25 e 44 anos; em suma brancas – devendo-se destacar a sobre representação de mulheres negras na ocupação ‘artistas plásticos’; que moram com o parceiro e possuem filhos; executando suas atividades de maneira informal, ou seja, não possuindo carteira de trabalho assinada e no geral, não contribuindo para institutos de previdência social; possuindo como remuneração média mensal de R\$252,50; e de forma geral, tendo como nível de instrução o ensino fundamental completo ou não. Também identificou-se que, mesmo nas mesmas ocupações, os homens possuíam salários superiores quando comparados aos das mulheres. Ainda, através deste artigo, pode-se confirmar a hipótese de que as mulheres do município são maioria nas ocupações relativas ao setor de artesanato têxtil e, apesar disso, encontra-se desigualdade salarial para trabalhadoras do setor artesanal em relação aos homens.

Por fim, o terceiro e último capítulo traz as análises dos dados obtidos através do campo dessa pesquisa, cuja finalidade foi a de compreender e comparar as vivências e percepções acerca do trabalho com artesanato têxtil nas perspectivas femininas e masculinas dos artesãos do município de Resende Costa, considerando os impactos sociais e econômicos desse. Assim, a terceira hipótese foi parcialmente confirmada, pois as percepções sobre o trabalho têxtil são diferentes nos pontos de vista femininos e masculinos. Para as mulheres do município de Resende Costa, trata-se de uma tradição familiar aprendida ainda na infância. Contudo, para os homens, no geral, desempenhar a tecelagem é uma maneira de adquirir renda extra de maneira momentânea, sendo encarada como uma oportunidade de adquirir um primeiro emprego.

A partir das visões dos entrevistados, compreende-se que a tecelagem é a principal atividade econômica desenvolvida na cidade pesquisada, sendo a principal ocupação de muitos moradores, especialmente entre as mulheres, atividade realizada em suma em seus próprios domicílios e de maneira terceirizada. As vivências encontradas são muito distintas, especialmente no que toca aos gêneros, na medida em que as mulheres, de forma generalizada, tornam-se tecelãs ainda na infância e se profissionalizam, pois optam por trabalhar em casa para poder cuidar de seus filhos e do domicílio, ao passo em que desenvolvem sua atividade remunerada. Em relação aos homens, muitos utilizam a tecelagem como um trampolim para atingirem outras profissões. Nesse sentido, em suma, eles trabalham com a tecelagem momentaneamente, enquanto dão continuidade aos estudos e buscam por outras atividades remuneradas. Ao mesmo tempo, muitos homens trabalham com a tecelagem para complementar suas rendas. Alguns homens optam também por ter a tecelagem como ocupação principal, justificando se tratar de uma atividade mais flexível que não precisa ser realizada em uma jornada de trabalho específica.

O artesanato têxtil é produzido na cidade desde os primórdios de sua existência, sendo uma herança adquirida das mulheres – escravas e livres – e uma atividade realizada essencialmente por elas. Em um contexto atual, segue sendo executada principalmente pelas mulheres, mas os homens também se ocupam nessa função. A tecelagem é vislumbrada como uma oportunidade de trabalho que, em tese, daria ao tecelão autonomia para a produção têxtil. Contudo, essa autonomia não é precedida na prática, já que os tecelões precisam produzir grandes quantidades para receber remunerações mínimas, uma vez que estes recebem pelo quantitativo de produtos confeccionados. Assim, os artesãos trabalham em suma por longos períodos – especialmente as mulheres, que seguem possuindo dupla e até tripla jornada de

trabalho –, sendo uma atividade caracterizada por ser precarizada. Em relação à produção do artesanato, elucida-se que na cidade existem pelo menos duas formas diferentes. A maioria dos tecelões tece para comerciantes e alguns produzem por conta própria.

No que diz respeito às mulheres que se ocupam dessa atividade, precisa-se apontar que essas possuem rotinas extensas de trabalho, já que ainda precisam também desempenhar as ocupações domésticas e de cuidado – que seguem sendo atividades destinadas as mulheres da região. Ainda, por precisarem desenvolver essas funções, o trabalho remunerado é prejudicado, fazendo com que sejam produzidas menores quantidades em relação aos homens tecelões e, conseqüentemente, a remuneração também é menor. Então, observa-se que a questão da diferença de remuneração entre homens e mulheres possui uma questão de gênero, na medida em que é ocasionada por conta de as mulheres precisarem desempenhar sozinhas as atividades atreladas ao cotidiano familiar.

Em termos teóricos, as entidades de economia social – associações e cooperativas – são entendidas como atores que podem auxiliar os artesãos na manutenção e no empoderamento de seus trabalhos. Em Resende Costa existe uma associação voltada para os artesãos – Associação de Artesãos de Resende Costa, ‘ASARC’, entretanto não é uma entidade fomentada pela ótica da economia solidária, sendo, no ponto de vista dos entrevistados, uma loja que comercializa produtos e facilita na aquisição de um CNPJ, não protegendo o trabalho do tecelão.

Acredita-se que essa pesquisa contribuirá com a comunidade de Resende Costa, dando visibilidade não somente à produção artesanal, mas, sobretudo, aos trabalhadores que sustentam a práxis artesanal, tendo em vista que esses são o pilar da cadeia produtiva. Especificamente, espera-se que os artesãos, de maneira especial as mulheres – força de trabalho motriz dessa feitura –, sintam-se valorizadas, tendo em vista que ainda existem assimetrias de gênero no campo do trabalho – tanto remunerado quanto doméstico. Nesse direcionamento, faz-se de extrema relevância que o trabalho dessas mulheres seja valorizado, tanto de maneira objetiva em relação à remuneração a elas paga, quanto de maneira subjetiva, dando reconhecimento às guardiãs dessa tradição.

Dentro de uma sociedade capitalista, onde a fabricação de produtos é cada vez mais industrializada, a produção artesanal no município de Resende Costa, embora seja reconhecida como patrimônio da cultura imaterial da cidade, ainda não possui tal valorização – do ponto de vista do trabalhador responsável direto pela manutenção da feitura manual. Nessa perspectiva, não se consegue imaginar de que forma um bem patrimonial tombado

pode ser preservado e salvaguardado, sem que seja preservado e protegido o trabalho de quem está por trás dessa herança. Assim, considera-se que essa pesquisa pode servir como uma fonte documental para que gestores de políticas públicas reflitam acerca das questões tensionadas na busca pela valorização e garantia de direitos aos artesãos da localidade.

No sentido de dar valorização ao trabalho artesanal, essa pesquisa deverá ser continuada pela ótica de como o design pode dialogar com a produção artesanal local, com intuito de resgatar, no sentido de sua configuração visual, a atribuição manual dos artefatos produzidos em Resende Costa, para que esses voltem a ter aspectos customizados e diferenciados. Por fim, como se destacou, as vivências cotidianas em relação a práticas de trabalho – aqui, práticas do trabalho artesanal têxtil – são singulares, e também impactadas pelas dinâmicas sociais que se modificam ao longo do tempo – podendo-se citar as políticas neoliberalistas que reconfiguraram a maneira que o artesanato é produzido na localidade pesquisada. Nesse sentido, sugere-se como pesquisas futuras que sejam analisadas, como as mídias digitais – compreendidas como avanços tecnológicos –, podem ser mecanismos potencializadores do trabalho artesanal.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO

1. Nome: _____

2. Idade: _____

3. Em relação a raça/cor, se autodeclara?

- (a) Branca (o)
- (b) Preta (o)
- (c) Parda (o)
- (d) Amarela (o)
- (e) Indígena

4. Estado civil:

- (a) Solteira (o)
- (b) Casada (o) /União estável
- (c) Separada (o)/Divorciada (o)
- (d) Viúva (o)
- (e) Outro: _____

5. Escolaridade

- (a) Ensino fundamental incompleto
- (b) Ensino fundamental completo
- (c) Ensino médio incompleto
- (d) Ensino médio completo
- (e) Ensino superior incompleto
- (f) Ensino superior completo

6. Possui filhos pequenos:

- (a) Sim
- (b) Não

7. Tipo de atividade têxtil desenvolvida:

8. Desde quando trabalha com essa atividade?

9. Trabalha no próprio domicílio ou em outro local?

10. Exerce outra atividade remunerada? Se sim, qual?

11. Qual seu rendimento mensal com o artesanato têxtil?

- (a) Menos de R\$ 100,00
- (b) Entre R\$ 100,00 e R\$ 400,00
- (c) Entre R\$ 400,00 e R\$ 800,00
- (d) Entre R\$ 800,00 e R\$ 1000,00
- (e) Mais de R\$ 1000,00

12. Faz parte de alguma associação ou cooperativa? Qual?
A quanto tempo?

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA EXECUÇÃO DAS ENTREVISTAS – MULHERES

BLOCO 1 – TRAJETÓRIAS PARA INSERÇÃO/INÍCIO NO TRABALHO TÊXTIL

- Me conta sobre a sua trajetória com a tecelagem. Como surgiu na sua vida? Trabalha nessa área há quanto tempo? Por qual motivo?

- De que maneira você se tornou tecelã profissional?

- Você teria a opção de trabalhar com alguma outra coisa? Por quê? Em quê? Por que não mudar de trabalho?

BLOCO 2 – VIVÊNCIAS DO TRABALHO TÊXTIL: PERSPECTIVA HISTÓRICA E ATUAL

- E como você vê a tecelagem na região? Acha que ocorreram muitas mudanças? Como era antes? E agora?

- Qual a importância dessa atividade para a sua vida?

- O trabalho com artesanato remete a alguma lembrança?

- Você utiliza as mesmas técnicas que as antepassadas? Algo se modificou? Por quê?

- E em relação aos teares, são os mesmos que sua mãe ou avó utilizavam?

- De que forma você percebe o futuro do artesanato na região?

- Acredita que seus trabalhos são valorizados?

- Para você a tecelagem é apenas uma fonte de renda ou possui outras significações?

BLOCO 3 – ASPECTOS DO TRABALHO COM A TECELAGEM

- Agora me conta sobre o trabalho com a tecelagem. Quais são as etapas, a sua rotina de trabalho? Como você controla seus gastos e lucros?

- Quanto tempo leva para confeccionar cada produto? Qual o valor unitário de um produto?

- De que forma administra os custos e lucros obtidos na manutenção da atividade artesanal?

Recebem alguma ajuda nesse processo?

- Onde vende os seus produtos?

- O trabalho é regulamentado? A mão de obra é contratada por comerciantes?

- Você mantém financeiramente outras pessoas através da remuneração de seu trabalho com a tecelagem?
- Você acredita que os homens têm trabalhado mais com a tecelagem? Por qual motivo?
- Em relação à remuneração, acredita que os homens recebem melhor no trabalho com a tecelagem?

BLOCO 4 – PERCEPÇÕES ACERCA DO COLETIVO E DA PARTICIPAÇÃO EM ENTIDADE DE CLASSE E COOPERATIVAS

- **Você participa ou já participou de uma associação? Por qual motivo? Caso sim, a participação auxilia no seu trabalho de que forma?**
- Em relação ao trabalho na associação, os produtos são confeccionados da mesma forma ou precisam ser modificados? Por quê?
- Como é a participação política de mulheres na associação? Vocês auxiliam nos processos de tomada de decisão?
- Participar da associação auxiliou no trabalho de alguma forma?
- Como vê a participação de órgãos políticos no auxílio do seu trabalho?

BLOCO 5 – ASPECTOS DA ARTICULAÇÃO DO TRABALHO TÊXTIL COM A VIDA DOMÉSTICA E FAMILIAR

- **Agora me conta como é trabalhar em casa. Foi uma escolha? Quais os benefícios e as dificuldades? Como é a articulação com o trabalho doméstico e de cuidado?**
- Quanto tempo você trabalha por dia com a tecelagem? E quanto tempo trabalha na manutenção da casa e/ou de cuidado?
- Já trabalhou em outros locais?
- Ainda estuda? E como consegue conciliar com o trabalho?
- Você recebe ajuda no trabalho de algum membro familiar?

APÊNDICE C – ROTEIRO PARA EXECUÇÃO DAS ENTREVISTAS – HOMENS

BLOCO 1 – ASPECTOS DO TRABALHO

- Conte-me sobre o seu trabalho? Você exerce qual atividade?

- Por qual motivo escolheu essa profissão? Quando começou a trabalhar?
- O trabalho é regulamentado? Possui ou já possuiu carteira assinada?
- Já teve outros trabalhos? Em quais áreas?
- Você já teve a tecelagem como trabalho principal?
- Desenvolve outras atividades remuneradas?
- Sua esposa trabalha com a tecelagem, como você vê o trabalho dela?
- Você auxilia sua companheira no trabalho com a tecelagem?
- Mantém financeiramente outras pessoas através da remuneração de seu trabalho?
- Caso tenha trabalhado com artesanato, você acredita que homens recebem melhor que as mulheres no trabalho com a tecelagem? E em outros trabalhos? Por qual motivo?
- Você acredita que o trabalho com a tecelagem é melhor do que outros? Por qual motivo?

BLOCO 2 – O ARTESANATO TÊXTIL COMO TRAJETÓRIA DE VIDA

- Você reside em uma cidade em que a atividade têxtil tem grande importância. Caso trabalhe ou tenha trabalhado com a tecelagem, como você vê essa atividade na sua vida? Caso nunca tenha trabalhado, pessoas da sua família tinham essa atividade como principal?

- Durante a sua infância, alguma pessoa da sua família trabalhava com a tecelagem? A tecelagem te remete a alguma lembrança?
- Essa pessoa trabalhava em casa?
- E tinha outros trabalhos?
- E você aprendeu a tecer com essa pessoa?
- Você possui irmã?
- Ela aprendeu a tecer ou trabalha com tecelagem?

BLOCO 3 – PERSPECTIVA SOBRE O TRABALHO COM O ARTESANATO TÊXTIL: HISTÓRICA E ATUAL

- Caso tenha trabalhado ou trabalhe com a tecelagem, você acha que o trabalho do tecelão é importante para a vida das pessoas da cidade? Em que aspectos?

- De que forma percebe o futuro do artesanato na região? Acredita que os homens estão mal-empenhados em desenvolver essa atividade?

- Acha que o artesanato têxtil é valorizado na cidade? E pelos turistas?

- Acredita que a tecelagem é uma tarefa mais feminina na região?

BLOCO 4 – PERCEPÇÕES ACERCA DO COLETIVO E DA PARTICIPAÇÃO EM ENTIDADE DE CLASSE E COOPERATIVAS

- Alguma pessoa da sua família que trabalha com tecelagem faz parte de alguma associação? Você acha que essa associação auxilia no trabalho de alguma forma?

BLOCO 5 – ASPECTOS DA ARTICULAÇÃO DO TRABALHO E VIDA DOMÉSTICA E FAMILIAR

- Me conta sobre a sua relação com o trabalho doméstico, o que você costuma fazer?

- Em média, quanto tempo trabalha em casa?

- Você acha que o trabalho doméstico atrapalha no seu trabalho principal?

- Como você vê o trabalho de sua companheira em casa? Acredita que ela fica sobrecarregada?